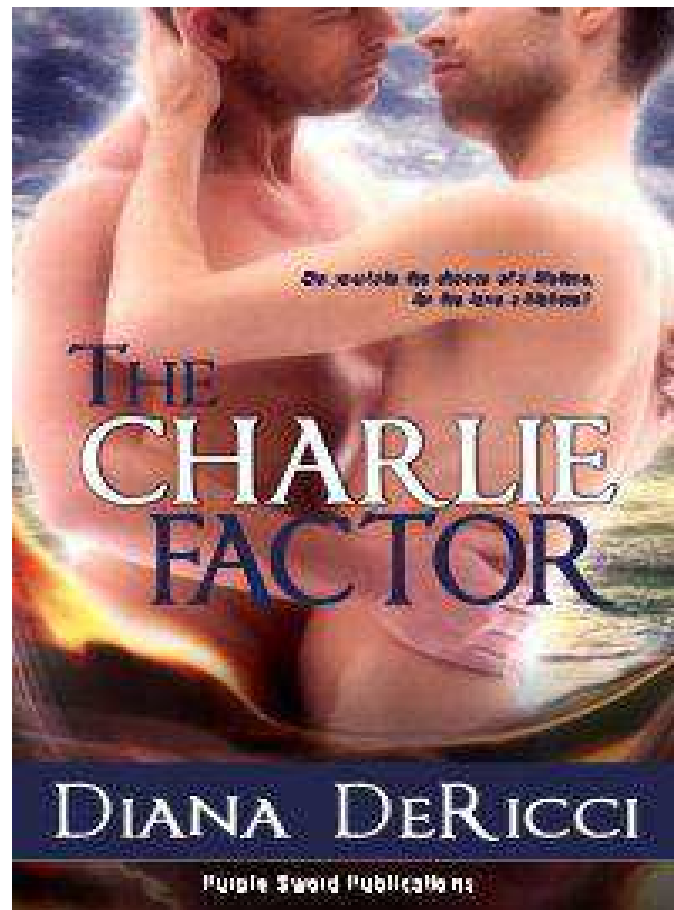




O FATOR CHARLIE

Disponibilização: Angélica

Revisão Inicial: Fabi

Revisão Final: Angélica

Gênero: Homo/Contemporâneo

Um, se recuperando de lesões perto de mortais, o outro, sem saber o que está faltando em sua vida. O que um homem fizer, pode curá-los a ambos.

Charlie Baker está se recuperando, lentamente. Quase morrer tende a fazer um homem refletir em cada dia. Leve em conta que seus ferimentos foram causados por uma tentativa de assassinato premeditado, e ele certamente não está à procura de um amante. Ele é pouco acolhedor para um amigo incapaz de confiar em qualquer um, preferindo esconder-se do mundo horas e milhas de distância das memórias.

Gregory Anders não tinha a intenção de perturbar o homem em contemplação silenciosa na praia, mas quando seu filhote de cachorro, Samson, toma o assunto fora de suas mãos, ele é forçado a, pelo menos, pedir desculpas pelo comportamento de seu animal de estimação. Não há dúvida para Gregory que Charlie poderia usar um amigo. Limpando o ar de antemão que ele não é gay ajuda Charlie a relaxar, permitindo o início cauteloso de uma amizade.

COMENTÁRIOS DA REVISÃO

FABI

Eu gostei, achei uma história comovente. Greg tem que reconhecer verdades desconhecidas sobre si mesmo e Charlie tem que aceitar a vida como ela se apresenta após viver uma tragédia e aprender a confiar de novo. Muito lindo o cuidado de Greg para com Charlie, e fico imaginando o quão difícil dever ser voltar a acreditar no amor, após um acontecimento como este. Espero que gostem! Boa leitura.

ANGÉLLICA

Charlie é gay e Greg hetero, nunca pensando que se interessaria por outro homem. Mas a necessidade de cuidar de Charlie é tão natural, assim como se apaixonar.

Por mais incrível que possa parecer, Greg mergulhou de cabeça no sentimento. E Charlie foi o que se opôs em todo o relacionamento.

E OMC eles são quentes entre lençóis e a cena da cozinha...

Adorando a autora e a forma como escreve.

CAPÍTULO UM

Charlie Baker segurou o telefone celular na mão, olhando para isto fixamente. Ele varreu o polegar sobre a imagem na tela, esperando a antiga mágoa voltar, mas isso não aconteceu. A dor emocional que o perseguia há meses tinha ido embora. A agonia da traição, de ser enganado, e, finalmente, da perda, tinha encerrado o seu ciclo. Os lembretes físicos estariam com ele, até o dia que morresse. Olhando para a imagem agora bucólica onde a imagem pixelizada do seu ex tinha estado por três anos, tudo o que sentia era um vazio, um vago desejo de voltar o relógio e fazer alguma coisa – qualquer coisa – diferente. Isto era inútil, e ele sabia disso.

Suspirando, ele passou os braços em volta dos joelhos, observando as ondas das dunas de areia onde se sentou. Houve um esfriar de outono no ar. A costa do Texas no início de novembro realmente não ficava fria, mas de manhã cedo, brisas e pulsos de ar salgado que vinham do golfo, não eram incomuns. O enorme suéter de pescador cobrindo seu corpo o protegia. O grito ocasional de uma gaivota quebrou o silêncio da manhã, mas isto era sobre ele. As pessoas não vêm para a praia em novembro. E isso funcionou bem para ele. Charlie não estava pronto para as pessoas, mas seu desejo de solidão não era para ser concedido.

Os latidos animados de um filhote de cachorro puxou sua atenção para a praia. Ele sentiu um sorriso fraco tentar quebrar livre nas travessuras do filhote, enquanto ele correu para dentro e para fora com as ondas, latindo para a água como se fosse um monstro cruel, e ele estava protegendo a costa a partir dele. Cruzando os braços sobre os joelhos, descansou para ver sua folia despreocupada. Ele percebeu no corredor uma forma atlética não muito atrás, feliz por ele não ser um vadio. Quanto mais eles se aproximavam, melhor podia ver o par. O cão parecia ter cerca de seis meses de idade, ainda astuto, mas não desajeitado e cheio de vida. Um Labrador amarelo, se ele não estava muito errado. O homem a reboque atrás estava nos seus vinte ou trinta anos, ele adivinhou, com o cabelo loiro com um dedo de comprimento. Ele só usava um par de calções de corrida verdes escuros e tênis com um blusão amarrado na cintura, obviamente, utilizado para o clima costeiro e a praia.

Charlie não se sentia quente em meses. Uma das coisas que tinha se acostumado, supôs. Ele ficou surpreso quando o cão o descobriu e mudou de direção mais rápido do que um animal em areia solta deveria ter sido capaz. O filhote acusou-o, mas não latiu ou rosnou; a sua cauda abanando como se Charlie fosse apenas seu mais recente amigo – ou brinquedo. Quanto tempo demorou a última dentição para cães?

"Ei, cara grande." Ele murmurou. O cachorro pulou em suas costas em amor instantâneo, balançando o rabo e gemendo, implorando para esfregar a barriga. "Ok, mas eu não quero obtê-lo em apuros." Charlie esticou seu braço direito, contente por não agitar muito mal, e passou os dedos sobre o corpo ofegante. O animal rosnou em apreciação pura.

"Samson." A cabeça de Charlie estalou acima, imediatamente retirando. O dono do cão estava olhando em seu caminho. Ele enfiou a mão dentro da manga do suéter, deixando apenas seus dedos visíveis. Samson rolou aos seus pés e delimitou para seu mestre com um latido.

Em seguida, surpreendeu Charlie, correndo de volta para ele. Ele balançou mais perto, como se queria subir em seu colo. Charlie sentiu a força quando uma pata bem grande do cachorro espetou-o no meio.

"Samson!"

O cão ganiu e flagrantemente desobedeceu. Charlie pegou quando o homem chamando pelo cão começou a trotar em sua direção. A pesarosa carranca parecia dizer que ele esperava algo do tipo do animal.

"Sinto muito." Eles disseram ao mesmo tempo.

"Samson está no treinamento de obediência e ainda jovem o suficiente para ser um moleque." O homem desdobrou uma coleira que havia sido guardada em um bolso lateral, e prendeu na coleira de Samson.

"Ele é um cão muito amigável." Charlie ofereceu.

"Desculpe, ele incomodar você." Ele puxou a guia e Samson finalmente se dignou a ouvir, sentando não muito calmamente ao lado de seu dono.

"Ele não incomodou." Charlie empurrou as mãos nas mangas opostas, certificando-se que seu corpo estava coberto.

"Você não está com calor?"

"Você não está com frio?" Ele ergueu o queixo para olhar acima. O homem estava quase nu. Como não poderia estar frio?

O loiro riu. "Touché." Ele bateu a cabeça do cão, cuja língua pendeu enquanto ofegou. "Bem, este é Samson. Eu sou Gregory."

"Prazer em conhecê-los a ambos." Não estava gelado, mas era muito longe honestamente de boas-vindas.

Charlie adivinhou que Gregory tomou a dica enquanto se afastou. "Aproveite a sua manhã."

"Obrigado." Charlie respondeu. Gregory voltou-se e continuou com sua série, Samson agora trotando ao seu lado em sua coleira. Charlie assistiu-os ir, suas formas diminuindo a pontos na praia.

Ele tinha vindo para a praia por alguns dias no período da manhã e não tinha visto o par antes. Ele não tentou postular o porquê. Não era como ele fosse o dono da praia, apenas alugou o bangalô através das dunas. Sua fisioterapeuta tinha dito que ele precisava andar mais, e Charlie assumiu que pretender caminhar na praia contava. Então, o que se veio e sentou-se? Suas pernas o levaram lá, não é?

Ele suspirou, flexionando o ombro, sentindo a rigidez da pele curada. As queimaduras haviam curado, embora ainda sentisse a diferença monumental ao longo de seu lado e no ombro. Vinte e oito fodidos anos, e sobre a deficiência. Ele bufou, enojado.

"Não chafurdar, Charles." O seu fisioterapeuta e psiquiatra tinham ambos o advertido. "Você não é o culpado. Há ainda todo um mundo lá fora. Você é jovem e saudável."

Só que ele estaria andando com uma bengala para o resto de sua vida.

Ele queria arremessar alguma coisa, mas agarrou seu telefone apertado para conter o impulso. Alongando suas pernas, ele não pôde deixar de notar o quanto de massa muscular ele havia perdido sob o fino moletom, enquanto acamado no hospital. Ele tinha sido sempre um pouco fino sobre o lado, mas trabalhou horas a cada dia para tornar-se forte, para ser um membro de confiança da equipe de bombeiros.

Charlie nunca esperava que seu amante tentasse matá-lo e queimaria a sua própria casa, no entanto. Uma conspiração suicida. Um bombeiro assassinado em sua própria casa. A ironia não foi perdida para ele.

As cicatrizes das queimaduras se estendiam do ombro, nas costas terminando em sua coxa direita acima do joelho. Os médicos haviam enxertado para minimizar alguns das maiores cicatrizes, mas ele havia perdido pedaços. Pele e músculo. Ele estremeceu, fechando os olhos por um momento. *Pare com isso. Você está vivo, e ele está na cadeia junto com seu fodido brinquedo.* Eles dois planejaram. Quão doente que foi isso? Ele não podia simplesmente romper com Charlie.

Puxando o topo do moletom, ele bateu areia fora em explosões de pó. Com um olhar para o telefone pela hora, não a imagem, chegou por trás dele para a bengala que usava. Ele estava mais forte agora, mas manteve-a próximo para aqueles momentos em que sua coxa lhe deu problemas. Era inútil sobre as areias movediças, mas poderia gerenciar até que bateu o pavimento rígido para andar algumas quadras na calçada para sua casa. Depois de tentar a areia, ele sabia que ia precisar dela na viagem de volta.

Charlie deu passos lentos, medidos, concentrando-se para fazer suas pernas trabalharem em sincronia na areia macia. Com o músculo e tendões danificados, sua perna direita nunca flexionaria e apoiá-lo-ia da forma que tinha antes. Ele iria sempre precisar da bengala. O que tornava isto difícil foi o dano ao seu ombro. Ele teve que segurar seu peso sobre o ombro quando sua perna ficou cansada. Para um homem que tinha levado seu corpo presumido antes do incêndio, ele sabia que jamais o faria novamente.



Gregory correu com Samson ao seu lado. O leve marulhar das ondas ajudou a manter um ritmo constante, o ar cheio com o sal do mar e as coisas que uma pessoa ou amava ou odiava sobre a praia. O borriço de sal. O cheiro úmido de peixes e água. Gregory sempre amou a praia e sentiu falta disso. Uma transferência da Califórnia há quatro anos, ele sabia que não estava deixando o Texas, mas pelo menos ele podia obter uma boa preparação na praia.

Depois de uma rápida verificação de tempo, ele fez uma curva em U, puxando um Samson ainda enérgico com ele. O cão tinha energia de sobra, mas estaria liquidado no momento em que atingisse o carro para casa. Ele amava as corridas da manhã e sabia que precisava torná-las mais regulares. A mais recente tentativa de Samson em decorar a casa tinha feito Gregory ver isto muito. O pobre sofá. Ele gemeu com leve humor. Ele sabia o que estava se metendo quando adotou o malandro com menos três meses de idade. Ele tinha apenas esquecido de quanto trabalho havia em treinar e manter todas as coisas menores do que um elefante de suas mandíbulas. Ele tinha sido bem-comportado durante toda a manhã. Sua exuberância tinha mantido Gregory sorrindo na maioria da corrida.

Até Charlie.

O que teria sido uma respiração lenta era ao invés uma cabeça agitada, porque ele estava correndo. Samson era o último embaixador da boa vontade suprema de cachorrinho. Ele amava a todos, e não foi nada modesto sobre implorando por atenção. "Vagabunda." Ele brincou. Samson abanou o rabo.

Gregory notou uma pessoa lenta à frente, e imediatamente soube que era Charlie. O homem estava vestindo um suéter grosso o suficiente para as Montanhas Rochosas canadenses. Isto era o Texas. A escolha de trajes de Charlie o aturdiu. Enquanto Gregory se aproximou, ele percebeu a bengala na mão direita.

Vindo de trás, Gregory também foi capaz de seguir os movimentos atrelados do outro homem, a passada dura enquanto ele equilibrava na perna esquerda e manobrava a sua direita em um movimento constante, como se estivesse reaprendendo a andar. Inconscientemente, Gregory diminuiu o prazo para uma corrida fácil. Ele duvidou que Charlie gostasse de saber que estava sendo espionado.

Gregory seguiu o seu andar desajeitado, sua carranca aprofundando enquanto notou o modo que a perna de Charlie continuou tentando se curvar, mas ele conseguiu não deixá-la. Ficou claro que a bengala não iria ajudá-lo na areia, em seguida, observando a direção que ele estava tomando, Gregory viu o mergulho na duna que Charlie estava claramente buscando. A areia fofa foi tudo, exceto sugando seus pés para fora de debaixo dele. Ele duvidou com o modo como a cabeça de Charlie estava curvada com a concentração, que ele estivesse ciente da iminente armadilha diante dele.

Como que ciente em uma espécie de sexto sentido, Samson foi sobre o osso e arrancou solto do fraco controle de Gregory e galopou até Charlie para ficar em seu caminho. Ele não latiu, mas se manteve firme, parando Charlie em suas trilhas. Sua cauda se movia lentamente.

"Samson." Gregory rosnou não de todo satisfeito com o seu comportamento. Tanto para o treinamento. Gregory correu para alcançá-lo.

Charlie olhou por cima do ombro, uma expressão de questionamento sobre o seu rosto.

"Sinto muito. Eu acho que ele queria dizer adeus."

Charlie piscou então relaxou, inclinando-se na perna esquerda. "Está tudo bem."

Gregory curvou a cintura e agarrou a coleira da areia, enrolando-a sobre a palma da mão neste momento. "Você vive por perto? Eu acho que Samson quer levá-lo para casa."

Os olhos verdes de Charlie escureceram; sua estrutura reflexivamente tecendo em outra direção. "Medíocre linha de escolha." Ele murmurou.

Gregory foi atingido em silêncio, então isto lhe bateu. "Oh. Eu não sou gay."

A cabeça de Charlie inclinou.

Gregory suspirou. "Olha, eu sei que você não quer a companhia, mas você está prestes a cair de cabeça em um sumidouro. Eu não sou um idiota que vai deixar um cara, qualquer um, fazer isso."

Charlie olhar em frente, buscando a frente, e seus olhos se arregalaram. Então ele olhou para baixo. "Obrigado, Samson." Ele sorriu quando o cão balançou mais duro. Jogou seu peso, olhando para o lado dele. "Desculpe. Eu não sou normalmente assim difícil."

Um sorriso leve atingiu o rosto de Charlie, um abrandamento real de seus lábios em desculpas, e Gregory devolveu. Olhos verdes do homem eram profundos, como uma pedra verde. Eles foram brilhantes ao sol da manhã. "Não é um problema. Nós estamos no nosso desaquecimento de qualquer maneira. Se você não se importar de um cara pendurar fora para ser um amigo?"

Charlie parecia considerá-lo, olhando-o no rosto. "Eu ando devagar. Pode não valer a pena seu tempo."

Gregory não deixou sua expressão mudar, mas ele pegou as entrelinhas intencionadas nisso. "Não. Apesar de esse suéter confundir a minha mente. Está dificilmente dezesseis aqui fora. "

Charlie deu de ombros, mas não ofereceu uma explicação.

"Tudo bem." Charlie finalmente disse. Gregory saiu para deixar Charlie recuperar o equilíbrio e direção, em seguida, com Samson ao seu lado, ajustou seu passo ao de Charlie.

"Você gosta de futebol?" Gregory perguntou alguns minutos mais tarde.

Charlie focava à frente, depois caiu a sua atenção para onde estava caminhando, um ritmo forte ao mesmo tempo. "Eu vou assistir quase qualquer coisa, exceto o golfe. Eu só não entendo o calar e esperar da tensão."

Gregory riu. "Nem eu. Quero dizer, quem quer bater uma bola três centenas de metros, só para ter que caçar por ela e bater de novo?"

A risada de Charlie era baixa e curta, mas Gregory tinha certeza que ele precisava disso.

"Isso vai soar piegas, mas eu sou novo no Texas." Pequena mentira branca. Gregory mau. "Gostaria de vir assistir a um jogo esta tarde?"

Charlie parou, estudando-o através de algum perverso dourado cílios. "Você está certo que não é gay?"

"Completamente." Então o diabo de Gregory falou. "É um desperdício, eu sei."

Charlie sorriu conscientemente, transformando inteira a profundidade taciturna de suas características. "Muito convencido?"

"Todo o caminho." Gregory replicou, lutando arduamente para não sorrir como um idiota. Charlie foi o primeiro cara que ele conhecera em épocas, que realmente se sentiu relaxado ao redor. Ele sabia que tinha sido muito recluso recentemente, preso ao seu trabalho de computador. Foi o ciclo das estações, entretanto. A praia estava deserta, exceto para os moradores nativos.

Charlie debateu o convite, olhando-o com alguma especulação em seu olhar. "Por que você não vem para o meu lugar? Preciso fazer meus alongamentos, e o primeiro jogo terá começado antes que eu ser capaz de ir a qualquer lugar."

"Você tem certeza?"

Charlie rolou um ombro despreocupado. "Por que não? Se você quiser cerveja, traga alguma. Eu não bebo."

Isto surpreendeu Gregory, mas ele fez uma nota disso para mais tarde. Ele gostava de Charlie e pensava que poderiam ser bons amigos.

"Claro. Vamos lá, Molenga. Vamos lá. Eu cheiro mal e quero um chuveiro."

"Bastardo." Charlie murmurou.

Com um estremecimento, Gregory percebeu o que ele disse, mas observou que não havia qualquer raiva na expressão de Charlie ou em seu tom. Ele soltou um suspiro agradecido, sinalizando a Samson com a guia, assim ele poderia parar de cheirar a relva seca das dunas agora.

Gregory andou com Charlie por alguns quarteirões, surpreso que ele tinha conseguido, na medida em que ele tinha a perna ruim e bengala.

Charlie apontou. "Esse é o meu lugar. O bangalô com o tapume de merda marrom."

Gregory riu. "Por que você não o troca?"

"Alugando. Realmente não me importo."

Gregory não comentou isso. Um monte de gente alugou. Ele provavelmente estava fazendo isso de um acordo durante o período de entressafra na praia. "Tudo bem. Então, estarei de volta em, digamos, duas horas?"

Gregory encontrou os olhos de Charlie, sem surpresa na dubiedade em suas profundezas verdes.

"Claro. Eu vou estar aqui."

"Quer que eu traga alguma coisa? Não quero invadir e parasitar."

"Claro. Você pode até mesmo trazer Samson, se quiser. Ele é domesticado?"

Gregory gemeu, revirando seus olhos. Oh, os argumentos que ele e Samson tinham sobre *isso*. "Uma das primeiras coisas que nós cobrimos."

Charlie sorriu para o seu tom ofendido. Gregory notou que Charlie estava fisicamente usando sua bengala agora, então decidiu que era hora de deixá-lo ir para casa. "Vou tomar uma ducha e parar pela loja no caminho. O futebol não pode ser apreciado sem montes de comida com advertências sobre ela."

"Parece bom."

Gregory estendeu sua mão para sacudir. "Deveria ter feito isso na praia, mas ei. Prazer em conhecê-lo."

Charlie trocou a bengala para a outra mão e se ofereceu para devolver o gesto. Imediatamente, Gregory observou o tremor em suas mãos. Ele fez questão de não sobrecarregar o homem. "Você também."

Gregory soltou. "Ótimo. Vemo-nos em um tempo, então." Com um último olhar, virou-se em um salto e correu com Samson para baixo do quarteirão, notando o nome da rua, quando ele atingiu o final da calçada. Ele controlava o ímpeto para não torcer em torno e garantir que Charlie chegasse em casa. Embora o homem estivesse, obviamente, se recuperando de alguma coisa, ele sinceramente duvidava que quisesse que alguém, mesmo um novo – ou qualquer – amigo, pairando sobre ele.

CAPÍTULO DOIS

Charlie arquejou, apoiando o tronco para fazer uma nova rodada de levantamento de perna. O peso de um quilo o matou, mas era necessário para reconstruir quaisquer dos músculos que lhe restava. O quarto de hóspedes foi mergulhado em esteiras com pesos diferentes em conjuntos alinhados ao longo da parede. Nenhum dos pesos era como os que ele costumava fazer exercícios. Nada era mais de dez quilos. A fim de não compensar com o seu lado esquerdo, e se recusou a usar pesos pesados. Isto tinha levado seu fisioterapeuta cerca de quatro semanas para convencê-lo que ele precisava construí-los de volta também, embora o lado esquerdo fosse estruturar mais rapidamente e em mais rigorosa forma. Ele não podia olhá-lo enquanto o seu lado direito não fizesse o mesmo, ele simplesmente estava indo para reconstruir em um nível diferente. E nunca mais seria igual.

Ele desejava fazer as pressões e flexões de joelho que costumava, mas sabia que aquelas não estavam acontecendo, então fez com os elevadores, ondulações de braços, e alongamentos.

Removendo o peso após a última contagem, ele alongou novamente, respirando um pouco mais pesado. Rolando seu pescoço, estourou e ele gemeu. Ele estava lamentando convidar Gregory aqui. *O que é que um cara hetero faz incomodando-me?* Ele repreendeu a si mesmo. Ok, não estava incomodando ele, mas ainda assim. Os amigos de Charlie estavam todos em Houston, horas à distância. Nenhum deles sequer se preocupou em ligar mais. *Eu não fiz mais fácil para eles.*

Alguns tinham vindo para vê-lo no hospital. Ele realmente não tinha ido acima enfrentar qualquer um logo após o fogo. Após a verdade do que Garen tinha feito, Charlie tinha apenas sentindo-se usado e espancado. Ele não tinha espaço para a simpatia, ou pior, pena. A equipe de bombeiros havia sido favorável, mas quando isto surgiu que Garen era seu parceiro e não apenas seu companheiro de quarto... Ele soltou um bafo quente. A merda tinha batido no ventilador. Eles tinham unanimemente o escrito fora. Charlie deixou-os. Ele era inútil para qualquer um em sua forma atual. Ele aceitou a sua rejeição no momento, embora agora soubesse que era apenas ignorância em seu nome. Não era como se ele tivesse sido

menos de um homem porque era gay. Quando eles deveriam ter estado a sua volta, mantendo-o forte do resgate para a reabilitação, eles tinham dado o fora nele como um perfeito saco de lixo. Charlie não tinha se importado um inferno todo de um lote na época, e ainda não o fez.

Não quando seu amante o havia drogado, o arrastado para a cama e em seguida, colocado a sua casa em chamas depois de pôr uma nota de suicídio na internet. Cinco minutos mais e ele teria estado morto. Isso é o que a investigadora de incêndios criminosos lhe tinha dito.

Esta nota que ele tinha enviado a Deus e além foi à única razão pela qual ninguém havia pensado em ver se era real. A nota foi enviada a todos em sua lista de e-mail, porque Garen não tinha realmente se importado quem eram seus amigos mais próximos, apenas que ele cobriu suas bases. Bem, que foi onde o filho da puta fracassou. Cara de cu enviou a carta para seus pais e sua irmã, Elizabeth. No instante em que ela pegou em seu Blackberry, havia chamado o 911 e ordenado suas bundas para sua casa. Sua irmã não era estúpida. Foi por causa dela que Charlie aprendeu quão Garen foi traindo ele. Ela liderou o ataque ao descobrir a verdade. Deitado na cama, se recuperando de ser queimado, semienterrado, e inalando fumaça, Charlie só não tinha dado a bunda de um rato sobre qualquer coisa a ver com Garen. Ele fez a ligação quando a sua consciência voltou e sua capacidade de pensar ficou mais forte. Ele não tinha força para ser furioso, e não quando estava simplesmente tentando permanecer vivo.

É por isso que ele não bebia mais álcool. O filho da puta tinha brindado-o com o Bourbon Classe-A e comprimidos para dormir, o suficiente para eliminar um cavalo em sua bunda.

Tudo, desde o querosene as pílulas de suicídio restantes foram escondidas no quarto com Charlie. Como um homem drogado poderia iniciar um incêndio desmaiado na cama nunca havia ocorrido a Garen. Para uma tentativa de assassinato, ele era desleixado como o inferno. Como foi suicídio, Charlie tinha de ser sobre-humano para realizar todas as coisas que tinha feito Garen enquanto drogado, porque mesmo um homem louco teria um inferno

de um tempo absorver estas muitas mais pílulas, enquanto sua casa queimava até o chão em volta dele.

Respirando regularmente após o seu treino, Charlie levantou-se e pôs-se em linha reta, sentindo o puxão nas costas. Um banho quente aliviaria a tensão. Cansado, mancando, mas não tão mal quanto tinha estado naquela manhã, ele apontou para o banheiro e o chuveiro. Ele sabia que ia pagar por sentar no chão frio por tanto tempo.

E basta de pensar, ele silenciosamente resmungou. Você só tem mais ou menos sessenta anos deste inferno para viver.

"Não tenho eu uma fodida sorte?" Ele passou a mão dura sobre o seu cabelo, não mais corte lateral, mas ainda curto, então seguiu ao banheiro.



Gregory bateu na porta e esperou. O bangalô era pequeno em comparação com algumas das outras casas na rua, mas parecia robusto para o clima do litoral. O pequeno quintal estava morto do inverno, com areia que revestindo a borda da rua. Difícil ficar longe dela. Mas Gregory não se importava. Ele estava perto de uma praia ou outra quase sua vida inteira. Ele notou que não havia um carro em qualquer lugar exceto seu Jeep na estrada perto da porta da frente. Isso o fez pensar um pouco mais sobre o que havia acontecido com Charlie.

"A festa chegou." Ele anunciou quando Charlie abriu a porta. Surpresa foi substituída pelo leve prazer.

"Honestamente, eu tinha minhas dúvidas."

Charlie olhou para baixo, este tipo sorriso suavizando seus lábios em boas vindas. Imagino. A bola de pêlo iria obter uma mais quente saudação. Devia apenas torná-lo o navio quebra-gelo em toda parte.

"Oi, Samson." O traidor teve a coragem de abanar o rabo. "Vamos entrar. Não é muito, mas é confortável."

Gregory entrou, deixando-o fechar a porta para o frio de Novembro. O piso de madeira padrão foi varrido limpo de areia, um problema típico. Não havia muito à vista. Um sofá, uma TV de bom tamanho em uma estante ao longo da parede mais distante, com uma mesa de café no meio da sala. A cozinha era para a esquerda, com uma parede baixa de quebra e uma balaustrada pintada de um céu azul, o mesmo que a da cozinha.

"Nada para se preocupar. Tudo bem em deixá-lo solto?" Charlie acenou com a mão no universal movimento 'vá em frente' e então se virou para a cozinha. Gregory notou que Charlie estava andando sem a bengala, não tão lentamente ou cautelosamente, como tinha estado naquela manhã. Ele esperava que significasse que estava se sentindo melhor. Ele não queria ser um convidado que era um fardo. "Eu agarrei algumas batatas fritas, molho, e alguns refrigerantes." Ele acrescentou, levantando os três sacos pendurados em seus dedos.

"Parece bom. Eu tenho gelo. Não posso viver sem ele, mesmo em uma tempestade de neve."

"Droga. Quer se casar comigo?"

Charlie olhou por cima de um ombro, depois riu. "Cuidado marinheiro. Alguém poderia pensar que você é gay."

"Eu tenho uma confissão." Gregory disse ao colocar as coisas na mesa da cozinha.

Charlie gaguejou a uma parada a poucos metros à frente dele, com os olhos desconfiados.

Gregory apressado, sabendo que Charlie pensou que ele o tinha enganado. "Eu costumava trabalhar com um grupo de rapazes e três deles eram gays. Eles contagiaram-me, mas eram mais saudáveis do que os bastardos heteros que eu conhecia." E nem de longe os idiotas também, acrescentou para si mesmo.

Assimilando a resposta, Charlie balançou a cabeça, então, perguntou: "O que você fazia?" Ele reuniu copos para suas bebidas.

"A mesma coisa que eu faço agora de casa. Eu sou um tradutor acadêmico."

"A partir de casa? Eu não achei que você poderia fazer isso."

"Bem, eu trabalho com cerca de oito principais universidades nacionais e independentes de todo o país. Não posso realmente carregar isto para o escritório."

"Bom ponto." Gregory entregou os sacos plásticos e Charlie enfiou-os em um recipiente sob a pia da cozinha. Com o recentemente lavado cabelo louro-escuro ainda estava úmido, ele estava vestido com moletoms soltos e um suéter gigante, parecendo como algum irmão mais novo pendurado fora. "E você?"

A mandíbula de Charlie apertou. "Eu era um bombeiro perto de Sugar Land, até cerca de catorze meses. Eu fui dispensado."

"Nada feito desde então?"

Charlie balançou a cabeça.

Samson trotou para a cozinha, o nariz para o chão, farejando e investigando, expulsando a tensão que Gregory pegou construindo na estrutura de Charlie. "Sinta-se livre em me dizer para calar a boca." Gregory disse, desculpando-se.

Charlie ergueu o queixo, os olhos verdes perdendo as sombras neles. "Está tudo bem. Apenas um ponto dolorido."

"Sem dúvida. Eu aposto que você era incrível." Gregory disse sem sequer pensar nisso. Ele só queria que Charlie se sentisse melhor, e duvidava que ele estivesse errado.

Charlie engoliu. "Obrigado. Agarre a comida. Vamos ver quem está jogando."

Gregory reconhecia evasão e um desejo de um pare com isso. Charlie rapidamente encheu as duas taças com gelo e Gregory levantou a traseira para se sentir confortável no sofá com ele. A TV cintilou ligada e deixou sua mente ficar em branco com o jogo seguinte.



Charlie sentiu Samson estatelar a cabeça sobre um pé descalço, imediatamente rolando de volta a dormir. Fazia séculos que ele teve um cachorro. Ele não podia manter-se com um agora, e Samson era um bom exemplo do por que. Ele tinha uma energia inesgotável, e ia ser tão grande quanto a sua mesa de café quando estivesse totalmente crescido. Independentemente disso, os olhos castanhos e uma ânsia de agradar a certeza que o fez agradável.

Ele balançou o pé sob o peso da cabeça do cão e teve um gemido de prazer.

O som chamou a atenção de Gregory para o chão. "Aquiete-se. Ele é como uma puta."

Os lábios de Charlie retorceram. Foi uma pena que ele não era gay. Charlie espiou nele, pegando-o de surpresa assistindo o jogo novamente. Cabelo loiro dourado tempo suficiente para entender, mas aparado. Aqueça olhos castanhos. Lembrando-o correndo por sobre a praia trouxe à mente o peito firme, quase sem pêlos com exceção de uma linha fina funcionando abaixo da clavícula para encontrar em seu osso esterno. Ele tinha pernas fortes, e odiava a admitir que tivesse notado tanto, mas uma bunda grande. Ele não tinha olhado para uma alma com qualquer tipo de interesse, desde que ele deixou o hospital.

Provavelmente foi melhor que ele não era gay. Charlie não estava interessado em mesmo considerar uma relação de novo, mas um amigo era outra coisa. Exceto por sua irmã, ele não falava com ninguém, não via ninguém. Os amigos que tinha em Houston estavam em seu passado. Eles não queriam ter nada a ver com ele, se não poderia sair para uma festa e dançar como costumava fazer. Mentalmente, encolheu os ombros. Foi a sua escolha. Ter alguém por perto na ilha não seria tão ruim.

"Estou contente que Samson parou." Charlie disse calmamente um par de horas mais tarde, quando recolheu os restos de sua festa de porcarias e latas vazias após o jogo. Ele pegou os olhos castanhos de Gregory. "Se você é novo no Texas, eu posso dizer onde existem alguns grandes pontos turísticos. Eu não sou muito de clubes mais, mas aqueles que estão por todo Houston e Corpus de qualquer maneira."

O olhar de Gregory cresceu confuso por um instante, então respondeu: "Ah, ótimo. Obrigado." Ele levou os dizimados sacos de batatas fritas na cozinha, atrás de Charlie.

Sentando tinha endurecido a perna de Charlie um pouco, mas ele podia andar sem reclamar. "Eu acho que estou sugando para dizer é... obrigado por ter vindo. Tem sido quieto desde que me mudei, e não tinha percebido o quanto."

Os olhos de Gregory aqueceram a um reluzente café. Estrias tênues de preto puxaram-lhes para fora da coluna maçante. Algo lhe disse que Gregory teve certa malícia sobre ele com o modo como seus olhos brilhavam. Esse alargamento foi com os comentários sobre a praia. Gregory o fez querer rir, algo que não vinha fazendo ultimamente.

"Feliz por perder um domingo com você. Sinta-se livre para retribuir o favor. Você é bem-vindo sempre." Distinguindo um bloco e uma caneta magnética que Charlie mantinha em sua geladeira, Gregory conseguiu anotar o endereço e número de telefone. Ele entregou isto a Charlie expectante.

Segurando-o entre os dedos, ele cuidadosamente escreveu a sua informação na parte inferior, em seguida, rasgou a parte de fora. Com Samson em sua guia, mais uma vez, Gregory voltou para casa.

Assistindo Gregory e Samson partir, Charlie perguntou ociosamente quanta merda sua irmã estava indo para dar-lhe por encontrar um amigo. Ele não estava exatamente no terceiro ano agora, mas tinha sido um longo tempo à mesma coisa.

CAPÍTULO TRÊS

Gregory lançou os óculos sobre a mesa, esticando os braços acima da cabeça e gemendo, enquanto músculos desdobravam de sentar na frente de seu computador pelas últimas seis horas. Observando o tempo, se levantou, espalmando a coleira de Samson. "Vamos lá, bola de pêlo." Ele disse gentilmente, arranhando a besta atrás das orelhas quando ele trotou acima para as ações agora familiares. Amigável ofegante foi sua resposta. "Sétima entrada e alongamento."

Abrindo a porta da frente, andou ambos para fora, puxando a porta fechada atrás deles. Quase distraidamente, olhou na direção onde Charlie vivia, como se esperasse que ele estivesse subindo a rua em sua direção. Estranhamente, o outro homem iria aparecer em seus pensamentos em momentos inesperados, como agora.

Passeando pela calçada, deixando Samson cheirar e fazer xixi à vontade, ele pegou o celular fora. Por um capricho, havia programado o número de Charlie em seu telefone. Charlie não o havia chamado, mas Gregory teve a sensação de que não foi por falta de querer, mais um caso de não saber o que fazer se fizesse. Gregory não tinha esse problema. Tal como o seu cão, ele poderia ser amigo de qualquer pessoa.

Ele bateu a discagem rápida, e com o telefone junto ao ouvido, esperou.

"Olá?"

O grunhido brusco tomou-o desprevenido. Ele parou de andar e Samson sentou ao seu lado, aparentemente contente pelo momento de não ter de cheirar cada arbusto e folha de grama ao longo do caminho. "Charlie. É Gregory."

"Só um segundo..." Um gemido gutural e um baque forte carregado através do telefone. *Merda*. Ele está fazendo alguma coisa ou ele tem companhia. Ofegante, ele voltou ao telefone. "Desculpe... isso."

"Ei, Charlie, este é um mau momento? Se você tem companhia..."

Sua risada era forçada. "Não. Não companhia. A fodida perna."

Oh, inferno. Isso é dor em sua voz. "Você está bem?"

"Não, mas isso não é nada novo."

Gregory havia planejado para perguntar se ele queria vir para hambúrgueres, mas ouvindo a dor sangrenta nas respostas latindo sobre a linha, o fez imediatamente ansioso para o homem. "Você precisa de mim para ir?"

"Não!" Charlie sussurrou uma respiração áspera. "Não." Ele repetiu com mais calma. "Eu vou ficar bem."

Gregory tinha suas dúvidas. "Fique onde está. Vou levar o jantar."

"Greg." Charlie era aparentemente forte o suficiente para discutir. Sorte para Charlie, frustração irritada simplesmente ricocheteou fora no seu peito.

"Muito ruim, tigre. E antes que você bronqueie de novo, eu faria isso por algum amigo." Então desligou, perguntando por que ele se sentiu compelido a dizer isso no final. Balançando a cabeça e empurrando seu telefone no bolso, ele girou com uma mão firme na coleira de Samson para que se alinhasse ao seu lado.

Uma vez lá dentro, ele rapidamente saqueou o suficiente para fazer hambúrgueres em Charlie. Com isso pronto, ele trouxe um couro cru fresco para Samson. "Por favor, mastigue isso e não o sofá, tudo bem?" Samson foi para a sala e deitou-se, o epítome de rejeição canina.

Ele trancou a porta, em seguida, correu para o carro, chegando a Charlie minutos de depois. Bateu, então, quando não ouviu nada, ele tentou abrir a porta. Ele girou dentro. "Charlie?" Notando que ele não estava na sala da frente ou na cozinha, chamou novamente, mais alto.

A casa não era enorme, mas o silêncio de morte fez sua pele rastejar. Com o saco na mão, deixou-se entrar. Ele colocou e as chaves do carro na mesa da cozinha, em seguida, começou bisbilhotar por Charlie.

Um som raspado o levou para uma porta parcialmente fechada na sala, além da cozinha. A porta havia estado fechada no último domingo.

"Charlie?" Um gemido chegou até ele. Gregory empurrou a porta e congelou. "Merda! Charlie? O que aconteceu?"

"Perna. Contraída." Ele mordeu as palavras através de um maxilar cerrado. Ele estava deitado sobre seu lado esquerdo, debruçado sobre protetoramente com os braços segurando

sua perna direita imóvel. Dor emanava dele enquanto tendões esticavam e curvavam-se em seu pescoço e ombros.

"O que você precisa?"

"Quente. Almofada. Prateleira de cima... armário." Cada palavra foi um esforço ofegante.

Gregory saltou nessa direção, buscando e encontrando rapidamente a almofada de aquecimento. Ele ligou-a e se ajoelhou ao seu lado. "Onde?"

Articulação branca e sem sangue, ele levantou uma mão. "Aí. Envolve-a. Quente. Completa."

Gregory não tomou tempo para pergunta, imaginando que Charlie sabia o que ele precisava fazer para ajudar a si mesmo. "Será que um banho quente ajuda?"

Tremendo, ele balançou a cabeça.

"Tudo bem. Segure isso." Charlie agarrou a almofada elétrica debaixo da sua mão, ainda sugando o ar em brutos arquejos.

Correndo para o banheiro, abriu as torneiras completamente, esperando a água para aquecer. Deixando a banheira encher, correu pelo corredor curto pelos tapetes, onde ele encontrou Charlie ainda amarrado como um nó. "Isto está ajudando?"

"Ainda não. Em breve." Mas ele foi respirando mais fácil, assim que algo estava a melhorar.

"A banheira está enchendo. Confie em mim e vou ajudá-lo a chegar lá." Gregory o ajudou a rolar sobre. Charlie deixou a almofada elétrica deslizar à distância. Usando seu corpo superior para alavancar, Gregory facilitou Charlie até ficar em sua perna não lesionada. "Lento e fácil."

Charlie balançou a cabeça, todos os músculos tremendo contra a dor. Com um braço sobre os ombros de Gregory, ele levou o loiro parcialmente para fora da porta e pelo corredor até o banheiro.

"Sinta-se forte o suficiente para segurar uma parede?" Gregory perguntou. Ele procurou o rosto pálido de Charlie, notando o comprimido aperto para sua boca. Quando ele assentiu com um empurrão de seu queixo, Gregory suavemente inclinou-o na parede mais

próxima para desligar a água. Diante dele novamente, ele não poderia perder os arrepios que assolavam sua estrutura.

Então percebeu o problema seguinte. Ele ia ter que se despir Charlie para obtê-lo na água.

Olhando em seus olhos, pareceu que Charlie também teve a mesma percepção naquele momento. Ele se endireitou, mas sibilou quando tentou desviar a perna muito longe. Sua cabeça caiu para a parede, exaustão adicionando mais sombras. "Alguma situação, hein? Certo que você queria vir?"

"Posso... você..." Gregory engoliu. "Para entrar na água?"

Consternação e impaciência foram sua resposta. "Sério?" Quando Gregory não fez – não pode – mover, Charlie jogou seu ombro para que ele saísse do caminho. "Vou fazê-lo. Não é como esta é a primeira vez."

Gregory balançou a cabeça. "Não é pior do que a aula de ginástica, certo?" Charlie revirou os olhos. "Eu não vou forçar você, mas cara, você está apenas em um pé."

"Sério? Diga-me algo que eu não sei."

"Tudo bem. Tudo bem." Ele não podia culpá-lo por sua atitude ríspida. Ele foi o único que tinha se intrometido. Gregory agarrou a manga de sua camiseta. "Um braço de cada vez." Depois de uma pausa piscando, Charlie fez como pediu. Gregory repetiu para o outro braço, deixando Charlie usá-lo para o equilíbrio de se mover como ele precisava. Segurando o fundo, ele trabalhou sobre sua cabeça.

Ele congelou, pela segunda vez desde andando em Charlie, seu olhar imediatamente desembarcando no tecido da cicatriz que serpenteava para frente de suas costelas em torno de suas costas.

Charlie zombou com o lábio levantado. "Quer o show inteiro?"

Gregory balançou a cabeça, focando no que precisava ser feito. "Encoste-se em mim novamente." Charlie fez com uma mão, usando a outra em conjunto com Gregory para deixar cair sua calça de moletom. Com sua perna direita, dura como uma tábua curvada, e não cooperativa, isto foi até Gregory obtê-las mais baixo. Ele ignorou o pau que estava deitado à direita na altura dos olhos.

Ou pelo menos tentou. Era impossível ignorar completamente. Ele nunca esteve tão perto do pacote de outro cara, e mesmo utilizando-se como o guia completo de tudo, teve que admitir que Charlie fosse um inferno de um cara. Cabelo loiro revestia sua virilha, mas não muito grosso. Gregory engoliu, espantado enquanto o pênis de Charlie pulsava. Antes de Charlie perceber o que estava fazendo, agachou-se e facilitou o moletom sobre o seu pé descalço, deixando-o sacudir seu pé esquerdo para fora da parte inferior da perna. Largou-os com o blusão de moletom, de pé mais uma vez.

"Agora a diversão." Charlie reclamou. Ambos enfrentaram o desafio ameaçador da banheira. Vapor enrolado em elos translúcidos. A banheira branca não parecia nada confortável para o seu comprimento, mas isso não foi convenção de um mendigo.

"Qualquer ponto?" Gregory perguntou, esperando por algo útil, alternando entre olhar a banheira cheia e o comprimento sólido do sexo masculino diante dele.

"Não é um mergulho olímpico, eu vou dizer a você isso."

Gregory cruzou os braços. "Sarcástico."

"Eu tenho que rolar dentro." Charlie explicou rigidamente. "É a mais desajeitada, pouco atraente vista do planeta."

"Qualquer maneira que eu posso ajudar?"

Pela primeira vez, Charlie olhou para ele como se estivesse realmente lá para ajudar, não apenas para dar-lhe o inferno. Ele suspirou. "A menos que você ache que pode levantar-me, não."

"O que você pesa?" Seus braços caíram para os lados, em preparação.

Charlie varreu uma mão, aqueles olhos verdes alargando em choque. "Cristo, Greg. Eu estava brincando."

"Eu não estou. Se você está sob setenta quilos, eu posso fazê-lo." Ele tinha certeza que Charlie não era superior a setenta e nove, mas ele seria o último a fazer uma discussão sobre isso.

Charlie arreganhou os dentes com um rosnado baixo. "Eu sou capaz."

"O inferno que você é." Gregory voltou mais afiado. "Você está com dor dos dentes às unhas do pé. Eu posso vê-lo. Agora, o que você pesa?"

"Você está realmente..."

"Sim, porque além de ser um amigo, eu sou um total bastardo."

"Agora eu descobri." Charlie reclamou. "Deveria ter jogado areia em você na semana passada."

"Tarde demais."

Charlie gemeu, e Gregory reprimiu o sorriso. Ele ganhou, e ambos sabiam disso.

"Eu estou sob sessenta quilos." Charlie disse, cedendo a determinação de Gregory. "Foda. Se alguém descobre, eu vou matá-lo eu mesmo."

"Sim, sim." Gregory entooou, balançando o braço de Charlie sobre os ombros para ajudar a suportar o seu peso. "Eu só espero que a água ainda esteja quente, você grande bebê."

"Morda-me." Charlie respondeu, rangendo os dentes, enquanto Gregory içava-o, apoiando suas costas e carregando sua perna solta. Charlie enfiou a próxima perna cicatrizada enquanto eles torciam para enfrentar a banheira.

"Ok, estável." Gregory alertou, posicionando-o sobre a banheira. "Pegue qualquer coisa exceto o cabelo e os órgãos genitais, se necessário."

Charlie engasgou com uma risada, mas concentrou-se na manobra para deslizar dentro da banheira, usando a perna boa como um freio para facilitar na água com Gregory apoiando-o na inclinação para baixo. Juntos, eles facilitaram seu comprimento magro bastante bem na água. Charlie sibilou, sua coluna arqueou enquanto a água envolveu-o. Gregory puxou os braços encharcados por debaixo dele. "Muito quente?" A água espirrou e lambia avidamente sobre seu corpo. Magro, e pele pálida bronzeada. Gregory não tinha certeza exatamente o que tinha acontecido ou com o que Charlie estava lidando, mas não havia nada para se envergonhar com este físico.

"Não." Ele arfou. "Isto é sempre um choque."

Gregory puxou a toalha da haste e secou seus braços. "Você vai ficar bem?"

Afundando na água, Charlie massageava sua coxa direita com os olhos fechados. "Eu acho que sim."

"Tudo bem. Eu vou fazer os hambúrgueres que me ofereci. Grite se precisar de alguma coisa."

Charlie bufou. "Você nunca ofereceu hambúrgueres."

"Claro que eu ofereci. Bem entre o 'Oh merda' e 'eu estou chegando'." Ele enfiou a toalha em suas mãos por cima da barra e se virou para sair, com certeza Charlie não queria uma audiência.

"Ei, Greg?"

"Sim?" Ele parou na porta, pegando um ligeiro rubor no rosto de Charlie.

Charlie quebrou o contato visual em primeiro lugar. "Obrigado."

"Claro, amigo. Relaxe." Suas sobrancelhas apertaram, quando um novo pensamento o atingiu. "Existe alguma coisa que você deve tomar para câimbras como essa?"

"Sim. Há um relaxante muscular na geladeira. Pensei que a almofada elétrica seria suficiente. Essas coisas só funcionam se você pode realmente chegar até elas." Ele respondeu com azedume.

"Tudo bem para tomar agora?"

Charlie balançou a cabeça, descansando a cabeça mais uma vez na borda da banheira. Deixando o homem nu em paz, ele perguntou o que tinha acontecido. Voltando para a primeira sala com as esteiras, Gregory supôs este era o lugar onde ele trabalhava com todos os pesos alinhados ao longo da parede. Ele desligou a almofada elétrica e deslizou-a na prateleira do armário para esfriar. Apenas o que tinha machucado ele tão mal? Ele só tinha visto a cicatriz no peito, incapaz de entender o que o resto dela parecia. E culpa, e assim como inexplicável, ele havia estado olhando seu pênis quando era a perna que havia estado causando-lhe dor. Só de pensar o quão perto isto tinha estado para isto, seu rosto, para seus lábios, fez seu estômago apertar um pouco, e não em repulsa.

"Você é um idiota doente." Ele murmurou, sacudindo o pensamento solto ao retornar para a cozinha. Foi à singularidade do momento. Isso era tudo.

Ele encontrou o frasco de comprimidos, lendo a advertência e dosagem antes de obter uma pílula fora e dar a Charlie. Então ele começou a preparar a carne para os hambúrgueres. Com esses em um prato, ele cobriu com uma toalha de papel. Olhando para o relógio da

cozinha, adivinhou que Charlie tinha sido imerso por cerca de vinte minutos. Ele caminhou até a porta ainda aberta do banheiro.

"Já se transformado em um peixe?" Gregory estava contente de ver a perna esticada na água, relaxada da forma como devia ser.

"Ainda estou tentando." Charlie pendeu o olhar para ele. Ele ergueu a mão pingando. "Reduzindo não significa escamas, não é?"

"Receio que não." Ele se inclinou na porta, braços cruzados sobre o peito, propositadamente mantendo os olhos bloqueados no rosto de Charlie. Ele não ia ser preso por olhar as coisas que ele não deveria estar.

"Então eu acho que terminei. Você poderia me trazer minha bengala? Está na sala de estar."

"Claro. Mais alguma coisa?"

"Além de minha dignidade, não, eu estou bem."

Gregory sorriu gentilmente. "Você está bem, cara. Fique seco. Estou prestes a fazer um naufrágio em sua cozinha e você deve estar lá para testemunhar um mestre no trabalho."

CAPÍTULO QUARTO

Charlie bateu sua cabeça contra a parede. O telefone foi pressionado para sua orelha, e a atualização mais recente do reparo do carro estava indo para fazê-lo vomitar alguns palavrões rigorosamente virulentos. Ele precisava de seu carro de volta. "Elizabeth, a sério?"

"Eu sinto muito." Ele sabia que por seu tom que ela realmente sentia.

"Você disse que a loja teria terminado até agora."

"Porque eles me disseram isso." Ela apontou igualmente frustrada. Seu Maxima era seu bebê, mesmo tão antigo como era. Ela suspirou. "Mais três dias, no máximo."

"Mas a consulta do meu médico é esta tarde." Foda. Como é que eu vou encontrar uma carona em Houston?

"Eu prometo, Charlie, assim quando a loja terminar, eu vou pegá-lo para você. Eles tiveram que encomendar as peças. Eu juro, nenhuma loja traz peças mais. Eles sempre têm que pedir as coisas, e se esse lugar não tem isso, então é outro atraso para eles obtê-lo."

Charlie soltou um suspiro lento. "Eu sei, eu sei. Tudo bem. Como vão as coisas no trabalho?"

"Ocupadas." Sua voz caiu para um sussurro. "O gerente regional esteve aqui desde a semana passada. Acho que algo está acontecendo, mas eu não sei o quê."

"Algo ruim?"

"Espero que não. Donald não tem sido visto muito, por isso é difícil dizer."

Charlie cruzou os dedos que sua empresa não foi a próxima a começar reduzir. Fodida economia. "Tudo bem, aguento firme." Ele passou a mão sobre sua cabeça. "Eu vou descobrir alguma coisa. Eu vou falar com você neste fim de semana."

"Tudo bem. Amo você."

"Eu também amo você, mana."

"Moleque."

Isto recebeu um leve sorriso. "Tchau."

Desligando o telefone, olhou em torno de sua cozinha. Como ele ia conseguir chegar a Houston? Os táxis estavam fora de sua faixa de preço por muito tempo de uma tarifa. Se ele

estava na cidade, haveria cerca de quatro pessoas diferentes que poderia chamar. Não, eu não posso. Eles não falaram comigo desde o incêndio. Sentado na cadeira mais próxima, ele estendeu a sua perna. Ele a estava segurando, mas contraía-se de vez em quando.

Então ele viu o pedaço de papel rasgado com informações de Gregory sobre o mesmo, preso por um imã para a sua geladeira.

"Bem, o inferno, ele viu você nu." Ele zombou. "O que é um pedido de carona?"

Ele levantou o telefone e digitou os números.

"Oi, Greg." Ele disse, quando respondeu.

"Ei. Como está a brincadeira?"

"Você é impossível." De alguma forma, Greg sempre tinha ele sorrindo.

"É o que diz minha mãe. O que há?"

Charlie passou a mão sobre o rosto. "Estou em um ponto. Minha irmã ainda tem o meu carro, e eu tenho um compromisso esta tarde. Você poderia me levar para Houston?" Ele não estava pensando em como ele iria chegar lá, quando tinha agendado a primeira coisa consulta naquela manhã, não se lembrou de que ele deixou Liz emprestar seu carro enquanto o dela estava na loja. Não era como se dirigisse todos os dias, então por que isto não estava estacionado na frente? Porque ele era muito bondoso para sua família, é por isso.

Quando Greg levou alguns minutos para responder, ele se ofereceu: "Eu vou pagar a gasolina."

"Hãh? Oh, isso não é um problema. Eu estava checando minha agenda para ver se eu precisava parar em qualquer lugar, tirar vantagem de estar lá em cima." Uma pausa ou dois segundos. "Não parece, mas eu posso levar meu laptop e conseguir algum trabalho feito de qualquer maneira."

"Eu sei que é uma puta de uma viagem..."

"Não se preocupe com isso. Quando você precisa sair?"

"Dentro de uma hora." Droga, ele odiava isso, sentindo-se impotente tudo de novo.

"Tudo bem. Deixe-me recolher Samson ao canil e eu vou ir."

"Merda. Esqueci-me sobre ele. Deixe-me apenas remarcar isso. Vou esperar até eu ter o carro de volta de Elizabeth."

"Não é um problema. Ele não surta sozinho, mas está tentando comer meu sofá um bocado por vez, se ele é deixado sozinho por muito tempo."

"Você tem certeza?" Na afirmativa, ele disse a Gregory: "Obrigado, cara. Eu vou estar comprando o jantar."

"Você está." Greg disse adeus, depois desligou.

Charlie voltou a colocar o telefone na parede, em seguida, foi para seu quarto para trocar-se. Ele tinha boas maneiras suficiente para não usar moletom ao ver seu psiquiatra.

Vinte minutos depois, uma buzina tocou lá fora. Com a bengala na mão, ele deu um tapinha em seus bolsos, e com tudo anexado ou escondido, andou fora e trancou a porta.

Os degraus eram uma lenta vadia, mas uma vez ele estava em terra firme, cortou um caminho para a estrada e o carro esperando.

Estabelecendo-se no jipe de tamanho médio, ele teve que perguntar qual anjo da guarda tinha deixado cair Gregory em sua vida.

"Então você tem um carro, hein?" Gregory brincou.

"Sim, Isabel entrou na loja na semana passada e eles esticaram uma reparação fora. É um modelo mais antigo, por isso as peças são uma dor na bunda, mas ela venderia seu primeiro filho para manter seu carro, se tivesse algum."

"Ela é solteira?"

"Quer conhecê-la?" Charlie atirou de volta, sorrindo maliciosamente.

Greg olhou o seu caminho, então balançou a cabeça um pouco mais tarde. "Não, mas obrigado."

Charlie estudou-o, observando uma carranca em seu rosto. *O que foi aquilo?* "Eu não vou jogar minha irmã em você."

"Não é isso." Ele disse distraidamente. "Então, aonde eu vou?"

Charlie deixou isto cair, dando o endereço e direções.



Gregory prestou atenção à sua condução, embora a confusão o inundando fez sua pele fria.

Três semanas atrás, ele teria estado todo querendo conhecer a irmã de Charlie. Gregory apostava que ela tinha semelhantes olhos verdes e cabelos loiros espessos, e se ela se parecia com seu irmão, sem as bordas masculinas — ela seria um nocaute. No entanto, agora, não tinha absolutamente nenhum interesse em tudo.

Gregory estava voando para casa na semana seguinte de Ação de Graças, e loucamente, estranhamente, ele não queria ir.

Por quê? Se a pergunta o aturdiu, as razões foram suficientes para fazê-lo cair de bunda no chão em negação e choque. Cada pergunta e resposta que atravessava seu cérebro tinham a ver com o cara em silêncio ao lado dele. E nenhuma delas fez um mínimo de sentido.

Ele tinha amigos em casa, amava seus pais e adorava a esposa de seu irmão. Desde que se mudou para o Texas, ele não tinha visto ou falado com eles, quase o suficiente. As faculdades pagavam melhor por seus serviços em uma despesa menor do que viver na Califórnia. Mesmo vivendo na praia não era uma crise de dinheiro enorme.

Ele deveria ter estado ansioso em ir para casa e ver todo mundo e jogar em seus antigos pontos com os caras para o seu jogo anual de futebol, só que ele não estava. Havia uma série de razões legítimas por trás do porque ele podia não querer ir este ano, mas a que ele se recusou a reconhecer com a maior parte do peso estava sentada ao lado dele. *Tente racionalizar isso.* Ele não podia.

Um movimento chamou sua atenção. Charlie estava esfregando sua coxa, flexionando a perna em repetições cronometradas. Irrequietos dedos apertados no volante, quilômetros a ser devorado pelo Jeep. Ele queria ajudar, mas não tinha absolutamente nenhuma ideia de como.

"Você tem que trabalhar para mantê-lo solto, não é?"

Charlie balançou para procurar seu caminho. "Sim."

"Isso foi o que causou a câibra no outro dia?"

"Mais ou menos. Às vezes, isto apenas agarra. Nenhuma razão."

Gregory não poderia começar a entender o que ele tinha que lidar todos os dias. Lembrou-se da tarde que tinha invadido o local quando apenas isto tinha acontecido. A dor que Charlie tinha sofrido. Não, não era dor. Agonia. O homem estava pronto para quebrar deitado no chão do quarto. Gregory puxou até mesmo respirações, escondendo seus pensamentos correndo descontroladamente de Charlie, sentado menos de noventa centímetros de distância.

Após a emergência do momento, sua mente foi direto à sua forma nua. Algo que ele nunca tinha feito em toda a sua vida era pensar em um corpo masculino como outra coisa senão... Bem, um corpo. Não como uma pessoa única. Não como uma forma elegante, e definitivamente não com qualquer tipo de interesse, como sexy. Mesmo que a maioria dele foi gritando na parte 'interesse', uma voz pequena, uma parte muito pequena estava muito feliz em manter puxando sua atenção para o cara, tranquilo pensativo ao seu lado.

Ok, ele disse a si mesmo. *Vamos olhar para isto logicamente. Quando foi o último encontro em que você esteve?* Gregory tinha que pensar, e percebeu que tinha sido quase um ano. O que fez parecer pior foi que ele não só nunca a chamou novamente, mas não tinha sentido falta da sua companhia.

Tudo bem. Ponto. Era só ela? Provavelmente. Ele não conseguia sequer lembrar seu nome agora. Rolou um ombro. Assim, ele não tinha estado em um encontro há algum tempo. Com sua carga de trabalho e Samson, ele realmente não tinha sentido a necessidade de espremer mais.

Ele sabia o que era. Ele realmente gostava de Charlie. Eles tinham um senso de humor parecido, e lembrando a data de nascimento em seu frasco de prescrição, Gregory tinha apenas seis anos mais velho em 33. Ele não se sentia pressionado a ser nada, apenas passar o tempo, sendo um cara. Charlie era gay. Tudo bem, mas ele estava muito longe do divertido tumulto, Laurence, com quem ele tinha trabalhado na faculdade da Califórnia. Laurence era um boá de penas andando quando deixou o seu lado garota sair, que era muitas vezes porque ele gostava de fazer as pessoas rirem. Uma pessoa ou tem o seu humor sobre o top, ou não. Isto ainda não tinha ocorrido a Gregory que ele deveria estar preocupado enquanto o único cara hetero neste determinado grupo em seu andar. Metade do tempo, ele ajudou os outros três garantir suas travessuras voariam, porque poderia dar-lhes a perspectiva hetero.

A administração nem sempre apreciava isto, mas a maioria deles ainda riu, mesmo que tenha sido escondido por trás de suas mãos. Ele teria que chamar os coringas. Ele não tinha percebido quanto tempo fazia que havia conversado com eles.

Vislumbrando Charlie novamente, ele notou que ia deixar a cabeça descansar no banco com os olhos fechados. Pela primeira vez, a rigidez tensa de suas feições registrada. Ele parecia cansado. "Você está bem?"

"Sim."

Quando Charlie, não apresentou uma explicação, ele disse: "Por que você não pega um cochilo? Não há muito para ver nesta estrada de qualquer maneira."

"Desculpe companhia ruim, especialmente depois de pedir pela carona."

Gregory descartou isto. "Está tudo bem. Você pode dirigir um pouco no caminho de volta, e pagar o jantar." Ele acrescentou para dar ênfase.

Quando Charlie riu, ele sentiu um ligeiro tamborilar contra suas costelas. Balançando a cabeça; ele enfrentou a estrada, verificou a hora, e ignorou a reação.



De pé ao lado do carro com a mão na porta, Charlie esticou sua perna.

"Não muito duro?"

"Minha perna?" Charlie provou, após aproximação de Greg enquanto arredondava no veículo.

"Foda-se." Greg pôs as mãos nos quadris, uma carranca simulada em seu rosto.

"Uh-huh." Mas Charlie não conseguia esconder completamente o sorriso independentemente. "Com fotos quentes, até mesmo."

"Muita informação, cara."

"Vamos lá, garoto da Califórnia."

Rindo dissimuladamente, Greg caiu o passo ao seu lado, seu laptop debaixo do braço. Greg apenas fez isso muito fácil para Charlie às vezes. Foi como se tivessem sido amigos para sempre, não por semanas. Uma vez dentro do edifício, Charlie foi para os elevadores. "É chato ter que dirigir quatro horas para uma consulta de uma hora, mas obrigado por me trazer." Ele apertou o botão e as portas de prata se abriram.

"Qual médico?"

Charlie respondeu com uma cara perfeitamente reta: "Não, não um médico bruxo, um psiquiatra."

Greg balançou a cabeça. "Você é realmente incorrigível."

"Todos nós devemos atirar para a excelência." Charlie replicou com um suspiro inocência e completo charme.

Engasgando com sua risada, Charlie abriu a porta da sala de espera. "Vai parecer inteligente. Ou pelo menos ocupado." Ele acenou para as cadeiras almofadadas bem contra a parede.

Charlie foi até a janela semiaberta na frente do escritório. "Eu tenho da uma às três horas com o Dr. Morne."

A recepcionista digitou em seu teclado silencioso. Ele esperou; acostumado ao procedimento. Ele foi ver o Dr. Morne por quase um ano agora. "Ele está quase pronto para você. Basta ter um assento."

Seu traseiro se encolheu com o pensamento de se sentar novamente, mas ele se sentou ao lado de Greg. Ele estava aquecendo o seu laptop.

"Então, quantos idiomas você traduz?"

Greg tocou no teclado, dizendo: "Muito poucos. Eu fui formado em linguística na faculdade. Espanhol, alemão, francês, russo, hindi e algum árabe. Eu traduzo documentos para as faculdades."

"Você fala qualquer um deles?"

"Algum russo. Espanhol, mas é tão comum no sul. Francês, se eu for para o Canadá ou na Europa."

Charlie bateu a bengala no chão. "Eu venho tentando descobrir o que fazer comigo uma vez que isto." Ele fez um sinal com um esforço fraco para a bengala. "Eu não posso sentar durante um dia inteiro, não posso estar de pé por horas. Eu não quero voltar a escola só para ir à escola. Eu preciso de uma razão para a despesa."

"Compreensível."

"Charlie." Ambos giraram para a porta do escritório. O Dr. Morne estava saindo com uma jovem saindo pela porta do escritório exterior.

"Hora de ir para o psicólogo." Ele sussurrou.

"Eu vou estar aqui."

Charlie pôs a mão sobre a coxa de Greg e apertou. "Obrigado."

Ele obstinadamente seguiu o Dr. Morne em seu escritório.

"Como vai você, Charlie?" Dr. Morne perguntou.

Ele se acomodou em uma cadeira. "Não tão ruim."

"Quaisquer pesadelos recentemente?" Em uma cadeira de acompanhamento, Dr. Morne atravessou sua perna sobre o joelho, o seu constante bloco de notas que ele escreveu apoiado lá.

Charlie relaxou a postura, insensível, que faria seu ombro doer. Ele tomaria um longo banho, muito quente depois. Ele não ficou surpreso com a pergunta. Era parte da razão que ele tinha feito à consulta. Ele não estava em um esquema por mais tempo, embora continuasse a ver o psiquiatra enquanto precisava.

"Duas noites agora."

"Não é incomum que eles reaparecem. Ele permite que as nossas mentes liberem os diferentes aspectos do trauma sofrido."

"Faz dormir uma cadela." Ele murmurou.

"Tenho certeza que isto faz." Dr. Morne rolou o lápis entre os dedos. "O que aconteceu antes de os pesadelos começarem?"

"Minha perna agarrou. Fiquei incapacitado." Sua voz silenciou, com os olhos abertos, mas olhando para o nada acima dele. "Meu amigo, o cara ali, me encontrou. Ajudou-me."

"Como é que isto faz você sentir-se?"

"Humilhado, indefeso." *Cuidado*. De onde veio isso, Charlie não estava completamente certo, mas não podia negar o que Greg tinha feito por ele. Somente um verdadeiro amigo poderia mergulhar um homem de bunda nua e fazer o jantar, sem esperar nada em troca.

Charlie sentiu a especulação do Dr. Morne. "Você está atraído por ele?"

Charlie piscou, olhando para a direita através de seu médico. "Ele é hetero, Dr. Morne."

"Não afeta o modo como você se sente, no entanto. Eu posso apreciar uma bela mulher. Minha mulher entende, mas eu não paro de cuidar dela por causa disso."

Charlie afundou novamente com as mãos cruzadas sobre o estômago e grunhiu. "Eu não estou pronto para sentir, Doutor." Ele explicou sem rodeios.

"Não lute contra aquilo que pode ajudá-lo a curar mais, Charlie." Seu psiquiatra alertou. Charlie sabia que ele estava escrevendo mais provável em suas notas, mas ignorou as ações do homem, e o significado subjacente em seu conselho.

Charlie flexionou o queixo, e então suspirou. "Ele tem sido um bom amigo. Isso é tudo que eu tenho em mim para lhe dar agora."

CAPÍTULO CINCO

"Então o médico disse que você está apto para o consumo público, hein?"

Charlie balançou a cabeça, resmungando. "Como você faz uma pergunta sensata sair soando tão homoerótico?"

Greg deu de ombros. "Um presente?" Ele sorriu como um gato Cheshire. "Os amigos de que lhe falei. Laurence teria você em pontos dentro de cinco minutos."

"Você sente falta de seus amigos, não é?"

Pausa em um semáforo, Gregory esperou para que ele mudasse. Ele bateu a direção, pensando sobre a pergunta. "Sim. Eu sinto."

"Greg?"

O carro pegou velocidade com o tráfego. Eles concordaram em um restaurante mexicano no caminho de casa. Charlie iria conduzir por uma ou duas horas de lá, então deixaria Gregory assumir se ele precisava parar. Gregory sabia que tinha se sentado muito. Ele não queria que o cara estivesse com dor.

"Hm?"

"Por que você não tem namorada? Na verdade, por que você está sendo tão bom para mim?"

A cabeça de Gregory chicoteou para olhar seu passageiro, então à frente, depois à direita de volta para aqueles olhos verdes.

"Aquiete-se. Pare! Você vai ter um acidente." Charlie cruzou os braços sobre o peito e olhou para longe.

"Você está seriamente maluco, homem. Isto se chama ser um amigo." Ele queria Charlie olhasse em seu caminho. Ele precisava ver a expressão do homem. "Quanto à garota, eu não encontrei uma em séculos, que me atraiu o suficiente para gastar o meu dinheiro suado em um encontro vazio, ou um jogo para o sexo. Eu tenho padrões. Se você não tem notado, a praia só é abastecida com bebês de maio a início de outubro. Depois disso, é uma cidade fantasma."

Charlie bufou. "Eu percebi. Colírio para os olhos vai em ambos os caminhos, você sabe."

"Huh. Não tinha pensado nisso. Homens oleados, quase nus?"

"Como tirar doce de um barril."

Gregory imaginou seu mais sujo recesso da primavera possível. Meninas cobertas apenas mais soltas pela definição do termo, caras flexionando, apenas sendo caras, e Charlie e ele mesmo tendo um grande momento examinando toda a praia. "Teríamos uma explosão."

Charlie inclinou, pegando-o pelo canto do seu olho. "Você lascivo."

"E orgulhoso disso."

Charlie sorriu pela primeira vez desde a saída do consultório do Dr. Morne.

Não era bem hora do jantar quando alcançaram o restaurante, então eles estavam sentados imediatamente.

"Nachos e salsa. Tenho isso. E dois chás." A garçonete assentiu e deixou-os a estudar os menus. Gregory estava se sentindo muito bem. Ele enviou um e-mail a Laurence enquanto esperava por Charlie, dando uma atualização de si mesmo. Ele esperava que o homem respondesse. Ele tinha sido negligente com a manutenção em contato, e ele sabia que seus amigos estavam indo para lhe dar merda por causa disso. Ele também estava pensando, novamente, sobre a questão da menina. Ele não estava desesperado por companhia, e não tinha estado suando a falta de sexo. Então, por que não se incomodava mais que ele não tinha um encontro de muito tempo, ou mesmo agora, não estava correndo para tentar encontrar companhia feminina agora que ela tinha sido trazida à sua atenção? E por que a ideia de deixar Charlie para trás por quase uma semana causava-lhe um sentimento quase limítrofe da angústia? Ele honestamente não tinha resposta para qualquer pergunta.

Não havia dúvida que sua mãe ia fazer o 'Você não pode apenas esperar um pouco para pousar em seu colo. Clubes de estripe não contam sobre Ação de Graças'. Então ele corava e ela ria, e isto seria por um tempo. Apenas a maneira dela de dizer: "Levanta sua bunda e sossegue."

Mães. Têm que amá-las ou elas cortam as crianças fora dos seus testamentos. Ele riu silenciosamente. Sua mãe foi à melhor. Seu pai, também. Se ele estava feliz, então isso era tudo o que eles precisavam saber.

A garçonete apareceu, deixou cair fora coisas sobre a mesa, e tomou os seus pedidos. Deixado sozinho novamente, Gregory disse: "Você falou sobre sua irmã. Onde estão seus pais? Qualquer outra família?" Gregory derramou uma montanha de açúcar em seu chá e agitou-o, perseguindo o limão com a colher.

"Eles estão no caminho ao norte de Houston. Você precisa de um passaporte para chegar até sua casa."

"Então, como você acabou tanto para o sul na praia?" Testando o chá, ele lambeu os lábios. *Perfeito.*

Charlie mergulhou um nacho e mastigou. "Eu queria longe de tudo. A estação, as memórias. A praia é diferente, e nesta época do ano, tranquila."

"É muito cedo para dizer-me o que aconteceu?" Gregory perguntou com a voz baixa.

Os lábios de Charlie apertaram e Gregory estava indo para retratar a questão, mas Charlie lhe disse: "Não. Você merece isso depois do jeito que você ajudou, e isso. Mas não aqui." Ele olhou em volta, como se estudando a decoração das paredes que os cercavam, tornando difícil para Gregory ajudar a afugentar as sombras escurecendo seus olhos.

Em seguida, a leitura de Charlie balançou a parar e de repente seus olhos se arregalaram. Ele voltou rapidamente para os nachos na frente dele, como se fosse um mistério para o universo. Pesquisando o restaurante ele mesmo, Gregory não podia ver o que tinha perturbado Charlie, mas a razão logo se mostrou.

Um homem alto, espesso de uniforme azul de bombeiro ficou de pé de uma mesa. Acenando com a mão e impaciência para a mulher sentada na frente dele, ele seguiu até sua mesa.

"Charles."

Charlie soltou um suspiro duro e endireitou-se, sacudindo um pouco acolhedor, guardado olhar para cima. "Anthony. O que você quer?"

"Eu queria comer minha refeição em paz, mas não posso agora. Não com sua bunda de veado aqui."

Gregory quase engasgou. O barulho chamou os olhos frios azuis de Anthony para seu caminho. "É este o seu mais recente brinquedo de foda?"

A mulher que ele havia deixado para trás na mesa engasgou e empalideceu, e vários nas proximidades haviam parado de comer para ouvir ou apenas levemente assistir.

"Cara." Gregory interrompeu. "Sério. Ótima maneira de humilhar um homem. Você tem esse equívoco com as amigas de sua mulher? Você sabe duas meninas comendo juntos, então elas devem ser gay? Porque não há medicação para isso." O olhar de Charlie era chato na mesa, com os ombros curvados e sua mandíbula tão apertada com a raiva, à metade inferior do seu rosto estava branco. Ele sabia que havia uma história aqui, e o que quer que fosse tinha sido um pesadelo para Charlie. Gregory nunca o tinha visto assim fechado e furioso. Gregory quis bater a merda viva para fora do imbecil de pé sobre eles por fazer isto. "E, infelizmente para você, seu *gaydar* está fora caminho. Eu sou hetero. Então pegue a sua boca insensata de volta para sua mesa e mantenha a sua bunda intolerante longe de nós."

O burro corpulento zombou. "Não ande com ele, perdedor. Ele vai fazer você gay." Anthony retornou à sua mesa para ganhar um olhar feroz de sua esposa. Ela estava debruçada sobre repreendendo-o, mas foi caindo em ouvidos surdos, que Gregory poderia dizer.

"Vamos." Charlie sussurrou. "Eu não estou com fome mais."

Silenciosamente, uma mulher em seu final dos anos cinquenta com espessos, cabelos preto e um avental trançado caminhou até a mesa. Pronto para obtê-lo novamente, Gregory olhou para ela.

Ela puxou uma cadeira sem pedir. "Querido, não o deixe estragar o seu dia. Em cerca de dois minutos, meu filho vai pedir-lhe para desocupar e nunca escurecer a nossa porta de novo."

"Você não tem..." Charlie tentou dizer, desculpa em cada movimento.

Ela o interrompeu. "É o meu restaurante. Eu posso fazer o que quiser."

"Você é a dona?" Gregory perguntou, inclinando-se para frente.

"Marisa Rios. Prazer em conhecê-lo, meninos. Eu não permito esse tipo de interrupção em qualquer lugar, menos ainda em um restaurante familiar. Seus jantares são comigo esta noite."

"Eu estou com ela." Disse outra mulher a partir da próxima cabine, olhando abaixo em seu nariz na direção da mesa de Antony. "Ele é um burro." O homem ao seu lado acenou.

Gregory viu um resplendor rastejando até o pescoço de Charlie. Havia poder em números.

Marisa deu um tapinha em seu antebraço suavemente. "Não se preocupe, querido. Respire. E deixe-me lidar com isso."

Logo em seguida, dois homens mais jovens caminharam da cozinha, a porta divisória balançando fechada com uma lufada. Um deles tinha um saco de caixas de isopor. Eles se aproximaram da mesa e falaram com Anthony e sua esposa. Ele rosnou para o rosto do garçom pronto para saltar aos seus pés, mas o cara sem o alimento se inclinou sobre a mesa e falou pausadamente para ele. Gregory estava morrendo para saber o que estava sendo dito.

"Ótimo. Este lugar é uma merda." Anthony empurrou para o homem, empurrando-o para fora de seu caminho. Ele ignorou os jantares oferecidos, provavelmente apenas a maneira mais rápida para obtê-los fora do restaurante. "Nós não vamos estar de volta."

Gregory riu quando várias pessoas começaram a aplaudir. Charlie riu dissimuladamente, cobrindo a boca com a mão.

"Eu odeio isso." Marisa murmurou quando pisou pela porta da frente, sua esposa obedientemente, miserável, na sequência. "Como ser um idiota, porque você é católico em um país Batista. Algumas pessoas não podem crescer."

Charlie limpou a garganta. "Obrigado, Marisa."

"Vocês dois são bem vindos. Desfrute dos seus jantares." Ela levantou-se, voltando à cadeira para o seu lugar desaparecendo para a cozinha.



Gregory esticou as pernas sob o painel do carro, suspirando com força, ficando confortável agora que eles estavam na estrada novamente. "O homem, isto foi doce dela. Eu amo pudim."

Charlie ainda estava envergonhado com o encontro todo. Seu pescoço acima do seu grosso suéter azul royal era uma tonalidade vermelha. "Eu simplesmente não consigo descobrir como Anthony tinha estado até ali. Ele tinha que ter tirado sua merda fora ainda em uniforme ou assim."

"Meh, quem se importa?" Gregory acenou com a mão, em seguida, estabeleceu-os ao longo de um estômago muito cheio e satisfeito. "Idiotas abundam."

"Nenhuma mentira nisso."

"Acho que ele era um dos tripulantes onde você estava estacionado?"

Charlie balançou a cabeça, torcendo apertado o volante em suas palmas. "Sim. Eu sei que você merece a verdade, mas iria trabalhar a versão *Reader's Digest*?"

Gregory ouviu a relutância. Com apenas os dois no carro, não poderia ser desperdiçado. "Charlie, qualquer coisa que você quer dizer."

Ficaram em silêncio por alguns minutos, então ele começou. "O resumo disso é, sim, um pouco mais de um ano e meio atrás, eu estava estacionado com Anthony e vários outros. Eu não estava fora para eles, e você pode ver o porquê. Anthony não foi o único assim e uma vez que eu tive uma dica, mantive minha boca fechada. Foi bom no geral, nós trabalhávamos próximos. Eu sabia que podia confiar neles, contar com eles. Tínhamos uma boa equipe." Ele levantou o chá para viagem do suporte e sacou um gole. Repondo-o, ele continuou com a história. "Eles pensaram que o meu parceiro era apenas meu colega de quarto. Ele não vinha

para a estação nem nada, então eles não o teriam conhecido. O problema era, porque tinha trabalho de três turnos de dia e de quatro dias, Garen tinha um monte de tempo para foder nas minhas costas. Seu novo namorado convenceu-o que livrar-se de mim e digno de assassinato. Garen passou a noite obtendo-me bêbado, drogou-me, jogou-me na minha cama, e iluminou a casa acima como uma fogueira na sexta à noite."

"Putá merda." Gregory nem sabia como responder a isso.

"Seu erro foi o envio da nota de suicídio para todos na minha lista de e-mail. Elizabeth pegou e imediatamente chamou a polícia e equipes de bombeiros. Por causa do atraso digital, a casa estava em completa chama. Cinco minutos mais e eu teria sido um menino branco muito torrado."

"As cicatrizes?"

"De ser enterrado sob um suporte do telhado que desabou, do meu ombro para o meu joelho. Garen pensou que ele tinha planejado a perfeição, mas mesmo drogado, tive presença de espírito suficiente para rastejar por uma janela no quarto. Inferno, nós somos treinados para essas situações. É instintivo sair de um incêndio. Eu só não fiz isso."

"Filho da puta, Charlie."

Ele continuou como se Gregory não tivesse falado. "Eu quase morri duas vezes. No fogo, e no hospital. Uma vez que a tripulação soube que eu era gay, eles inscreveram-me fora. Eu não tenho falado com eles desde então. Os amigos que eu tinha eram antes do incêndio. Depois do fogo, Charlie é uma pessoa muito diferente." Ele olhou para Gregory. "Então esse é a minha lamentável, sórdida história."

"E Garen?"

"Na prisão por incêndio criminoso e tentativa de homicídio. Seu garoto está também. Eu não tive que aparecer. Estando quase morto em uma UTI do hospital é prova suficiente, eu acho."

"In-porra-acreditável." Gregory respirou.

"Sim, isto suga também. Tinha sido a casa de minha bisavó."

"Ah, maldito." Ele balançou a cabeça, horrorizado.

"Mamãe estava pronta para matá-los sozinha. Não era grande, e ela tinha problemas, mas eu a adorava. Tinha algumas lembranças maravilhosas de Gram, minha avó. Outra razão era suscetível a incêndios. Foi apenas velha."

Gregory alcançou sobre e formou uma mão à coxa de Charlie em simpatia. "Isso foi errado em tantos níveis."

Charlie segurou sua mão sobre Gregory, onde ele segurava sua perna. "Obrigado. Por tudo que você fez. Você é o melhor." Ele apertou a mão de Gregory, que foi um bom retorno.

O golpe inesperado de seu polegar sobre as juntas de Gregory fez o seu coração fazer essa coisa tremular em suas costelas novamente. Mais difícil e muito mais perceptível. Loucamente, seu coração não era a única coisa que latejava.

Ele retirou sua mão com um último toque reconfortante, ignorando a pressa repentina de calor que rugia acima do seu braço e para baixo do seu corpo. Charlie continuou dirigindo como se nada tivesse acontecido. Apenas dois amigos, unidos. Exceto a sensação através dos seus dedos tinha migrado para vários apêndices. Era tudo o que podia fazer para não ajustar-se e tornar-se ainda mais visível.

Hora de seguir em frente.

"Ah, antes que me esqueça, eu estou voando até a Califórnia para Ação de Graças na próxima semana. De terça a domingo."

Charlie balançou a cabeça. "Tudo bem. Tenho certeza que eles ficarão feliz em vê-lo. Há quanto tempo você está aqui?"

Gregory respondeu tendo esquecido a pequena mentira branca, que ele tinha dito quando eles tinham se conhecido. "Quatro anos agora."

Charlie franziu o cenho. "Você mentiu para mim? Apenas se mudou para cá, minha bunda."

Foi à vez de Gregory corar. Droga! "Tudo bem, flagrado. Mas é realmente a única coisa."

"Honesto?" O olhar suspeito que Charlie deu a Gregory o fez querer se contorcer, implacável para a honestidade. O que mais ele poderia ter mentido? Ele lutou para se lembrar, e veio em branco.

"Totalmente."

Charlie não empurrou, embora seu olhar permanecesse acusando. "E Samson?"

"Vou levá-lo comigo. Eu não quero colocá-lo no canil do veterinário por cinco dias."

Charlie balançou a cabeça. Ambos se calaram para o restante da viagem.

CAPÍTULO SEIS

Gregory agitou-se quando o carro parou de se mover. "Tempo para eu assumir?" Ele bocejou e se espreguiçou.

"Sim, se você quiser chegar em casa. Ou você poderia dormir no carro. Duvido que vai ser confortável."

Gregory percebeu que eles estavam estacionados na frente do bangalô de Charlie. "Sarcástico." Ele abriu a porta, inclinando-se para estalar sua espinha. Ele gemeu quando estalou.

"Você soa como um velho." Charlie brincou do outro lado do jipe.

Gregory virou-se, sorrindo quando Charlie riu. Duas ervilhas, ele meditou. Ele fechou a porta, e depois andou pela frente para tomar o assento do motorista.

Charlie esperou, apoiado em sua bengala. Exceto pelo olhar desgastado, não parecia estar com dor. "Tudo bem. Eu vou falar com você depois."

Gregory estava ficando estabelecido no carro, quase pronto para bater ré, quando Charlie chegou os degraus para sua porta da frente. O andar de Charlie era duro por sentar-se por tanto tempo. Por alguma razão, ele fez uma pausa, sabendo que Charlie não precisava de ajuda, mas incapaz de apenas abandonar o homem. A desculpa de Gregory foi que seus faróis iluminavam a frente da casa. Com um suspiro de alívio, Gregory seguiu seu movimento a partir do assento do motorista, enquanto Charlie rigidamente escalou os degraus.

Foi quando ele estava parado na porta que sua perna cedeu.

Gregory estava fora do carro e correndo por todo o pequeno quintal, antes que percebesse o que estava fazendo.

Charlie estava amaldiçoando uma intensa sequência de palavrões, segurando seu peso em uma mão e tremendo.

Ternamente, Gregory facilitou suas palmas sob seus braços e ergueu-o. "Apoie-se em mim." Ele sussurrou. Apertado como um cabo esticado em toda parte, Charlie obedeceu, apoiando o tronco sobre o ombro de Gregory com um braço pendurado. "Chaves?"

Charlie cavou-as para fora e jogou-as em sua mão estendida.

"Está tudo bem." Gregory cantou.

"Fodido humilhante." Charlie mordeu fora.

Gregory teve a estranha vontade de acalmá-lo, para segurar Charlie, aliviar o tormento que ele sofreu. Ele teve a porta aberta para empurrá-lo dentro. "Vamos lá. Vamos para dentro." Uma vez dentro, ele encontrou um interruptor de luz. Ele segurou Charlie perto, sua cabeça no ombro de Gregory. O cheiro de pele quente e limpa masculina envolveram os sentidos de Gregory. Não havia dúvida que seu coração estava reagindo a isso, porque seu coração não estava sozinho. Sua pele se sentiu ruborizada em todos os lugares que Charlie tocava; até mesmo o áspero arfar de sua respiração através de sua camisa. Gregory empurrou isto para longe. Ele não podia pensar nisso agora. Não quando Charlie estava mal em pé, e rangendo os dentes de frustração e dor. "Como você está se sentindo agora?"

"Como eu quero disparar em mim mesmo." Foi o rosnar baixo.

"Cale a boca." Gregory não tinha certeza de que não havia um nível de verdade a essa declaração, tão desanimado quanto ele parecia. "Você não tem uma arma, não é?"

Charlie latiu um riso amargo. "Não. Eu estou zangado, não suicida."

Sua resposta resmungada acalmou o medo crescente de Gregory. "Tudo vem. Você já pode ficar de pé?" Gregory tinha estado abraçando Charlie por alguns minutos, um dos braços de Charlie apertou em torno da cintura de Gregory por apoio com seus próprios braços ao redor da estrutura de Charlie. Gradualmente, os tremores e arquejos que tinham abalado o seu corpo cessaram.

Se foi acidental ou não, uma mudança de peso trouxe seus corpos próximos. Gregory congelou enquanto seus cumprimentos vieram juntos.

Charlie ostentava um inferno de uma ereção por trás de seus jeans. Isto roubou a respiração de Gregory para longe.

Charlie limpou a garganta. "Sim, eu acho que posso agora." A profundidade bruta dessas palavras sacudiu-o.

Eles se endireitaram, mas quando deveriam ter deixado seus braços liberarem um ao outro, não o fizeram. Gregory olhou em seus olhos verdes fumegantes. Atrevidos olhos

verdes que sussurravam promessas e desejos famintos. Coisas que Gregory não entendia e não podia imaginar, mas se sentia seguro com Charlie. Uma corrente que o mantinha congelado, enquanto ondas de desejos varreram-no.

Charlie se inclinou para frente, apenas uma fração, e Gregory sentiu a respiração ofegante em seus lábios. Seu coração batia forte. O sangue correu. Pele queimou. Não havia dúvida que seu pênis estava prestando atenção, porque estava crescendo dolorosamente duro dentro de seus jeans.

A epifania foi surpreendente, chocante, e confusa como o inferno.

Ele estava atraído por Charlie.

Mas ele não podia estar. Gregory não era gay.

Gregory piscou e desenrolou sua posse. A vontade de fugir gritou com ele. "Você está bem?"

O olhar de Charlie afundou; cílios dourados escondendo-o. "Sim. Obrigado." Com um esforço intencional, Charlie estabilizou seu peso em sua bengala, liberando a cintura de Gregory completamente. "Parece que você está sempre me pegando do chão."

"É isso que amigos fazem." Ele conseguiu, tentando para irreverente e saindo demais afetuosos. Ele enviou a ordem para seu cérebro fazer as pernas dar um passo para longe. Elas finalmente obedeceram. "É melhor eu chegar em casa. Samson provavelmente tem que urinar um rio."

Charlie riu, mas soou forçado. Escorregando para fora da porta, Gregory fugiu para seu Jeep ainda parado em funcionamento, passos largos comendo terra. Ele bateu a porta fechada e soltou um sopro trêmulo. O homem havia estado excitado, e, a menos que ele precisava tomar *Chemistry 101* novamente, Charlie tinha quase beijado-o, foi condenado perto de beijá-lo.

O que balançou mundo Gregory era que Charlie não era o único que vinha sentindo a atração. O absoluto querer tinha sido elétrico. Gregory não se lembrava de sentir a necessidade de fechar a lacuna entre seus lábios e Charlie era como se ele tivesse apenas agora. Não entre ele e uma mulher, e nunca com outro homem. Um tremor sacudiu-o enquanto ele manobrava o jipe na estrada.

Ele ainda estava cheio e dolorido quando parou em frente de sua casa, o próprio pênis dele mostrando muito interesse nos segredos aquecidos que Gregory tinha visto nos olhos verdes de Charlie.



No dia seguinte, enquanto envolvido em uma tradução política da Rússia, o e-mail de Gregory soou. Abrindo a nova janela, ele sorriu, vendo endereço de e-mail de Laurence.

Bem, olha quem finalmente decidiu lembrar que o país se expande para além da linha do estado do Texas. Estou feliz que você enviou o e-mail. Você está fazendo a viagem de Ação de Graças anual? Deixe-me saber. Você vai querer estar aqui.

*Abraços e toda esta porcaria desleixada,
Laurence.*

Gregório escreveu-o com os detalhes da viagem e dentro de dez minutos teve uma resposta.

Que legal. Você pode fazer uma festa no sábado? Eu sei que é curto o prazo. Vou enviar o convite o mais rápido possível para sua mãe. A turma toda vai estar aqui.

Não me faça implorar ou chantagear.

Abraços,

L.

Gregory se recostou em sua cadeira. "Huh. O que ele tem na manga?"

Eu estarei aí. Envie-o. Agora você tem-me curioso.

Ele riu, batendo enviar.

Bebê é o tempero da vida. Vejo você na próxima semana.

Agora Gregory sabia que ele ia, só para ver o que os encenqueiros estavam fazendo.



Charlie estava no tatame, o peito arfando enquanto ele prendeu a respiração. *Flexões, abdominais, pernas e elevadores, oh meu Deus. O assistente por trás da cortina não tem nada em mim.* Ele sentiu como se devesse bater no peito ou algo assim. Pelo menos o seu braço tinha parado de tremer do esforço. Ele estava certo de fazer seu circuito de exercício total, desde o dia em que ele tinha tudo, exceto a cara plantada no degrau da frente. Ou talvez ele só devesse obter o joelho maldito reforçado que os seu fisioterapeuta foi dizendo que 'ajudava'. Não era tanto o joelho que estava dando para fora, mas o tendão de suporte de peso do lado de fora da coxa, bem como o seu danificado músculo jarrete e esse tendão. Seu joelho não era capaz de compensar a carga de trabalho de um tendão inteiro.

Ele chamaria o centro e obteria uma recomendação, então eles teriam que encomendar. Ele sentou-se e avançou para desembrulhar a banda de velcro sobre os pesos em seus tornozelos quando alguém bateu na porta da frente. Ele não estava esperando ninguém, então ele não se apressou para ver quem era.

Ele não precisava ter se preocupado. A porta se abriu.

"Charlie?" Era Greg.

"Aqui atrás." A porta fechou e passos foram ouvidos sobre os pisos de madeira. Ele manteve seu olhar desviado quando Greg parou na porta. Desde esta viagem para Houston dias antes, Charlie estava tendo problemas para controlar uma determinada reação física, sempre que ele pensava sobre o outro homem. Foda. Eu quase o beijei. É um milagre que ele ainda está falando comigo. E começando meus sonhos. A vida realmente adorava ser uma cadela para ele.

"Eu interrompo?"

Ele balançou a cabeça, puxando o peso livre. "Apenas terminei." Ele dobrou-o e colocou-o ao lado de seu irmão gêmeo.

"Quer uma mão?"

Charlie rolou um ombro, passou a mão suada na perna, e em seguida levantou-a. O agarre de Greg era firme, quente, seco. Com um puxão suave, Charlie estava de pé na frente dele, de frente para ele. "Obrigado." Suaves olhos castanhos, com toneladas de caráter. Nenhuma maneira que poderia ser chamado de chato. "Qual é a ocasião especial?"

"Huh? Oh." Greg sorriu, emitindo ondas de encanto infantil para dobrar seus dedos nos bolsos dos jeans. Ele fez girar a cabeça de Charlie com a necessidade renovada. "Eu estou indo para o aeroporto e queria desejar uma boa Ação de Graças. Você vai com seus pais?"

"Eu vou tentar. Eu poderia ficar a noite, e não fazer isto um de ida e volta. Samson está bem para ir?"

"Sim, ele está sendo mimado como você não iria acreditar. Eu espero que isso não o traumatize. É apenas por algumas horas em geral."

"Ele vai ficar bem." Charlie ofereceu para facilitar a sombra de preocupação nos olhos do amigo. Charlie sabia que Greg amava o seu cão. Ele espalmou sua bengala, reunindo-a fora da parede onde ela esperou sempre que ele se exercitava. Sim, com certeza vai olhar para esse suporte.

"Charlie?"

Ele tremeu; seus cílios deixando cair uma fração. Isso estava ficando fora de mão se apenas a profundidade de sua voz estava agora o fazendo reagir. Ele não podia se envolver, e

não apenas sugava que ele estava ficando excitado por seu único amigo, um amigo hetero. A palma de Greg curvou sobre seu ombro.

Isto ele podia quase lidar, determinado a esconder quanto Greg estava conseguindo nele.

Mas quando varreu seu polegar para cima, acariciando a umidade aquecida do pescoço de Charlie, ele sentiu como um fusível tinha sido iluminado sob o toque de uma pedra. Ele não conseguia parar a reação física. Ele só podia rezar para Greg não notá-la, porque não havia dúvida que seu pênis estava gostando da sensação de seu pescoço sendo pressionadas pela textura áspera desse polegar.

Charlie engoliu a maré de desejo que Greg causou. *Ele não sabe o que está fazendo. Não sabe o que está fazendo para mim.*

"Se você dirigir até lá, certifique-se fazer algumas pausas."

Charlie sentiu vontade de rir histericamente. Merda, ele está me avisando para não cair na minha bunda, e eu gostaria de poder ver a sua. Ele forçou os olhos para Greg, escondendo as reações tumultuadas por trás de um sorriso largo. "Sim, mamãe."

"Babaca."

Charlie decidiu então que os olhos marrons aquecidos com humor deviam ser considerados uma arma mortal. "Vá. Tenha um bom feriado."

"Você também. Eu vou ver você domingo ou segunda-feira."

Charlie andou Greg para a porta da frente, oferecendo um aceno enquanto ele foi embora. Lentamente ele fechou, então trancou a porta. Inclinando-se contra ela, seus olhos caíram fechados. Ele arquejou enquanto o seu coração disparou, e seu pênis doía por um homem que não queria desejar, por um homem que não poderia ter mesmo que quisesse.



Gregory sentou-se atrás do volante, feliz por haver esta longa viagem pela primeira vez. Suas reações a Charlie, o desejo que tinha estado lutando o estava deixando louco, confundindo a merda fora dele. Ele poderia ter chamado, mas senti que isto era uma saída inferior. Charlie era seu amigo. Um dos poucos que tinha, e realmente o único na cidade.

Ele varreu a mão pelo rosto, lembrando o calor de sua pele contra sua palma. Um sopro trêmulo caiu dele. "O que está acontecendo com você, Gregory?" Ele murmurou.

Ele repassava os momentos em sua mente. Tudo o que queria fazer era desejar-lhe um bom feriado. Ver se ele tinha planos para dirigir até seus pais. Sim, no fundo, isto o preocupava que ele faria a viagem e pudesse ter problemas, mas isto era apenas um amigo cuidando de outro. Não era? Ele sabia que a longa viagem seria uma pressão sobre ele, especialmente depois de ter compartilhado isto com ele e vê-lo por si mesmo.

Aproximando-se da porta do quarto de hóspedes, encontrando Charlie nas esteiras de ginástica, e não com roupas grossas ou blusas, mas uma camiseta úmida de suor que abraçou seu tronco e moletom preto; tinha feito suas pernas se sentirem fracas. Ele estava de frente para a porta, então Gregory poderia puxá-lo para cima. Uma vez que ele estava em pé na frente dele, Gregory não conseguia pensar no que dizer.

Quando o peito de um homem tornou-se quente? Charlie estava cortado, definido. Gregory poderia dizer que ele tinha cuidado de si mesmo, não deixando o que aconteceu atrasá-lo. Mas tudo o que ele tinha visto quando chegou ao quarto era um corpo forte, ombros largos e olhos verdes que estavam começando a assombrar seus sonhos. Não apenas qualquer verde, um verde profundo, como uma árvore de Natal verde.

"Você só precisa encontrar uma mulher para sair em um encontro, isso é tudo." Ele se convenceu. "Você esteve sozinho por muito tempo. As férias estão chegando. Então primavera, e a praia será embalada novamente no verão. Você está bem." Ele continuou a reiterar esses fatos toda a viagem.

As ereções que ele havia lutado eram anomalias de estar sozinho, não porque estava atraído por Charlie. Ele era um grande cara, mas como um amigo. Apenas como um amigo. Ele não era homofóbico. Alguns de seus melhores e mais loucos amigos em casa na

Califórnia tinham sido gay. Gregory era hetero e foi unido com os amigos. Deixando para trás qualquer um deles tinha chupado, ele não poderia argumentar isso. Ele teve que ir embora para progredir.

Charlie era um bom amigo, que realmente gostava e sentia que poderia fazer qualquer coisa estúpida e ser perdoado, um amigo de verdade, dando-lhe o mesmo respeito. Ele poderia viver com isso. Isto não queria dizer que foi atraído por ele. Tinha sido o estresse e a ansiedade, isso é tudo.

Deixando escapar um suspiro aliviado que tudo estava certo em seu mundo novamente, ele verificou sobre o som de Samson dormindo no banco de trás, com a gaiola de viagem e a bagagem na parte traseira do jipe. *Califórnia, aqui vamos nós.*

CAPÍTULO SETE

Gregory chegou sem problemas, foi babado por um Samson extasiado, e ambos foram apanhados por sua mãe em Los Angeles.

"Oh! Ele é adorável!" Ela balbuciou em Samson, que abanou o rabo em saudação de dentro de sua gaiola.

"Você quer dizer eu, certo?"

Ela bateu o braço de Gregory, dando-lhe este sorriso paciente de mãe. "Sim, querido, você também."

Uma vez que eles estavam na estrada, ela cavou em sua bolsa. "Aqui. Eu tenho esse e foi dito para lhe dar imediatamente. O que está Laurence fazendo esses dias?"

"Eu não tenho certeza." Ele agarrou o envelope de linho. "Decorativo. Eu me pergunto por que não me convidou, antes que ele sabia que eu estava vindo para ver vocês?"

"Talvez ele não quisesse influenciar a sua viagem?" Sua mãe sugeriu.

"Talvez." Ele repetiu, distraído. Ele arrancou a tampa, deslizando para fora o convite. O cartão gravado imediatamente chamou sua atenção. "Eu vou ser condenado."

"Gregory."

"Pare com o sentimento de culpa. Eu ouvi você no jardim."

Sua mãe corou, mas não o negou. "O que diz?"

"Ele e Josh vão se casar. Esta é a sua festa de noivado."

"E eles não convidaram você?"

"Eu meio que caí fora de sintonia em relação ao ano passado. Eles provavelmente pensaram que eu tinha escrito eles fora. Não é como eu vivesse em dois subúrbios ou qualquer coisa assim."

"Sim." Ela balançou a cabeça melancolicamente. "É difícil. Você fica mais velho, casa, arranja emprego, muda-se." Ela olhou para ele, os olhos castanhos afiados como nunca. "O que sobre você?"

"Você dirige." Ele fez um sinal para frente com uma mão. Para uma mulher em final dos seus cinquenta anos, ele sabia melhor do que ir cabeça a cabeça com ela. Ele perderia, de cada vez. "Ninguém ainda." Ele respondeu.

"Você está procurando, querido?" Ela perguntou isso com uma nota de preocupação maternal. Linhas de expressão minúsculas formadas entre suas sobrancelhas, a prova que tinha tido muita prática ao longo dos anos, graças a ele, tinha certeza.

"Não, não realmente. É uma cidade turística. Há quase 10 mil lá o ano todo. Eu tenho uma chance melhor em Corpus ou Houston, mas eu não tenho necessidade de ir lá muitas vezes." Ele se lembrou da viagem que fizera com Charlie na semana passada. Foi à primeira viagem que ele tinha feito em quase três meses, e sua próxima não foi programada para depois das férias. E o fato de que tinha apenas mais diversão saindo com ele do que qualquer um na memória recente, masculino ou feminino, não se perdeu nele. Ele balançou seus pensamentos soltos do outro homem. Gregory estava na Califórnia para os próximos cinco dias, e Charlie estaria bem. Ele estava sozinho por mais de um ano. O aparecimento de Gregory em sua vida não mudaria isso.

Então por que você continua circulando em torno do fato de que você honestamente não queria vir este ano? Por causa de Charlie. Ele engoliu o gemido. Ele ficou em silêncio, não capaz de dizer a sua mãe mais. Isto estava muito confuso para ele, não importa o quão seguro se convenceu de que estava, algo que iria balançar e estaria de volta a questionar e duvidar do que ele sempre assumiu era irrefutável.

"Você está indo?" Ela olhou para o cartão.

Ele bateu no canto em sua coxa distraidamente. "Oh, definitivamente. Estes palhaços me convidarem no último minuto? Vou dar-lhes o inferno."

"Vou mandar algo com você. Eles não têm que ignorar toda a família, porque você está em um avião indo embora."

Gregory sorriu para sua mãe. "Vou lembrá-los. Tenho certeza de que eles vão apreciar isto."

Trabalhando com Laurence, RJ, e Josh na faculdade há sete anos, durante e após suas aulas estarem completos, eles tinha crescido perto, e Mickie adorava todos eles, como a

família alargada, ou mais filhos. Ela tinha espaço para tantos filhos quantos precisavam dela, embora só tivesse ele e seu irmão mais velho, Jay.

"Vou chamá-los assim que chegar à casa. Ver os detalhes."

"Veja se um dos seus amigos tem uma irmã solteira."

Gregory revirou os olhos, mas não mordeu a isca.



Charlie fracassou na cama sobressalente em casa de seus pais, logo que chegou exausto depois de fazer a viagem a noroeste de Houston. Seus pais estavam quase em *The Woodlands*, o que significou que ele teve que dirigir evidentemente através de Houston. Não é à toa que escolheu viver perto da praia. As pessoas eram motoristas impiedosos em Houston. Havia a mentalidade não 'homem melhor' aqui. Era matar ou ser morto.

Ele jogou um braço sobre os olhos e, lentamente, deixou o estresse e a tensão, para não mencionar a pressão sobre a perna e costas, escorrer.

Ele deve ter cochilado, ouviu a porta da frente fechar, trazendo-o acordado. "Charlie? Você está acordado?"

"Sim, mamãe. Eu estou aqui." Ele gemeu, rolando para sentar-se. "Eu pensei que viria um dia mais cedo e ir para casa na sexta-feira." Ele a chamou.

"Tudo bem." Havia barulho na cozinha. Não era a casa que ele tinha sido criado. Seus pais haviam vendido essa. Esta era uma casa de único andar, simples, mais próxima do trabalho de seu pai, e considerando o tráfego do centro da cidade, Charlie não o culpava um pouco. A casa não era nada muito extravagante, mas apropriada para a área, o que alguns chamavam estilo cortador de biscoitos de casas. Seus pais eram felizes com ela. Mantiveram-se os quartos mobiliados extras no caso de ele ou sua irmã vieram para um fim de semana.

Ele tinha sido culpado de não visitar uma vez que ele havia se mudado após o incêndio. Ele ficou com eles durante meses em recuperação, mas eles tinham entendido, esperava; que ele precisava ficar longe de onde tinha tudo desmoronando ao seu redor. Apenas uma das muitas razões pelas quais ele adicionou um dia extra para a viagem ao norte.

Isto não tinha absolutamente nada a ver com o fato de que ele sentiu falta de Gregory, e se sentiu mais sozinho, desde que ele partiu para a Califórnia.

Plantando sua bengala para segurá-lo, ele se levantou da cama, nem mesmo de pirraça com o fato de que precisava depois desta viagem. Ele ligou para o centro de fisioterapia antes de fazer a viagem, mas com o feriado, não havia nenhuma possibilidade de encontro com o seu fisioterapeuta para ser dimensionado para certamente reforçar. Ele teria que quer fazer a viagem novamente ou ver se um centro local poderia obter as especificações e enviá-las aos escritórios lá em Houston.

A terceira viagem só não foi algo que ele queria sequer pensar no momento.

Caminhando pelo corredor por molduras de fotos de si mesmo, Elizabeth e seus pais, ele pegou nas paredes claras, o carpete de baixo e as decorações pequenas quinquilharias familiares de sua infância. Ela tinha feito uma guarnição de treliça rosa em uma beira do papel de parede na parte superior das paredes no teto. Foi caseiro. Ele gostou. Felizmente, a imagem que ela tinha tido de si mesmo e Garen tinha descido há muito tempo.

"A casa olha bem, mãe." Ele se curvou e beijou a bochecha dela. "O acabamento é novo?"

Ela assentiu com a cabeça. "Será isso durante o verão." Ela estava esvaziando sacos de supermercado cheios de guloseimas e ingredientes para cozinhar no dia seguinte.

"Qualquer coisa que você precisa de ajuda?"

Ela sorriu para ele. "Não, eu estou bem, bebê. Vá descansar. Você olha morto em seus pés."

"Eu sinto isso. Não tenho estado dormindo bem."

Ela cobriu seu rosto. "Está tudo bem. Seu pai não vai estar em casa por algumas horas ainda, e Elizabeth não vai estar aqui até amanhã de manhã. Vá relaxar."

Ele a beijou novamente. "Obrigado. Eu acho que eu vou."

Charlie adivinhou que ele estava dormindo por horas, porque estava breu escuro quando o sonho acordou-o. Bem, o sonho e a excruciante ereção.

Encolheu-se sob os cobertores, mas teve de se esticar para deitar de costas e aliviar a pressão sobre suas bolas.

Seu moletom e suéter estavam na ponta da cama, porque tinha se despido para relaxar mais profundamente. Aparentemente tinha funcionado. Ele virou a cabeça. Os números no relógio de cabeceira disseram que era passado das duas da manhã. Ele tinha dormido por não completamente oito horas, algo que não tinha sido capaz de realizar nas últimas semanas. Correndo uma mão para baixo em seu quadril, inconscientemente massageava sua coxa. Arrepios ainda acendiam na diminuição dos estouros enquanto o resto do sonho desvaneceu.

O sonho tinha sido tão vivo que ele tinha despertado com a ereção mais dura de sempre na cueca. O material solto tinha lhe acariciado, da mesma forma que ele tinha sonhado com a mão tocando-o. Um suspiro estremeceu seu peito, onde deitou plano. Com os olhos ainda fechados, podia imaginar as imagens, e focando sobre elas apenas as fez mais nítida, mais completa. Ele arquejou com um gemido baixo. A mão sobre sua coxa vagou.

Maldito desejo. Ele não sabia quando isto já tinha começado, mas sabia quem isto o estava perseguindo. Oh, ele sabia.

Gregory Anders. Seu único amigo no fodido mundo todo, que ainda estava falando com ele depois que quase o beijou. Quem ainda tratava o como um homem depois de vê-lo desmoronar, e banhar a sua bunda, nu como um bebê. Sua mão levemente dobrada sobre seu pênis coberto e ele estremeceu.

Não importa que o outro homem estivesse em linha reta. Inconscientemente, estava abastecendo alguns fodidos sonhos eróticos, fantasias que seu corpo estava começando a responder quando nada tinha chegado a ele em mais de um ano. Charlie não queria querer o homem. Inferno, Greg era hetero, mas tente dizer isso a sua furiosa libido.

O aperto da mão aquecida movendo para cima, depois para baixo, sem apertar muito, apenas um leve toque. Ele odiava a si mesmo, mas isso não impediu o desejo. Não foi possível parar o querer.

Os sonhos quase sempre começavam com aquele momento em que eles se abraçaram, o braço em volta da cintura de Greg e ambos os seus em torno de Charlie. Fazia tanto tempo que ele tinha apenas sido segurado, isto tinha feito sentir-se tonto. Sua mão se moveu de novo, arqueando sua coluna enquanto o prazer e o desejo alargou brilhante em uma sensação maior que a vida ao longo de seu corpo inteiro.

Charlie tinha respondido instantaneamente ao contato, com o cheiro da pele quente. Ele tentou não se mexer, para não deixar o outro homem saber o que estava acontecendo, mas, em seguida, Greg tinha movido, trazendo seus corpos próximos. Charlie não poderia ter escondido sua reação com a forma como eles pressionaram juntos.

Seu punho apertado em resposta aos momentos lembrados, às sensações, o raspar do jeans bruto, e o suave algodão da camisa de Greg sob seus dedos. O movimento de carne por baixo desta barreira fina.

Em seus sonhos, Charlie começou a beijá-lo. Devorou Greg, respirando com ele, provando-o. Deitado na cama, sua mão se moveu em sua própria agora, alimentando o fogo que os seus sonhos haviam acendido. Ele aliviou suas coxas abertas, querendo sentir o peso de Greg sobre ele, o pressionando, peito a peito, o tempo todo mamando em sua língua e prolongado em seus lábios.

A boca de Greg foi uma incrível fabricante de fantasia. Lábios que não eram muito finos, lábios que sabiam sorrir.

Charlie gemeu baixinho, arqueando o pescoço, sentindo cintilar o calor dos beijos de Greg, o tormento de sabor de sua língua. Os sonhos lhe deram muitas fantasias.

"Você saboreia bom." Greg sussurrava, mordiscando com mordidas e pequenos beijos bebericadas de amor do abaixo seu pescoço para agarrar a carne do ombro de Charlie entre os dentes, apenas o suficiente para fazê-lo tremer e gemer com vontade. "Mmm, você vai gozar para mim, bebê? Eu adoro assistir você acariciar esse pênis grosso. Deixa-me louco."

O corpo de Charlie estremeceu mais difícil, com a mão obedecendo à fantasia secreta, o desejo cru. Greg seria o tipo de levá-lo lentamente para fora de sua mente, fazê-lo implorar e pedir, em seguida, quebrar o seu mundo com êxtase.

Ele não se lembrava de fazê-lo, mas inclinava um joelho, empurrando para a gaiola, agora apertada de seu punho, bombeando seu pênis com golpes duros de seus quadris. O brilho do desejo nos olhos castanhos de Greg o levou, avidamente observando cada movimento.

"Deus, você é sexy." Sua fantasia Greg respirava. "Eu quero você."

Não haveria hesitação, seus corpos em sintonia e ansiosos. Ele seria atencioso com a perna de Charlie, acariciando e cantando enquanto Charlie ergueu-se para o pênis de Greg.

"Por favor." Charlie gemeu, seja na fantasia ou real, ele não sabia, e não poderia se importar menos.

"Eu tenho você, bebê." O furto de uma língua sobre sua espinha fez sua fantasia autoarrepia. Charlie tremia; seu pênis inchaço na mão, tão perdido na fantasia, sua bunda apertada em antecipação da invasão por gozar. Greg tomaria seu tempo, atormentando-o com prazer, até que Charlie foi reduzido a choramingos suplicantes. "Você é o homem mais sexy que eu conheço." Charlie queria soluçar, carente de atenção, mas morrendo pela liberação mais.

Em seguida, a pressão de um dedo liso revestido iria enviar o seu mundo cambaleando, seu corpo tremendo com a necessidade de liberação.

"Ainda não." Greg disse em seu ouvido, a mão de Charlie se movendo mais rápido sobre o tecido de sua boxer. Seu corpo cerrado, seu ânus queimando com a necessidade de ser preenchido.

Com a paciência de um homem que amava, Gregory iria prepará-lo, tocá-lo e não se decepcionar ou fugir do corpo que ele tinha agora. Charlie nunca tinha prescindido de um preservativo em sua vida, mas de alguma forma, o desejo mais profundo do que ele queria com Gregory eliminou-o de sua fantasia.

"Oh, Deus." Ele gemeu, mordendo o lábio, rolando a cabeça no travesseiro como o calor de estar cheio, um lento centímetro a cada vez, varreu-o. Sua pele estava quente, a respiração difícil e afiada.

"Toma-o, lindo. Cada último centímetro."

"Foda-me." Ele respirou.

"Para o resto da minha vida." Gregory respondeu, em seguida, com um braço firme no quadril de Charlie, retirou-se, para provocá-lo, para empurrar até que seus corpos fossem um só.

Charlie gritou, enfiando os dedos em sua boca para mordê-los, para abafar o grito enquanto sêmen entrou em erupção debaixo de suas boxers. Pontos brancos atravessaram suas pálpebras fechadas enquanto seus quadris empurravam, espremendo suas bolas apertadas a cada esguicho.

Ofegante, ele retornou gradualmente ao silêncio escuro de seu quarto emprestado, seu apertado traseiro, vazio. A visão de um apaixonado Greg desapareceu, o desejo quente dos seus corpos, o gosto dele em sua língua, foi.

Ele jogou um braço sobre os olhos, escondendo-se da realidade. Fisicamente, um chuveiro iria curar seu problema imediato.

Emocionalmente, ele foi um desastre sem esperança à vista.

Querendo o homem era ruim o suficiente.

Isto era uma esperança sem saída para ele completamente.

Charlie não podia confiar a amar de novo, e a coisa importante: Greg era hetero.

CAPÍTULO OITO

"Gregory!" A porta se abriu sábado à noite e Laurence, todo o um metro e setenta e cinco de homem leve, pulou em seus braços.

Gregory riu quando ele foi abraçado mais apertado do que uma jiboia faminta por Laurence. "Ei, feijão de corda!"

"Morde minha bunda."

Gregory deslizou um pacote rindo de exuberância para o chão. "Não. Josh estaria esmagando minhas luzes."

"Não no seu caso." Josh disse, vindo por trás de Laurence e puxando-o para trás em seu corpo. "Você é da família. Isso é um passe livre."

Gregory gargalhou, inclinando-se para levantar os presentes que ele colocou abaixo para bater. Não era a primeira vez que ele foi recebido a *la Laurence*, e duvidava de que esta seria a última. O homem era quase tão mau como Samson, apenas melhor domesticado. "Aqui. Um é meu, o outro é da mãe, e ela disse que pare de ignorá-la."

Laurence levantou a mão, deixando Gregory entrar na casa lotada. "Eu juro, ela está convidada para o casamento."

"É melhor que ela esteja, ou eu nunca vou ouvir o final disto."

Os olhos azuis bebê de Laurence brilhavam. "Vamos lá dentro." Ele girou a gritar por cima do ombro, indiferente as pessoas na sala, ou no caminho de sua voz. "RJ! Dane-se, homem! Venha aqui!"

Josh aliviou os dois pacotes embrulhados de suas mãos. "Ainda bem que você pode fazer isso." Ele sorriu para Gregory com uma felicidade incontida que tinha sido uma longa jornada para o par.

"O que estavam vocês dois pensando? Não me convidar?"

O sorriso de Laurence vacilou. "Você ficou quieto sobre nós, Gregory. Você não respondeu nenhum e-mail."

"Eu não recebi nenhum." Ele respondeu impotente.

"Eu disse a você!" RJ delimitou para o quarto, dois caras e uma mulher em seus calcanhares. "O homem nunca foi verificar a sua pasta de spam. Você sabe onde é isto?"

"Claro que eu sei. É mesmo ao lado da pasta espumante." Ele riu com o seu gemido grupal "Anita!" Ele engoliu-a para um abraço.

"Oi, bonito." Ela bicou-o na face. Voltando atrás, ela dobrou a mão em seu marido Trace.

"Bom ver você, Gregory." Eles apertaram as mãos.

Ele suspirou de prazer feliz. Cercado por amigos de novo, sentiu-se mais leve do que ele tinha em dias.

"Da próxima vez, ligue. É uma invenção incrível." Gregory provocou Laurence.

Laurence ganiu; arrancado para longe com um puxão em sua mão, literalmente, em outra direção, rindo enquanto ele foi sugado para dentro da multidão. RJ abraçou Gregory e ele instalou-se para ver o que seus amigos de casa estavam preparando.

De pé sobre o pátio com uma cerveja um pouco mais tarde conversando com Josh, Laurence, RJ e seu namorado Toby, eles rediscutiram memórias sob luzes de lanterna e bandeiras. O quintal estava iluminado com tochas tiki¹, enquanto a música e o riso rolaram em ondas de dentro da casa onde a festa estava sendo realizada. Gregory descobriu que era um amigo de Laurence e Josh, que tinha se oferecido para sediar a multidão. O homem era um ser corajoso.

"Então, quem é a menina de sorte de volta para casa com você?" Josh perguntou.

Laurence aninhado contra o corpo maior de Josh, um suspiro de contentamento bater Gregory duro. Sua felicidade combinada era o tipo de felicidade que Gregory queria, mas por



1

alguma razão, o que estava iludindo. Inclinando sua garrafa, engoliu um pouco, sentindo-se fora de ordem novamente. "Eu não tenho uma."

"Você está brincando? Um garanhão quente como você? Os bebês da praia devem ser tudo sobre você." Laurence gritou.

Gregory sorriu para seus amigos e suas expressões mutuamente chocadas, como se fosse um libertino da praia. "Se eu deixar a minha casa, talvez. Eu trabalho em casa, rapazes. Se eu não encontrá-la no corredor de produto, eu não estou encontrando ela."

"Pepinos." RJ riu de trás de sua própria bebida.

Laurence corou até a raiz dos cabelos loiros platinados. "Cale. A boca!"

RJ levantou as mãos em sinal de rendição. Gregory sorriu consciente de que tinha perdido alguma coisa, mas era de se esperar. Especialmente com esses três.

"Tem alguém capturado seu olho? Quatro anos é muito tempo." Josh estudou-o com compreensão e preocupação. Até a recente falta de comunicação, Gregory manteve-os em suas travessuras. Existir realmente um alguém não tinha sido um longo prazo, desde que ele mudou para o Texas. Sendo perto de idade, ele e Josh tinham olhado uns pelos outros, amigos apertados que tinha ficado desse jeito. Gregory não poderia imaginar abandonar qualquer de seus amigos mais próximos, mesmo se fossem estados de distância.

Quanto a Josh, ele lutou longa e duramente para encurralar Laurence e depois mantê-lo. Josh tinha sido apaixonado por ele há mais de um ano, antes mesmo de Laurence ter uma pista, então o verdadeiro trabalho começou, porque Laurence era uma cadela, dentro e fora da cama, se suas histórias eram para ser acreditadas. Mas, uma vez que o animal tinha sido domado, Laurence era de ninguém, exceto de Josh. Isto foi preciso dizer que se alguém entendeu o período de seca que Gregory tinha estado, ele entendia.

"Tudo que eu tenho é um amigo que conheci há algumas semanas na praia. Charles Baker. Charlie. Ele era um bombeiro, mas foi liberado após uma lesão. Eu sei que vocês gostariam dele." Imaginando Charlie com este grupo o fez sorrir. Gregory sabia que ele ia gostar deles. Honestamente, seria condenado fantástico.

"Um bombeiro." Laurence ronronou em agradecimento, as suas pálpebras à deriva a meio mastro. Gregory duvidava que quisesse saber o que ele estava pensando.

"Para baixo, bebê." Josh puxou em seu ombro, formando-os quadro a quadro, em seguida, prendeu-o firmemente com um braço sobre o peito. O sorriso em ênfase de come merda que Laurence deu a Gregory provou que tinha sido uma manobra, e funcionou. Ele apenas balançou a cabeça, rindo silenciosamente no jogo de poder. Laurence podia ser o homem menor, mas ficou claro quem governava.

"Por que você não o traz para o casamento? Um amigo seu é um amigo nosso." RJ ofereceu.

Trazer Charlie? Por que fazer esta viagem fez seu coração de uma forma que tinha antes que ele partiu? Ele percebeu que sentiu falta do outro homem, e isso só foi acrescentando ao seu dilema de o que estava errado. Não havia muito que ele pudesse fazer sobre isso então. Gregory deu de ombros. "Posso perguntar-lhe. Ele provavelmente amara isto. Ele está isolado desde a sua lesão."

"Oh." Laurence respirou simpatia. "Pobre homem. Vamos encontrá-lo duas moças para mimá-lo enquanto ele está aqui. Nada como um pouco de atenção para animar um homem para cima."

"Eu diria que sim, mas duvido que fosse ajudar. Um, você precisa de caras, e dois, ele é muito reservado." Considerando a tragédia e trauma que o homem tinha sofrido, era uma maravilha que tinha falado com Gregory em tudo aquele dia na praia. Ele não tinha tanta certeza Gregory próprio não teria beijado fora de qualquer coisa a ver com a socialização depois do que Garen tinha feito.

"Espere." RJ piscou, empunhando a mão no quadril. "Ele é gay?"

"Não em um nível de Laurence, mas sim, ele está fora."

Laurence virou-se, Gregory sorriu maldosamente em troca. Ele simplesmente pegou o olhar que Josh e RJ compartilharam, descartando-o enquanto drenou a sua cerveja.

"Outra?" RJ arrancou a garrafa drenada para fora de seus dedos antes que ele mesmo terminasse a ação de engolir a última borra, Gregory boquiaberto depois, enquanto ele girou e desapareceu dentro, Toby fugiu quente em seus calcanhares.

"Uh, certo?" Ele respondeu.

"Bebê, vai dizer a Micro Man para trazer alguns lanches, você poderia?" Josh beijou os lábios de Laurence, então golpeou o seu traseiro coberto de sarja preta.

O loiro ronronou, seguindo atrás de RJ.

"Vocês têm aperfeiçoado isso, para uma arte." Gregory disse entoou secamente.

"O quê?" As sobrancelhas de Josh levantaram-se, não chegou à inocência.

"Tudo bem, o que você quer me dizer?"

Josh fez um sinal com a cabeça inclinada para levá-los ainda mais para o quintal.

"Conte-me sobre Charlie."

"Hãh?" Os dois pararam na beira dos tijolos. "Por quê?"

"Apenas me diga como você o conheceu." Confuso Gregory disse. Então, "Você já passou algum tempo com ele?" Josh cruzou os braços, ouvindo, observando, mas para que Gregory não poderia ter dito se sua vida dependesse disso.

"Sim, um jogo de futebol no primeiro dia que nos conhecemos, e ele precisava de uma carona não muito tempo atrás." Ele franziu a testa. "O que há com o interrogatório, Josh?"

Josh passou a mão em seu pescoço. "Gregory, não leve isso a mal, mas você literalmente se acende quando fala sobre ele."

"O quê?" A boca de Gregory caiu.

"Você não era mesmo assim quando namorava Rachel, e eu sei que você importava com ela muito."

Gregory deu de ombros, esta particular namorada no fundo de sua história. "Então?"

"Tudo bem, deixe-me tomar esta outra direção. Seus melhores amigos são gays. O seu amigo mais próximo de onde você vive agora é gay."

Gregory suspirou com irritação crescente. "Josh, eu não sou gay."

"Não estou dizendo que você é." Ele continuou amigavelmente. "Mas acho que você gosta de Charlie."

"Ele é um cara ótimo, claro que eu gosto." Ele estendeu as mãos para fora, confuso novamente.

"Então isso, não iria incomodá-lo se ele se engraçou com um namorado esta semana, enquanto você estiver fora da cidade?" Os olhos cinza de Josh escureceram intenso, perspicaz zerado com cada faceta da reação de Gregory.

Gregory estava pronto para responder a isso, com certeza estas palavras que caíram de seus lábios. Ele disse: "Eu ia odiar isso."

Atordoado em silêncio, Gregory queria bater retroceder e editar, porque não era isso que ele tinha planejado dizer.

Josh sorriu gentilmente e colocou uma espécie de mão em seu ombro. "Gregory, eu acho que Charlie significa mais para você do que um amigo. Eu não estou dizendo para você mudar de equipe, mas se você não tiver certeza de uma forma ou de outra, alguém vai se machucar se você não pode decidir. Você não pode mantê-lo, se não o quer por si mesmo. Se ele encontra alguém, então você vai se machucar, e nenhum de nós quer ver isso. Você é o nosso outro irmão."

Gregory foi escancarado no descrédito no que Josh foi muito amplamente insinuando. "Você acha que... eu... Charlie..."

Josh balançou a cabeça. "Eu não estou dizendo que acho qualquer coisa, Gregory, mas eu só vi você com essa expressão uma outra vez, e ela está muito longe e casada com outra pessoa. Então você me diz. O que Charlie significa para você?"

Ele passou a mão trêmula sobre sua cabeça. "Josh." Gregory queria correr. Queria correr a partir da conhecida bondade de seus amigos, a partir da confusão que havia crescido de uma leve irritação e às vezes obstáculo para um completo tsunami em seu intestino. "Eu não sei o que fazer." Ele finalmente sussurrou; seu estômago triturado em si mesmo tão apertado, ele sabia que em mais alguns segundos estaria dobrado.

"A única sugestão que tenho é esteja aberto." Josh olhou sobre o ombro de Gregory e balançou a cabeça, obviamente, mantendo os outros à distância, que estava bem com ele. Gregory não tinha certeza de qual caminho estava acima para o momento. "Você provavelmente não sabe disso, mas eu estava exatamente como você antes de Laurence. Este homem levou-me à loucura, e não sexualmente no início. Tudo que eu podia ver era bolas de discoteca e lantejoulas, quando ele entrava em uma sala. Esta sua efervescência natural e eu

ainda estávamos tentando justificar como ele me fez sentir, porque eu não queria querer outro homem. Quando eu finalmente admiti que me importava, bem, você estava em torno desse circo. Se algum dia eu perder Laurence, eu não tenho certeza de que eu poderia encontrar mais ninguém." Ele engoliu em seco, um brilho fino fazendo seus olhos brilharem. "Para mim, ele é o negócio real. Você realmente acha que vou dizer foda-se e jogar isso fora, porque ele é um cara? Então, as pessoas sentiram a necessidade de rotular isto. Isto quer dizer levantar para mim ou para ele. O que nos importa é que nós amamos um ao outro."

A mão de Josh deslizou para longe. "Talvez o pacote da felicidade vindo não fosse tal controvérsia, se mais pessoas honestamente apreciassem a felicidade em primeiro lugar." Josh fez uma pausa, situando-se em seu ombro antes de sair de Gregory para reunir-se junto novamente. "Basta lembrar. Você é nosso amigo, nosso irmão daqueles anos loucos de antes, até que estamos velhos e grisalhos e disparando a merda na casa de repouso. Nós queremos que você seja feliz, e não importa quem você trouxe para casa e nos encontrar, nós o amamos muito."

Gregory engoliu em seco, olhando para as sombras do pátio decorado quando Josh saiu, lutando para não deixar as lágrimas em seus olhos caírem livres. Ele nunca tinha sido emocional, mas o desejo de agachar-se e esconder o rosto com as mãos até que ele não podia desperdiçar uma gota bateu nele. Confusão, emoções, e o sussurro silencioso de que o que Josh disse só poderia ser verdade rodava através dele.

Gregory lembrava aqueles anos, os seus vinte e poucos anos, terminando a sua licenciatura e autônomo através de sua faculdade e ganhando respeito e contatos com os outros. A amizade que Josh, Laurence e RJ tinham oferecido havia sido incondicional. Ele tinha ainda levava Rachel em encontros com eles, apesar de Josh ainda estar rosnando e, geralmente, irritado com Laurence naquela época. O que eles tinham agora não tinha começado como um relacionamento amoroso. Mais como um tigre e um urso na mesma jaula.

"Lantejoulas e bolas de discoteca." Ele quase bufou. Isso foi Laurence ao pé da letra. Nada o segurou para baixo, mas não houve discussão do quanto mais calmo ele estava com

Josh por aí, e quanto mais felizes os dois homens eram. Puxando uma respiração lenta, ele imaginou a introdução de Charlie para os três patetas.

Com sua respiração nivelada, ele fechou os olhos e imaginou Charlie. O cabelo curto loiro-praia e olhos verdes. As maçãs do rosto largas que lhe deram uma boca generosa. O senso de humor perverso que jogou tão bem entre ambos. Imagens continuaram a aparecer.

A camiseta azul escuro que seus suéteres grandes camuflavam. Gregory ainda não tinha ideia de qual era a extensão das cicatrizes de Charlie. Passando as mãos sobre seu jeans, ele percebeu que não importava.

Mordendo o interior da bochecha, a única coisa que ele não tinha certeza era se Charlie queria até mesmo tentar. Após o atentado contra sua vida, ficou claro que ele tinha se isolado por uma razão. Gregory não tinha certeza se poderia comprometer-se o suficiente para ver isto através se ele fosse apenas machucar Charlie mais. Ele não queria estragar a amizade deles, também. Talvez se tentasse ir lentamente, o que fazia sentido, considerando que ele não tinha ideia de como... cortejar? Namorar? Merda... Outro cara. Um punho bateu em sua coxa em irritação.

Uma coisa que estava quase positivo era que Charlie foi atraído por ele também. Ele sabia que não tinha imaginado o que tinha quase acontecido entre eles antes de vir para a Califórnia. A viagem para Houston. O tropeço em sua porta. O abraço que se seguiu que tinham ambos sentindo mais do que ele sabia que tinha previsto, que tinha ambos fisicamente amarrado em nós. E oh, Deus, o quase beijo. O que teria acontecido se Charlie não tivesse parado? Se Gregory tivesse permitido isso? Havia mesmo movido apenas isso mais ele mesmo? Seus dedos se enroscaram em um punho fechado, para liberar novamente devagar. Ele não era um adolescente verde. Ele sabia o que uma ereção era especialmente se não fosse a sua própria. Agora Gregory poderia enfrentar o que tinha estado entre eles.

Atração cataclísmica.

E não o aterrorizou. Isso o fez nervoso, inseguro, mas o terror do momento se foi.

Poderia ele? Ele nunca pensara assim sobre qualquer outro homem. Ele devia estar descartando isso, devia ser capaz de empurrá-lo bem longe e nunca pensar sobre isso

novamente. Mesmo que ele era inteligente o suficiente para perceber que já tinha tentado fazer exatamente isso. E não estava funcionando.

Isto era apenas Charlie? Gregory praguejou baixinho. Tinha que ser. Não havia ninguém como ele. Gregory nunca havia se sentido assim também, com o coração disparado, mãos úmidas só de pensar nele. Talvez ele precisasse de sua cabeça examinada. Não seria a primeira vez que questionou-se sobre algo que deveria ser óbvio, mas não foi.

Ou talvez ele precisasse apenas fazer como Josh sugeriu e estar aberto. Não era ciência de foguetes, e por tudo o que sabia, poderia ser um fracasso colossal. Ele poderia estar lendo mal todas as pistas. Química poderia acontecer em qualquer lugar, não significa que foi feito para eles.

Não era como se ele já tinha perseguido um cara ou até onde ele sabia, nunca tinha sido perseguido ele mesmo. No entanto, sabia, no fundo, nas sombras secretas, que queria fazer isso, que ele estava muito atraído por Charlie. Queria tocá-lo, e se ele conseguisse ir tão longe, muito mais, embora ele não tivesse ideia de como. Essas blusas escondiam um inferno de um monte de músculos rígidos que a camiseta apresentou.

Ele não tinha certeza do que viria a seguir, mas poderia descobrir. E por que Charlie tentaria beijá-lo se ele não queria? Ou a ereção? Ele fechou os olhos, determinado a não ficar muito à frente de si mesmo. Foi ele disposto a ver o que poderia estar lá? *Merda*. Eu estou pronto? Seu coração galopava e ele sugou ar para se acalmar.

Ele não tinha pensado sobre isso, até que Josh mencionou, mas o pensamento de Charlie encontrar alguém para estar perto, mais perto do que ele estava com Gregory, fê-lo tenso, seu estômago agitando com a mera ideia, o fez querer Charlie ali ao seu lado. Que lhe disse mais do que qualquer outra coisa que atravessou sua cabeça hoje à noite.

Valorize a felicidade.

Talvez fosse hora de ele fazer isto.

CAPÍTULO NOVE

Gregory teve seu tempo uma vez que ele estava em casa para chegar a Charlie. Ele adivinhou tudo isto não era normal, chamar uma pessoa apenas para dizer 'oi' no segundo que o avião pousou de qualquer jeito. Desde que foi após a meia noite de domingo pelo tempo que ele levou até o seu próprio lugar, sabia que teria que esperar.

Segunda-feira ele teve de, pelo menos, fingir que tinha uma semana de trabalho para recuperar o atraso, pelo que era, na verdade terça-feira antes que ele chamou.

Ele sentiu uma onda com a possibilidade de conversar com Charlie novamente.

"Venha hoje à noite. Há uma maratona de filmes foda na TV. Vou pedir pizza."

Gregory prendeu a respiração, esperando que ele soasse blasé o suficiente para não se deparar tão desesperado.

"Tudo bem. Quando é que o primeiro começa?"

"Sete."

"Eu posso fazer isso."

"Ótimo. Basta entrar."

Ele disse adeus, então desabou sobre seu sofá. Samson se aproximou e estabeleceu a cabeça no joelho de Gregory. Gregory estava agora mais nervoso do que poderia lembrar-se de estar por pedir uma mulher para vir. Ele coçou distraidamente em seu pau duro olhando-o como uma nova espécie. "Eu sei. Eu não tenho absolutamente nenhuma ideia do que estou fazendo." Com toda a seriedade que ele não o tinha. Ele imaginou que o primeiro passo seria apenas para passar mais tempo com o homem, ver se os impulsos loucos de atração continuaram. Ele não era inexperiente, apenas quando isto veio para acontecer entre ele e outro homem. Se eles morreram, então ainda tinha um bom amigo.

Era a questão 'se não parar' que estava torcendo-o como uma corda no vento. Ele realmente gostava de Charlie, e sabia que se deu uma gota de crédito, se importava por ele também. A coisa mais chocante que não tinha batido em casa, até que chegou a casa foi que tinha sentido falta dele. A semana inteira. Sábado, quando ele estava sob as estrelas e as luzes

dizendo aos seus amigos sobre ele, sinceramente desejava que tivesse estado lá e não apenas para conhecer a todos, embora não tivesse reconhecido que era o que ele queria no momento.

Ele podia não ser capaz de fazer o salto completo. Ele honestamente não sabia, mas se o que ele sentia por Charlie poderia ser alguma coisa, então... Ele respirou. Então ele tinha que tentar. Ele só poderia fracassar se não tentasse qualquer coisa.

Josh tinha dito quase exatamente a mesma coisa. Ele queria Charlie para ser feliz, mas não com qualquer outra pessoa, e isso não era justo para ele. Gregory não poderia impor suas restrições a Charlie, sem estar disposto a fazer alguns dos compromissos assumidos por ele mesmo. Se ele tentasse e não conseguisse, então esperava que pudessem permanecer amigos. O que aconteceu com ele depois... Bem, Gregory iria ter que sentar e ter uma conversa sólida com ele sobre exatamente que estava errado, descobrir exatamente apenas o que o inferno ele planejava fazer com isso, mas agora a única pessoa que queria tentar conhecer melhor, em qualquer forma que pudesse tomar, era Charlie.



As quinze para sete, ele pulou intencionalmente no chuveiro, sabendo que não seria capaz de atender a porta. Ele se esforçou bastante para escolher sua roupa. Um teste. Casual, mas algo que chorou sexo, se a pessoa sabia o que procurar. E depois de assistir Laurence exibir seu corpo para provocar Josh durante anos, ele pensou que poderia gerenciar algo em seus próprios termos. Pela primeira vez ele orou todos esses anos passados ao redor da casa dos meninos e ouvir que a sua loucura ajudou. Senhor sabia que tinham envergonhado o suficiente. Sendo o único cara direto no rebanho havia dado-lhes abundância de forragem. Agora era sua vez de usar o que ele aprendeu por osmose.

Mal secou com a toalha seu cabelo, passando os dedos, então chamou isto bom. Desodorante. *Confere*. Um pouco de seu perfume. *Confere*. Dentes. *Confere*. Ele correu para o quarto, capaz de ouvir Charlie rindo dele, obviamente, tão vicioso cão de guarda. Ele mataria um intruso com beijos e baba.

Sem aviso, um calafrio deslizou abaixo sua maldita espinha enquanto o som áspero, cru encheu sua casa como uma canção esquecida. Ele tinha o ouvido rir daquele jeito, mas raramente, relaxado e profundo. Balançando-se fora do feitiço, puxou seu quase branqueado jeans, passando as mãos abaixo para as coxas, onde o tecido macio moldava para ele. O buraco no joelho foi perfeito, não intencional de 'Deus só sabia onde', mas apenas o que ele queria. A cintura baixa pendurada na cintura. *Foda-me jeans*. Ele sabia que mais de uma mulher havia apreciado o seu físico em si.

A camisa era um leve suéter preto, algo que poderia usar dentro de casa e não solto dentro. Alongando, ele notou o aumento do fundo, escorregando vislumbres deste jeans cintura rebaixada quando ele se moveu. "Perfeito." Ele esperava. Tempo para ver como um homem reagiu.

E rezar para que não estivesse disposto a fazer um tolo fora de si mesmo.



Charlie bateu na porta. O latido de Samson era tudo que ele ouviu através da barreira. Ele abriu a porta aberta. "Greg?" O nariz de Samson na lacuna. Ele não ficou chateado, rosnando ou tentou rasgar a porta para baixo até chegar a ele, então achou que era bem-vindo. Ele abriu-a e entrou. "Ei, cara. Onde está o ser humano?" A cauda abanando foi toda a sua resposta. "Entendi." Ele fechou a porta.

Samson farejou sua mão e ele condescendeu por acariciá-lo. "Você teve uma boa viagem? Conheceu senhoras quentes na Califórnia?"

Samson pressionou a cabeça na palma aberta de Charlie e ele riu.

"Sério? Que ruim, hein? Coitadinho."

Ele ouviu o farfalhar de uma porta, adivinhou a partir do quarto, e olhou para cima enquanto Greg entrou na sala.

Seu coração bateu nas costelas com a força de uma bala de canhão. Porra, o homem era o sexo com pernas. Uma semana longe dele não tinha diminuído nada.

"Uh." Ele levantou-se acariciando Samson, apoiado em sua bengala, sem conseguir desviar o olhar enquanto Greg se aproximava. "Você tem um encontro?"

"Não." Greg caminhou até ele para afagar Samson, apesar de Charlie ser positivo que estava perdendo alguma coisa, ou talvez vendo demais. Demais em seu olhar. Demais na maneira como ele se aproximou. Charlie não conseguia o suficiente.

Onde ele encontrou esses jeans? Ele sempre andava assim? Charlie segurou a bengala no reflexo, sentindo a necessidade de sacudir-se. Ou cair direto nos braços de Greg.

"Eu estava esperando por você para pedir a pizza. Você tem alguma coisa que você não coma?"

Charlie trabalhou sua língua, procurando por umidade para falar. Curvando lábios. O cheiro de pele recém-lavada e... Ele inalou. Colônia. Charlie quase gemeu. Seus cílios vibraram e puxou uma tão necessária respiração para limpar seus pensamentos. Ele sentiu que estava vivendo em uma névoa, uma deliciosa, bonita névoa. "Hum. Não comer?"

"Cebolas, picantes? Anchovas?" A voz de Greg detinha um toque perverso, provocante, tirando sua atenção para a questão.

Charlie estremeceu. "Deus, sem peixe. Peixe e pizza não foram feitos para encontrarem-se."

Greg riu e as pernas de Charlie sentiram-se fracas. O que ele está fazendo? "Uh, Greg?"

Ele virou e olhou por cima do ombro, no meio da sala, assumidamente para alcançar o telefone, mas tudo o que Charlie viu foi à cintura em boa forma, o traseiro quente e, oh meu Deus, aquelas pernas.

"Você não quer pizza?" Ele perguntou com hesitação.

Porra, eu quero você. "Não, pizza está bom. Nada." Charlie seguiu-o, incapaz de não enquanto Greg caminhou até o balcão da cozinha e abriu um livro preto descansando ao lado do telefone. Quando ele desligou, enfrentou Charlie.

Charlie saltou sobre a bola do seu pé, demasiado alardeado a inclinar-se e roubar o beijo que ele tanto queria antes. "Esta foi uma má ideia." Charlie murmurou. Ele se sentiu corado e completamente faminto pelo homem na frente dele. Este problema de querer se multiplicara. E caramba, mas Greg já tinha olhado mais quente? O homem estava fumegando quente sexo. Charlie orou que Greg não olhasse muito de perto, porque ele não conseguia esconder o cume da sua ereção em seu moletom.

Greg franziu a testa. "Por quê? Nada de errado com apenas passar o tempo, certo?" Ele levianamente roçou o braço de Charlie, formigamento faiscando em seu rastro. "Vamos lá. O primeiro filme já começou. Este é um Velozes e Furiosos com dupla características."

Oh merda. Ele está flertando comigo? Charlie não sabia se ele estava indo ou vindo, positivo, ele estava lendo isto errado, este seu desejo pelo homem estava confundindo as intenções de suas ações. Por que ele iria flertar? Vamos, Charlie, coloque sua cabeça em linha reta. Linha reta. Ele quase latiu uma risada. Hoje à noite ia ser tortura.

Greg acenou para ele seguir até o sofá e TV na sala de estar. Samson trotava ao lado deles. Charlie conseguiu obedecer, rezando para que pudesse obter o seu pênis e não ser tão maldito feliz com a perfeição do sexo masculino agora sentado no sofá.

"Como foi a Ação de Graças em sua mãe?" Greg perguntou enquanto encontrou o canal e o filme.

Charlie sentou-se cautelosamente, esticando sua perna. "Tranquilo." *Exceto pelas fantasias, exceto por sonhar com você. Exceto por não ser capaz de controlar o quanto eu quero você.* Os segredos mais profundos que no ponto mais escuro da noite, ele não tinha sido capaz de lutar, quando não tinha sido capaz de controlar o desejo, e tinha cedido.

"Ótimo. O meu também, bem, até sábado. Descobri logo depois que eu cheguei lá que um par da velha gangue vão se casar e fui convidado. Eles perguntaram se eu estava

trazendo alguém. Quer cair em um casamento comigo?" O sorriso de Greg era bajulador. "Eu sei que não é muito de um aviso, mas o casamento é no final de janeiro."

Charlie balançou a cabeça. Dias a sós com Greg? Nunca houve uma pior ideia. "Eu não tenho o excesso de dinheiro para uma viagem à Califórnia. Eu adoraria ir, no entanto. Eu nunca fui."

"Sério?"

Charlie balançou a cabeça. "Quem é o casal?"

"Laurence Toliver e Josh Daily."

"Um casal gay?" Charlie olhou para Greg, esperando que ele dissesse a Charlie que era uma piada.

"Sim. Tresloucado casal de rapazes, mas eles são uma família para mim. Não relacionados, apenas próximos." Greg deu de ombros, encostado no canto do sofá para encarar Charlie. "Eu adoraria tê-lo indo como meu convidado, conferindo a costa por alguns dias."

O homem, isso era tentador. Sinos de aviso foram gritando como cinco diferentes tipos de alarmes tocando uns sobre os outros. Era cada fantasia, culminando em nada, exceto agonia.

Quando levou momentos para Charlie responder, Greg inclinou a cabeça. "Charlie. Algo está errado?" Ele se aproximou. "É sua perna? Tem ela estado incomodando? Você está tenso."

Ele balançou a cabeça.

"Vamos amigo. Sou eu." Uma mão avançou na direção dele, pairou, em seguida, caiu por sua coxa no sofá.

Toque-me! Ele apertou as bordas do sofá em autodefesa. Os lugares que ele poderia colocar a mão.

Tensão agarrou em Charlie. Ele tinha certeza que vibrou com isto. Ele não podia fazer-se relaxar. Não quando o homem que tinha estado assombrando suas fantasias tinha vindo à vida e se sentava ao lado dele. Greg em qualquer outra época era um grande amigo. Nesse preciso momento, Charlie queria envolver a língua em torno de Greg e não parar.

Esses jeans estavam indo abastecer todos os tipos de fantasias lascivas, e sempre que Greg moveu de uma determinada forma, o alargar do suéter que ele vestia ou caiu para descobrir o top de um ombro ou brincou com vislumbres de uma barriga lisa. Charlie ficaria feliz em cair de joelhos e acariciar o que estava por trás de um número no zíper.

A campainha tocou, cortando o silêncio e a tensão entre eles como uma lâmina de barbear. Greg estava de pé, puxando a carteira do bolso para pagar a pizza. Ele carregou a caixa de pizza para o balcão da cozinha, de costas firmemente para Charlie.

Sua cabeça pendia e um tremor abalou sua estrutura. "Charlie eu sinto muito. Eu lhe devo um pedido de desculpas. E uma explicação."

Charlie estudou Greg. Ele se inclinou sobre o balcão em seus cotovelos, esfregando o rosto, levantou-se e lentamente girou em um salto, de frente para Charlie do outro lado da sala. Braços cruzados sobre o peito magro, esticando o material palpável, levantando a camiseta para expor a faixa de pele entre o suéter e o jeans. Havia espaço abaixo do umbigo exposto. Charlie queria lambe a carne piscando para ele.

"Eu precisava ter certeza..." Charlie levantou o olhar daquele firme playground quando Greg trilhou fora. "Eu não estou acostumado a isso, e eu não sei como fazê-lo. Desculpe-me se eu fiz você se sentir desconfortável esta noite. Não é o que eu queria." Ele suspirou, balançando um pé descalço e para trás enquanto ele se inclinou contra o balcão coberto de madeira entre a sala e a cozinha. "Eu não quero perder sua amizade, então eu sinto muito. Eu não vou ficar chateado se você partir esta noite. Eu vou me trocar."

Charlie ficou de pé, um lampejo de compreensão começando a insinuar-se em sua mente aturdida de luxúria. "Você, você vestido assim para mim?" Greg tinha vestido assim intencionalmente? Ele duvidou que pudesse ter soado mais chocado.

Um lampejo de incerteza perseguido por consternação sombreou o rosto de Greg. "Sim. Acho que fiz um grande tolo de mim, mais do que eu tinha pensado possível."

"Por que, Greg?"

Ele deu um olhar indiferente, desdenhoso, evitando fazer o contato visual direto. "Porque eu pensei que você estava atraído por mim. Como eu disse, foi um erro."

Charlie moveu-se como se puxado por uma força gravitacional em direção a ele, pouco consciente do peso em sua perna. "Greg, o que você está tentando provar? Se quer a verdade, sim, eu estou muito atraído por você, mas não importa. Você é hetero, e está certo. Eu não quero perder a nossa amizade também. Eu só não entendo o que está acontecendo." Ele acenou com a mão para cima e para baixo, abrangendo todo o pacote.

O peito de Greg mal se movia, cada respiração um constante ritmo de ação. "Porque, acredite ou não, eu estava infeliz na maior parte do tempo que estive na Califórnia. Eu estava seja pensando em você, preocupado com você, ou apenas querendo falar com você. Por que..." Greg fez uma respiração muito lenta, muito profunda, deixando cair os braços para os lados até ficar diretamente na frente de Charlie. Algo potente começou a queimar em seus olhos. Algo que Charlie sabia que deveria estar fugindo, mas foi incapaz de fazer seu corpo obedecer. "Porque às vezes a felicidade não vem da maneira que somos ensinados a esperar."

Charlie balançou a cabeça. "Greg. O que você está falando? Felicidade? O que é..."

Isso era, tanto quanto lhe foi permitido dizer, porque Greg levantou suas palmas e segurou o rosto de Charlie. Não foi um movimento súbito, embora a surpresa dele roubasse a capacidade de Charlie para fugir ou desafiá-lo. Roubou sua capacidade de falar e pensar. Ele sentiu-se cair no coração primeiro, para os olhos castanhos mais surpreendentes. O coração de Charlie bateu como um trem de carga em seu peito, em resposta ao calor ardente olhando para ele.

Os lábios de Greg pairavam sobre sua respiração, quente que lhe derreteu os ossos. Para um primeiro beijo, isto era estranho. Nenhum dos dois certo onde dar, nenhum dos dois sendo o primeiro a sucumbir.

Então, como se Greg havia sido seu amante durante uma década, ele passou os dedos no cabelo de Charlie e segurou-o cativo, inclinando-o fechando suas bocas juntas, uma fusão doce. Não havia nenhuma força, nenhum calor fervente, sem fogos de artifício explosivos.

Isto foi o mundo além de qualquer disso.

Os olhos de Charlie afundaram fechados em pura felicidade. Ele passou os braços em torno de Greg, inclinando-se em sua força, e Greg segurou-o. Cada fantasia, cada sonho ficou aquém da coisa real. Charlie viveu nesse beijo, no momento. A pressão dos dedos em seu

cabelo o mantinha imóvel para a exploração de Greg. Não exigindo, nem mesmo questionando, mas aprendendo com o mais delicado dos passos. Era o beijo mais casto de sua vida, mas o mais impressionante para esse fato. Ele roubou a força de Charlie, até que ele se sentiu fraco de seus olhos para baixo.

Dedos com garras agarraram pedaços do suéter preto quando Greg liberou seus lábios.

Greg engoliu várias vezes, olhando em seus olhos. "Será que eu soaria completamente ingênuo dizendo *uau*?"

Charlie sorriu. "Nem um pouco." Ele estava respirando superficialmente, ofegando, tanto quanto estava Greg.

"Você não está zangado?"

Charlie massageou-o através do tecido da blusa dele. "Confuso, preocupado com seu estado de espírito, mas não, não zangado."

Greg riu; um tom carmesim visível em sua pele. "Eu não posso responder com segurança a qualquer um disso. Não vá."

"Eu não estava indo, para começar. Eu apenas não entendia, mas agora eu entendo." Ele pressionou de forma mais uniforme no corpo de Greg, ciente de cada nuance enquanto o leve mel dos cílios abaixados, ao longo dos olhos castanhos cresceram nebulosos. Fisicamente, eles eram uma combinação perfeita, suas alturas confortáveis e Greg um pouco mais amplo e mais forte. Perfeito. "Diga-me por que." Charlie sussurrou, ajustando seu peso. Greg tinha desordenado-o tão ruim, ele tinha esquecido a bengala pelo sofá.

"Algo que foi apontado para mim, enquanto eu estava fora. Eu suspeitava, mas não tinha certeza sobre o que estava acontecendo comigo. Menos seguro de mim mesmo do que você, eu vou colocá-lo dessa maneira. Eu nunca temi isto, apenas não esperava sentir desse jeito por causa de um cara. Foi perturbador." Ele completou calmamente.

Charlie acariciou coluna de Greg com um leve polegar. "Sentindo? Tal como excitado? Atraído? Curioso?"

Greg moldou-o mais perto, a voz mais leve como a tensão que havia preenchido os dois se dissipara. "Tudo isso."

Charlie não lhe pediu para divulgar mais. Ele não tinha isto nele para dar em troca. Não emocionalmente, e ele sabia que fisicamente foi danificado com nenhuma forma de escondê-lo. Mas ele não entendia o que Greg estava lhe dizendo. Ele não ia fugir da atração, só porque Charlie não tinha seios. Foi quase um alívio. Pelo menos para o momento. A tensão da noite tinha sido excruciante.

Por esta noite, um beijo ele poderia dar, e talvez um pouco mais. Em seguida, teria que ver o que o amanhã traria.



Gregory ainda estava um pouco atordoado de si mesmo. Com toda honestidade, que não tinha sido capaz de parar. Quem sabia que um beijo poderia se sentir assim? Como se ele estava no mais quente raio de sol num dia de primavera, enquanto sendo chutado no intestino por uma mula Kentucky. A mente quebrando-se em eletricidade.

Ele devia ter sabido que qualquer coisa a ver com Charlie não seria 'normal', à medida que ele sabia disso.

Olhos grandes e verdes olharam para os seus; pacientes e acolhedores. E isto tocou a sua mente que ele queria beijá-lo novamente. Ele amassou o seu couro cabeludo sob dedos suaves, com uma mão vagando para acariciar uma mandíbula firme. *Nada suave aqui.* O rosto de Charlie não era duro, mas era forte. Um longo nariz, lábios carnudos... Ele passou o dedo sobre o lábio inferior de Charlie, testando. Um sopro de hálito quente correu sobre sua pele quando ele fez.

"Posso beijar você de novo?" Ele perguntou, sentindo-se com 16 anos mais uma vez. O sangue correu pelo seu corpo, e se ele fosse mais excitado, gozaria em seus jeans. Ele não

podia acreditar o quanto estava sentindo. Ele queria se lembrar de tudo para saborear tudo mais tarde.

Em resposta, Charlie se inclinou e Gregory fechou a distância, naturalmente, como se eles tivessem se beijado mil vezes. O constrangimento era mínimo, a estranheza fazendo-o tremer, mas era a excitação que o fez empurrar por um pouco mais.

Ele sorveu um gole do lábio superior de Charlie e sentiu o homem tremer contra ele. Charlie foi deixando-o encontrar o seu caminho, descobrir a cada momento por si mesmo. Com os olhos fechados, ele só podia sentir. Em seguida, ele dançou a ponta da língua sobre os lábios de Charlie, aprendendo a sua forma, seu calor, espantado com a suavidade quando ele nunca antes considerava como o beijo de um homem se sentiria, ou provaria. O gemido de Charlie quase bateu suas pernas fora debaixo dele.

Gregory sugou um duro arfar, puxando livre do beijo.

Com uma sobrancelha apertada, Charlie seguiu seu recuo. "Você está bem?"

Gregory engoliu em seco. "Sim. Apenas..." Ele deixou cair suas mãos. Ao invés de deixá-lo ir, elas desembarcaram na cintura de Charlie. "Eu..." Ele mordeu o lábio e gemeu, lutando para ter seu corpo obedecendo. Ele não tinha certeza de como levá-la ao próximo nível, mas se o fizesse, ele sabia que teria levado as coisas muito mais longe do que apenas um beijo. Quando encontrou Charlie observando-o, ele estava sorrindo suavemente, diversão clara em seu olhar.

"Mais *uau*?"

Gregório assentiu. Foi possível obter um zumbido de um beijo? Sentiu-se trêmulo e tonto, como se o chão estavam rolando debaixo de seus pés descalços. A mão de Charlie volteou sobre o pescoço de Gregory para puxar pelo seu cabelo, provocando. Mini choques o atingiam por cada toque, cada roçar de pele contra ele.

"Obtenha a pizza antes de formar gelo. Se você é um bom menino, eu vou deixar você segurar a minha mão com o filme."

Gregory engasgou. "Idiota."

Charlie se aproximou; com a voz um sussurro ofegante no ouvido de Gregory. "Acredite em mim, essa é a coisa mais segura por agora." O empurrão de um pênis duro

contra Gregory quase o teve engolindo sua própria língua. A incerteza, o desejo, a fome, e muito mais bateu nele que de mãos dadas foi realmente olhando, para ser sobre tudo o que ele seria capaz de gerir, sem vir descolado.

Quando Charlie se endireitou, o faminto calor naqueles olhos verdes levou um arrepio, como uma estaca em seu corpo. Com cuidado, libertando-se, Charlie deslizou afastado para retornar com um passo saltitante para o sofá.

CAPÍTULO DEZ

Charlie soltou um suspiro lento, em seguida, levantou a perna de novo, mantendo a pose de trinta segundos para deixar o pé lentamente encontrar o tapete. Ele tinha um compromisso no dia seguinte para visitar um centro de fisioterapia em Corpus. Eles estavam indo para medir a massa da sua perna, em seguida, testar a sua força muscular e elasticidade para recomendar a cinta certa para ele.

Agora que ajustou sua mente para finalmente fazê-lo, ele queria isto. *Agora*. Ele trabalhou com as pernas todos os dias, e exercitou-se. Se tivesse sorte, tê-lo-ia antes do Natal. Então, ele só precisa da bengala como um substituto e no alívio, se a cinta tornou-se desconfortável. Ele não tinha certeza por que tinha adiado obtê-lo. Talvez o Dr. Morne estava certo e ele precisava parar de lutar pela cura, não evitá-la quando isto se apresentou.

Ou no caso de Charlie, quando Greg abriu caminho para a vida de Charlie. Ele sabia que nunca seria capaz de correr com ele, mas só para andar normalmente de novo ou até mesmo próximo a ele, sem a bengala. Ele esticou a perna para fora, pulsando os músculos com esticar lentos e resfriá-los após o treino.

"Como é, cada vez que eu encontro você está plano em suas costas?"

Tons do riso de Greg estalaram os olhos de Charlie aberto, travando com ele encostado ao batente da porta do quarto de hóspedes. Olhos castanhos observando-o através de um leque de cílios.

O simples olhar enviou o pulso de Charlie batendo, uma reação que ele ainda estava tentando se acostumar. "Eu não ouvi você chegando desta vez." Charlie tinha intencionalmente deixado a porta aberta, caso Greg chegou enquanto estava no chuveiro. Ele com certeza não ia atender a porta pelado.

"Você estava pensando duro sobre algo. Eu nem sequer puxei minhas loucas habilidades ninjas."

"Estou quase pronto, então chuveiro. Você não se importa de esperar?"

Em resposta, Greg dobrou e ofereceu a mão. "Venha cá."

Charlie agarrou-a, inseguro. Greg estava levando as coisas devagar, que trabalhou para ambos. Ele estava descobrindo o quanto era confortável para ele, e Charlie teve tempo para fortalecer as fendas criadas entre os ataques.

Uma coisa que Greg sabia fazer era como beijar. E ele gostava de fazer isso a cada oportunidade.

"Não, eu não me importo." Gregory respondeu, apenas antes de colocar um daqueles beijos em Charlie. Um braço forte pegou em torno de seus ombros, trazendo-o apertado contra a estrutura de Greg. Ele teve que envolver seus braços em torno dele no reflexo, então Greg o pegou de surpresa, girando os dois como dois bailarinos e colocando Charlie contra a parede. A respiração de Charlie deixou-o em um sopro afiado.

Instantaneamente, Greg aliviou seu aperto. "Merda. Sinto muito. Esqueci-me sobre suas costas." Desculpas escureceram seus olhos.

Charlie agarrou os ombros de Greg, tremendo de emoção. Droga, a força, o calor do toque. Isto lhe bateu com um impacto selvagem, queimando-lhe os nervos e até mais do que seus nervos estavam em atenção. Charlie estava pegando fogo. Ele balançou a cabeça, mal conseguindo falar enquanto empurrou seu coração no lugar. Deus, ele tinha sentido falta de braços fortes ao seu redor. Ele tinha ido de treino para excesso de trabalho em ponto-zero-dois segundos. "Não. Eu estou bem. Não estava esperando isso."

"Você tem certeza?"

Charlie estremeceu. Greg foi passando as mãos em cima dele, acariciando-o, fiscalizando-o, embora ele não se importasse realmente o porquê. "Eu tenho certeza. Eu não sou quebrável." Ele ressaltou.

Arrependido, Greg disse: "Eu sei, mas não quero fazer algo que vai prejudicá-lo, também."

Charlie enrijeceu, firmando sua mandíbula. As mãos de Greg pararam de se mover, embora não fisicamente parando de tocá-lo. "Eu não sou uma fodida boneca de porcelana."

"Eu disse alguma coisa assim? Droga, Charlie." Ele deu um passo claro e cavou uma mão através dos fios loiro mel. "Eu não tenho nenhuma ideia de tudo o que você está lidando. Eu estou ficando louco de querer tocar você, mas não quero machucá-lo, porque eu

estou fodidamente desinformado. Eu não posso ver exatamente através de seu moletom para saber."

"Você quer me tocar?" Charlie não tinha certeza se ele estava chocado ou aterrorizado.

"Se você fosse uma mulher, eu saberia como lidar, mas Cristo, homem." Greg esfregou seu rosto sob suas palmas; próximo estava andando. Charlie conhecia esses sinais.

"Não é bonito." Charlie avisou.

Greg fechou a distância entre eles, colocando em concha seu rosto levemente, queimando-o com a intensidade do seu olhar. "Eu não me importo com isso. Quer saber por quê?" Ele não deixou Charlie responder antes de continuar. "Porque é você, cara. Porque é você que eu conheço." Ele soltou um suspiro, desanimado. Ele se afastou. "Olha, se não é realmente o que você quer, então vamos voltar para os amigos. Você passou por um inferno, uma vez já. Machucar você me mataria." Ele completou.

A honestidade cheia de dor na voz de Greg tomou sua decisão por ele. Achatando uma mão ao peito em frente a ele, Charlie empurrou até que Greg tomou alguns passos e, em seguida, deixando claro que ele ia fazer, empunhou a bainha de sua camiseta de treino.

"Charlie?"

"Você pode muito bem saber no que está se metendo. Eu não estou inteiro, Greg. Eu sempre vou ter fraquezas, e sempre terei as cicatrizes. Eles fizeram o que podiam para me manter fora de uma cadeira de rodas. Acho que eu deveria ser grato por isso muito."

Olhos castanhos observavam-no, aflito e preocupado. "Você tem certeza?"

"Você vai vê-las de qualquer maneira, se alguma vez tivermos sexo." Ele disse sem emoção. Calafrios encheram seu peito. Ele não se deixou pensar sobre isso entre eles. Ainda não. Ele lançou um suspiro firme. "Pronto?"

Greg acenou com a cabeça. Tirando para o pior, Charlie levantou o material, puxando para cima e sobre a sua cabeça até que ele segurou empunhado em um aperto quase sem derramamento de sangue. "A frente não tem nada e sim na parte de trás." Então ele se virou e olhou para a parede.

"Put a merda!" Não foi um grito, mas era forte o suficiente para fazer Charlie estremecer, e queria chutar sua própria bunda por isto. Charlie afundou até sua testa descansar nos braços cruzados, apoiando-se contra a parede.

"É pior na perna." Suas palavras foram abafadas. "Você pode tocá-las. Elas não doem. Existem alguns lugares que são sensíveis, como a água quente, pois a pele é tão fodida e os nervos são disparados para o inferno e de volta."

Delicadamente, temendo que ele fosse machucá-lo, independentemente, Gregory vagou toda a parte superior de seu ombro esquerdo, apontando para a direita. Os nós da pele, poços, e escavados de seu ombro até a cintura era alarmante. Algumas cicatrizes eram, obviamente, de suturas, outras eram queimaduras profundas. Queimaduras de terceiro grau que tinham destruído a epiderme superior, mergulhando profundamente na pele e músculo. Irregularidades côncavas mostraram onde ele perdeu tecido muscular. Gregory engoliu em seco, tocando, vagaroso, precisando levar tudo isto para longe, mas impotente para fazer qualquer coisa. "Como você sobreviveu à dor?" Ele sufocou, espalhando uma palma sobre a área a maior, mais ampla do que o tamanho da marca da mão, área marmorizada de pele sobre seu rim.

Gregory piscou, completamente falhando em parar as lágrimas diante da enormidade de apenas o que ele tinha sofrido através.

"Morfina. Você sente absolutamente nada sobre essas coisas. Após as queimaduras vieram às cirurgias. Após veio a fisioterapia. Levou meses para reconstruir a minha perna para apenas manter o peso. É por isso que eu tenho que trabalhar todos os dias. Cada etapa é feita com o apoio do músculo apenas o suficiente para me impedir de cair na minha bunda. Um pouco menos e eu estaria em uma cadeira de rodas."

Gregory apertou seus braços em volta da cintura de Charlie, pressionando um rosto úmido para seu ombro e não se importando que ele fosse sentir suas lágrimas. "Eu machuquei você."

Uma perdoadora mão em concha as suas onde elas repousavam sobre a barriga de Charlie, dando-lhe um aperto. Ele murmurou gentilmente: "Não idiota. Você estava me me excitando."

Gregory tossiu em descrença. "Você não pode estar falando sério?"

"Greg. Ninguém me viu assim, exceto a minha família onde eu terminei a minha recuperação. Eu não fui tocado, seguro ou beijado uma vez antes que isso acontecesse. Se eu batesse-lhe até uma parede e bloqueasse lábios com você fazendo uma checagem de amígdalas depois de tanto tempo, o que você acha que sentiria?"

Ele riu, mas era agitado. "Você jura?"

Um leve puxão em suas mãos entrelaçadas exortou-os a se separar. Com gentil orientação, Charlie ajustou seu ângulo, e de repente Gregory não estava apertando suas próprias mãos. A carne firme pulsando contra sua palma definitivamente não era sua. Estendia-se, empurrava e palpitava enquanto a mão de Gregory ficou congelada no lugar. Choque sensorial manteve-o ali.

"Isso sempre esteve lá por alguns minutos agora." Charlie explicou, subjugado, sua voz cada vez mais rouca. "Apenas ser tocado por você me excita."

Gregory estremeceu. Um lampejo de calor afundou em seu sangue. Ele não pôde conter a resposta de seu próprio corpo. Foi um afrodisíaco incrível saber o que ele estava lhe fazendo, que Gregory o estava fazendo tremer e ofegar com desejo. Charlie suspirou, erguendo até sua bunda esfregar onde o pênis de Gregory pressionava em sua braguilha.

"Deus." Charlie gemeu. "Isso é tão bom."

Gregory moveu sua palma da mão para cima e para baixo do eixo de Charlie na frente. "E isto?" Ele chocou-se com o modo como sua voz ronronava, a excitação mais profunda que foi aumentando seus próprios desejos e querendo realmente tocar o pau firme em sua palma. Ele respirou lento pelo nariz, admitindo a necessidade. Ele queria Charlie.

Gregory havia sido cauteloso, mas com Charlie na ponta dos dedos, o cuidado não parecia ter um lugar na sala.

"Não é muito?" Gregory perguntou. Esta foi a primeira vez que ele segurou Charlie, acariciou-lhe de qualquer forma. Isto ainda não tinha sido uma semana completa, desde os primeiros beijos, e agora... Ele não poderia ter parado, não com Charlie gemendo e ofegando, pressionando-o por mais. Os sonhos que tinha tido durante a noite foram chegando para a

vida debaixo da sua mão. Ele flexionou os dedos, testando, absorvendo a sensação e o calor. Charlie gemeu.

Gregory espalhou seus pés, enjaulando Charlie abaixo dele na parede intencionalmente agora. Ele estava levando as coisas devagar, não tendo certeza em muitos níveis, mas isso se sentia bem, sentia certo. Ele pressionou o peito na pele nua, o cume espesso da sua excitação preso ordenadamente para o vale do traseiro de Charlie. Mesmo isto estava fazendo seu sangue pulsar com um ritmo irregular.

Gregory moveu a cabeça para o lado e Charlie naturalmente arqueou para estabelecer lado a lado, aninhando temporã a tẽmpora. "Mais." Charlie respirou.

O coração de Gregory saltou no apelo rouco. Ele curvou os dedos e empunhou o pênis de Charlie através da lã de seu moletom.

"Ah, merda." Charlie estremeceu.

"Diga-me como." Gregory soprou em seu ouvido.

"Toque-me." O raspar de unhas de Charlie na parede era pano de fundo, para seu duplo arfar. "Masturbe-me."

"E isso se sente bem?"

"Greg." Charlie gemeu; impaciência e necessidade faminta em sua voz.

"Tudo bem, tudo bem." Ele sorriu, rindo asperamente. Ele mordiscou a nua junção do ombro de Charlie. "Deixe-me fazer isso."

"Mm, sim." Charlie suspirou em rendição absoluta.

Gregory aliviou a mão para cima, aprendendo pelo tato. Não sendo capaz de ver fisicamente o que estava fazendo e significava que ele tinha que confiar em seus outros sentidos, e em algumas maneiras, ele tinha certeza que o ajudou a superar a estranheza inicial de saber o que estava tocando. Seu próprio pênis, ele estava acostumado, mas outro era uma experiência nova. Estando Charlie enviando choques ao longo de sua estrutura. A pele nua acima do elástico da cintura tremia quando ele arrastou as unhas sobre a extensão. Charlie assobiou, mas não o fez correr, ou pior, parar. Gregory latejava atrás de seu zíper, a crescente intensidade dolorosa, varreu acima para a necessidade do momento.

Deslizando a outra mão na cintura de Charlie, ele fisgou material com os polegares e rapidamente avançou na cintura do moletom de Charlie, antes que ele pudesse tropeçar. Não muito longe, um pouco mais os quadris suficientes para libertar o peso grosso de seu eixo. O cheiro combinado aquecido de excitação de Charlie e pele o fez tonto. Suas respirações vivas ecoaram na sala, pontuando suas reações.

Com os olhos fechados, ele cavou questionadores dedos através do arbusto de Charlie. Um centímetro de cada vez, ele cresceu mais corajoso, afagando e acariciando, aprendendo a textura da carne de outro homem. Puxou os cabelos finos e capturado dedos curiosos enquanto ele provocou através dos cachos. Os arrepios de Charlie e suspiros disseram que ele estava fazendo a coisa certa. Ele ergueu a mão para firmar-se na parede com uma palma da mão. Quase no piloto automático, agora, ele lambeu e mordiscou a vontade no ombro e no pescoço na frente dele, descobrindo o sabor inebriante da pele de Charlie em sua língua.

Ofegantes gemidos de Charlie eram piores do que a adição de gasolina para uma fogueira. Ele não conseguia o suficiente. Ele nunca percebeu o quanto o som do prazer de uma pessoa o afetou. Os choramingos de Charlie e suspiros apertados eram tortura requintada, e ele recebeu mais por dar mais prazer. A situação ganha/ganha.

Viajando pelo tato, ele dançou e tocou a ponta dos dedos para baixo do comprimento, agora totalmente ereto do pênis de Charlie. Carne suave, dura para segurar ainda suave com um calor de seda. O coração de Gregory disparou no peito.

Comendo a cada gemido e choramingo que o homem fez, Gregory acariciava, passando sua palma sobre a extremidade mais grossa. Gregory sabia que ele tinha gostado quando as mulheres deram-lhe a cabeça. Com a forma como Charlie estava caindo aos pedaços ao longo de um trabalho de mão, Gregory não podia esperar para experimentar e ver o quanto seria necessário para fazê-lo quebrar.

Ele fez um anel de seus dedos e colocou-os sobre a ponta larga, como uma boca levando-o. Arrepios de Charlie revelaram sua reação claramente. Gregory perguntou o que ele provaria em sua língua. A ideia de realmente descer sobre ele o fez queimar dentro. O que ele provaria? Ele poderia fazê-lo? Rodar a língua sobre o ponto de pulso de Charlie, imaginou ter a ponta dura do pênis de Charlie em seus lábios em vez disso, e estremeceu

com a não testada emoção. Ele gemeu; surpreso com o quão excitado estava, como ele se sentia desesperado. Ele nunca se sentiu assim com uma mulher, sempre no controle e capaz de agradá-las durante o tempo que elas precisavam. Charlie estava dirigindo-o para fora de sua mente, mesmo à mercê de Gregory, capturado sob seu peso. Uns poucos minutos gastos assim, no limite, levaram-no louco de querer, cada centímetro de seu corpo em chamas, onde tocou e apertou um no outro.

Ele não levaria Charlie, não desta vez, mas logo, queria encontrar os limites de Charlie e ultrapassá-los com resultados explosivos.

Em seguida, ele arrastou o polegar sobre a fenda na ponta, uma sensação de raspagem leve. Charlie arqueou como uma ponte, chorando. Sua bunda empurrando duro na virilha de Gregory, em resposta, balançando e moendo, trazendo ondas de adrenalina cheias de luxúria com ele. Gregory mordeu o ombro nu para sufocar seu próprio gemido. Ele fez a próxima coisa naturalmente, envolvendo o pênis de Charlie com dedos firmes e iniciando uma ação lenta de bombeamento.

"Foda! Greg." Ele choramingou o nome de Gregory, implorando, mas ele continuou mantendo Charlie fora de equilíbrio, não encontrando um ritmo. Devagar e sempre, em seguida, duro e áspero. Charlie alcançou por trás e agarrou a perna de Gregory, moendo nele com a bunda dura. Não muito pequena, mas definitivamente apertada.

Gregory sibilou, jogado para outro ciclo. "Merda, isto se sente bem."

Charlie estava gemendo alto, absorvido, perdido.

Preso no momento, Gregory encurralou ele, lambendo, mordendo e, em seguida, sugando a pele ruborizada, bombeando a carne latejante em combinação. Ele chupou forte, sabendo que estava indo para marcá-lo com um chupão. Então Charlie estava empurrando de volta, fodendo a mão de Gregory, ofegando e xingando. Charlie gritou, flexionando, ao mesmo tempo, balançando enquanto ficou com Gregory com uma mão anelada jogada por cima de sua cabeça. Pele inchou e isto bateu. O orgasmo de Charlie. Gregory quase prendeu a respiração em reverência. Sabia como se sentia para ele. Assistindo o prazer de Charlie era bonito. Esguichos de branco disparando da ponta, escorrendo abaixo em sua mão, abaixo na

parte inferior do seu eixo pulsante. Lentamente, o comprimento ereto na sua palma passou sua fúria, as últimas rajadas gotejando livre.

Ambos estavam respirando com dificuldade, quando ele gentilmente deixou Charlie ir.

Gregory beijou a nova marca em seu ombro, em seguida, pousou a testa sobre a pele aquecida. Um arrepio telegrafou para baixo em todo o corpo de Charlie.

"Mm." Charlie arquejou. Ainda se agarrando a Gregory, ele gradualmente se desenrolou e conseguiu escapulir para encará-lo. O brilho puro de prazer em seus olhos verdes explodiu Gregory longe. Ele estava encostado na parede, olhando para todo o mundo como um homem que tinha apenas sido bem fodido.

Gregory gemeu. "Sexy." Ele se inclinou, mantendo o seu peso de cima dele, beijando-o.

"Firme suas mãos."

Gregory piscou, deixando os doces lábios.

"Faça isso, então me beije."

Gregory não estava disposto a discutir. Com as palmas das mãos em cada lado da cabeça de Charlie, ele reivindicou a boca na frente dele. Dirigindo sua língua lado a lado, eles duelaram. Seu coração deu uma guinada quando Charlie colocou seus lábios em torno da língua Gregory e mamou, puxando-o profundo como uma droga para lambê-lo de volta em um beijo e repetir isso. Gregory sentiu o puxão de seu botão e zíper, mas o que Charlie pretendia não chegou ao seu cérebro, até seu jeans estar largado como peso morto de seus quadris.

Charlie rompeu com o beijo para olhar abaixo. "Isso é lindo." Então as mãos de Charlie estavam tocando ele e sua boca estava sendo conquistado mais uma vez. O beijo de Charlie era mais quente do que qualquer coisa que ele poderia pensar. O golpe de sua língua, o calor de sua necessidade, tudo isso mutilava a capacidade de Gregory pensar.

Gregory estava derretendo. Mas Charlie estava à frente do jogo. Com as duas mãos em volta do seu pau, ele brincou com Gregory, reembolsando as provocações que tinha infligido. Ele gemeu em resposta. Não havia nada no mundo, exceto ele e Charlie, e os choques requintados de seu pau sendo tratado e acariciado.

Quando Charlie se separou de seu beijo, deixando-o confuso, seus olhos se abriram. Charlie deslizou na parede, uma mão no quadril de Gregory para trazê-lo perto, a outra em seu pau, duro como pregos.

"Perfeito." Charlie murmurou; então o mundo de Gregory desapareceu em uma explosão de êxtase branco.

Charlie passou os lábios em torno da ponta de Gregory e sugou.

Gregory bateu na parede com um soco, inclinou para frente, cuidando para não jogar Charlie fora de equilíbrio, mas de modo algum capaz de ficar em pé. Talentoso, foi o primeiro de seus elogios enquanto Charlie rodou, chupou e mordiscou. Os músculos das pernas de Gregory tremeram. Ele espalhou-as, tanto quanto seu jeans permitiria o equilíbrio, e Charlie desavergonhado aproveitou disso. Provocante estalar da língua de Charlie o chicoteou, prolongando cada sensação. Então ele engoliu o comprimento, esvaziando suas bochechas para a pressão. Gregory queria escapar por entre as tábuas. Charlie estava transformando todo o seu corpo a líquido, simplesmente escorrendo sobre um mar de felicidade. Ele não poderia pensar em uma mulher que tinha lhe chupado com este muito abandono. Quanto a um homem... Charlie era o primeiro. Deixe isso para um homem saber exatamente o que outro homem iria querer, e como fazê-lo sentir como se Gregory estava vindo desfeito.

Rangendo os dentes, ele lutou para não gozar, se afogando no prazer da boca de Charlie. O golpe da língua perversa de Charlie ao longo da parte inferior o tinha arranhando a parede, arfando e gemendo.

A atração forte de suas bolas avisou. Orgasmo iminente. Ele tentou avisá-lo. "Charlie... oh, foda." Ele cedeu à parede, fechando os joelhos na autopreservação. Amarrotando ao chão como um castelo de cartas não faria.

Charlie empunhou seu comprimento, girando na base enquanto cavalgava o pênis de Gregory cima e para baixo com a boca. Então o desgraçado foi para quebrar. Charlie segurou suas bolas doloridas e rolou-as, tendo tanto muito de seu pau em sua boca quanto pôde.

"Charlie!" Seu grito encheu a casa. A bunda de Gregory apertou tão dura como o aço enquanto ele disparou, moendo entre aqueles incríveis lábios quentes. Seu coração batia de

forma irregular em suas costelas enquanto empurrou cada jorro e Charlie sorveu tudo, lambendo e engolindo cada gota.

Quando ele foi sugado seco e ofegante, ele caiu de joelhos na frente de Charlie nas esteiras de treino. Juntos, eles caíram enquanto Charlie o abordou, beijando-o. Gregory provou seu próprio sabor, pela primeira vez em sua vida. E quando Charlie deixou-o ir para respirar, ele capturou-o e voltou para o segundo.

CAPÍTULO ONZE

"Eu acho que nós estamos atrasados para o jantar." Charlie brincou levemente, acariciando a mão sobre o peito de Greg. Que era inicialmente por que Greg tinha chegado ao seu lugar, para buscá-lo e comerem algo. Isso não era bem como ele esperava o dia para ir, e duvidou que Greg tivesse sequer.

"Nós vamos comer amanhã, ou no dia seguinte. Não é possível mover." Ele respondeu em um fraco ressecado arfar, como se estivesse perdido em algum lugar nas nuvens. A mão de Charlie descansou sobre a ainda trovejante corrida dos batimentos cardíacos de Greg.

"Você sabe que está seminu?" Charlie balançou os dedos para o lado do quadril de Greg, percebendo seu espasmo. "Você é cosquento?"

"Tipo assim." Greg murmurou com um cruzamento de rosnado.

Charlie riu baixinho. "Eu só vou usá-lo como último recurso para conseguir o que quero."

Greg bufou. "Uh-huh, assim você diz agora."

Charlie sorriu; os batimentos cardíacos de Greg amortecendo onde ele descansou.

"Eu acho que deveria tomar uma ducha agora."

Greg jogou um braço sobre ele antes dele mesmo terminar a declaração.

Ele arqueou uma sobrancelha interrogativamente no fecho implacável. "Isso é um não?"

"Isso é um 'você pode esperar'. Eu ainda estou em choque. Não se atreva a me deixar assim."

Charlie ouviu o humor, mas também a verdade subjacente e insegurança. Ele ergueu-se o suficiente para puxar seu moletom para cima, então deitou mais sobre a estrutura de Greg. "Ei, está tudo bem." Charlie os dedos pastorearam através do enlameado cabelo. "Você realmente não sabe o que dois caras fazem juntos, você sabe?"

Com os olhos ainda fechados, Greg balançou a cabeça, embora com uma gaguejada hesitação.

"Tanto quanto nós queremos, tão frequentemente como nós queremos." Charlie disse-lhe com ternura. Um batimento cardíaco mais tarde, a voz de Charlie cresceu em simulado horror. "Você está tomando a pílula?"

Greg riu.

"Exatamente o meu ponto." Ele se aconchegou perto. "Há algumas coisas diferentes." Ele ignorou o grunhido combativo de Greg. "Mas pelo que aconteceu, eu diria que você está indo bem."

"Quanto tempo demora a se acostumar com isso?" Greg perguntou.

"Bem, você não pode me usar como um medidor. Eu sempre fui gay. Eu não saí para a minha família até meu último ano, principalmente porque eu estava convencido de que eu falhara com eles de alguma forma."

"Falhar? Impossível." Os braços de Greg agora ambos mantinham ele. A força deste abraço disparou calor por todo Charlie, contente de uma forma que ele não havia se sentido em anos.

"Sim, bem, aos dezoito anos é um jogo totalmente diferente. Além disso, eu sou o único filho. Eu sei que meu pai ficou bêbado naquela noite, mas felizmente ele não se afastou de mim por isso."

Greg acariciou os lados de Charlie em apoio. "Eu acho que tipo não de entendo. Josh não era gay quando se juntou a nossa equipe de pesquisa, mas ele era absolutamente louco por Laurence, e ainda é." Greg ficou em silêncio, em seguida, pigarreou. "É possível para um homem ser transformado gay?"

Charlie enquadrrou o corpo de Greg com braços duros, olhando para ele. Sua expressão ficou pensativa, e não acusatória, por isso levou alguma raiva de suas palavras. "Se você acha que o que Anthony disse é verdade, então me ajude, eu vou golpear você e chicoteá-lo com minha bengala."

Os olhos de Greg se abriram. "Não! Claro que não. Eu estou pensando. Você pode bater-me por isto... pensando sobre antigas namoradas."

Charlie deu de ombros. Passado era passado. "Tudo bem."

Charlie sentia o resvalar dos dedos enquanto Greg deslizou para cima e para baixo seu lado e costelas, massageando em círculos lentos. Se era para aliviar Charlie ou a si mesmo, ele não tinha ideia. Ele sabia que não ia pedir-lhe parar.

"Bem, havia uma que eu realmente era, ou pensava que era apaixonado. Eu não havia lhe pedido, mas eu estava pensando em me casar."

Quando ele parou, Charlie perguntou: "O que aconteceu?"

"Ela teve uma promoção e se mudou. Eu sabia que ela era disposta a carreira. Então era eu, e ainda sou, mas ela não era flexível sobre isso, no mínimo. Ela gostava dos meus amigos, e da minha mãe."

"Sempre um adicional." Charlie ofereceu. Greg sorriu para ele.

"Mas não foi o suficiente." Greg suspirou e Charlie mergulhou para beijar os traços de mágoa nos olhos de Greg. "Quando ela foi embora, eu percebi que era para melhor. Éramos quase certos, mas não perfeitos um para o outro. Olhando para trás, todas eram assim, bem, as que eu me importava. Havia, é claro, as meninas que eram apenas..." Ele não terminou isso, mas não precisava. Charlie entendeu o significado em alto e bom som pelo calor vermelho subindo pelo pescoço de Greg.

"Não vou bater-lhe sobre isso." Ele mexeu seu corpo para balançar Greg brincalhão. "Acredite em mim. O conectar-se é uma ciência e uma arte na comunidade gay."

"Sério?"

"Oh, vós de pouco conhecimento."

"Sarcástico."

Charlie dobrou contra seu peito novamente, Greg ainda acariciando ele e segurando-o perto. "Então o que você está silenciosamente batendo-se por aqui? O fato de que você só está percebendo agora, que poderia muito bem ser um do lado negro?"

Greg riu. "Sim. Algo parecido com isso."

"Você realmente acha que é tudo tão ruim assim?"

Silêncio.

Charlie tentou levantar, dar-lhe espaço, para ver o que estava acontecendo na mente do homem, mas Greg não se mexeu para deixá-lo ir.

"Greg?" Ele sussurrou, ficando preocupado.

Ele finalmente suspirou. "Não. E essa é a parte assustadora. Eu não acho que você me fez desse jeito, embora ache que você pode finalmente ter sido o tudo certo para fazer um clique. Josh me conhece como ninguém e viu-o brilhante como o dia."

"Sério?" Ele estava definitivamente intrigado. "Como?"

"Passei a maior parte de 15 minutos gloriando-me sobre você."

Charlie piscou surpreso ao ver o retorno desse matiz vermelho em seu rosto e pescoço. "Você disse a eles sobre mim?"

"Sim." Greg suspirou, com os olhos derivando fechados. "Sobre seus olhos verdes, a sua coragem, seu senso de humor." Ele riu. "Eu acho que RJ teria caído se ele tivesse a chance, quando eu disse que você era gay."

Charlie estremeceu, todos os tipos de histórias de terror e medos edificando-se. "Você disse a eles tudo?" O bater do seu coração quase ecoou dentro de seus ouvidos, era tão feroz.

Os olhos de Greg se abriram mais uma vez, olhando direto nos seus. "Não, Charlie. Eu nunca diria isso de você. Não é meu para compartilhar."

Ele ficou mole como um macarrão cozido e Greg segurou-o, praticamente esmagando-o em seus braços.

"Eu nunca trairia sua confiança assim. Eu posso ser novo para isso, mas não sou esse tipo de burro." Ele esticou e beijou a têmpora de Charlie. "Olha, eu não estou dizendo que estou odiando abraçar você, mas esses tapetes sugam para isso."

"Merda!" Charlie ergueu. "Quer ir para obter uma mordida agora?"

"Não."

"Não?" Charlie perguntou confuso. "Eu disse alguma coisa?"

"Nem um pouco." Uma palma curvada sob a mandíbula de Charlie e ele sentiu-se inclinar-se em seu calor. Greg continuou a olhá-lo de onde estava deitado sobre os mesmos tapetes. Ele nunca tinha tentado uma vez ajustar suas roupas, deixando-se olhar como um homem que tinha sido absolutamente seduzido. "Vamos tomar esse chuveiro."

Charlie gemeu, pegando o calor crescente, escurecendo os olhos ao chocolate derretido. "Nós?" Ele engoliu em seco.

"Provocou-me com esse peito nu por quase uma hora." Ele deixou sua mão desviar da mandíbula de Charlie para trilhar em padrões perversos até o peito de Charlie. "Bebê, se você é a razão pela qual eu estou indo gay, então eu vou de cabeça."

Charlie estremeceu todo esta vez, seus cílios diminuindo enquanto faíscas se acenderam novamente à vida. Os dedos de Greg eram como mágica, criando trilhas de fogo em seu rastro.

"Deus, eu queria tocar você por tanto tempo." Greg disse-lhe com um resmungo rouco. Charlie sentiu o aumento em sua virilha enquanto reagiu à fome flagrante com essas palavras. Mãos fortes acariciavam e flutuava sobre seus ombros, em seu peito. "Eu sou um virgem." Greg riu para vencer o constrangimento, e Charlie se juntou a ele. "Isto é incrível."

Charlie suspirou, afundando no prazer de ser tocado, então assobiou quando dois polegares esfregaram inesperadamente sobre seus endurecidos mamilos ao mesmo tempo.

"Isso é normal?" Espanto silencioso flutuava em torno dele.

Charlie gemeu quando Greg dedilhou os duros pontos. "Você não é sensível?"

"Não realmente."

Charlie abriu os olhos encontrando decepção total em Greg. "Não se preocupe. Nós vamos encontrar cada ponto que você tem, até que você derreta como manteiga."

"Promete?"

Charlie balançou a cabeça com bom humor na mendicância impenitente na expressão de Greg. "Insolente." Charlie caiu para frente novamente, desta vez pressionando e esfregando o peito para Greg. "Eu adoro um peito sólido." A respiração de Greg deixou-o em um gemido. Ele murmurou contra a orelha de Greg. "Quarto e então chuveiro?"

"Sim." O calor gutural nesta resposta fez isto soar como um palavrão. Charlie deslizou afastado e Greg puxou o jeans até debaixo de seu traseiro, mas não o prendeu. A visão do pênis de Greg, enquadrando-se no jeans, fez a sua boca molhar. Greg ficou de pé em primeiro lugar, oferecendo uma mão para facilitar Charlie de pé, em seguida, abraçou-o. Ele pegou Charlie de surpresa completa lambendo até o lado de seu pescoço. "Droga." Charlie serpenteou seus braços em volta dos ombros de Greg e manteve-o, suas pernas sentindo-se instáveis da sobrecarga sensorial, inclinando a cabeça avidamente enquanto Greg lambeu e

beijou sua pele. "Você está me deixando louco." Greg disse as palavras rosnadas vibrando direito contra a veia de Charlie.

"Quero você." Charlie moeu em Greg, querendo tanto, *precisando*.

De alguma forma, Charlie conseguiu conduziu-o até o outro quarto, onde sua cama Queen desarrumada esperava. Pelo menos ele era fanático por lençóis limpos. Bagunça? Sem problemas. Sujo? Nunca.

"Bem aqui." Greg parou. Atordoados, Charlie sabia que a cama estava atrás dele, mas no momento, o resto do quarto poderia ter estado vazio. Greg se ajoelhou na frente dele, derrubando o moletom amarrotado enquanto ele baixou. Ajudando Charlie sair fora, ele atirou-o ao longo de um ombro, deixando-o completamente nu. Charlie tremia enquanto Greg estudou o pênis dele. Umidade perolada na fenda. Charlie ficou hipnotizado enquanto Greg levantou a mão, e com o polegar, varreu esta pérola à distância para levar à sua boca. Charlie e Greg ambos gemeram quando ele lambeu-a entre os lábios.

"Greg." Ele estava se sentindo desesperado. Por toque. Por sua boca. Por qualquer coisa.

Em seguida, Greg fez o inesperado e envolveu os dedos confortáveis em torno dos quadris de Charlie e abriu. "Foda, foda!" Charlie cavou os dedos no cabelo de Greg, agarrando como se ele segurava uma tábua de salvação enquanto a fenda entre esses famintos, lábios esperando e o final do pênis dolorido de Charlie desapareceu. O redemoinho de uma língua aprendendo tinha ele vindo a rebentar pelas costuras. "Merda, sim, suga-o." Furioso desejo acelerou através dele, subindo, e ele empurrou incapaz de conter o impulso. Esperando Greg para voltar a torcer, preparado para isso, ele estremeceu quando soltou sua mandíbula ao invés e deixou Charlie bombear em sua boca. "Ah, foda. Você é um natural." Pontas dos dedos seguraram os quadris de Charlie e ele gritou, deslizando dentro e fora dos lábios de Greg sugando como um pistão.

Greg gemia e o mundo de Charlie encolheu a sucção quente e úmida sobre seu pênis e nada mais. "Deus, por favor." Charlie choramingou. Pressão fez a sua pele firme, suas bolas elaborando enquanto Greg escorregou da base até a ponta, depois de volta novamente. Músculos cerrados enquanto Greg movia, mergulhando e lambendo. Faíscas montavam sua

espinha quando o mais leve arranhar de dentes mordeu nele, como se testando. Ele gemeu, e Greg repetiu a tortura. Forçando os olhos abertos, ele olhou para aqueles lábios chupando em cima dele e gemeu. Greg estava gostando disto, entrando nisto, pela primeira vez ou não. Greg não estava segurando qualquer coisa de volta e as pernas de Charlie estremeceram, caindo de cabeça no sentimento poderoso de seu pênis sendo cercado por aquela boca.

Greg diminuiu o ataque, deslizando com toques mais leves, deixando Charlie recuperar o fôlego. Quando Greg soltou com um estalo audível, ele quase entrou em colapso.

"Você é um deus malditamente natural." Ele arquejou, afundando-se na borda da cama. "Sua boca é incrível."

Greg avançou para frente de joelhos e Charlie apertou-o perto, rasgando sua camisa fora de seu corpo. "Fique de pé." Ele puxou e Greg obedeceu, permitindo Charlie para terminar de despi-lo. Então olhou para o deus loiro diante dele. "Será que você... Você acha que está pronto?"

"O que você quer bebê?" Ele correu uma mão suave sobre o couro cabeludo de Charlie, traçando a concha de sua orelha.

"Foda-me." Charlie lambeu os lábios. "Eu preciso de você."

O lampejo de incerteza e hesitação forçava Charlie esperar. Ele não poderia fazer Greg fazer algo que ele não estava pronto, não importa o quanto precisava. Minutos tensos passaram enquanto Greg e Charlie olhavam sem piscar nos olhos um do outro.

"O que eu faço?"

Alívio inundou Charlie, montando uma nova onda de desejo, para não mencionar uma quantidade justa de gratidão. Isso não era como pedir a Greg para uma massagem, ou mesmo como um elevador forte em uma banheira fumegante. Ele se inclinou para frente e lambeu o fim do pênis de Greg, rolando seu sabor sobre a língua antes de engolir o orvalho. "Eu vou ajudá-lo."

Greg acenou com a cabeça uma vez. Charlie chegou até a mesa de cabeceira e encontrou o que precisava. Ele não quis alarmar Greg, então apenas pegou um pacote e o lubrificante. "Lembre-se que eu disse sobre a existência de diferenças?" Ele olhou para Greg,

rezando para que ele não estivesse empurrando demasiado duro ou demasiado rápido. "Isso é parte delas."

Gentilmente, Greg ergueu a garrafa de lubrificante da sua mão. "Deite-se." Ele sussurrou.

"Você tem certeza?"

"Se eu não acertar na primeira vez, apenas mais motivos para a prática, certo?"

Charlie lambeu os lábios, olhando através de olhos arregalados no calor sexy como o pecado, no olhar de Greg, abalado em saber que ele era o único a quase vacilar. Greg não estava fazendo isso apenas para ver se ele era gay, para descobrir o caminho que seu pêndulo poderia balançar.

Este raciocínio Charlie poderia aceitar e até mesmo dar boas vindas. A realidade assustou a merda fora dele.

Greg era gay porque ele queria Charlie.

A verdade em qualquer outra época teria lhe correndo tão rápido quanto sua perna danificada iria deixá-lo, mas preso embaixo dele na cama, seu corpo traiu-o para o toque e desejo que olhar de Greg prometeu, ele não conseguia se mover. Ele mal conseguia respirar. Mas porra, se ele queria.

Ele queria Greg enchendo-o, fodendo com ele, levando-o e nunca parando. E se ele já não estava com medo de seu juízo acerca de tudo isto, isto o fez.

CAPÍTULO DOZE

"Eu nunca pensei que diria isso sobre outro homem na minha vida, mas você é lindo." Gregory arrastou-se na cama em suas mãos e joelhos, correndo atrás de um Charlie apressando-se. Quando Charlie atingiu o topo da cama, ele parou. Gregory deslizou seu corpo acenando, soltando beijos em seu peito. Lembrando a expressão de êxtase em seu rosto do pequeno estímulo que ele tinha causado com seus polegares, ele parou para lavar e sugar um dos discos pardos bronzeados de pele lisa e firme e o ponto-brotado em seu centro.

O silvo de Charlie era tudo que ele precisava saber que realmente encontrou um ponto quente. "Amo os sons que você faz." Ele respirou, costeando para o outro lado. Passando sua língua sobre ele, percebeu o quão suave a sua pele era, e quão bom ele cheirava. Gregory não conseguia o suficiente. A própria colônia pessoal de Charlie, pele aquecida e excitação. Ele nunca tinha encontrado nada parecido em qualquer mulher. Não suave ou doce como a pele de uma mulher, mas algo verdadeiramente original, que fez seu coração viajar e sua boca molhar. Ele puxou uma respiração, saboreando-o, em seguida, formou seus lábios em um círculo sobre um mamilo e sugou até Charlie gemer.

Nunca uma mulher falou sujo durante o sexo, qualquer uma. Droga, o que mais ele tinha estado perdendo? Ele adorava ouvir Charlie perdê-lo. Sabendo como se sentia por ele mesmo quando foi tocado, roçou o interior da coxa de Charlie com uma mão à deriva e Charlie abriu as pernas desenfreadamente. No controle de seus próprios desejos, mais uma vez, Gregory quis tomar seu tempo dando prazer ao homem abaixo dele. *Meu homem*. Ele estremeceu enquanto isto afundou nele.

Desde a noite de terça-feira, o fato de que este era um homem tinha deixado de fazê-lo tropeçar. Ele sabia quem queria. Talvez devesse ter pago melhor atenção para os três patetas o tempo todo, porque Josh certo como merda pregava isto. Ele se perguntou se isto tinha estado sempre lá, mas como ele disse, até Charlie, isto não tinha clicado.

Ele honestamente não se preocupou com o raciocínio. Gregory não podia lutar contra esse... Anseio. O desejo faminto. Charlie era como nenhum outro, e ninguém jamais exigiu tão pouco quando ele queria dar o melhor de si mesmo. Gregory também sabia o que aquilo

significava; que estava se apaixonando por ele. Mas ele não trouxe isso. Charlie não estava pronto, e sabia disso. Ele não tinha certeza se estava preparado para isso também. Uma coisa de cada vez. E naquele exato momento, ele tinha um homem quente, nu, ofegante praticamente derretendo sob cada carícia sua. Gregory foi fixado por cada movimento, cada cintilar. Ele nunca tinha pensado se tinha satisfeito um parceiro o bastante, supondo que eles lhe diriam, se eles queriam mais. Com Charlie, ele era tão transparente como o vidro, e a percepção de que Gregory gostava de fazer-lhe perder, gostava dele encantado em cada pequeno toque e beijo, deixava-o maluco.

"Amo o jeito que você prova." Gregory disse murmurando enquanto amamentava beijos molhados em seu peito. "Dilema, dilema. Acima para sua faminta boca, ou para baixo neste pênis incrível?" Ele passou os dedos em torno do comprimento endurecido de Charlie, massageando-o suavemente. A sensação dele contra a palma de Gregory era diferente de tudo o que ele poderia nomear. O homem definitivamente não carecia disso. Aquecida e duro como uma rocha, Gregory acariciou-lhe a partir da base à ponta, arrastando todas as sensações para mantê-lo direto na borda. Os olhos de Charlie rolaram em sua cabeça, enquanto seus lábios tremeram, suspirando um gemido.

"Ou melhor, ainda, ambos." Ele ronronou, encontrando-se ao longo do comprimento de Charlie para acariciar e brincar com seu corpo enquanto o beijava.

O braço de Charlie circulou seu corpo, segurando, amassando em seu ombro em resposta.

"É isso aí, bebê. Deixe-me fazer você se sentir bem."

Charlie sugou por ar, gemendo através de uma risada apertada. "Droga. Você passou de trabalho de mão a mestre da cama em nada plano."

Gregory enfiou a mão por baixo e agarrou as bolas de Charlie, puxando-as até que ele estremeceu. "Só fazendo o que nós dois queremos, certo?"

"Ah, foda! Sim." Charlie respondeu em um gemido ofegante.

"E eu amo o jeito que você diz isto."

Ele separou as bolas de Charlie com um leve beliscar em seu saco e Charlie quase atirou para fora da cama. "Oh, merda!"

"Eu aposto que gritaria, se eu chupasse você."

"Eu aposto que você estaria certo." Charlie respondeu ofegante, atirando a cabeça na cama. "Foda, sim. Sua mão... oh, meu Deus." Então Gregory engoliu suas palavras murmuradas enquanto alegou a boca de Charlie. Ele foi à loucura por isto, empurrando e moendo enquanto Gregory jogou com suas bolas. Cada agora e então, ele chegou a acariciar ou tocar em sua bunda e Charlie enlouqueceu.

Momentos depois, ele empurrou Gregory com braços duros. "Pare! Foda, indo gozar. Quero você em mim." Olhos verdes entediados nos seus com uma intensidade que foi eletrizante. "Por favor, Greg?"

Não há volta. Ele ouviu o pensamento, e não queria parar. "Tudo bem, bebê." Ele agarrou a garrafa de lubrificante. "Eu preciso ir devagar dessa vez, ok?"

Charlie corou. Na verdade, ele corou. "Qualquer coisa."

A ondulação rolou a estrutura de Gregory na resposta sussurrada. Gregory teve uma ideia muito boa do que precisava ser feito. Deslizando seus dedos, ele esfregou as pontas juntas, obtendo uma sensação para o líquido.

"Diga-me se eu machuco você." Charlie balançou a cabeça, sem piscar uma vez. Ele circulou a roseta de Charlie e Gregory viu seus cílios baterem fechados, seu peito subindo e descendo com rápidas rajadas de oxigênio.

Os dedos de Charlie agarraram na cama. Empurrando para frente, Gregory lentamente acariciou-lhe, sentindo seus músculos afrouxar.

"Outro. Continue indo." Charlie pediu. "Sente tão bom. Tem sido tanto tempo."

"Você está bem?"

"Incrível." Ele gemeu.

Seguindo as instruções de Charlie, Gregory o soltou, espantado com a forma como o atrito tinha Charlie quase uivando como um gato. Ele abriu, então rolou sobre a borracha. "Charlie?"

Com um olhar distante, Charlie focou em sua direção. "Alise-o acima, então o leve para casa."

"E é isso?"

O sorriso de Charlie era doce como a chuva da primavera. "E é isso. Só se apresse. Estou enrolado mais apertado do que uma tampa."

Posicionando-se de joelhos entre as coxas de Charlie, Charlie inclinou uma perna e Gregory observou enquanto a ponta de seu pênis aninhava contra a pulsante, lisa, brilhante pele. Então ele parou de pensar antes das diferenças óbvias o congelarem, só se permitindo sentir.

Aconteceu quase sem esforço. Talvez fosse o conhecimento de Charlie, talvez fosse do jeito que era para ser entre eles. Ele não tinha ideia, mas uma respiração mais tarde, duas, e tinha violado o músculo exterior e teve que parar, tremendo enquanto a sensação o consumia. Inundado por uma ternura que nunca tinha conhecido, ele aliviou o seu peso para frente, empalando Charlie, um centímetro excruciante de cada vez.

Até o momento que foi afundado bolas profundas, ele estava suando e tremendo. "Oh, Deus. Nunca imaginava." Ele se inclinou para frente, apoiando-se sobre o peito de Charlie. "Tão apertado. Tão bom." A vontade de empurrar estava batendo nele. Suas bolas sugavam, apertando, ansiando e ele tinha que fazer alguma coisa. "Tenho que mover-me, Charlie."

"Foda-me, Greg. Faça-me sentir tudo."

"Amo sua boca. Fale comigo, bebê. Amo todas as coisas imundas que você diz." Ele girou seus quadris, envolvido em mais apertado calor. Gregory cortou seus olhos, capturando o astuto olhar maligno no olhar de Charlie.

"Você gosta disso? Então foda-me, Greg. Foda essa bunda até eu gritar."

Gregory estremeceu; varrido em seguida abaixo com um golpe de necessidade que se afundou mais profundo do que qualquer coisa que ele já sentiu em sua vida. Aumentando as pernas de Charlie com uma garantia rápida que estava confortável, ele fez o que o homem pediu.

Ele bateu o inferno fora de sua toca, dirigindo golpes longos duros e profundos.

"Oooh, simmm. Apenas assim." Charlie ofegava. "Merda! Faça-me pintar meu peito."

"Acaricie seu pau Charlie." Foi uma ordem, mas nem pareceu importar quando Charlie moveu-se para obedecer a seu desejo. Gregory foi perdido, moendo e fodendo o ânus de Charlie como ele nunca teria sonhado foder uma mulher. Profundos, golpes poderosos

que estapeava seus corpos juntos. Músculos gritaram enquanto a tensão montava. O corpo de Charlie foi corado com o calor, o rosto tenso de prazer, com os lábios inchados enquanto ele ofegou para fora as coisas mais sujas que perversamente deliberadamente atirava lenha na fogueira.

Em seguida, Gregory estava xingando e sua estrutura inclinada. A prisão aquecida desse rabo apertado no pau de Gregory enviou-o sobre a borda. Selvagens, jatos fortes que sugou a energia direta fora dele. Ele assistiu espantado enquanto Charlie fez o mesmo, disparando duro enquanto ergueu seu eixo com um punho, até que ele gemeu exausto e drenado.

O suor escorria abaixo nos ombros de Gregory. Ele deixou deslizar as pernas de Charlie para a cama e o movimento avançou-o para trás. Pouco consciente, segurou o preservativo e cambaleou aos seus pés. Maldita casa por ter um banheiro separado, mas ele fez isso, eliminou o preservativo e lavou suas mãos. Com uma toalha em suas mãos, ele voltou para a cama, debruçando sobre Charlie, antes que desabasse sobre ele. "Você precisa disso?"

A voz de Charlie estava rouca, seca. "Você é um príncipe." Ele levantou o suficiente para roubar um beijo, e, em seguida, alegando a toalha, limpou seu peito.

"Posso?" Gregory pegou nos lençóis, ainda sob um Charlie movendo-se lentamente.

"Venha cá." Charlie virou, abriu espaço e passou por baixo para envolver-se nos braços de Gregory, enquanto se esticou com ele, com a cabeça sobre o peito de Gregory. "Incrível."

Gregory olhou para o teto muito tempo depois das respirações profundas provarem que Charlie tinha adormecido. Ele estava tão exausto.

Apenas havia sido uma mudança monumental em sua vida que não estava lá naquela manhã quando ele acordou.

Não havia dúvida que Gregory era gay, e ainda menos de uma dúvida de que ele estava apaixonado por Charlie.



"Você realmente não quer que eu vá?"

Charlie se irritou. "Não é que eu não quero que você vá..."

"Poderia ter me enganado." Greg rosnou, em seguida, pisou o pé em seu tênis na manhã seguinte. "Eu quero estar lá para você."

"Mas isso vai levar horas..."

"Então?" Greg chegou aos seus pés do lado da cama que ele dormia. "Olha, se isso o incomoda muito, eu não vou, mas sinceramente parece-me que você está escolhendo uma luta."

Charlie fez uma careta. Ele estava, mas Greg não tinha que saber isso. O homem estava debaixo de sua pele. Charlie ficou congelado no seu lado da cama, sem vontade de chegar muito perto. Ele temia que pudesse dobrar, ou pior, desmoronar se Greg o tocou novamente. Ele nunca deveria ter deixado acontecer ontem, mas agora era tarde demais.

Eles haviam despertado nos braços um do outro e tinha começado a falar sobre seus planos para o dia. Quando Charlie tinha explicado que ele tinha que ir para *Corpus*, Greg imediatamente se ofereceu para ir com ele, levá-lo, qualquer coisa que precisasse.

Exceto acordar, encontrar aqueles olhos castanhos olhando para ele com uma amplitude de calor, o abalara. A discussão degenerou em um argumento e empurra-puxa, e foi escalada rapidamente em uma briga completamente desenvolvida, e Charlie não sabia como pará-la. Ele não tinha certeza se estava no seu melhor interesse para pará-la. Não depois de ontem. Não depois de ontem à noite.

"Greg. Você realmente pensou sobre o que está começando comigo?" Escolhendo a pior coisa que Charlie conseguia fazer pensar, em nada para convencê-lo.

"Cada dia de merda." Ele murmurou, enfiando a manga comprida da camisa com murros. "Não jogue isso para mim. Você não está em uma cadeira de rodas, e até mesmo se estivesse, eu ainda quero passar mais tempo com você."

Charlie ficou boquiaberto com ele. "Você não pode estar falando sério. Você realmente não sabe disso."

Greg soltou um suspiro, arando a mão pelos cabelos. "Talvez não." Ele respondeu de maneira uniforme, olhando do outro lado da cama, admitindo este ponto, mas a determinação em seu olhar disse que faria o que isto levou independentemente. "Vi sua perna danificada ontem à noite, Charlie. Você acha que eu iria correr gritando por causa disso?" Gentileza alisou sua ira, embora seus olhos ainda rosnassem. "Eu sei que é uma parte de você. Você acha que isso o faz menos do que perfeito. Para mim, não faz diferença em tudo." Ele ficou de pé, imóvel, esperando. Com o aprofundamento da fúria vermelha em seu pescoço mais Charlie ficou em silêncio, ele mordeu através de um maxilar cerrado. "Isto foi apenas sobre o sexo?"

"Claro que foi." Charlie jogou para fora, determinado a não deixar a dor no rosto de Greg chegar até ele. Ele quase quebrou ali mesmo no fogo da raiva pura e no chicote das palavras de Greg.

"E você é um fodido mentiroso." Greg rosnou. "Ótimo. Vá para Corpus. Eu não vou deixar você fazer isso, Charlie. Nós dois temos problemas, mas vou ser condenado antes de eu deixar você forçar seus esquemas em mim. Eu tenho que ir ver se a minha casa ainda está de pé. Eu não recolhi Samson ao canil ontem à noite e eu nunca o deixei sozinho durante a noite. Vou ligar hoje à noite para ver como foi."

"Não." Charlie sussurrou. Ele baixou os olhos. Ele jurou que não poderia deixar seu coração se envolver novamente, porque honestamente não achava que ele podia. Ele sabia que não podia confiar, sabia que não poderia se importar.

Agora não era o momento de ser provado errado.

"Bastardo. Você me usou." Greg cuspiu; os olhos estreitando e esfriando a cada segundo. "Isso não é fácil para mim, Charlie, e agora você age como se eu sou uma foda barata. Você vai me pagar depois?"

"Não!" Charlie gritou, com o coração na garganta. Ele se encolheu com a dor e a raiva que emanava de Greg, o insulto cortando-o profundamente. Era exatamente como ele estava tratando Greg e não era justo ou direito, ou verdadeiro. Mas isto não tinha significado mais. Isso tinha? O rosnado de Greg chicoteou sobre a cama e Charlie queria pedir-lhe para parar.

"A porra que você não fez. O quê? Você acha que eu fui atraído? Será que você joga tudo para cima, assim que você consegue transar? Você é a vítima, com cicatrizes sentindo pena de si mesmo, e eu joguei direto junto com isto, eu não joguei?"

"Greg..." Não, não, não. Isso não está certo! Você tem isto errado. Mas ele não podia dizer isso. A humilhação de Greg estava alimentando a sua própria. Isto ia tão errado, mas ele não podia fazê-lo parar, não poderia dizer que estava errado. Não havia futuro em uma relação emocional. Tinha que ser um negócio único. A memória de como ele havia tocado Charlie na noite passada apertou-lhe, não evitando ou fazendo uma edição de sua perna ou cicatrizes. Tudo fez o seu coração baquear dolorosamente. Logo Greg iria perceber exatamente o que ele estava fazendo com Charlie se empurrasse, e ele se arrependeria até a última palavra. Charlie não tinha força para parar qualquer disto.

Greg deu um passo para longe da cama, como se ele precisava de um pouco mais espaço entre eles. O abismo que Charlie estava ajudando a criar. "Eu vou dizer-lhe o que, se essa amizade significa qualquer coisa para você, me ligue quando você estiver malditamente pronto." Então ele girou nos calcanhares e saiu do quarto para bater a porta da frente fechada, fora da casa de Charlie, e muito provavelmente fora de sua vida.

Não é isso que você queria?

Não assim. Ele silenciosamente gemeu. *Não assim.*

CAPÍTULO TREZE

"Não, mãe. Eu estarei aí em janeiro para a cerimônia de Josh e Laurence. Comprei o bilhete antes mesmo de chegar em casa." Gregory não queria estar vasculhando na última hora por uma passagem aérea ou um assento.

Gregory suspirou, com a cabeça batendo. Ele estava deitado no sofá, aquele com dois ou mais furos nos lados graças a Samson. Era só o que ele merecia. Pelo menos não tinha realmente destruído algo ou deixado minas terrestres como especiais presentes de boas-vindas em casa. O sofá era um sofá e, quando ele queria fazer algo sobre isso, substituível. Ele não tinha tanta certeza sobre o resto de sua vida.

"Bem, Jay e Libby vão sentir falta de você para o Natal."

"Eu sei mãe. Sinto muito, mas três meses seguido é um trecho, especialmente desde que o Natal está ao virar da esquina. Eu teria sorte de encontrar um assento em uma asa, lá fora."

"Sinto muito, também. Falando de seus amigos, Laurence e RJ pararam por aqui. Nós tivemos um agradável almoço na semana passada."

"Estou feliz em ouvir isso. Eu sei que nós temos todos estado ocupado. Eles sentem falta de você."

"Eles sentem falta de você também, querido. Eu não estou dizendo isso para implicar, mas o que você acha de mudar de casa? Não é apenas o mesmo quando você só começa a voar para casa uma ou duas vezes por ano."

Gregório deixou cair um braço sobre os olhos. Dois dias atrás, teria sido um enfático não. Agora... "Tenho a casa, mãe. O mercado não é grande coisa. Eu não tenho certeza que não estaria no buraco sobre isto."

"Dê-lhe algum pensamento. Estamos todos com saudades."

"Sinto falta de vocês também." Ele respondeu, desamparado e dolorido.

"Eu espero que você tenha um bom Natal. Gastá-lo com alguém? Você não disse que tinha amigos na praia? Charlotte?"

Ele fez uma careta. "Charlie. Um cara." Ele sabia que sua mãe estava chegando. Bom Deus; estava ela indo para ficar desapontada. Gregory tinha estado chafurdando durante dois dias. Ele estava estragado para as mulheres agora. Ele não tinha sentido uma centelha de interesse assistindo os replays do campeonato de voleibol, um de seus habituais olhos doce imprescindível. Tudo por causa... Ele parou. Ele não podia pensar nisso, muito menos com a mãe do outro lado do telefone. "Eu não sei o que ele está fazendo." Ele definitivamente não tinha coragem de quebrar isto para ela pelo telefone. Desculpe mãe, o seu menino é gay. Sim, ele estava morrendo de vontade de fazer isso com ela. Talvez ele não tivesse nunca que enfrentá-lo novamente. Talvez... Talvez pudesse colocá-lo fora por tempo indeterminado. Se Charlie nunca falou com ele de novo... Ah, porra, isto era deprimente.

"Olha mamãe. Estou com dor de cabeça. Eu preciso encontrar uma aspirina. Vou ligar no Natal e conversar com todo mundo, ok?"

"Claro, querido. Cuide de si mesmo, e seu cachorro também."

Gregory revirou os olhos. Esse cachorro tinha batido um surto de crescimento e agora tinha pernas como palafitas e sem noção de massa corporal. "Eu quero. Diga a papai e a todos que eu disse oi."

Ele bateu o botão final no telefone, deitado no sofá. Um nariz molhado escavando em seu pescoço. "Oi, Samson." Fungando. Uma aspirina, em seguida, uma pausa penico para a bola de pêlo.

Grogue, ele se levantou e vasculhou na cozinha até que encontrou a aspirina. Agitando um par solto, derrubou-as com um gole de suco de fora da embalagem, colocando-a de volta para onde ele a encontrou. Ele espalmou a coleira enquanto caminhava do jeito que ele viera. Depois virando em seus tênis, ele vestiu sua jaqueta.

Natal estava iminente, e os ventos não estavam sendo gentis. Com as mãos nos bolsos, deixou Samson passear no jardim da frente, debatendo se ele deveria fazer a coisa árvore este ano. Ele fez no ano passado, mas isto tinha sido deprimente, e agora com Charlie não falando com ele, sabia que seria tão ruim, se não pior.

Ele sentia falta dele, e isso foi apenas a triste verdade. Ele ainda não tinha sido realmente capaz de se concentrar o suficiente para pensar sobre seus documentos, desde a briga. Mas isso era algo que Charlie tinha que corrigir.

Quando Samson estava terminado, ele levou-o para dentro, nem mesmo interessado o suficiente para andar na praia.



Dois dias mais escorregaram e Gregory não tinha tanta certeza se Charlie ia até mesmo tentar. Para atravessar estes dois últimos dias, ele havia estado colado ao seu computador, e apenas clicando em enviar cerca de oitenta páginas de documentos traduzidos. Ele faria um bom salário, considerando que não tinha nenhum presente para comprar.

Por um capricho, ele puxou o site da companhia aérea para o voo em janeiro. Ele realmente queria levar Charlie, queria que ele conhecesse todos.

Ele fechou a página antes de cometesse um colossal erro financeiro.

Eles realmente deviam estar falando antes de comprometer-se a estar naquele voo.

Desligando o monitor, a cabeça de Samson animou-se ao lado de seus pés. "É o vento." Ele murmurou. Em seguida, ele foi provado um mentiroso quando alguém bateu à porta. Isto era perto do Natal, provavelmente, alguém olhando para tomar um coração sangrando, ao banco, ou a sua mãe tinha enviado a ele alguma coisa e era o carteiro.

Correndo a mão sobre o queixo, ele percebeu que não se barbeava. Quem se importa? Pelo menos estava vestido, mesmo que não havia nada melhor do que ficar em jeans e uma camiseta.

Ele se levantou e caminhou até a porta, abriu-a com nenhuma maneira real de se preparar. A visão do homem em sua varanda da frente bateu-lhe palavras.

"Oi." Charlie disse; uma sombra insegura no fundo dos seus olhos, que agarrou sobre ele, então, caiu uma fração.

"Oi." *Oh, você soa tão inteligente*, ele zombou de si mesmo. "Entre."

"Obrigado." Charlie limpou a garganta. O topo do botão de borracha em sua bengala sobre o azulejo era mais alto do que qualquer um deles. Charlie fechou a porta. Samson bamboleou acima e condescendeu Charlie com um arranhar de cabeça. O coração de Gregory balançou para o amolecimento em seu rosto, o sorriso em seus lábios. *Foda. Eu tenho isto mau.*

Charlie usava outra daquelas blusas grossas, volumosas, embora agora com isto sendo mais frio, o primeiro dia do inverno se aproximando, ele tinha uma desculpa válida, Gregory supôs. Mas em vez de moletons soltos, ele usava jeans descontraído. Seguindo o caminho que o jeans curvava à sua forma, então não, ocorreu-lhe por que usava a roupa solta. Para ocultar a forma irregular de suas pernas em tecidos mais apertado e ajustado, que iria demasiado e facilmente expô-lo. Realmente não importa o que usava, porque ele parecia incrível. Gregory tomou o seu preenchimento, enquanto Charlie acariciava Samson, ou não em uma pressa ou não tendo certeza, ele tirou um tempo para falar ou olhar Gregory. Isto estava lhe matando, mas ele manteve sua boca fechada.

"Eu acho que você estava esperando por mim?" Charlie finalmente perguntou. Sua atenção depositada sobre Samson.

Gregory deu de ombros, cruzando seus braços. "Você é o único que sabe por que está aqui."

Charlie balançou a cabeça. "Verdade". Ele parou de acariciar Samson, que os deixou com um rabo abanando, satisfeito que ele tinha recebido o seu devido. Olhos verdes ergueram-se e seguraram Gregory. "Sinto muito. Nada disso era verdade. Você não é uma transa barata, e ..." Charlie tomou uma lenta respiração. "E se eu estou pronto para isso ou não, você significa o mundo para mim."

Os braços de Gregory afrouxaram para envolver o corpo de Charlie, trazendo-o perto. Charlie descansou a cabeça no ombro de Gregory em resposta. "Está tudo bem, bebê." Gregory murmurou, acariciando seu pescoço com delicada ponta dos dedos.

"Não realmente, mas eu estou lidando com isso."

Gregory puxou-o com uma mão leve para olhar em seus olhos. "Se isto ajuda, eu tenho sido miserável."

Charlie balançou a cabeça. "Eu nunca quis que você fosse. Isto foi de tomar o nosso tempo para acordar sentindo como um casal."

"E isso assustou a merda fora de você, não é?"

"Em muitas maneiras." Ele respondeu; os olhos arregalados emoldurados por cílios dourados.

Gregory continuou a massagear seu pescoço.

"Eu não entendo como você está fazendo a mudança tão facilmente. Isto me confunde." Charlie disse a ele. "Você foi heterossexual por toda sua vida, salvo por me conhecer, então em menos de dois meses, você vai gay e eu estou em tantos problemas, não posso dizer meu próprio nome na maioria das vezes."

"Eu acho que não está fazendo sentido." Gregory aliviou os braços em torno dele; pesaroso por deixá-lo ir, mas sabendo que ele não devia sufocá-lo também, não importa o quanto ele sentia falta dele. Com uma mão guiando, ele o levou para o sofá. Charlie diminuiu à medida que se aproximava, franzindo a testa para os emblemas mais recentes da guerra de Samson no tecido. "Está tudo bem. Foi à soma das perdas e danos." Greg manteve uma mão firme sobre Charlie. Sem se afastar duas vezes.

"E isso é uma coisa boa?"

"Considerando o que ele poderia ter feito? Completamente. Agora venha aqui e sente-se comigo por alguns minutos." Charlie obedeceu, sentando lado a lado com Gregory. "Eu acho que o problema é que temos duas visões diferentes do espectro. Uma extremidade é seu tempo na estação com Anthony e pessoas como ele." Ele parou e esperou para ver se Charlie foi mantendo o controle. Quando Charlie balançou a cabeça, ele continuou. "Sua família é uma zona segura. Eles vão apoiá-lo não importa o que." Gregory segurou a mão de Charlie, onde descansou em seu joelho, apenas querendo tocá-lo depois de estar sem ele por quatro dias.

"Para mim, eu estive em torno da comunidade gay desde a oitava série. Talvez não vivendo no meio dela, mas ciente dela, com os amigos. Quando fui para a faculdade, o andar

da pesquisa que eu estava internado era compartilhado por vários outros estudantes e mentores. É aí que eu conheci os três patetas. Eu não era uma pessoa desacompanhada, porque na época, Josh não sabia que ele era gay. Eles aconteceram semelhantes a nós, como amigos, então a atração. Mas isso acontecendo entre eles não importa, porque todos nós éramos próximos, mesmo que eu mudei para cá." Ele fez uma pausa para se certificar do que estava tentando dizer fazia sentido. "Honestamente, não, isto não é a coisa mais fácil para eu passar. Eu tenho me questionado mais de uma vez desde que cheguei em casa de mamãe, e eu sempre surjo com a mesma resposta." Ele acariciou a mão de Charlie com o polegar. Sabendo que o que ele estava prestes a admitir poderia fazer Charlie afastá-lo novamente, ou pior. Gregory acariciou a mão na sua, dizendo: "Ser gay não me assusta, Charlie, mas não estar com você faz."

"Mas o que sobre a sua família? E sair? E..."

Gregory inclinou-se e pressionou um beijo em seus lábios para calá-lo. A ingestão súbita de ar de Charlie provou que ele não estava esperando isso. Quando Gregory levantou e deixou os lábios trêmulos ir, ele disse: "O que importa para mim é você. Como para eles, exatamente? Eu vou ter que lidar com isso quando acontecer. Eu não posso fazer isto doer." Gregory passou a mão suave sobre a mandíbula de Charlie para a camada em seu cabelo curto. "Agora, a grande questão é, você está aqui me dizendo que quer tentar honestamente, ou para justificar, porque você acha que não podemos fazer isto funcionar?"

"Droga." Ele respirou. "Você é um real bastardo." Embora Gregory segurou-o firme, os olhos de Charlie caíram; seus cílios escondendo seus pensamentos.

"Eu não sou um tipo de dar socos em caras, Charlie." Ele o acalmava por esfregando pequenos círculos com os dedos em seu couro cabeludo e têmpora. "E quando se trata de algo tão importante, eu não vou jogar."

Foi vários momentos de agonia antes de qualquer um falar de novo. Charlie lambeu os lábios com a lenta língua, sedutora, fazendo Gregory desejar morder em seu rastro. Ele esperou tão pacientemente quanto podia pela resposta de Charlie. Quando na verdade, ele queria fixá-lo para o sofá e beijá-lo até que nenhum pudesse pensar um pensamento coerente, e nunca deixá-lo ir de novo.

"Vai... você vai nos dar outra chance?" A voz de Charlie carregada de emoção enviou arrepios pelas costas de Gregory.

"Se você vai fazer o mesmo e quer dizer isso? Num piscar de olhos." Gregory viu a expressão de Charlie, quase sentindo enquanto paredes rachavam ou se desintegravam totalmente. As barreiras profundas, protetoras que ele tinha levado e manejado há mais de um ano caíram em pilhas de escombros e pó.

A mão no agarre de Gregory virou, e Charlie uniu seus dedos juntos. "Você sabe o que está conseguindo. Eu sou o modelo amassar e arranhar." Ele disse, tentando para o humor, apesar da insegurança em sua expressão dizer muito mais.

"E eu vou dizer isso a você, até que não posso dizer mais. Não faz nenhuma diferença para mim."

Firmando seus ombros, Charlie endireitou-se e olhou nos olhos de Gregory, claro e verde. "Isso quer dizer que nós reconciliamo-nos?"

Gregory sorriu, sentindo-se mais leve do que ele tinha, desde o segundo que Charlie entrou e a porta da frente tinha batido por trás dele. Ele nunca quis experimentar essa perda novamente. "Sim." Ele até se inclinou e agarrou outro beijo para provar isso.

Charlie derreteu no beijo. Gregory apertou o controle sobre sua nuca, e não o sobrecarregou, embora o beijo do homem certamente fizesse um desafio para não afundar de cabeça no calor.

Os lábios de Gregory vibraram quando ele soltou, saboreando o sabor do beijo de Charlie.

CAPÍTULO QUATORZE

Charlie estremeceu. Ele não achava que ele alguma vez se sentiria tão exposto em toda sua vida. As mãos de Greg eram gentis, embalando, acariciando, exigindo nada mais. Lentamente, ele começou a relaxar. Ele tinha estado tal um nó desde a manhã que Greg foi embora. A única vez que sua mente não tinha sido envolvida em torno de Greg foi durante a visita de avaliação, quando ele precisava responder aos comandos e mover a perna em padrões precisos.

Ele continuou a jogar com a mão entrelaçada na sua própria enquanto ele veio a aceitar que não podia correr a partir do que sentia por Greg. Charlie não estava mais feliz com a admissão, mas pelo menos não estava caindo aos pedaços como tinha estado. Caminhando através de sua porta depois de sua viagem para *Corpus*, morrendo de vontade de pegar o telefone e dizer a Greg tudo sobre isto... Então parando a si mesmo de fazer qualquer coisa do tipo, que sentiu como se tivesse arrancado uma parte de seu coração.

Ele mal se preocupou em sair da cama no dia seguinte.

Foi quando soube que precisava realmente pensar sobre o que estava acontecendo entre eles. Charlie correu suas próprias pontas dos dedos para baixo, em concha, na palma da mão de Greg, observando o fino arrepio que marchou acima do seu braço por causa disso. "Eu realmente faço você se sentir assim?" Ele sussurrou.

Greg inclinou-o para cima com o pressionar de um polegar sob seu queixo. "Charlie. Você foi me fazendo sentir 'assim' desde antes da Ação de Graças. Tomando essa viagem para Los Angeles foi a melhor coisa que eu poderia ter feito."

"Sério?" Ele estudou olhos castanhos, seguindo-os enquanto Greg encolheu o espaço entre eles de novo para roubar outro beijo. Apenas uma carícia leve, lenta. Isto fez o coração de Charlie martelar, até que Greg se endireitou. Seus lábios estavam quentes e formigavam de seus beijos.

"Realmente. Algo que Josh me disse fez o que eu sentia gerenciável. E quando cheguei em casa, gerenciável tornou-se tudo intenso. Eu tinha que saber a verdade."

"Uau." Charlie respirou. "O que ele disse a você?"

"Que eu podia não ter sido gay então, mas gostava de você, e ele estava certo."

"Os jeans." Tanto se tornou mais claro então. Charlie nunca iria esquecer aquela noite. Os jeans, ou os beijos que vieram depois.

O sorriso gentil de Greg se transformou em um sorriso diabólico. "Eu entendo que eles funcionaram?"

"Você teve sorte de eu não jogá-lo no chão no momento em que você entrou na sala." Charlie respondeu.

Greg se inclinou para frente, arranhando contra a bochecha e a garganta de Charlie com a barba em seu queixo. Ele se inclinou para a aspereza, arqueando com um suspiro, comendo os choques primitivos. Hálito quente aliviou sobre sua orelha, então Greg disse: "Se nós nos reconciliamos, quer ir abraçar?"

"Só abraçar?" Charlie olhou para ele através de seus cílios com uma dica sabedora de sua boca.

"Se as roupas acontecerem de ficar no caminho..."

Charlie riu baixinho quando Greg seguiu fora, esforçando-se para uma inocência que era tão falsa como a neve no sul do Texas. Os segredos em seus olhos eram tudo, menos inocente.

"Eu gosto da maneira que você pensa." Charlie seguiu quando Greg se levantou, caminhando com ele para o quarto, ainda de mãos dadas.

Como a frente da casa, havia piso de cerâmica não polida para tornar mais fácil se livrar da areia, com um corredor de tapete para o banheiro. As persianas estavam abertas para um pequeno quintal, embora ele não estivesse perto o suficiente para obter uma visão da praia. A cama e cômoda foram um par combinado, discreto, em comparação com os tons ricos do resto da casa, um tom de madeira mais leve. Sua cama foi feita embora. A de Charlie não tinha sido feita oficialmente, desde que ele tinha mudado os lençóis no dia que ele dirigiu para *Corpus*. Ele sabia que não seria capaz de dormir sobre eles com o aroma único de Greg embutido no algodão.

"Como foi a consulta para sua prótese?" Greg facilitou Charlie à beira da cama e agilmente capotou fora de seus tênis, em seguida, empurrou seu ombro para instá-lo a cair.

Charlie fez o que ele pediu, observando enquanto Greg colocava sua bengala nas proximidades, na mesa de cabeceira. Ele deslizou sobre a cama, abrindo espaço para Greg.

Uma vez que eles estavam deitados confortavelmente debaixo dos cobertores, Charlie envolto nos braços de Greg, ele respondeu: "Isto foi muito bem, na verdade. A rotina que eu tenho mantido na minha perna tem melhorado-a."

"Isso é bom, certo?"

Charlie sorriu, pressionando para o vale da garganta de Greg sob seu queixo. "Muito bom. Eu posso nunca precisar da bengala novamente com a prótese."

"Isso é maravilhoso para você." Greg disse. Seus dedos dançavam para cima e para baixo da coluna de Charlie. "Eles disseram alguma coisa sobre as crises?"

"Só que se eu continuar a trabalhá-la, manteria-a ágil, elas ocorrem com menor frequência, mas elas provavelmente nunca irão embora."

"Bom e mal."

"Sim." Charlie suspirou. "Eu vou levar isto." Greg riu levemente, aproximando-se, enganchando uma perna entre as de Charlie para enrolá-las em conjunto. Seu calor combinado e a maciez da cama o estavam fazendo sonolento. Ele tinha perdido o sono desde que Greg tinha ido embora. Não era muito surpreendente. Ele adivinhou. E, assim sendo seguro por Greg se sentiu novamente tão bom. Ele não podia lutar contra o bocejo quando isto bateu. "Desculpe." Ele murmurou. Charlie tentou erguer os olhos abertos, mas eles se recusaram a cooperar.

"Está tudo bem. Durma. Foi uma daquelas semanas." Ele ofereceu com uma pitada de humor irônico.

"Não brinca." Charlie respondeu, aconchegando apertado com Greg retribuindo. O suave assobiar das mãos de Greg em sua coluna o relaxou no sono.



Charlie cantarolava sonolento quando os lábios quentes escovaram em sua têmpora, deixando um rastro de combustão lenta sobre sua bochecha. O raspar da barba curta queimava e excitava ao mesmo tempo, enquanto Greg aconchegou mais perto para estalar o lóbulo da orelha de Charlie com uma língua provocando. De alguma forma, ele não estava se queixando em apenas como, exatamente, a mão de Greg tinha mexido com a frente do suéter solto de Charlie sem ele saber, e estava esfregando e acariciando sobre seu peito e mamilos, disparando arrepios de desejo piscando em sua corrente sanguínea. Ele suspirou, despertando para a deliciosa sensação de ser afagado à consciência.

"Estou fazendo isso direito?"

Charlie sorriu. Suas pálpebras levantaram sonolenta para olhar as órbitas castanhas. Crepúsculo varreu o quarto, substituindo cantos com as sombras, e o silêncio da noite chegando.

"Eu não acho que você poderia fazê-lo errado." Como se testando a teoria, Greg marcou o peito de Charlie com suaves garras de unhas. Ele sussurrou em resposta, arqueando com um suspiro, enquanto estalou completamente desperto – todo. Ele gemeu densamente. "Definitivamente nada errado." Ele conseguiu, com a garganta apertada enquanto ele lutou por arquejos de ar.

Greg levantou a batinha inferior. "Acho que este é o lugar onde as roupas vão começar a ficar no caminho."

Charlie passou o braço para fora de uma manga e Greg puxou a roupa sobre a cabeça de Charlie e fora, jogando-a para o lado. A mudança de temperatura causou seus mamilos a apertar.

Greg rolou seus comprimentos juntos até Charlie estar embaixo. "É normal para um cara ser tão sexy?" Ele perguntou, olhando abaixo para Charlie com autêntica fome.

Charlie encolheu os ombros, sentindo um calor tímido no rosto. "Se você achar isto sexy, então eu acho que sim."

Greg deslocou, alinhando seus corpos. A honestidade crua em seu olhar congelou Charlie. "Eu acho que você é incrível." O abafado tom de sua voz registrado. Greg ainda

estava chegando a um acordo com o que aquilo significava. Charlie queria ser o único a ajudá-lo a chegar lá.

Com uma mão terna, ele peneirou para cima através do cabelo de Greg. "Eu estou contente. Eu posso ver isto em seus olhos quando olha para mim. Você não vê as cicatrizes, e isso significa tudo para mim."

"Bebê." Ele respirou, mergulhando para baixo e saboreando um beijo de seus lábios.

Charlie derreteu; seu braço sentando-se molemente para a cama. Como poderia ele não derreter? Ele sabia que estava rachando sob a persistência de Greg, cicatrizes ou não, medos ou não. Inclinando seu queixo, Greg não decepcionou, fluindo seus lábios em seu pescoço com beijos lentos e famintos. Ele propositalmente arrastou o áspero de seu queixo sobre o peito de Charlie e ele gemeu.

"Os sons que você faz." Os ombros de Gregory flexionaram e ele ofegou, um rude arrepio correndo sobre a sua forma.

"Isso excita você?"

"Tanto. Nunca soube."

"Não como uma mulher?" Charlie perguntou sinceramente curioso.

"Não como isto, não como você." Gregory ergueu para inclinar-se sobre ele nos braços fechados, pesquisando seu olhar, pensamentos rodando como ventos desenfreados sobre suas feições. "É como algo que estava faltando finalmente clicado, mas eu nunca soube que estava faltando para começar, porque nunca estive nessa situação."

O coração de Charlie bateu. Isto iria destruí-lo em ser traído duas vezes. "Você acha que qualquer outra pessoa..."

Greg balançou a cabeça com uma força segura. "Só você. Eu sei que não poderia ser assim com outro homem. Você nunca esteve com uma mulher, não é?"

Foi à vez de Charlie sacudir a cabeça. "Nem uma única vez. Eu beijei um pouco na escola, determinado a provar a mim mesmo que, se pudesse, eu não era gay. É só provou que eu não ligava para isto a metade tanto quanto." Ele admitiu.

Os dedos de Greg massageavam seu couro cabeludo novamente. "Colore-me egoísta, mas estou feliz."

"Piegas." Mas aqueceu Charlie dos joelhos para cima.

"Então, eu estou fazendo a coisa certa?" Greg perguntou de novo.

"Bebê, eu realmente acho que você não poderia fazer qualquer coisa de errado." Os dedos de Charlie acariciaram o ombro de Greg para deslizar abaixo em seu braço. "Toque-me." Ele sussurrou. "Como você fez pela primeira vez."

"Eu vou."

Charlie tremeu com a promessa desta resposta. Ele não queria fechar os olhos e apenas deitar ali, mas a atenção meticulosa de Greg o fez desossado. Tornou-se claro então que Greg era uma força a ser contada. Enquanto Charlie tinha sido um topo com Garen, ele não conseguia encontrar uma pitada de força para tentar derrubar o homem que o segurou na palma da sua mão, de muitas maneiras. Arrepios e tremores rolaram sobre seu corpo enquanto Greg seduziu-o, provocou-o. Dedos para unhas, língua para dentes.

Os fechos sobre seu jeans foram desfeitos e com cuidado terno, Greg despiu Charlie nu.

"Droga." Greg respirava em um tom reverente. "Essa é uma das imagens mais sexy que já vi."

Atordado, Charlie tentou se concentrar. Brasas eram o que ele encontrou quando colidiu com o olhar de Greg.

Greg espalmou a mão plana sobre o torso de Charlie, atingindo desde o peito para seu abdômen superior, tranquilizando-o. Seus dedos flexionados, como se absorvendo a sua essência em si mesmo por meio de sua palma. "Você, bebê. Mulheres farão de tudo para tentar tornar-se atraente. Depilação, peitos falsos, cabelos tingidos, mas isso é tudo você com essa sexy boca, beija-me, olhando como se já tivesse sido amado por horas. Eu não me canso disso."

Charlie sabia que corou de seu pescoço para o seu cabelo. Ninguém nunca tinha falado assim com ele. Então, engasgou bruscamente quando Greg baixou a cabeça, provocando a ponta de seu pênis com o calor de sua respiração.

"Assim?"

Tudo o que Charlie poderia fazer era murmurar em acordo. O açoite da língua de Greg sobre a carne era chocante, dirigindo calor em sangue correndo com uma força vulcânica. Ele mordeu os lábios, segurando o gemido. Nossa Greg o fez soar como uma prostituta barata, gemendo e choramingando ao menor toque. A cama balançou enquanto Greg jogou o peso entre as pernas abertas de Charlie. Ele piscou e tentou espiar o seu próprio corpo. "Você ainda está vestido?" O arranhar do jeans em suas pernas era inconfundível.

"Por enquanto." Ele respondeu.

Charlie afundou no travesseiro, ofegando. A respiração de Greg fluía sobre ele enquanto ele esfregou o nariz na virilha de Charlie, puxando profundas inspirações e suspirando. Arrepios irromperam sobre o corpo de Charlie. O furto arrastado da língua de Greg sobre suas bolas era o céu e o inferno.

"É isso aí, gema por mim." Greg lambeu novamente e Charlie não conseguia manter-se de fazer exatamente isso, gemendo sob o tormento da língua aprendendo de Greg. Ele arqueou, gritando quando Greg o teve endurecido entre seus lábios. O zumbido de aprovação enviou choques até sua espinha em ondulações ricocheteando. Seu pênis latejava. Então, como se Greg soubesse onde doía mais, ele varreu o plano de sua língua acima do seu comprimento, começando na base para engolir a cabeça e fechar os maxilares em torno dele. O corpo de Charlie apertou quando Greg puxou sobre ele, sugando-o lentamente em sua boca. Charlie estendeu a mão e apertou os dedos pelo cabelo de Greg, segurando-o, a necessidade de tocá-lo enquanto aprendia o que Charlie gostava, que era um monte.

Ele assobiou enquanto Greg continuou a lamber e sugar, o golpe das pontas dos dedos provocando e instigando sobre a pele e os músculos. Charlie mordeu o lábio quando Greg pressionou em sua bunda. Ele decolou a dureza latejante do pênis de Charlie. "Você está pronto para mim, bebê?"

"Não se atreva a parar." Ele conseguiu; sua voz áspera com a necessidade.

"Não sonharia com isso." Quando Greg levantou-se e sorriu, o coração de Charlie estremeceu no calor e emoção na expressão do outro homem.

CAPÍTULO QUINZE

Greg aliviou da cama, e de pé ao lado de Charlie, abriu a gaveta do criado mudo. "Eu acho que você pode ensinar a um cachorro velho novos truques." Ele ergueu uma garrafa de lubrificante e uma tira de preservativos para fora, um brilho totalmente sem remorso em seu olhar. Colocando o que segurou na borda da cama, ele despiu-se, desdobrando sua camisa e jogando-a fora. Diminuindo o jeans foi uma provocação lenta, expondo-o em centímetros de pele bronzeada.

Charlie não conseguia desviar o olhar. Ele amava o pênis de Greg. A cabeça foi corada e vermelho escuro enquanto olhava, líquido vazando para a ponta. Ele engoliu em seco. Droga, ele queria provar isso novamente. Buscando acima, pegou a o faminto queimar derramando através dele espelhado nos olhos de Greg. Como se estivesse lendo sua mente, Greg incentivou Charlie com a mão espalmada para se sentar na cama, em seguida, segurou-o imóvel, propositadamente dirigindo a ação enquanto se alinhava, então deslizou entre os lábios de Charlie.

Ambos gemeram. "Eu amo a sua boca." Greg sufocou; os dedos cavando no ombro de Charlie. "Fodido melhores lábios. Oh, merda." Greg balançou, deslizando dentro e fora.

Agora que Charlie tinha-o, não queria deixá-lo ir, sugando-o mais profundo e mais duro com cada impulso medido. Quadris fortes pistoneavam o comprimento suave uniformemente entre seus lábios. Charlie agarrou seus dedos nas coxas musculosas de Greg.

"Mmm, sim, como isso." Greg segurou a cabeça de Charlie, controlando ainda mais. Charlie gemeu, querendo seu pênis profundamente em sua língua. Ele chupou enquanto Greg retirou-se e sentiu o corpo do homem tremer sob suas mãos em reação. "Foda, Charlie." Greg segurou-o quando queria inclinar para frente e fazê-lo novamente. "Nunca conheci ninguém com uma boca como a sua."

Charlie tossiu levemente para limpar a garganta, o gosto de Greg rodopiando sobre suas papilas gustativas como um vinho caro. "Isso é um elogio?"

"Essa é uma fodida medalha." Mãos inquietas levaram-no aos seus pés. Charlie encontrou seu beijo de língua para língua, e estremeceu quando seus pênis friccionaram. Sua pele queimava em todos os lugares que eles roçaram e bateram.

Greg deixou-o ir, lambendo em seus lábios para mordiscá-los com gentis dentes. "Vire-se." Charlie piscou. "Está tudo bem, bebê. Eu tenho você." Greg lhe deu outro beijo prolongado. Charlie não conseguia encontrar isto nele para resistir.

Ele já viu as cicatrizes, ele disse a si mesmo. Puxando uma respiração lenta, ele fez conforme solicitado, dando as costas a Greg.

O calor inesperado da língua de Greg varrendo sua espinha enviou tremores em cascata na selvagem correria sobre seu corpo. Ele arqueou na sensação de fogo. Os dedos de Greg dançaram sobre seu corpo, acariciando-lhe a espinha, massageando seus ombros e amassando onde sabia que o pior de suas cicatrizes estava. O que ele não esperava era a sensação de sua boca dando beijos urgentes para aquelas mesmas cicatrizes. Um tremor alcançou-o enquanto lutava para respirar, enquanto choques explodiram sob a boca afetuosa de Greg.

Greg tomou seu tempo, entregando a alma dilacerada de adoração ao corpo danificado de Charlie. A pressão de uma palma o incentivou a se inclinar para frente e ele fez, caindo para manter-se acima da cama. A pressão sobre as pernas dele encorajou-o a alargar a sua posição e Greg começou a destruir totalmente o controle de Charlie.

O cuidado que ele tinha tomado nas costas foi repetido, com amor em cada bochecha da bunda, então mais baixo, enquanto se ajoelhou atrás de Charlie, e adorou suas pernas. Correndo as mãos nos drogou varreduras mais músculos e cicatrizes tanto, ele acariciava e amava o corpo de Charlie. Em nenhum pequeno sentido do significado, ele afirmou Charlie.

Cada beijo puxou mais e mais na teia de sedução e adoração que Greg lançou sobre ele. Cada toque queimava-o à sua alma. Em seguida, houve a suave pressão dos lábios para as feridas curadas de sua perna direita. Foi a primeira vez que ele quase entrou em colapso porque alguma coisa tinha se sentido tão bem.

Charlie ofegava, seus lábios se separaram, com a cabeça pendurada molemente, entrincheirado em tudo o que Greg fez com ele. Na sua misericórdia absoluta, e feliz por estar lá.

A raspagem dos dentes sobre o seu traseiro arrastou um gemido rosnado fora dele. Charlie estava tão perto de ter uma experiência fora do corpo, isto o sugava duro para sentir este áspero aguilhão, espiralando-o em um mar de sobrecarga. O tamborilar da língua de Greg em seu buraco bateu seus braços para fora e debaixo dele, empurrando sua bunda para o ar para a exploração do outro homem.

"Isso está correto?"

O sussurro em indagação de Greg ecoou através da névoa de prazer. "É tão bom."

"Não muito longe?"

Charlie conseguiu balançar a cabeça, um ofegante não sua resposta. Então ele percebeu o que Greg quis dizer. A ponta penetrante da língua de Greg conectada com a carne, colocando na abertura de Charlie. Ele gritou em êxtase, sua coluna arqueando. "Ah, foda!" O pênis de Charlie latejava, gotas vazando abaixo para o lado. Suas bolas eram apertadas, pesadas e cheias. Cada aperto de desejo trouxe-as mais apertadas em seu corpo.

"Tudo bem?"

Charlie liberou o punho cerrado que ele tinha sobre os lençóis, engolindo para relaxar. Nem mesmo Garen tinha feito isso por ele. "In-porra-acreditável." Ele sufocou. "Oh... Arrrgh!" Greg fez isso de novo, não se limitando a ponta de sua língua. Unha, respiração, lábios em contato a qualquer centímetro de pele dentro do alcance de seu êxtase cheio de instrumentos de tortura.

Charlie estava tremendo incontrolavelmente com a necessidade reprimida quando Greg finalmente parou. Ele acariciou a cama, agradecido que ela estava lá para segurá-lo firme.

"Charlie?"

"Qualquer coisa." Ele resmungou.

"Assim?" Greg perguntou; o tom de um pedido, não uma exigência. Ele ficou atrás de Charlie agora, acariciando-o com carícias pacientes de suas palmas.

"Ah, foda, por favor. Sim!"

Frio líquido liso se antecipou ao impulso do dedo de Greg, deslizando facilmente com o seu corpo já em ebulição, faminto por uma boa foda. Greg não precisava de instrução uma segunda vez, uma mão acariciando a parte inferior da coluna, enquanto ele trabalhava o traseiro de Charlie.

O som da abertura do preservativo era a música de Charlie.

"Isso é incrível, Charlie." Greg respirava. "Tão perfeito." Mãos firmes seguraram-no estável enquanto Greg alinhava-se e Charlie grunhia, empurrando para ele, exigente e impaciente. "Calma bebê, não quero machucar você."

"Greg." Ele não se importava que estivesse implorando, lamentando-se. Ele precisava; de uma maneira que não podia se lembrar de sentir em sua vida.

Ele grunhiu quando Greg deslizou através, do escorregadio deslizar de seu pênis enchendo-o completo. "Ah, foda, sim." Charlie ofegava. "Dê-me. Quero você."

"Deus, Charlie. Você sabe o que conversa suja faz para mim."

Os ombros de Charlie flexionaram, seu corpo balançando, incentivando o ritmo de Greg. "Então, fodidamente encha-me." Charlie estava praticamente rosnando, tão esticado, tão necessitado. Greg estava lhe matando.

"Prepare-se."

Charlie fez, plantando os joelhos contra a borda do colchão e dando a Greg sua bunda para bater. Quando Greg ajustou-os juntos, Charlie engoliu seu soluço, gemendo profundo em seu peito.

"Mais duro?"

Charlie balançou a cabeça, mal conseguindo respirar, enquanto seu corpo incendiava.

Greg cumpriu a sua necessidade. Como um bloqueio tinha sido quebrado, ele empinou-se para trás, encontrando a ação de pistoneamento com moer vicioso de sua autoria. O tapa de pele para pele ecoou no quarto.

Grunhidos cresceram alto, seus e de Greg. "Foda. Vou gozar Greg."

Greg gemeu; dedos implacáveis escavando em seus quadris. "Deus, Charlie. Tão quente. Tão apertado."

Charlie estremeceu; sua pele apertando enquanto suas bolas endureciam mais. "Vamos, Greg. Foda esta bunda." Ele sentiu Greg estremecer para sua demanda rosada. Ele desejava que tivesse um espelho para ver o rosto de seu amante, para ver como ele se sentia, para vê-lo enquanto se perdia isto e quando finalmente gozou.

Facilitando a mão sob seu corpo, ele cerrou seu saliente pênis, e grunhiu enquanto um raio atingiu. Greg gemeu ruidosamente, enquanto a pressão efeito dominó abaixo em seu corpo, o aperto do pênis de Greg em combinada resposta.

Então não havia como parar ou enquanto Greg gritava a sua libertação, moendo para a bunda de Charlie enquanto seu eixo engrossado e disparou jatos quentes dentro da camisinha. Levaram apenas alguns golpes para enviar Charlie ao orgasmo rasgando seu sistema, jatos rígidos que pintaram a borda da cama em seu peito e ombros. Greg pulsava e deslizava, até que ambos foram drenados.

"Deus, Charlie. Você é incrível. Isso foi..." Greg parou; ofegante, sugando arquejos de ar. A testa úmida descansou entre as lâminas do ombro de Charlie.

Charlie ficou tenso, incapaz de escondê-lo completamente, temendo que ouviria aquelas três palavras que ele sabia, que não estava preparado. Depois do que eles tinham acabado de compartilhar, ele realmente não queria terminar com uma nota ruim novamente.

Greg passou um braço em torno do estômago de Charlie, dando-lhe um abraço de um braço. "Senti sua falta, bebê."

Alívio inundou-o. Isto ele podia aceitar e até mesmo voltar, porque ele tinha perdido o inferno fora de Greg. "Eu também, bebê."

Cuidadosamente, Greg puxou seu pau amolecido fora do corpo de Charlie. "Todas as vezes que nós queremos, hãh?"

"Como coelhos, se você for acima para isto." Charlie sorriu; ainda pressionado contra o colchão, também em felicidade para realmente se importar com qualquer coisa mais no momento.

"Em cerca de 20 minutos, se tanto tempo." Greg acariciou suas costas com carinho. "É como aprender sexo tudo de novo, e confia em mim, isso bate a merda de *Health Ed.*"

Charlie bufou, rindo do olhar malicioso em sua voz. "Babaca."

"Sim, eu sei." Mas Charlie ouviu o riso jovial de Greg alto e claro. Um momento depois, Greg voltou com toalhas e após uma provocante tentativa de limpeza, eles caíram juntos para pousar na cama de Greg, aconchegado nos braços um do outro.



Gregory segurou-se em uma mão apoiada, assistindo Charlie dormir ao lado dele. Samson teve necessidade de ir para fora, ou ele provavelmente não teria saído da cama para nada. Ele ainda estava afundando em que Charlie estava lá, e melhor, em sua cama. Seu coração acelerou simplesmente observando-o, sua respiração fácil um leve ronco que era tão bonito como ele era.

Havia flashes de memória, faíscas silenciadas, do sexo que tinham tido, embora nem mesmo ele soubesse a diferença entre sexo e algo mais profundo. Ele temia que Charlie tivesse também e isto tinha lhe assustado.

A hesitação de Charlie era por que ele não tinha saído e lhe dito que amava bem, então e lá. Gregory nunca havia imaginado que dois homens poderiam honestamente fazer amor, mas agora, ele sabia que era possível, e isto era lindo, fantástico. Ele despejou tudo de si mesmo no que eles haviam compartilhado e a resposta de Charlie tinha sido eufórica, indescritível. Ele teve um tempo difícil e parar suas explorações em tudo, porque ele queria experimentar tudo, tocar tudo, beijá-lo em todos os lugares. Gregory havia se movido por instinto, e respostas de Charlie tinha ido muito acima de qualquer coisa que ele teria de outra forma esperado.

Inferno, Charlie era mais um animal do sexo do que qualquer mulher que ele já tinha estado. Foi uma das coisas que amava sobre ele. Ele estava apaixonado. Profundamente, loucamente apaixonado. Greg não era sempre assim áspero ele mesmo, mas Charlie

inflamou-o, levou-o louco de vontade de senti-lo, saboreá-lo, ouvi-lo gritar e gemer. Arrepios ergueram-se, juntamente com as memórias. Ele piscou ainda espantado de si mesmo pelo que ele tinha feito, mas uma vez que foi ele não conseguia parar. Não considerando como isto colocava Charlie pegando fogo. Havia um certo calor, uma selvageria a cada centímetro que ele tinha beijado ou lambido e, mesmo assim, lembrando, ansiava mais do mesmo.

Gregory respirou, tentando manter seu corpo de responder às memórias. Ele não queria acordar Charlie enquanto estava trabalhando o seu caminho através do que eles tinham feito, e o que ele tinha feito para Charlie sobre o topo disso, porque não havia dúvida que Charlie tinha definitivamente gostado. Dizendo que Gregory tinha gostado de explorar e quebrar limitações pré-concebidas era como dizer que o Sol era uma pedra pequena e quente.

O que se ele fez isso comigo? Oh, inferno. Isso fez com que sua respiração batesse uma parada puxada em seu peito. Iria ele? Iria ele me tocar, me beijar, como isso? Porra, se ele... Com a sua língua? Gregory rolou nas costas, ofegando irregularmente. Sua bunda apertada em resposta, um desejo começando a construir, isto provou que ele não estava indo na direção errada com seus próprios desejos. Ele adorava sentir a boca de Charlie em seu pênis. Seu maldito pênis adorava. Ele tinha certeza que o resto do seu corpo ficaria muito feliz de estar nesta prática.

Será que ele alguma vez vai foder-me? Eu o quero para fazer? Hmm... Como faz isto trabalharia entre dois caras? Sentindo um calor envergonhado, ele se perguntou se Laurence ou Josh diriam a ele, o ajudariam a preencher os espaços em branco. Ele imediatamente sacudiu a cabeça. Gregory não precisava tomar suas perguntas a um deles, quando o homem que iria melhor saber para ambos estava em sua própria cama.

Pensando na dupla do mal, ele percebeu que as coisas estavam melhorando, Charlie poderia ir com ele para Los Angeles. Isso trouxe um sorriso para seus lábios. Charlie e todos seus amigos de volta para casa? Ele amaria isto.

Gregory esperava Charlie vindo para ele fosse um bom sinal. Cada minuto em que ele estava na órbita pessoal do outro homem sabia que só foi caindo cada vez mais apaixonado por ele. Quão insano era que mesmo tanto quanto tinha se importado por Rachel, ele se sentisse absolutamente vulnerável a Charlie, um rapaz?

Porque ele é o único que poderia quebrá-lo. Ele não podia negar, não só depois de passar quatro dias longe dele, sentindo sua miséria mais baixa, sentindo falta dele.

Rolando para enfrentá-lo novamente, ele olhou para o perfil de Charlie dormindo. "Eu amo você." Ele respirou, tirando a ponta do dedo da têmpora de Charlie para o queixo com o toque de uma borboleta. Surpreendentemente, isto não causou uma onda de pânico ou terror por dizer essas palavras. Talvez ele honestamente sempre fosse gay, e apenas nunca encontrara o cara certo. Não é de admirar que Josh compreendeu-o tão bem. Seriamente, ele nunca tinha pensado uma vez em fazer amor com um cara, nunca uma vez encontrou uma forma atraente do sexo masculino, no nível que Charlie atraiu-o. Se eles nunca se encontrassem, ele estava disposto a achar que teria, eventualmente, se casado com uma mulher, ou talvez não. Se depois de quatro anos, ele realmente não estivesse sentindo a sua perda, ele tinha suas dúvidas.

Quatro anos sem Charlie, no entanto, agora, depois do que eles haviam compartilhado como se sentiria? Ele estremeceu com o pensamento.

Trazendo seus corpos apertados, ele enrolou um braço por cima da cintura de Charlie e ele moveu durante o sono, ondulando no peito de Gregory, onde gostava de se deitar, seu rosto no vale abaixo do queixo de Gregory. Ele estava perfeitamente bem com isso.

CAPÍTULO DEZESSEIS

"Quer passar o Natal com meus pais?"

O garfo de Greg fez uma pausa enquanto levantava de seu prato. "Tem certeza de que está pronto para isso?"

Charlie deu de ombros. O olhar de Greg sobre ele sentiu-se como um peso pesado. Aqui ele pensou que Greg iria agarrar a chance. Talvez o estivesse lendo errado, afinal, e Charlie realmente não tinha nada para se preocupar.

Agora por que isso causava uma protuberância deprimida em seu estômago? Ele não queria que Greg estivesse entusiasmado para conhecer sua família, não é? Charlie voltou a comer seu café da manhã o mesmo que Greg, confuso com a calma de Greg e seus próprios desejos, que ainda eram uma bagunça, aparentemente. Ele permaneceu mais em Greg pela primeira vez. Fazer as pazes tinha tomado a maior parte da noite, como se viu, e ele não estava dirigindo para casa e quebrar a bunda de madrugada, quando Greg tinha tudo, exceto o amarrado à cama para mantê-lo lá. Nu, bem fodido, e exausto, mas lá, no entanto.

Charlie assustou quando Greg segurou sua mão pousada sobre a mesa. "Bebê, se você quer que eu vá, eu adoraria. Será que eles vão ficar bem com isto? Quero dizer, como na mesma casa?"

Charlie deu de ombros. "Garen e eu nunca ficamos lá. Não precisa, mas se os torna desconfortáveis, vamos conseguir um quarto. Eu não vejo isso acontecendo." Ele olhou para cima e agarrou nos olhos castanhos claros. "Você vai ficar bem com isto?"

"É a primeira vez para tudo." Greg sorriu, inclinou-se e levou um beijo rápido, roubado dos lábios de Charlie.

Charlie estudou-o, perguntando se ele tinha despertado algumas cartas disparadas naquela manhã. "Por que eu recebo o sentimento que você faria qualquer coisa por mim?"

"Porque você não está errado." Greg respondeu facilmente. "Bem, qualquer coisa dentro da razão." Ele piscou; então se levantou e entrou na cozinha para despejar seu prato e lavá-lo. Charlie viu o jogo do músculo, por baixo da camiseta de Greg enquanto ele se

moveu. "Incomoda-lhe que eu quero fazer coisas para você? Cuidar de você?" Ele perguntou de onde ele estava na pia.

Charlie se levantou da cadeira e caminhou até ficar atrás dele, descansando sua bengala sobre o balcão para embrulhar os dois braços ao redor de sua cintura. Pressionando seu rosto nas costas de Greg, ele respondeu: "Não tanto quanto isto teria uma semana atrás." O comprimento de Greg relaxou em seus braços enquanto a tensão filtrava dele. "Não há nenhuma razão para apressar qualquer coisa, Greg."

A mão de Greg cobriu onde a sua entrelaçava na frente. "Eu sei. É por isso que eu queria que você se sentisse confortável comigo, com pedindo-me para ir."

"Eu estou." Charlie aninhou-o atrás da orelha, saboreando da pele recém-banhada. Havia algo sobre a mistura de sabão, shampoo e Greg, que o confortava. Ele parecia encontrar-se escondendo debaixo da dobra do ombro ou no pescoço, sempre que eles estavam perto assim. "Eu não teria perguntado-lhe se eu não estava pronto."

Greg aliviou-se em torno para olhar fixamente nos olhos de Charlie. "Então sim, eu adoraria conhecer a sua família. Eles devem ver a ralé que você está fazendo companhia."

Charlie bateu-lhe no ombro, admoestando. "Claro, professor. Experimente e convença-os que você é uma semente ruim."

"Você deve saber. Você me faz crescer em caminhos pecaminosos."

Charlie balançou a cabeça e sorriu mais amplo quando Greg se inclinou e beijou a ponta do seu nariz.

"Hmm. Será que esse é um desses momentos?" Charlie sorriu; dando uma espiada para baixo.

"Agora, definitivamente." Greg balançou os quadris como se precisando prová-lo.

"Deus, isto sente incrível." Charlie sentiu-se querendo derreter, a haste endurecendo do pênis de Greg balançando contra o seu próprio. Ele tremia, em seguida, sacudiu-se como se de um transe. "Greg."

Ele suspirou. "Eu sei. Mas você vai voltar, certo?"

"Eu vou. Quer que eu prometa?"

"Não me tente. Vou levar isto e seguras isto sobre sua cabeça." Ele reclamou com bom humor. Ele mergulhou e beijou Charlie duro. "Volte quando estiver pronto. E desta vez, traga roupas e seus pesos se você quiser."

"Tudo bem. Mais tarde esta tarde." Greg foi beijá-lo antes que ele pudesse adicionar mais.



Gregory trabalhou durante o almoço, querendo ter a noite para passar com Charlie. Ele não estava esperando seu e-mail aparecer. As faculdades geralmente não o contatavam no meio da semana.

Ele clicou e leu, arregalando os olhos enquanto balançava a cabeça. "Eles estão brincando, certo?" Ele ergueu a mão para mouse sobre a mensagem para excluir, mas deteve-se. Um dos colégios em que trabalhava a longa distância estava lhe oferecendo uma posição permanente em casa, tradutor/pesquisador por um maldito bom pagamento. Exceto que isto era na Califórnia. Ele poderia ir para casa. Mas ele não poderia deixar Charlie. Greg mordeu sobre seu lábio. Lembrou-se do desejo de sua mãe em tê-lo em casa novamente, pelo menos, mais perto do que ele estava; metade do país de distância. Ele leu o convite novamente. Isto não era em pedra, apenas um teste de e-mail. Quanto mais ele considerou o que poderia fazer se ele aceitasse, mais parecia uma boa ideia.

Não, ele sabia que não poderia fazer isto. Charlie significava mais para ele, e não o estava descartando por um longo tempo e também não dando folga, no cumprimento dos prazos das faculdades solicitados, e não era como se eles fossem insensatos.

Ele fechou a tela e começou a trabalhar.



Charlie bateu na porta. Ouvindo um abafado "Entre." Ele abriu a porta e deixou-se dentro.

"Não, mãe. Eu não sei."

Charlie fechou a porta silenciosamente. Ele não queria perturbar um telefonema.

"Estou contente por Josh colocar uma palavra boa para mim, mas eu não posso." Charlie localizou Greg falando ao telefone na cozinha. Quando seus olhares se encontraram, Greg soprou-lhe um beijo. Charlie deixou a mochila que carregava cair no chão. "Mãe, olha, esta não é a única coisa, mas eu realmente não quero falar com você sobre isso por telefone. Eu conheci alguém."

Charlie sorriu para o seu aflito rolar de olho.

"Sim, é por isso que eu não quero assumir o cargo, mas não é a única razão."

Um trabalho? Charlie fingiu indiferença, acariciando Samson agora que ele decidiu vir investigar. "Algum cão de guarda você é." Ele sussurrou, sorrindo para a cauda abanando acelerada.

"Sim, eu me importo muito, mas mãe..." Ele respirou. A frustração era evidente na maneira como ele andava com dificuldade em torno da cozinha. "Eu não quero fazer isso por telefone. Há algo que você não sabe; uma coisa grande. O nome dela?" Charlie chicoteou acima enquanto o rosto de Greg empalideceu; seu olhar fechado sobre ele. "Mamãe. Por favor. Não, ela não vai ir comigo no próximo mês. Mãe..." Greg caiu no chão, onde ele congelou, embalando sua cabeça em uma palma balançando. "Mãe é Charlie. Sim, meu amigo que eu lhe falei. Sim, meu amigo. Eu disse que não queria fazer isto desta maneira."

Charlie deslizou ao longo o mais silenciosamente que pôde para onde ele se sentou em estado de choque sem graça, sem saber se ele estava sendo procurado, ou se poderia ajudar. Greg deve ter visto seus tênis porque quando ele chegou perto o suficiente, chegou e alcançou a mão livre, puxando-o para o chão, cuidando suficiente para não machucá-lo com a sua angústia.

A aderência de Greg era úmida e apertada como um vício sobre a sua mão quando ele disse ao telefone: "Mãe, eu sou gay."

O silêncio que permeava a casa falou volumes e Charlie prendeu a respiração, esperando.

"Mãe? Você está aí?"

O coração de Charlie quebrou por ele, o homem crescido um menino de repente perdeu pouco. Ele inclinou-se para descansar a cabeça no ombro de Greg.

"Eu sei mãe. Tenho quase 34. Você acha que eu não me perguntei a mesma maldita coisa?" Ele murmurou. "Eu sabia que ia ser um choque."

Charlie passou a mão para cima e para baixo da coxa de Greg, apoiando-o.

Greg bufou com tristeza. "Não, você não pode culpá-los. É por causa deles que eu realmente estou lidando com isso com um nível de sanidade. Eles são um bom grupo e você sabe que os adoro."

Seus amigos. Charlie poderia adivinhar este um.

"Sim, mamãe." Greg levantou o rosto e pela primeira vez desde que ele tinha afundado no chão, olhou para Charlie com uma expressão absolutamente pacífica. "Não há dúvida. Ele é maravilhoso. Olhe, eu preciso terminar algumas coisas. Jantar. Eu vou chamar. Faça-me um favor? Deixe-me dizer ao pai em seu rosto. Você sabe o que ele sentiria ao ouvi-lo desta forma. Ele merece ouvir isso de mim. Obrigado, mãe. Também amo você."

Greg abaixou o telefone, com a cabeça pendurada molemente. "Droga. Isto sugou."

"Você não estava pronto para dizer a ela?"

"Eu só não queria ao longo do telefone, mas ela me encurralou. Confie em mim. Nunca entre em uma discussão com minha mãe. Você não pode vencer. Eu tive mais de trinta anos para descobrir como. Não é possível. Eu nem tenho certeza se meu pai ganhou alguma."

Charlie roçou um beijo carinhoso em sua bochecha. "Como ela levou isto?"

"Eu não tenho certeza. Chocada. Não emocionada, mas não mijando enxofre."

"Isso é um bom sinal." Ele continuou a esfregar a coxa de Greg. "Vai ficar bem. Mas o que era isso sobre um trabalho?"

Greg acenou com a mão, ajeitando para alongar sua espinha. Alívio trouxe cor a suas características novamente. "Nada de importante." Ele ficou de pé, então, ajudou Charlie a subir também. "Agora então. Oi, aí."

Charlie passou os braços em volta da cintura de Greg, e ele fez o mesmo, encarcerando em seu abraço. "Oi, você mesmo. Eu recebo um beijo?"

"Você acha que ainda precisa perguntar?" Greg fechou a lacuna e mordiscou Charlie como uma sobremesa doce, lambendo seus lábios antes de reivindicá-los totalmente. Greg mergulhou e provocou com sua língua antes de examinar dentro e esfregar o cérebro de Charlie limpo e claro de qualquer pensamento, exceto ele. "Você tem alguma ideia o que esse olhar faz para mim?" Ele perguntou quando deixou Charlie ir.

"Qual olhar?" Charlie piscou, tentando obter seu cérebro online após o beijo de boas-vindas de Greg.

"Este sexy, 'vem e pegue-me olhar' que me faz querer despir-lhe aqui e correr a minha língua sobre qualquer coisa ligada a você."

"E você diz que eu sou o locutor sujo."

"Não me faça começar. Vamos pular o jantar de novo."

"Ei, eu não comecei ontem à noite." Charlie brincou com uma resposta inteligente e um lance de seu queixo. "Mas eu estou curioso. Que trabalho?"

Greg recuou; uma carranca leve amortecendo o desejo lúdico. "Um que eu não vou tomar. Josh colocou uma referência para mim, e eles hoje enviaram um e-mail para fazer contato. É isso aí. Não é uma garantia, e não um que eu estou tomando."

"Estava você interessado nele?"

"Charlie."

"Estava você?"

Ele esperou, olhando Greg debater sua resposta. "Eu estava, mas apenas porque ele ia me pegar em casa novamente. Mas eu não estou tendo um trabalho que vai me tirar de você."

Casa. Na Califórnia. Família. Amigos. Ele sabia que não podia segurá-lo disso, se ele queria levá-lo.

"Greg. Se você quiser o trabalho, não me use como uma desculpa para recusá-lo." Ele ergueu a mão e acariciou o queixo barbeado, agora, brincando com sua orelha e cabelo. Charlie tocou seus lábios para Greg. "Se você se decidir por qualquer outro motivo a não levá-lo, tudo bem, mas não me use. Prometa-me."

"Eu prometo".

"Bom, agora o que há para o jantar?"

Greg riu, movendo-se para outro beijo. Charlie descobriu o que era para a sobremesa primeiro.

CAPÍTULO DEZESSETE

"Você está chateado com a cinta?"

Greg passou um olhar rápido em Charlie, então para frente, mantendo os olhos na estrada enquanto dirigiam do litoral para Houston.

"Mais como desapontado. Eu esperava que eu a tivesse por agora." Os feriados fizeram a usual e ininterrupta produção de necessidades da vida. A cinta chegaria, mas não tão cedo como se esperava.

Charlie estava pensando muito desde trabalho que foi oferecido a Greg algumas semanas atrás. Uma das grandes coisas que estava fazendo estava dando certo onde ele estava indo. Ele não podia viver fora de seu seguro para o resto da vida. Bem, financeiramente ele poderia, mas outros seis meses de inatividade? Um ano? Ele estaria ficando louco muito em breve. Especialmente com alguém como Greg em torno, erguendo-o para fora da concha que ele tinha estado desde o incêndio. A cinta teria ajudado a dar outro passo à frente, mas foi apenas um atraso, não um obstáculo enorme. Um pequeno contratempo que podia ser corrigido no próximo ano. Um encaixe e um físico, e ele estaria liberado para usá-la livremente. Ele estava definitivamente pronto para isto. Não mais chafurdar. O Dr. Morne ficaria orgulhoso dele.

Olhando atrás para verificar, Samson estava dormindo no banco traseiro e alguns presentes embrulhados estavam na parte traseira do jipe. Charlie estava realmente tipo de surpreso com a facilidade que sua mãe concordou em ambos, Greg e Samson, como convidados dos feriados. Garen nunca tinha querido ficar, e realmente, vivendo em *Sugar Land*, não tinha sido necessário. Charlie adivinhou que ele nunca quis testar a aceitação de sua família. Agora ele estava indo, pronto ou não.

E se fosse esse o caso, então o que ele estava fazendo com Greg? Era isso um relacionamento? Bem, com toda a honestidade, ele não podia negar que isto era. Foi isto crescendo para ser algo mais? Talvez até mesmo permanente? Esse pensamento o fez pausar.

Charlie olhou pela janela enquanto o mundo passou, não sabendo como se sentia sobre essa possibilidade. Eles foram um casal por não completamente um mês. Ele

honestamente não via a si mesmo como uma dona de casa. Ele não era um grande cozinheiro, e ele não conseguia levantar ou fazer um monte de duro trabalho doméstico. Sua mandíbula balançou para trás e para frente. Ele não odiava cuidar das coisas, mas não era a melhor governanta, sua cama era um excelente exemplo. Assim sendo o que fica em casa, saudá-lo com um jantar de sobra à mesa, isto tipo não ia funcionar para ele.

Greg era uma prova do que uma boa educação poderia pagar, e melhor ainda, encontrar uma maneira de trabalhar em casa, que era algo que Charlie esperava encontrar. Ele sabia de suas limitações, mesmo se a cinta aumentasse a sua mobilidade. Isso era algo que levaria tentativa e erro para descobrir seus novos limites. Que também significava que ele poderia ter um trabalho em casa onde quer que fosse: Texas, Califórnia, ou em qualquer lugar.

Greg foi excelente no que fazia. Qualquer faculdade teria a sorte de tê-lo. Charlie mal entendia espanhol rudimentar. Era meio difícil não fazer uma pequena infusão, vivendo no Texas.

Então o que ele queria fazer?

Ele sempre quis ser um bombeiro. Ele amava o rolar dos caminhões, a adrenalina, o grito das sirenes e luzes piscantes; tendo uma missão e ajudar aqueles em necessidade, salvando vidas. Ele sentiu que tinha um propósito. Desde que ele era um garoto e tomou um passeio a uma delegacia local com sua escola primária, era o que ele queria fazer. Pena que nunca pensou em escolher um plano B. Ele ainda não era vendido em ir para a faculdade, mas se tivesse um propósito, ele iria em um piscar de olhos. O que precisava era de um conselheiro do ensino médio para dizer: "Eu acho que você seria grande em..." e deixar Charlie escolher entre as opções de seis ou mais para pesquisar ou considerar. Infelizmente, ele estava indeciso sobre isso. Ele sabia que não podia vagar por mais tempo. Talvez alguma coisa fosse inspirá-lo durante os feriados.

Pensando em seu futuro também o impediu de residir muito tempo sobre o que era isto entre ele e Greg. Mas, pensando sobre seu futuro o fez pensar sobre Greg e seu futuro. Boa distração.

"Você falou para a faculdade sobre o trabalho?"

Greg se endireitou no assento, como se saindo de seus próprios pensamentos. Ele apertou e torceu os dedos no volante, várias estalos enquanto ele reajustava. "Eu falei. É uma boa posição, mas há muito envolvido com tomá-lo. Há a mudança, a casa, e se você quer estar ou não, você está na mesma lista, mas você não é a única coisa, e não está em primeiro lugar. Eu posso ser subjetivo sobre isso."

Charlie balançou a cabeça, escondendo o riso, e não em tudo a mágoa na honestidade de Greg. "Fico feliz em ver isto. Então, o que realmente está prendendo você? Isto iria levá-lo para casa."

"Verdade."

"É o dinheiro menos?"

"Na verdade é um aumento, mais, eles não estão exigindo exclusividade. Eu posso ainda fazer freelance."

"Muito generoso."

"Eu disse a eles a mesma coisa."

Charlie mudou-se para se sentar em seu quadril, estendendo sua perna direita para fora. "Então, é isto você simplesmente não quer o emprego? Parece-me que é o mais próximo de uma promoção que você pode entrar em seu tipo de trabalho."

"Em praticamente quase tudo, isto é." Greg olhou para ele. Sua voz era brusca quando ele disse: "Eu vou dizer a você o quê. Vamos falar sobre isso depois do Natal. Eu não tenho escrito isto fora, mas não estou dizendo que sim."

Charlie estudou-o, e cedeu. Talvez o Natal não fosse realmente o melhor momento para fazer esse tipo de decisão, afinal. "Tudo bem."

Com um firme aceno, Greg olhou para frente, as duas mãos no volante, e uma firmeza em sua mandíbula que silenciou Charlie para as próximas duas horas.



O estômago de Greg foi agitado. Ele estava tentando deixá-lo ir. Ele podia sentir isso. Com a cinta vindo, Charlie não tinha nada o segurando para trás. Ele teria mais suave mobilidade, não se sentiria tão autoconsciente sobre o uso da bengala.

Charlie queria que ele assumisse o cargo, para fazer isto escolha de Greg e eles romperem.

Ele não poderia fazer isto. Não do jeito que amava o homem ao seu lado. Inferno, ele realmente admitiu que era gay para sua mãe, menos de duas semanas atrás. Ele não podia voltar sobre isso. Ele não podia avançar com outro homem sequer. E definitivamente não com uma mulher.

Mas, se Charlie não se importava... Deus, isso quase o esmagou bem ali. Isto não podia significar tão pouco para ele, isso podia? Ele convidou-o a conhecer seus pais. Eles estavam quase em Houston como era. Para passar o Natal com toda sua família. Na mesma cama, sob o seu teto.

Porra, agora ele sabia como uma mulher se sentia. *Ele está brincando comigo? Será que isso significa alguma coisa? Eu sou brinquedo?* Quantas vezes ele ouviu as mesmas perguntas de amigas ou amigos das mulheres? Esperava como o inferno que ele nunca involuntariamente levou ninguém diante. Ele não achava que Charlie estava tentando, mas por que outro motivo ele iria empurrá-lo para o trabalho?

Talvez Charlie se importasse o suficiente, talvez até amasse-o até o início do Ano Novo, porque Greg ia quebrar se tudo isso tivesse sido unilateral depois de tudo.



Charlie bateu na porta, em seguida, abriu-a, gritando: "Mãe, nós estamos aqui."

"Na cozinha."

Charlie rolou um ombro, acenando para Greg a seguir, Samson em seus calcanhares.

"Tem certeza que ela está bem com a bola de pêlos?"

"Ele vai ficar bem. Há o quintal, um real. Ele vai adorar."

Greg fechou a porta atrás deles. Charlie tentou pegar seus olhos, mas ele estava perdido em pensamentos, desde a conversa no carro. Estendeu a mão para ele, dedos gentis envolvendo em torno de seu antebraço, trazendo seu olhar a partir de um Samson curioso, mas qualquer coisa que ele ia dizer foi interrompido.

"Charlie!"

Ele girou e só conseguiu pegar sua irmã pequena. Ela não se jogava para ele. Ela sabia que não devia fazer isso, mas sempre o fez se sentir como o irmão mais velho quando ela o abraçou assim. Ele a abraçou, necessitando do contato mais do que percebeu.

"Você está aqui."

"Bem, sim. Você acha que eu ia passar a minha mesada de adoração este ano?"

Elizabeth riu e bateu levemente em seu braço. "Eu deveria ter sabido. Todos os grandes debaixo da árvore são seus de qualquer maneira." Ela virou-se e ofereceu a mão. "Você deve ser Greg. Eu sou Elizabeth."

"Prazer em conhecê-la." Ele agitou, e Charlie não conseguia esconder o satisfeito fato de que Greg não parecia nada atraído por ela. Não havia nada, exceto polidez em seus gestos, ou em sua voz.

Espere um maldito minuto! Charlie sacudiu a si mesmo. Qual é? Você o quer, ou você quer deixá-lo ir? A pergunta de um milhão de dólares.

"A máquina de baba é Samson." Greg acariciou a cabeça de Samson e ele cheirou Elizabeth; aprovando ela, o cachorro se inclinou para ela por seus afagos.

"Então você está realmente com o meu irmão?"

Greg piscou e Charlie franziu o cenho. "Elizabeth."

Ela virou a mão, em seguida, retomou a acariciar Samson, despreocupada com as fraquezas da humanidade. "O quê? Então, ele é bonito. Sou solteira. Tenho que me arriscar."

"Desculpe." Greg respondeu suavemente, como se genuinamente não quisesse machucá-la. "Estou o mais definitivamente com seu irmão."

A força absoluta dessa a resposta banhou formigamentos na espinha de Charlie.

Ironicamente, Charlie disse como um aparte: "Eu sou mais alto, mas ela é mais velha. Ela é feita dando-me o inferno uma forma de arte."

Greg olhou para ele e sorriu pela primeira vez desde que eles tinham falado no carro, mas ele deveria ter sabido quando o sorriso era pura maldade masculina, que estava em apuros. "Eu sei uma coisa ou duas sobre as formas de arte." Charlie corou até a raiz dos cabelos, fazendo Elizabeth gargalhar com o riso.

"Eu já o amo. Vamos. Mãe está com o cotovelo profundo em crosta, ou então ela já teria estado aqui."

Enquanto Elizabeth puxava Greg com uma mão magra em um braço, eles arrastaram Charlie para a cozinha. Charlie ouviu os sussurros silenciosos dos dois atrás dele. Embora quando se preocupava com o que esses sussurros poderiam ser; confundindo a si mesmo ainda mais, Greg acariciou seu quadril, com um toque fugaz quando eles ficaram lado a lado. O menor calor de seu hálito aquecido enquanto ele sussurrou, 'apenas seu' em seu ouvido.

Esses formigamentos em sua coluna caíram em completas faíscas. Ele mordeu o lábio. Os próximos dias iam ser um inferno.



Gregory andou com Samson em todo o quintal, seu cachorro feliz com a mudança de ritmo e espaço, correndo de lá para cá e cheirando em tudo sob o olhar vigilante de Gregory.

"Ele não é um cavador, é?"

Gregory girou, localizando o orador pela porta traseira. Cabelos loiros, embora desbotado e misturado com branco, com os mesmos ricos olhos verdes que Charlie tinha. A vida de casado havia sido boa para ele, suavizando a mesma áspera borda que Charlie era obviamente talhado a partir disto. Talvez não tão antigo quanto os próprios pais, mas perto dentro de poucos anos. Com o regime que Charlie mantinha, Greg tinha certeza que ele estava olhando para uma boa versão de Charlie em trinta e tantos anos.

"Não que eu já vi. Eu mantenho-o dentro um monte. Se você não se importa, eu gostaria de, pelo menos, deixá-lo dormir no quarto comigo."

O pai de Charlie encolheu os ombros. "Não faz nenhuma diferença para mim. Greg, é isto? "

"Bem, Gregory, mas eu me acostumei com Greg."

"Leon." Ele se aproximou de onde ele tinha estado a observar Samson pela porta fechada. "Eu acho que você encontrou Cyndi e Elizabeth." Leon não tinha realmente olhado em sua direção ainda.

"Eu tenho. Ambas muito gentis." Elizabeth era muito charmosa, já demonstrando que ela estava do lado de Gregory, quando isto veio para a felicidade do irmão. Agora, se Gregory apenas sabia como dar-lhe isto.

O silêncio caiu entre os dois homens, as travessuras de Samson a única coisa a quebrar o silêncio.

Gregory enfiou as mãos nos bolsos do blusão. A rigidez da conversa não foi perdida para ele, e teve uma boa ideia sobre o que estava causando isso. Ele estava substituindo um mau espectro de Garen. Ele não estava errado quando Leon começou a falar novamente.

"Ele não vai tolerar pena." Leon disse; sua atenção também sobre Samson.

"Eu nunca tenho mostrado a ele qualquer uma."

"É bom ouvir isso. Não vou tolerar mais ninguém abusando dele."

Gregory acenou com a cabeça, mantendo a boca fechada para deliberadamente fazer a sua resposta contar. Fugindo ao controle, porque o pai de Charlie estava sendo protetor ganharia nada a ele. Ele sabia que o aviso foi e não foi dirigido a ele.

"Eu estou contente de ouvir isso." Gregory enfatizou. "Porque nem eu vou."

Leon finalmente moveu seu corpo para olhá-lo, e analisou de cima e para baixo como se tentando descobrir uma pista incompreensível para um quebra-cabeça. "Eu não entendo isso, mas honestamente acredito que você se importa com ele."

"Que eu poderia importar-me com alguém que foi ferido como ele? Ou, como outro cara?" Gregory não vacilou, deixando claro que ele era.

"Como um homem."

A tensão no corpo de Gregory aliviou um pouco. "Honestamente, é mais difícil do que o inferno de explicar. Tente explicar ao seu melhor amigo como você se sentiu quando se apaixonou por Cyndi. É a mesma coisa, só que o pacote é diferente." A sabedoria de Josh veio de novo. Ele quase suspirou, mas conseguiu sufocá-lo.

Leon pareceu considerar isso. Ele esfregou o lado do rosto, em seguida, enfiou a mão no bolso das calças. "Eu respeito o meu filho. Eu sei que isto simplesmente é. Quando ele saiu no colegial, eu fiz a pesquisa para tentar entender. Ajudou. Em última análise, eu só quero que ele seja feliz. Eu pensei que Garen..." Ele fez uma pausa, pensativo. "Nós todos cometemos erros. Seu erro quase lhe custou à vida."

"Sr. Baker... Leon." Gregory disse, sabendo o que o homem estava tentando passar. "Isso é mais do que importar-me com ele. Há coisas que eu não lhe disse ainda porque ele não está pronto. Se eu não me importasse, não levaria isso em consideração. Eu não estou indo para coagi-lo. Nós dois temos coisas para trabalhar através e fazer isto funcionar. Tudo o que qualquer um de nós quer é o que ele acredite no que sempre teve: o seu apoio e amor em suas escolhas."

Os olhos verdes de Leon ergueram-se, indo desfocados enquanto olhava para fora, para o quintal antes de falar. "Isso é um bocado, filho."

Gregory deu de ombros. "Eu não era gay antes de Charlie, Leon. Ele é mais para mim do que apenas mais um cara. É uma decisão ao longo da vida para fazer isso, e eu não posso e não vou desistir. Não sobre ele, e não sobre nós."

Leon assentiu. O silêncio alongado foi quebrado finalmente quando ele disse: "Eu aprecio você estar tão aberto sobre como se sente. Você é o primeiro desde Garen. Nós todos temíamos que ele nunca corresse o risco novamente. Encontrar alguém para se importar com

você é duro o suficiente, mas sendo gay, e os efeitos do fogo? Honestamente, eu não posso imaginar o quão difícil é para ele." Ele ergueu a mão para esfregar sua nuca. "Eu não consigo entender, e não seria justo supor que eu entenda. Apenas cuide bem do meu filho, Gregory. Agora, se eu pudesse encontrar alguém para cuidar de Elizabeth." Ele suspirou; o som exagerado de um pai sitiado.

"Hum... boa sorte?" Ele se atreveu a oferecer um pequeno sorriso.

Leon riu, olhando muito menos tenso do que quando ele primeiro chegou lá fora.

"Exatamente."

CAPÍTULO DEZOITO

Charlie abriu os braços quando Greg voltou do banheiro. Com a porta fechada, encasulando-os, Greg escorregou sob as cobertas, e Charlie se aninhou em seu abraço. "Feliz Natal." Ele sussurrou.

"Você também, bebê." Os dedos leves Greg acariciaram sua coluna. Charlie não tinha pensado nisso, mas Greg nunca evitou tocar em qualquer parte dele, como se as cicatrizes não estavam lá, ou eram simplesmente uma parte dele, que sabia que elas eram. Charlie perguntou se Greg percebia o quão especial essa simples ação o fez.

"Eu amo minha família e eu sou grato que eles nos aceitaram, mas estou pronto em ir para casa."

Greg fez um som pensativo em sua garganta. Seu queixo permanecia sobre Charlie, onde ele se estabeleceu na curva do pescoço de Greg, respirando o perfume inebriante da sua pele. Tinha sido um par de dias esticado, mas eles estavam dirigindo para o sul no dia seguinte.

"Seria isto estar em casa comigo?"

Charlie parou, apenas congelou. Não se movendo e mal respirando. "Você está me pedindo para morar com você?" Ou ele estava lendo mais para isso do que foi feito?

"Bem, você está alugando."

Charlie inclinou do seu lugar confortável para ver o rosto de Greg. Ele estava calmo como um lago imóvel e oferecendo nada de seus pensamentos. Seus olhos não estavam até mesmo abertos. "Greg." Ele respirou hesitante. Greg suspirou; sua mão continuando a varrer para cima e abaixo em suas costas.

"Pense nisso."

Charlie ouviu a decepção no único som sussurrado e sua voz. "Parece permanente." Charlie esquivou-se.

"E isto ainda assusta você."

"Um pouco." Charlie esfregou a cabeça no queixo e no pescoço de Greg, acariciando e conectando. Não correndo. Ele esperava que Greg pudesse ver a diferença.

"Charlie." Greg inclinou o queixo de Charlie acima, olhando em seus olhos. "Você está tentando terminar comigo?"

"Não!" Ele gritou, lembrando-se no último segundo para manter a voz baixa. "O que lhe deu essa ideia?"

Greg estudou-o. "Tem estado comendo em mim, desde que nos dirigimos até aqui. A maneira como você empurrou-me para assumir o cargo."

O feixe de iluminação acertou-o quadrado. "É por isso que você tem sido tão quieto." Charlie rapidamente enrolou suas mãos acima e cavou-as no cabelo de Greg, aproximando-os, quase nariz com nariz. "Não. Eu não estou. Eu só não quero que você perca a chance de uma boa oportunidade, me usando como uma desculpa." Para aproximá-los, ele passou uma perna sobre a coxa de Greg, prendendo-os juntos.

"Se eu prometo que não vou, que eu pensei que já jurei que não, você vai morar comigo?"

A frágil esperança no olhar de Greg fez seu coração disparar dolorosamente em suas costelas. Ele percebeu o que estava olhando e fez sua boca ficar seca. "Eu, como em todo o pacote?"

Uma das sobrancelhas de Greg arqueou sobre um olhar amplo. "Por quê? Você vem em partes separadas?"

"Sarcástico." Ele murmurou, sorrindo.

Greg roçou os lábios na bochecha de Charlie. "Sim, Charlie. Você."

Charlie rolou os dois na cama até que Greg estava deitado sob ele. As pernas de Greg alargado, ajustando-os juntos, disparando um arrepio de desejo depositado através do comprimento de Charlie enquanto eles alinhavam-se naturalmente. "Se eu pensar sobre isso, posso dizer-lhe quando chegarmos em casa amanhã, ou depois do Ano Novo?"

"Não importa o tempo que você precisa bebê." Carinhosos dedos correram seu corpo para formar a sua nuca. "Eu quero você comigo. Eu..." As carícias de Greg fizeram uma pausa, o foco de seus olhos encontrando, em seguida, deixando escapar o olhar, estudando seus dedos enquanto eles apertavam. "Eu sei que você não está pronto, mas eu quero você, assim, comigo. Eu não posso parar isso."

Charlie ouviu suas palavras, ouviu a maneira como ele as disse e sabia o que estava segurando, o que estava mantendo dentro. Uma puxada respiração encheu seus pulmões doloridos. Estava ele pronto para o que Greg estava oferecendo?

Deitado com a cabeça no peito morno de Greg, ele fechou os olhos, ouvindo o tamborilar constante de seu coração debaixo dele.

Ele realmente não sabia, mas a luz brilhante no fim do túnel era que isto não o aterrorizava do jeito que tinha, sabendo que Greg amava-o e queria para amar Greg em troca. E o fato de que ele pensou que poderia não o assustou agora também. Cauteloso, sim. Com muito medo de sequer pensar nisso? Não mais.

Com o som dos tranquilos batimentos cardíacos de Greg em seu ouvido, ele foi embalado para dormir, seu coração curando com cada pancada debaixo do seu peito.



Gregory segurou Charlie, sentindo enquanto ele adormeceu envolto de perto em seus braços. Hoje tinha sido longo e divertido, até um pouco cansativo com os presentes naquela manhã para a família e então um amoroso caso de provocações em tentativas de socos no jantar. Cyndi era adorável, e obviamente amava ambas suas crianças com os presentes atenciosos, e grande, planejada refeição que ela propositadamente fez para todos eles. Leon era reservado, em alguns casos, o mesmo que Charlie, provavelmente ainda retraindo algum aspecto do julgamento, quando se tratava de Gregory. O que surpreendeu foi como eles todos trataram Gregory, como um de sua família.

Ele não esperava nada, exceto gastar tempo com eles e conhecê-los todos, e tinha sido bem acolhido completamente, embora ainda tivesse o presente de Charlie em sua bolsa. Ele estava discutindo quando deveria lhe dar. Gregory não queria colocar pressão sobre ele na

frente de sua família, e então ele tinha que ir e impulsivamente pedir-lhe para mudar-se. *Siiiiim, isso não é pressão.*

Gregory queria que viesse morar com ele, só não tinha planejado pedir-lhe cinco minutos atrás. Mas uma coisa levou a outra, muito disso tinha sido seu alívio, e estado mau interpretando as intenções de Charlie na oferta de emprego e tinha escapado. Ele estava feliz que estivesse errado sobre isso. Ele tentou colocar a preocupação fora de sua mente para o tempo que Charlie passou com sua família, e, cumpriu sua palavra, Charlie não tinha mencionado o trabalho novamente. A imaginação de Gregory tinha estado criando todos os tipos de cenários, nenhum dos quais fez Gregory se sentir confiante ou feliz.

Nem por uma vez tinha Gregory alguma vez pensado que ele iria se sentir assim. Rachel tinha estado perto, mas não certo. Agora ele entendeu por quê. Ele tinha sido ignorante para um determinado aspecto da sua natureza. Era como se, com encontrando Charlie, uma parede transparente separando havia sido derrubada. Ele tinha visto as sombras que se moviam do outro lado, e entendido o que eram, mas nunca se viu da mesma forma. Sua educação e as expectativas haviam guiado-o. Jay, seu irmão mais velho, certamente não era gay. Ele se perguntou se isso era porque tinha sido mais capaz de se relacionar com os três patetas e sua laia do que o consumo de cerveja, seios e traseiros no grupo que ele também era conhecido, mas que preferia não se misturar. E aqui ele pensou que tinha sido apenas suas formas malucas que ele tinha apreciado; não seus estilos de vida.

Agora, ele não se cansava do estômago apertado de Charlie, seus ombros lisos, ou o brilho dos olhos verdes que deu quase todos os pensamentos, se Charlie estava ciente disso ou não. Gregory não se importava com as cicatrizes em sua perna, ele tinha uma bunda fabulosa. E ele nunca mais veria Charlie como fraco. Flutuando no sentimento, o amor que ele nunca esperava que acontecesse desta forma, aquecia seu coração e muito mais.

A pressão do peito duro de Charlie enviou o seu sangue pulsando freneticamente em seu corpo. O calor de sua pele fez queimar as palmas das mãos com a necessidade de tocá-lo mais. Charlie era um homem incrível, e Gregory queria ser o único a mostrar-lhe quão incrível ele realmente foi para o resto de suas vidas.

Ele soltou uma respiração lenta, abraçando um Charlie dormindo com ele. Ele sabia que havia coisas para trabalhar ainda, mas ele temia que estivesse mais disposto a tentar do que Charlie estava, e isto o incomodava. Pelo menos Charlie admitindo que não tinha planos para acabar com isto entre eles havia sido um alívio, deu-lhe um pouco de esperança. Ele sabia que eram realmente suas próprias inseguranças em suas últimas alterações que foram acrescentando peso aos seus medos. O inferno, com que frequência os homens acordam e percebem que eles não eram quem pensavam que eram? Ele estava há semanas de 34. Acariciando o lado de Charlie com um polegar, ele poderia facilmente lembrar o choque mudo de sua mãe pelo telefone.

Deus, como ele desejava que pudesse ter encontrado outra maneira, qualquer maneira de fazer isso de forma diferente. Mas quando ela começou a empurrar sobre o nome da menina, e detalhes, ele tinha crateras. Ele sabia que não poderia deixar sua mãe criar uma visão imaginária. O desapontamento depois disso seria montanhoso, especialmente se ele aparecesse em janeiro, com, esperava, Charlie, e não uma mulher.

Ele tinha estado a pensar sobre sua vida desde que conheceu o homem em seus braços, tentando encontrar as dicas, e não conseguiu. Isto simplesmente foi por causa de Charlie que as mudanças foram acontecendo. Os pequenos arrepios de excitação, o desejo de estar perto dele, o querer tocá-lo. Esses primeiros beijos o tinham enviado para *loops*. Eles ainda enviavam. Gregory esperava que nunca mudasse.

Que trouxe de volta à estaca zero e apenas o que Charlie sentia por Gregory. Ele engoliu o suspiro. Gregory tinha quase certeza que Charlie se importava, isto estava lá em seus toques, em seus olhares. Cuidado sombreava tudo o que homem fez.

Em seguida, houve o trabalho. Não era o trabalho, tanto o que ele queria, porém, foi uma excelente posição. Foi chegar em casa para sua família e seus amigos. Mas não se isso significasse deixar o homem em seus braços para trás.

O que se ele pudesse ir comigo?

Gregory olhou para cima para o teto sombreado. Ele não havia considerado isto antes. Será que ele até mesmo queria? Ele não foi amarrado a um emprego aqui, e voltando para casa para visitar não seria uma dificuldade. Não seria diferente do que as viagens do próprio

Gregory para a costa oeste. E poderia haver mais opções para ele em Los Angeles, do que aqui do lado costeiro do Texas, onde ele estava hora de qualquer grande cidade.

Lembrou-se que ele disse que se tivesse um propósito, ele iria para a faculdade, e Gregory estaria trabalhando em uma, se ele assumisse o cargo. Como sua mente marcada, ele começou a ter ideias, algumas boas, algumas que precisavam ser discutidas, mas todas elas fizeram o possível para Gregory e Charlie ficarem juntos, e isso era realmente tudo que ele queria.

Já era tarde quando ele finalmente adormeceu, mas foi com uma mente cheia de ideias e um coração cheio de esperança.

CAPÍTULO DEZENOVE

"Você pode vir por um tempo, ou está muito cansado?"

Gregory alcançou através e envolveu uma mão descansando sobre a perna em uma das suas próprias enquanto atravessavam a ponte para a ilha. Ele não tinha trazido nenhuma das ideias que veio com a noite anterior na viagem. Agora que eles estavam longe da família e tráfego áspero, ele mal conseguia se conter. Ele queria começar isto com o último presente de Charlie.

"Não, muito cansado, mas eu deveria ir para casa hoje à noite. Obter roupas limpas."

Gregory não empurrou. Se Charlie queria um pouco de espaço após os últimos dias, ele ia de bom grado dá-lo. Os dias com seus pais tinham sido um teste bem-sucedido aos seus olhos. Ele não podia imaginar estar sem o homem ao seu lado agora. Ler Charlie, no entanto, manteve-se um desafio.

"Isso está bem para mim." Ele bateu o pé, desejando que eles estivessem em casa, embora só demorassem um pouco mais na realidade. Samson saltou do Jeep, reconhecendo a casa assim que Gregory abriu a porta do banco traseiro. "Samson, calcanhar." Ele caiu em passo no comando.

Charlie seguiu Samson enquanto ele fez como dito. "Essas lições realmente foram valer a pena, considerando como ele ouviu você quando nos conhecemos."

Gregory riu tristemente. "Diga-me sobre isso. Criança selvagem. Vamos para dentro. Deixe a sua bolsa. Vai ficar tudo bem até você sair." Gregory ergueu sua bolsa em cima de um ombro para levar dentro. Ele esperou, imaginando se a perna de Charlie foi à razão pela qual ele estava hesitante, seu olhar cintilando para o jipe. Ele estava prestes a oferecer levá-lo para casa, então, deixá-lo ter o seu espaço para respirar, quando ele chegou do lado de Greg.

"Tudo bem."

Gregory seguiu enquanto caminhava com uma marcha forçada, inclinando-se duro em sua bengala.

"Espero que a cinta venha nesta semana. Eu odeio ver você tão cansado."

"É muito difícil sentar-se por tanto tempo. Torna isto duro."

Gregory tossiu para esconder o seu riso, o comentário de Charlie, não significou em tudo como ele havia soado.

"Saia da sarjeta." Charlie observou enquanto Gregory abriu a porta e acendeu as luzes.

"Ei, eu só estou lá porque você me levou."

"Uh-huh. Culpa-me."

Amo você era mais o que lhe veio à mente, mas segurou a língua. "Vá espichar-se. Há um presente que eu quero dar para você ainda."

"Ah?" Charlie gagueou pela sala de estar, trabalhando as torções de sua coxa.

"Sim. Eu esperei, porque senti que era mais uma coisa entre você e eu." Quando Charlie analisou em torno para olhá-lo, com um olhar encurralado em seus olhos, caminhou até ele, rapidamente, acrescentando: "Não é nada grande, bebê. Mas significa muito para mim." Gregory com duas palmas em concha em seu rosto e trouxe seus lábios juntos. "Relaxe, bebê. É algo que eu realmente quero que você tenha, ok?"

"Ok."

Preocupação esvoaçava como nuvens escuras através dos olhos de Charlie. Gregory queria beijá-los, deixá-lo com nada, exceto o calor e a segurança no momento. Não era justo que pudesse cair tão difícil para aqueles olhos verdes. Ele não tinha ideia de como Charlie realmente se sentia, e isto estava começando a roer-lhe. Ele orou que esta seria uma maneira de descobrir, pelo menos um pouco.

"Volto já." Ele sussurrou, mergulhando para outro beijo. Depois de deixar os lábios de Charlie ir, ele agarrou sua bolsa e desapareceu para o quarto. Ele jogou na cama. Ele rapidamente retirou a jaqueta leve que usava, soltando-a na cama com a bolsa. Abrindo o bolso com zíper de sua bagagem, ele retirou o envelope colorido vermelho, um verde-folha em relevo com o laço de Natal estampado no canto. Ele lembrou-lhe dos olhos de Charlie.

Puxando de uma respiração profunda para acalmar seus nervos, ele se virou e entrou na sala de estar. Seu olhar pousou sobre a única pessoa na casa e seu coração disparou. Seus lábios formigavam para tocar os seus, para saboreá-lo. O jeans que ele usava esculpido sobre seus quadris e bunda, provocando com o que Gregory sabia estava realmente debaixo do

jeans. O suéter era um roxo rico. O homem tinha uma coleção de blusas que um exército de ovelhas tinha fornecido. Com seu cabelo loiro claro e olhos verdes, ele era magnífico.

"Você é lindo." Ele disse, sem saber que tinha falado até que as palavras soltaram.

Charlie girou.

"Malditas habilidades ninjas." Ele brincou; seu sorriso caloroso e acolhedor. Gregory caminhou até ele e, com uma palma capturou a parte de trás da sua cabeça, reivindicou seus lábios com o beijo, que ele ansiava. Ele varreu sobre os quentes, lábios entreabertos, então empurrou dentro, degustando e duelando com a língua de Charlie, até que ele estava ofegante com Charlie encostado nele. "Droga." Charlie ofegou. "De onde é que isso veio? E podemos fazê-lo novamente?"

"Tantas vezes quanto você quiser." O corpo de Gregory estava latejando com vontade de fazê-lo novamente, mas primeiro... "Eu tenho isso para você."

Ele ergueu a mão e esperou enquanto Charlie apertou o envelope entre os dedos.

"O que é isso?"

"Eu não posso te dizer. É um presente. Estraga a surpresa."

Charlie levantou curioso, questionando os olhos por um momento. Então, cuidadosamente puxando a vedação à parte, ele abriu a tampa e retirou as duas páginas. Gregory esperou quase prendendo a respiração enquanto Charlie absorvia o que ele segurou.

"Você está falando sério?" A voz de Charlie ficou quieta, chocada. Ele estalou para pegar o olhar de Gregory, em seguida, retornou às páginas e leu-as novamente, tremendo.

"Completamente. Você disse que nunca tinha estado."

"Eu não tenho." Ele respondeu distraidamente. O lábio de Charlie torceu. "Estou vendo que você tem o preço em branco."

"Só porque não é necessário para o presente. Além disso, você sempre remove etiquetas de preço, certo?"

"Eu acho que sim."

O coração de Gregory foi batendo, esperando. "Charlie?" O silêncio foi matando-o. Samson veio para ficar em sua perna e lamentou uma vez. Ele sabia que isso estava fazendo

seu humano preocupado, porque ele estava definitivamente começando a se preocupar que isso ia explodir em seu rosto.

E isto foi provado certo quando Charlie tentou entregar-lhe as folhas. "Não posso aceitar isso, Greg. Teve que custar uma fortuna."

"O dinheiro não é uma questão sobre este assunto. É um presente. Basta dizer que você vai vir."

As mãos de Gregory ergueram-se e cobriram as de Charlie, e ele sentiu os tremores que fluíam sobre o outro homem. Tremores que queria confortar fora dele.

"Por favor? Você me convidou para conhecer sua família. Eu quero fazer o mesmo. Eu quero que você encontre-os, e isso seria perfeito."

Quando Charlie finalmente levantou a cabeça olhando para as páginas, Gregory sabia que ele ia declinar, e isto quase quebrou o seu coração. Pior do que isso; parecia que estava rasgando-o no meio. Ele segurou as mãos agarradas na sua mais forte. "Charlie, antes de dizer não, você poderia pelo menos tentar me encontrar no caminho? Cristo, homem. Eu saí para você!"

"Isto não é assim, Greg."

"Então o quê? O que é isso? Porque eu estou na extremidade da minha sagacidade. Há mil maneiras que eu vim acima para estar com você, mas isso não significa nada se você não quer ficar comigo."

"Eu quero estar com você, Greg, mas você também me pediu para morar com você. Agora isso. Qual o próximo? Anéis?"

O intestino de Gregory balançou. Anéis? Esse conceito sacudiu-o para o chão. Casamento? Gregory sabia que isto era feito, os casamentos homossexuais. Inferno; houve Josh e Laurence em menos de um mês, mas ele? Ele nunca tinha pensado tão longe. Aparentemente, Charlie teve a capacidade de fazê-lo e torná-lo claro. Os pensamentos de Gregory eram tão claro como lama. Seus pensamentos desenfreados foram congelados quando Charlie moveu-se, criando uma lacuna entre eles que Gregory queria destruir.

Charlie aliviou um ritmo longo, balançando a cabeça com uma tristeza sabedora sombreando sua expressão. "Onde você acha que isso iria acabar Gregory? Se eu mudar, conhecer a sua família? Você conhecer a minha. Até eu posso ver o que você está fazendo."

"Você nunca me chamou Gregory." Ele murmurou, o coração batendo, quebrando. O que ele fez de errado?

"Greg, esta não é uma história de Cinderela. Você não pode vir em meu socorro." Um aperto frio havia assumido a voz de Charlie. Enviando gelo espiralando através do sistema de Gregory.

"Eu não estou tentando!" Gregory puxou suas mãos longe de Charlie. "Droga! Charlie, eu me importo por você. Como é que isto vai tão errado?" Como é que uma passagem aérea fez tanto dano? Ele enfiou a mão pelo cabelo. "Ok, sim, eu quero que você se mude, mas eu lhe disse, quando você estiver pronto."

"E o que acontece se você tomar o emprego?"

"Droga! O que é sobre o trabalho? Por que você continua jogando isto entre nós?" Ele jogou as mãos no ar, em uma perda.

Charlie hesitou, olhando sem foco nas folhas ainda apertadas em sua mão. Endireitando os ombros e com uma expressão vazia, ele ofereceu as páginas mais uma vez. "Porque eu acho que você está ignorando um fato importante sobre tudo isso. Se você aceitar o trabalho, onde eu estarei?"

"Eu tenho pensado nisso." Gregory disse rosnando, ignorando as páginas trêmulas das passagens. Sua paciência ao longo destes argumentos diluindo rápido. Por isto assusta-o tão mal? Gregory estava disposto a apostar que circulou de volta e tinha algo a ver com Garen. Cara, se ele alguma vez conheceu este imbecil, estava chutando sua bunda para o reino. Ele queria apertar algum sentido em Charlie, mas em vez cerrou suas mãos por seus lados.

"É quase tudo o que eu pensei na noite passada, por uma questão de fato. Por que você acha que eu quero que conheça todos?" O olhar de exagerada descrença de Charlie foi à última gota. Ele não tinha planejado dizer nada disto em breve. Ele sabia que Charlie não estava preparado para isso e não podia devolvê-lo, ainda não, mas a dúvida de Charlie

estava dirigindo-o em um turbilhão de não retorno. Ele não ia perder o homem porque ele pensou que Gregory era qualquer coisa parecida, com o superficial babaca que ele foi viver.

"Droga, Charlie. Eu amo você. Ok? É isso que você queria saber? Tinha de ouvir? Eu estive pensando sobre isso, eu, o trabalho, foda... nós! Por dias. Eu quero que você entenda uma coisa desta vez, no entanto. Se você sair por aquela porta pensando que está saindo por mim, você está fodidamente errado. Você já me empurrou uma vez. Desta vez você está tomando a si mesmo fora do quadro. Você está me deixando, e eu não vou perseguir um homem que não quer estar comigo o suficiente para tentar. Eu dei tudo de mim, porque eu me apaixonei por você. Ou você me ama o suficiente para me encontrar no caminho, ou pelo menos se importa o bastante para ver se você pode me amar em tudo."

"Eu me importo, Greg." Charlie respondeu com voz rouca, ignorando após os olhos em busca de Gregory.

"Então, bebê, o que está errado?" Gregory cercou o bíceps de Charlie sob seus dedos, restringindo-se a não puxá-lo em seu corpo e mantê-lo lá, porém, foi uma batalha para não deixá-lo sair pela porta da frente e o que ele sabia seria a última vez. "Porque é o trabalho tal qual uma luta?" Quando Charlie não respondeu, Gregory sabia que ele estava certo. Ele propositalmente suavizou a sua voz, suas mãos. Esta foi uma parede que tinha que vir para baixo, se não agora, esta noite, então em breve, porque Gregory poderia ver isto manter Charlie dele.

"Bebê, eu não sou Garen. Eu cortaria meu braço direito antes de machucá-lo. Eu nem sequer quero que você vá para casa esta noite, se você quer a verdade honesta. O pensamento de estar aqui sozinho é uma porcaria, mas estou disposto, porque depois de dias em seus pais, eu acreditei que você queria um pouco de espaço. Eu não sou um idiota."

"Você pensou..." Os olhos de Charlie se arregalaram em enormes piscinas verdes. "Você estava tão impaciente para chegar em casa. Eu pensei que estava doente de mim. Você nem sequer tentou me pedir para ficar."

Gregory gemeu e dispensou seu controle, capturando a estrutura tremendo de Charlie contra a sua própria. "Você pode ir para casa amanhã e embalar suas coisas. Você está se mudando no momento."

"Mas..."

"Charlie, o trabalho é uma opção. Não só isso, não é mesmo lá até o próximo outono. Então nós temos o quê? Oito meses? Sem mencionar que eu não disse que sim. Há a burocracia, entrevistas. Isto não está em pedra, amado. Você está me ouvindo? Você, você, a minha única prioridade em pedra." Ele varreu a mão sobre os tufo de cabelos loiros que foram engrossando sem o corte usual formal apertado de costume que maioria do pessoal de emergência usava. Gregory gostava do jeito que ele sentiu em seus dedos. Ele apoiou Charlie contra ele, cada um envolvido pelo outro, deixando o turbilhão de emoções sair da sala.

"Por que você acha que estou tentando vir em seu socorro?" Gregory perguntou-lhe suavemente alguns minutos mais tarde, quando a tensão se dissipou entre eles e os dedos de Charlie seguraram e acariciaram-lhe em resposta lânguida.

"Porque é tudo que você fez desde que nos conhecemos." Charlie respondeu fracamente, dobrado quando ele estava no ombro de Gregory.

"Não, eu vejo isso como apoiar alguém que me interessa. Partilhando. A última pessoa que precisa ser resgatado é você. Você é incrível, não sabe isso?"

"E o amor é cego."

"Deixe de ser um imbecil." Gregory reclamou.

Charlie riu e Gregory escondeu seu sorriso contra o seu cabelo, apenas grato por ouvi-lo.

"Pense nisso, bebê. Se eu pegar esse trabalho, eu estarei em uma das melhores faculdades do estado. Você tem oportunidades caindo sobre si mesmo para seduzi-lo."

Charlie ergueu. "Uau! Isto passou de mudar, para uma mutação em todo o país." Os olhos se arregalaram, piscando para fazê-lo novamente.

"Shh. Não acontece amanhã. Ok?" *E não sem você.* Mas Gregory poderia dizer que Charlie tinha atingido o seu limite.

Um empurrão sobre sua perna puxou ambas de suas atenções para o sul. Samson olhou com olhos doloridos e um gemido curto. Em seguida, ele espirrou.

"Bola de pêlos, temos que trabalhar em seu tempo."

"Pausa penico?"

"Sim." Gregory colocou a palma da mão sob o queixo de Charlie. "Fica?" Ele fez nenhum osso sobre o que isto queria dizer.

Charlie estudou-o, preocupação e dúvidas ainda perseguindo um ao outro sobre suas características. Então ele suspirou, cedendo. "Eu vou ficar."

"Eu vou trazer suas coisas quando entrar. Esta é sua casa quando você está aqui, vivendo ou de outra forma." Ele pressionou um dedo aos lábios quando Charlie respirou. "Apenas acene. Eu estou cansado e, honestamente, depois de Samson, eu só quero cair na cama com você em meus braços. Você não iria negar isto a mim, iria?"

Charlie inclinou a cabeça, considerando. "Não, eu não iria, porque eu estaria privando-me também."

"Finalmente. Eu ganhei um argumento."

As sobrancelhas de Charlie dispararam; então ele começou a rir. Gregory roubou um beijo, então, agarrando coleira de Samson, deixou-os ambos no exterior para a última pausa penico da noite.

CAPÍTULO VINTE

Charlie gemeu, entrando na cozinha na manhã seguinte. Greg havia tomado banho e vestido antes que tivesse terminado, e isto era uma coisa boa porque ele não tinha certeza se Greg teria sequer conseguido sair do quarto, se Charlie o tinha visto. "Você tem que usar esses jeans?" Seus dedos enrolaram contra o azulejo frio sob seus pés, enquanto o seu olhar varreu sobre o homem diante dele.

Greg virou-se do balcão onde estava fazendo café, duas canecas esperando enquanto o pote enchia. "Eu pensei que você gostava?" Uma interessada varredura do seu corpo o tinha abrindo os braços e pernas.

Charlie lambeu os lábios, imaginando o gosto da pele recém-banhada. O peito nu e os jeans. A forma como o tecido abraçou suas coxas. Curvado obedientemente para pendurar apenas certo nos quadris. O sexy, buraco de *'bad boy'* rebelde no joelho. Gostar era um pouco inofensivo. "Eu gosto. Demais." Sangue foi engrossando seu pênis enquanto ficava ali olhando. Ele estava disposto a apostar que não havia nada lá embaixo também. Uma coisa que ele descobriu foi que Greg relaxava em casa, indo sem roupa íntima.

O olhar de Greg voltou-se questionando, então a lâmpada iluminou quando sorriu um pouco perversamente. "Ah, eu vejo." Cílios caíram, baixando sobre os escaldantes olhos castanhos. "Vê algo que você gosta?" Perguntou ele com voz rouca.

"Maldito. Você é insaciável."

"E isso é uma coisa ruim?" Greg atirou de volta.

Não no livro de Charlie. Mas Greg podia não querer a mesma coisa. Até agora, Greg tinha estado no controle, e ele adorou. Exceto que Charlie o queria, e com Greg lá parecendo um completo bufê oferecido, era mais do que Charlie poderia levar.

Balançando a cabeça, ele deslizou nos pés descalços centímetros para fora da sala.

"Bebê venha aqui." Greg sussurrou; as três palavras cavalgando como dedos de prazer em sua espinha.

Impotente contra a convocação gutural, Charlie inverteu a direção e se aproximou, determinado a não abordá-lo – embora ele fosse tudo, exceto morrendo de vontade.

Greg estabeleceu as mãos à beira do balcão, o cheiro de café fresco preenchendo o espaço em torno dele. "Se você quer isto, toma isto." Ele disse; seu peito subindo e descendo enquanto a intenção tornou-se ação. Como se na pontuação, ele derivou uma das mãos para baixo do centro do peito em oferta, caindo para agarrar o balcão mais uma vez.

"Você está bem com isto?" Os dedos de Charlie apertaram sua bengala. Ele não estava tecnicamente inclinado sobre isto, mas estava lá porque ele não tinha certeza que não iria precisar dela para segurá-lo. Qualquer segundo agora.

Greg deixou seu queixo cair, queimando-o com um olhar que deixou pouca dúvida sobre o significado. "Bebê, eu quero fazer você feliz, e se isto sente assim bom para você?" Seu sorriso se tornou absoluta ardente diabrura. "Eu quero isso."

A resposta ronronada de Greg encadeou faíscas em sua corrente sanguínea. "Oh, Deus." Ele respirou. Greg era um topo natural, e diante dele, diante do fogo, Charlie teria dito o mesmo. Não era justo que o homem poderia fazê-lo ir fraco em seus joelhos.

"Diga-me o que você quer."

Arrepios cortaram abaixo do corpo de Charlie. Rédea solta? "Você tem certeza?" O tique-taque do seu pulso era alto em seus ouvidos.

Como que para provar isso, Greg estalou o colchete de pressão do jeans livre, depois parou. "Qualquer parte de mim, bebê."

Charlie não podia resistir à tentação e deslizou para frente, até que ficou na frente de Greg. Inclinando a bengala contra os armários, ele segurou a cabeça de Greg em suaves palmas. "Você é tão sexy." O peito de Greg estremeceu enquanto uma respiração irregular soltou. Em seguida, ele beijou aqueles lábios, a boca de Greg acolhedora e terna.

Com as mãos lentas, ele arrastou dedos provocando acima dos pulsos de Greg, arrastando unhas sem ponta sobre a pele sensível no interior de seus cotovelos para cima. Sentindo o arrepio de Greg sob seu toque encorajou-o. A dança da língua de Greg jogando ao lado da sua, acariciando e lambendo. Pele lisa aquecida sob suas palmas, onde ele espalmou-as amplas sobre os ombros e afundar-se para forma do seu peito.

Charlie chupou sua língua e Greg gemeu. Deixou-o ir, Greg inclinou para cima, arfando suavemente, e Charlie aproveitou de sua garganta arqueada, lambendo e chupando.

Pressionando em seu comprimento preparou, a dura crista do pênis de Greg esfregou contra o dele, coberto de moletom para maior conforto. O atrito provocou um gemido rosnado dos dois homens.

Abaixando a mão, Charlie segurou o calor pulsante por trás do zíper de Greg. Ele tremia como uma folha em um vento forte, enviando o coração de Charlie trovejando contra suas costelas. Quando ele olhou para cima, o olhar de Greg queimava como um incêndio de verão.

"Tão duro." Ele apertou e Greg inalou uma respiração forte.

"Você planeja seduzir-me até a morte?"

"Não topo do fundo." Charlie castigou.

Greg bufou. "Eu nem sei o que isso significa."

Charlie correu sua língua sobre o pomo de adão dançando. "Significa que eu estou no comando."

"Isso significa que você vai fazer algo logo?" Ele perguntou ofegante.

"Logo? Sim. Estou pensando em ter você gritando como uma cadela para mim."

"Promessas, promessas." Greg provocou.

Charlie removeu a mão e permitiu um milímetro ou dois entre eles. "O que foi isso?" Uma sobrancelha arqueada pontuando sua pergunta.

Cílios castanhos varreram acima, revelando os olhos arregalados, olhos implorando. "Filho da puta." Greg respondeu. "Não pare agora." Houve uma sugestão de pânico em sua voz.

O riso de Charlie borbulhou acima, conhecedor e poderoso. Era bom estar no controle novamente. Inclinado para frente, ele raspou sobre o peito bronzeado de Greg com seus dentes, sua cabeça estalou em seu pescoço e seus ombros apertaram em resposta. Garras gentis arrecadaram na frente de seu corpo para prender na cintura dos jeans soltos. O zíper caiu sem uma batalha. Greg ficou apoiado contra o balcão.

Fazia muito tempo que Charlie tinha sexo na cozinha ou balcão. Nada assim espontâneo, isto era certo. E Greg oferecendo-se tão maravilhosamente era um deleite para

saborear. O homem era delicioso, firme e ainda bronzado do verão. Seu estômago saltou quando os dedos de Charlie moveram sobre as dobras de seus músculos abdominais.

Abaixando o jeans, ele empurrou-os para baixo. "Livre-se deles." Greg livrou-se, chutando-os livres e em todo o azulejo. Os lábios de Charlie estremeceram. "Nada tímido, você é?" Seu comprimento latejante balançou, então estabeleceu forte e orgulhoso, empurrando para cima em direção seu estômago de sua virilha.

"Eu deveria estar?"

"Com qualquer um além de mim." Ele respondeu de imediato, em seguida, sacudiu-se enquanto a declaração registrava. O pulso no pescoço de Greg bateu visivelmente.

"Não pare." Greg sussurrou, centrando Charlie mais uma vez, seu olhar seguiu-o com uma intensidade que aquecia o sangue de Charlie.

"No balcão." Charlie mandou.

Greg enquadrado o seu peso e soltou-se. Charlie empurrou e inclinou o homem até que ele foi situado da maneira como queria, meio inclinado, com esse pacote delicioso apenas esperando por prazer.

"Perverso." Greg murmurou; seus lábios se contraindo. "Não seja evasivo, tudo bem?"

Charlie não respondeu. Abrindo a geladeira, ele estudou as entranhas, seu olhar desembarcando sobre um pequeno frasco de xarope com prazer. "Hum. Nunca teria imaginado você para morango." Ele segurou a pequena garrafa fora da porta, em seguida, deixou-a balançar fechada.

"O que você está..."

"Fazendo meu café da manhã."

Um forte tremor rolou para baixo do corpo de Greg. "Seriamente?"

"Completamente." E para provar isso, ele virou a tampa e virou-o ao seu lado para pingar sobre a veia do pênis de Greg.

Greg assobiou. "Frio!" Seu corpo tremeu na reação. Charlie não parou, sendo certo para colocar algumas gotas bem pousaram em suas bolas.

Colocando a garrafa sobre o balcão, ele abaixou-se entre as coxas de Greg. O gemido Greg encheu a cozinha com o primeiro golpe da língua de Charlie. Calor inundou-o, puxando-o mais apertado para Greg e seu prazer. Ele sentia falta de ter esse tipo de proximidade com um amante. Garen tinha jogado, na melhor das hipóteses, raramente. Greg parecia aberto e disposto, pelo menos se os suspiros afiados e rosnados enchendo a cozinha significavam qualquer coisa.

Cachos curtos fizeram cócegas em seus lábios enquanto banhava as bolas de Greg limpas, com as mãos mantendo as pernas trêmulas abertas e imóveis. Ele relaxou contra a parede e os armários, frouxo e gemendo sob a boca de Charlie.

"Alguém já não lhe introduziu ao divertimento do sabor?"

Engolindo rapidamente, ele sacudiu a cabeça, os olhos fechados. "Há mais?" Ele resmungou.

Charlie excitou-se com essa resposta. Que ele estava fazendo Greg incapaz de falar soprou sua mente. E não tinha sequer tocado seu pênis ainda.

"Há toneladas de mais." Charlie disse. Instando Greg para mexer a bunda perfeita para frente, ele o posicionou até que estava quase plano no balcão, e completamente insensível desse fato. "Deixe-me mostrar-lhe." Segurando o frasco de xarope, ele habilmente pingou algumas gotas deslizando em direção a sua bunda.

"Ainda frio!"

Charlie riu, mas não parou. "Não se preocupe, bebê. Isto vai ser muito quente muito em breve."

"Oh, Deus." Greg choramingou.

Charlie soprou a respiração contra a pele trêmula e Greg pulou, quase gritando. Lembrando que Greg nunca tinha experimentado sexo anal, ele olhou para cima, procurando e encontrando um homem atordoado na frente dele. Ele estava deitado sobre o balcão, os olhos abertos, mas definitivamente não ciente. "Se você não está pronto bebê, é só dizer."

"Mais." Foi um único apelo ofegante.

"Você vai me deixar saber se eu preciso parar?"

Sua cabeça pendeu na direção de Charlie para acenar fracamente. Pegando seu olhar por um instante, Charlie não viu nada, exceto confiança e desejo em seus olhos escuros.

Rompendo o olhar magnético, Charlie retomou seu lugar. Os sons imperceptíveis que Greg fez eram selvagens e desinibidos. Ele soltou uma respiração lenta, banhando a pele corada, e Greg atirou um braço para cima, agarrando nos armários.

"Segure-se, bebê." Charlie avisou. Em seguida, ele apertou os lábios na pele de Greg e beijou. Greg empurrou, mas não o afastou. Lambendo para longe as gotas doces levou Greg insano, ofegante e gemendo, empurrando em direção a Charlie por mais.

Com o sabor de morango doce pegajoso em sua língua, Charlie bateu na roseta de Greg. O grito de Greg encheu a casa. Torcendo para manter o equilíbrio em sua perna, ele vagou para cima, chupando uma bola endurecida em sua boca. Úmido e solto, ele se atreveu a escorregar metade do seu dedo indicador no canal apertado de Greg. Músculos cerraram e opuseram-se em resposta.

"Unngh... Charlie... foda, oh merda!" Greg agarrou em qualquer coisa para compra, balançando instavelmente em Charlie.

"Pronto para mais?" Ele lambeu os lábios, seu próprio pênis latejando para encher o traseiro na frente dele. Com um forte aceno de cabeça, Charlie começou a acariciar Greg cavando enquanto iniciava a limpeza em seu pênis. Mais adocicado Greg encheu sua boca, girando a língua e lambendo para obter cada gota, e tocar cada centímetro desse pênis agora muito duro, muito grosso.

Morango misturado com pré-sêmen escorrendo da ponta criou um sabor de um tipo. Ele gemia, engolindo enquanto salivava por mais. Trabalhando dedos dentro e fora, ele chupava o pênis de Greg. Dobrando as pontas de seus dedos, ele passou por cima do inchaço da próstata de Greg. Ele pulou como se tivesse sido eletrocutado, gemendo descontroladamente. Apoiando um pé no balcão, Greg arqueou os quadris, enchendo a boca de Charlie com golpes rápidos.

Devorando o comprimento de Greg, deslizou até o fim, lambendo-o limpo, para levantar o suficiente e buscar algumas respirações curtas. Ele deslizou os dedos livres, massageando-o.

"Você me quer, Greg?" *Foda, por favor, diga sim.*

Balançando a cabeça, Charlie pensou que estava dizendo que não, até ele ouvir: "Faça isso. Tão perto. Tão bom." O resto foi murmurado enquanto Greg engoliu em seco por o ar.

"Preservativos?"

"Jeans." Foi à resposta engasgada.

Charlie não estava esperando isso. "Imbecil. Você estava preparado?"

"Só para você, bebê." Greg roucamente proferiu.

Buscando por cima do ombro, ele viu o jeans amarrotado. Alongando, ele agarrou-os sem perder o equilíbrio para pesquisar rapidamente os bolsos. *E lubrificantes? Você está brincando comigo.* Dando a Greg um olhar de curta duração, ele deixou-os cair ao chão mais uma vez. Preparado ou não, Greg esperava alguma coisa. Sacudindo seu olhar para o jeans, o mesmo jeans que Greg sabia virar Charlie do avesso, ele se perguntou se tudo tinha sido uma armadilha.

Ele deu uma palmada uma coxa. "Em seus pés." Descoordenado e agitado, Greg conseguiu fazer o que ele disse. "Vire-se."

Greg estudou-o olhos turvos por cima do ombro por alguns segundos. "Tudo bem?"

"Fodidamente de primeira." Charlie quase rosnou.

"Charlie?" A assustada excitação de Greg forçou-o a limpar os seus pensamentos. Ele balançou a cabeça, empurrando a sua raiva para fora do alcance do braço. Mesmo se tivesse sido uma manobra, isso ainda era a primeira vez de Greg.

"Está tudo bem, querido. Mais tarde. Fique à vontade."

Observando-o com cuidado, Greg finalmente fez como ele pediu, girando lentamente a dobrar na cintura. "Tudo bem?"

"Sim, bebê. Perfeito." Charlie passou a mão abaixo em sua espinha para pegar seu traseiro. "Sua bunda é incrível."

Greg estremeceu sob seu toque. Removendo a roupa rapidamente, cobriu-se com o preservativo. Então abriu o mini tubo de lubrificante e revestiu seu comprimento, sibilando enquanto sensação rugiu por cima dele. Limpando o excesso para Greg, ele aliviou a sua posição distante para regular os dois no balcão. "Vamos ir devagar, bebê."

A cabeça de Greg empurrou em resposta. Ele apoiou a cabeça sobre os braços flexionados, inclinando seu corpo para os comandos de Charlie.

Lentamente, Charlie facilitado em seu canal virgem. "Respire para mim, sexy. Relaxe." Ele afundou mais profundo com cada avanço e retirava enquanto os músculos cediam, enquanto ondulações fluíam para cima e para baixo do corpo de Greg em resposta ao prazer de ser tomado.

"Você está comigo, bebê?" Ele perguntou um pouco mais suave, estremecendo enquanto o calor envolvia o seu eixo.

"Incrível." Foi à resposta engasgada. "Nunca... assim."

"Está tudo bem, bebê. Isso só fica melhor."

"Eu não vou viver." Ele murmurou, gemendo quando Charlie flexionou.

Suas pernas tremiam, mas mantiveram-se estável. Tinha sido um longo tempo desde que ele tinha feito este tipo de treino, e nunca com a perna lesada.

Deslizando dentro e fora com um golpe lento, Charlie apertou os quadris de Greg, segurando-o perto. Ele estremeceu; seu lábio trêmulo, quando o corpo de Greg retorcia, buscando a conexão perfeita. Um áspero gemido arrancou dele quando Greg encontrou. "Não vou durar, bebê. Queria."

Suspiros irregulares lhe disseram Greg estava na margem direto lá com ele. Pressionando para frente, ele alcançou em torno um macio quadril, achou o pesado e grosso eixo de Greg, orvalhado com a saliva e gotas de humidade escorrendo da cabeça ingurgitada. O calor encheu sua palma fechada e Greg miou um grito ofegante quando se apoderou dele. Tremores sacudiram sua perna enquanto bateu a frente, mas ele se recusou a sair, não tão perto. Seu ritmo era duro, selvagem, em seguida, a coluna de Greg empurrou e ele disparou, tremendo incontrolavelmente. O ar nos pulmões de Charlie desapareceu enquanto calor e pressão o levaram ao abrigo.

"Ah, foda! Greg!" A força de seu orgasmo fez o seu mundo escurecer, as únicas coisas que estava ciente foram o calor segurando-o e os golpes que ele fez, enquanto encheu a camisinha.

Sugando o ar como um balão de ar quente, gradualmente sentiu retornar a vida para seus membros. Ele piscou, apoiando-se fortemente nas costas úmidas de Greg, com as pernas cansadas, mas felizmente segurando. Sua mão estava pegajosa com sêmen, enquanto seus lábios e queixo foram pegajosos com xarope. Ele fechou os olhos e sinceramente não se importava.

CAPÍTULO VINTE E UM

Correndo uma toalha sobre o cabelo úmido após outro chuveiro da manhã, Charlie se sentou na beirada da cama recém-feita, observando Greg quando ele puxou o jeans limpo, e não o 'vem e foda-me, homem selvagem' também.

"Por que você tinha o preservativo e lubrificante?"

Greg piscou, tartamudeando enquanto se endireitou. Cílios cobrindo seu olhar, evitando geral olhar em sua direção. Ele terminou facilitando o jeans sobre seus quadris, em seguida, puxou o zíper fechado. Olhando para Charlie, perguntou: "Era isso o que aborreceu você mais cedo?" Ele ainda não se incomodou com uma camisa, mas o que fez essa matéria, realmente? Charlie gostava de olhar para Greg. Ele manteve a casa quente o suficiente de qualquer maneira. Charlie tinha certeza que era muito confortável durante o verão, sentindo a brisa do mar soprando no largo do Golfo. Foi ele que não conseguia encontrar um meio quente na vida.

Greg sentou na cama com ele, inflexível um braço rígido para enrolar seus dedos.

"Isto fez você ficar zangado."

Charlie não conseguia olhar nos olhos dele.

"Por quê?"

"Porque eu senti como se tivesse sido uma armadilha." *Usado*. Não admira que Greg ficasse tão chateado na manhã que ele saiu. Charlie entendeu claramente agora.

"Bebê." Greg respirava. Ele puxou a toalha para longe e pediu que Charlie o olhasse, pegando suas bochechas. "Não era uma armadilha. Mais pensamento positivo para mim." Greg baixou os olhos, constrangimento escurecendo seu rosto uma sobra ou duas. "A verdade é que eu não sabia como pedir para você fazer o que fez." Ele disse calmamente. "Eu honestamente estava preparado pelos últimos dias, em caso de oportunidade..." Ele limpou a garganta, depois que esfregou o polegar sobre a mão de Charlie, como se fosse a coisa mais fascinante da sua época. "Eu sabia que nós íamos nos comportar em seus pais, mas... hum. Se você tentasse, eu teria estado pronto."

"Você está falando sério?"

Essa tonalidade vermelha aprofundou consideravelmente. "Eu queria ver se ia gostar disso, tendo imaginado isto. Eu sei que é estúpido..."

Charlie cobriu a boca de Greg com a mão livre. "Shh. Isto não é. Nem todo mundo pode mudar."

Os cílios de Greg piscaram, ele retomou seu estudo atento das suas mãos entrelaçadas.

Charlie se lembrou da sua confusão sobre o comentário cobertura também. Realização não foi difícil de alcançar. "Você sabe o que é ser gay, mas honestamente não sabe como, não é?"

Rigidamente, ele balançou a cabeça.

"Greg." Charlie suspirou. Entendendo o que tinha feito, não era difícil de perdoar. Charlie passou o braço em torno dele, e desta vez, Greg se aninhou contra o pescoço de Charlie. "Enquanto você estiver confortável, e eu me sentir confortável, então nós podemos fazer isto funcionar." Ele não podia acreditar que só disse isso, mas não poderia levá-lo de volta também. Ele ignorou o tremor de medo que desviou sua espinha.

"Você não está zangado?"

"Agora não." Ele coçou o queixo sobre a cabeça de Greg. "Assim... não se preocupe com coisas desse tipo. Você pode falar comigo, fazer perguntas."

Greg suspirou e apertou beijos ternos para o lado do pescoço de Charlie. "Eu amo você."

Charlie estremeceu no roçar macio de seus lábios e no calor de sua respiração, segurando-o com mais força.

Mas ele não podia dizer o que sabia que Greg precisava ouvir.



"Eu consegui!"

Greg levantou os olhos da tela de seu computador, um sorriso que se estendeu sobre seus lábios. "Yeehaw! Então e agora?"

Charlie sentou no sofá, a caixa descansando em seu colo. "Primeiro..." Ele olhou para a caixa. "Eu tenho que descobrir a forma mágica de entrar nela."

Greg sorriu levemente em sua expressão de perplexidade. Isto foi muito fortemente colado. Arranhando através de canetas e lixo em sua mesa, ele pegou o que queria. "Isso deve fazê-lo." De pé da cadeira, então ele caminhou até sentar ao lado de Charlie.

Charlie tinha levado para casa e verificado o pequeno aluguel, pegar algumas coisas novas e ver se a cinta havia sido deixada. Pelo brilho de emoção nos olhos dele, esta foi à surpresa em seu colo. Ele entregou a lâmina de caixa. "Vamos vê-la."

Os olhos verdes brilharam e ele pegou a lâmina, trancou-a e rasgou as costuras.

Segundos depois, com o som de fita de embalagem estalando onde isto pendurava por sua vida, ele rasgou as bordas separadas. Dentro estavam inflados plásticos bolhas de embalagem.

"Você sabe, eles dizem para reciclar isto, mas como? Deixá-los inflado? E onde?" Charlie segurou um até quase o comprimento de seu antebraço. "Mas você estoura-os e eles são inúteis."

"Um desses mistérios do mundo." Greg brincou. "Vamos lá. Você está ficando distraído." Ele estava tão animado quanto Charlie. Ele queria Charlie tendo sua confiança novamente, para ver-se como um todo. A cinta iria ajudá-lo a chegar lá.

"Certo." Charlie jogou a bolha no sofá do outro lado. Samson caminhou para cima e cheirou a bolha, a caixa, então a Charlie, que lhe deu um ausente afago na cuca. Com todas as bolhas de plástico da embalagem fora do caminho, ele levantou a cinta preta emoldurada em sua mão. "Uau. É grande."

"Será que ela vai acima ou abaixo do que você está vestindo?"

"Qualquer um dos dois, mas acho que se sentiria melhor com ela debaixo."

"Tudo bem."

Ele se levantou do sofá, então deslizou sua perna para fora do moletom que ele usava. Greg passou a caixa fora do caminho para deixá-lo sentar-se novamente e deixou Charlie manobrar e pendurar a cinta onde ele precisava em sua perna.

"Como se sente?"

Charlie olhou para ela, torcendo a perna. "Sobre como eles disseram que seria. O fisioterapeuta disse que se ela começa a esfregar, para conseguir uma dessas mangas elásticas conjuntas para o abrigo da mesma, só grande o suficiente para cobrir, e não ser apertada."

"Faz sentido."

Charlie apertou para baixo a cinta, em seguida, enfiou a perna de volta em seu moletom, balançando o pé na outra extremidade. Ele respirou firme. "Aqui vai."

Com as palmas das mãos plantadas na beira do sofá, ele levantou-se.

E, pela primeira vez em quase dois anos, situou-se quadrado, sem a bengala.

"Você não pode mesmo dizer." Greg disse-lhe solenemente. Charlie era um espetáculo para ser visto. Seus olhos brilhavam; os ombros fortes e em linha reta. Não era uma sombra do homem que tinha sido magoado emocionalmente ou ferido fisicamente.

Charlie engoliu. "No tempo de testá-lo."

"Pavoneie seu material, sexy."

Charlie riu, mas era um riso nervoso. Greg teve que piscar, sabendo que não devia ser assim emocional, mas foda. Este era Charlie.

E ele estava andando.

Encontrando seu olhar brilhante, ele chegou aos seus pés a partir do sofá, à espera de Charlie para fazer o circuito ao redor da sala e voltar para ele, cada passo sólido e verdadeiro. Greg esperou na frente dele. Os olhos de Charlie literalmente brilharam, iluminador com orgulho e uma enorme quantidade de felicidade que roubou a respiração de Greg para longe. Se ele tivesse conhecido o homem antes dessa primeira vez, ele provavelmente teria caído na vista para ele, era que incrível.

Greg engoliu em seco. "Bem?"

O rosto de Charlie foi corado.

"Eu estou andando, Greg." Ele sussurrou, em seguida, seus lábios tremeram. Greg estava lá com os braços ao seu redor em um instante. Charlie apoderou-se dele em um abraço esmagador, suas mãos em punhos nas costas de sua camisa. Charlie o segurava, enterrando o rosto nos ombros sólidos de Greg. Duros soluços balançaram a ambos. Greg segurou-o, e amou-o mais.

Infelizmente, naquela noite foi quando as coisas começaram a dar errado, em todo o quarteirão. Uma chuva fria atingiu a costa com ventos açoitadores, tornando Samson pegajoso e não feliz. A energia foi batida ou faltando pelos primeiros vinte minutos, até que ele não poder receber o castigo e desapareceu.

Que deixou pouco espaço para Gregory ou Charlie fazer senão amontoar sob um cobertor peito a peito no sofá, no escuro e ver as sombras para o entretenimento.

"Pena que eu não tenho uma lareira. Este tempo seria perfeito para uma." Gregory ponderou. Com Charlie aninhado sob seu queixo, eles deitaram entrelaçados desfrutando da calma e o calor do corpo do outro. Quatro graus ainda eram quatro graus, independentemente da longitude.

"Deixe-me adivinhar." Charlie disse; seus lábios roçando levemente sobre a pele o suficiente para enviar arrepios pelo corpo de Gregory. "Você é um romântico incurável."

Gregory gargalhou. "Eu não iria dizer completamente impossível."

Charlie balançou a cabeça, então se estabeleceu em seu lugar, almofadado na parte superior do braço de Gregory. "Romântico." Ele respirou, rindo para si mesmo.

Gregory não mordeu a isca. Um jingle começou a ecoar do seu bolso. "Droga. Assim como alguém, sei que não estou com vontade de me mover." Gregory deu uma guinada, Charlie agarrado à parte de trás do sofá para não rolar fora nesse ínterim enquanto ele cavou o seu telefone.

Uma vez que estava na palma da mão, ele gemeu. "É a mamãe." Charlie beijou a parte inferior de seu queixo e aninhou em seu lugar.

"Olá, mamãe."

"Ah, bom! Então você está respondendo ao seu telefone."

Uau! Ele endureceu em seu tom. "Pai, o que há de errado?" A energia deve ter batido o seu telefone fixo, se ele estava chamando no celular. Charlie pegou imediatamente que algo estava errado. Seus braços se tornaram tensos em torno do peito de Gregory, onde ele estava enrolado em torno dele.

"Que diabo é isso de você ser gay?"

"Merda." A palavra saiu em um silvo. Seu estômago tentou encolher e se esconder atrás de seu baço.

"É verdade?"

Gregory estremeceu. Merda, isto é uma mãe de um tom frio. Ele deveria ter conhecido que em algum momento o seu segredo ia ser soprado muito alto. Ele tocou Charlie para sentar-se. Ele não podia falar com seu pai, não de forma sensata, enquanto estava deitado. Ele estendeu a mão, porém, mantendo Charlie perto.

"Papai eu sinto muito."

Silêncio bateu no ar, o telefone fazendo isto estranha. "Você está aí?" Ecoou em seu ouvido.

"Quanto tempo?"

Ele caiu no sofá. "Em tudo realmente, menos de três meses."

"Você está falando sério? Você de repente se tornou gay? E você estava esperando esse tempo para me dizer?"

Descrença sarcástica fez seu coração doer. Ele não tinha ideia que seu pai iria levar isto tão difícil. Ou achar que ele tinha mentido sobre isso o tempo todo. "Eu não sei, pai. Eu ainda estou trabalhando através disto."

"Eu não posso acreditar que você disse a sua mãe para não me dizer."

Ah, sim, este é um pai, irritado. Ele passou a mão pelo rosto, em seguida, rapidamente capturou Charlie quando isto parecia como ele estava tentando centímetros de distância para dar-lhe espaço. Ele não queria espaço. Ele queria ser sufocado em Charlie no momento.

"Pedi-lhe que me deixasse dizer-lhe, quando eu voltasse para casa. Isso era tudo." Ele respirou. "Eu senti que você deveria ouvir isso de mim, e conhecer a razão pela qual, se

possível." Ele acrescentou desanimado. Ele sabia melhor agora. Isso não estava acontecendo. "Você não tem um problema com os meus amigos." Gregory tentou.

"Porque eles não são você, filho." Um suspiro, revoltado cansado veio por telefone. "Eu preciso pensar sobre isso, Gregory." Um arrepio atingiu seus ombros e continuou indo. Isso deve ter sido um mediano, um deste modo ou daquele modo, por cima da cerca. Gregory não tinha certeza de que seu pai ia se inclinar ao seu favor. Seu coração bateu dolorosamente. "Eu vou ter a sua mãe chamando você." *Clique.*

Ele piscou, trazendo o telefone entorpecido em seu colo. Deus, isso soou... Final.

"Enxofre?" Charlie perguntou, esfregando sua coxa.

"E forçado."

"Sinto muito, bebê."

Ele se inclinou e apertou sua testa para Charlie. "Não sinta. Não há nenhuma maneira de tornar mais fácil, em qualquer um deles." Ele perguntou como Jay iria cumprimentá-lo. Com um abraço ou com um punho? Ele sufocou o suspiro. Não havia muito que ele pudesse fazer sobre qualquer coisa. "Fica esta noite?" Ele perguntou em voz baixa.

A resposta de Charlie foi um beijo lento, suave. Gregory nunca assumiu uma forma ou de outra, desde que Charlie ainda não tinha feito uma escolha oficial para se mudar, mas ele ficou com mais frequência, e esta noite Gregory precisava desesperadamente de seu conforto. Pelo menos ele teve esse tempo, apesar de realmente dizer-lhe em primeira pessoa não podia ter sido melhor uma experiência, para qualquer um deles. Talvez pelo tempo que eles partiram para LA seu pai vai ter se acalmado um pouco. Talvez ele não esteja ainda furioso com ele. Talvez ele não vá se sentir como se tivesse falhado tudo. Talvez.

Gregory poderia esperar.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

"Por que não vai para a cama?" Charlie perguntou, tomando beijos suaves em seu rosto. A atordoada mágoa no rosto de Greg fez seu peito doer por ele.

Greg acenou distraidamente. "Samson..."

Charlie embrulhou sua mão acima. "Está tudo bem, bebê. Eu vou cuidar dele. Vá tomar um banho quente e relaxar. Deve haver algum calor deixado na água." Ele tateou o chão para a lanterna que Greg tinha encontrado quando as luzes se apagaram. "Pelo menos o pior da chuva parou." Ele pulou a lanterna para as mãos de Greg. Preocupado, olhou para o rosto de seu amante quando ele permaneceu imóvel. "Greg?" Ele sussurrou.

A dor oca naqueles olhos castanhos rasgou através dele. Houve uma pitada de medo girando lá também. O medo do desconhecido, do que estava por vir, da reação de sua família – o resto de sua família. Charlie entendia muito bem. Na obscuridade da noite com apenas o mundo fora das janelas oferecendo até mesmo uma ideia de luz, as sombras em seus olhos eram quase tão profundas como as esvoaçando através da sala de estar com eles.

Como se movido por controle remoto, Greg finalmente ficou de pé com uma graça oca e deixou Charlie na sala de estar com um Samson 'não muito chorão'. Pelo menos ele tinha assentado agora que os raios e trovões haviam passado.

Desenrolando do sofá, ele caminhou até o balcão para recolher a coleira. "Samson." Ele chamou baixinho. O cão se aproximou e sentou-se obedientemente. Com sua coleira amarrada, Charlie agarrou sua jaqueta e passou os braços por dentro. Empacotados e prontos para o vento úmido e frio, ele levou o cão fora. Sentia-se incrivelmente estranho andar sem a extensão anexa de sua bengala na mão, como se estivesse esquecendo alguma coisa, enquanto aprendia que podia confiar na cinta e uma perna. Ele tinha começado a usar calças jeans, em vez de moletons com mais frequência. Começava a sentir-se como ele mesmo em quase todos os sentidos, e com o apoio de Greg, sabia que podia ser ele mesmo, não importa o quê.

Derrubando a cabeça contra o frio, também reconheceu o amor de Greg por ele. Às vezes, sentia-se tão envolvido por ele, que nunca queria sair, e então sentiria uma pontada,

ou movia do jeito errado e suas costas ou ombro levaria o peso de algum movimento estúpido e ele seria lembrado de que jamais seria completo, nunca seria inteiro.

Sendo ele mesmo era uma coisa. Ser inteiro era algo completamente diferente. Temia quase que constantemente que Greg fosse perceber o quão imperfeito que ele era. Isto estava chegando. Foi a maior razão pela qual não havia concordado em se mudar ainda, embora o Ano Novo tivesse vindo e ido. Eles ficaram em casa e viram os shows comemorativos na TV, comeram pipoca e fizeram um brinde de *ginger-ale* seguido de uma noite de amor que havia deixado os dois dormindo tarde na manhã seguinte. Greg nem sequer tentou comprar champanhe para suas celebrações em casa, e não parecia de tudo colocado que ele fez essa concessão para Charlie. Novamente, outra deficiência que iria crescer velha rapidamente, mas Charlie não poderia fazer isto. O álcool, mesmo o cheiro dele, virou seu estômago.

Samson parou e adicionou água ao terreno. Charlie enfiou as mãos nos bolsos. Sugou que ele tivesse uma baixa tolerância ao frio. Ele não ficaria fora por muito tempo.

Um flash brilhante sobre a água à distância chamou sua atenção. A natureza foi incrível, linda, misteriosa, às vezes. As nuvens negras pairando sobre carvão a água um pouco além das casas restantes pareciam plumas espessas de fumaça, agitando e jogando enquanto a tempestade levou sua fúria sobre a água. Nem tudo o que surpreende estava escuro em todos os lugares que olhava, ele adivinhou, depois da sova que a tempestade tinha entregado. Pelo menos onde ele podia ver, não houve quaisquer linhas tragadas ou árvores com danos. Que inevitavelmente só alongava seu estado impotente.

Olhando por cima do ombro, ele notou que andara mais longe do que tinha planejado, sem prestar atenção. Isto pareceu pior, porque as luzes da rua estavam fora e não havia luzes de boas-vindas de qualquer das casas. Um arrepio causado por mais do que o frio do ar úmido atingiu sua estrutura.

"Vamos, Samson. Hora de ir para dentro, Greg deve estar feito no chuveiro, se ele não afundou no ralo, de qualquer maneira." Ele brincou, rolando seus lábios para aquecê-los.

Ele balançou a cabeça, e gotas de água saltaram livres; a névoa e chuva leve encontrando-o e apegando. Samson evitando alguma coisa do lado da estrada e puxou a trela

ao mesmo tempo em que Charlie estava fora de equilíbrio, e arrancou-lhe com força em sua perna.

Quase como uma comédia de erros em câmera lenta, ele desabou no chão, gritando. Tentando pegar a si mesmo, torceu ainda mais, mas os dedos do pé enroscaram na calçada e dor irrompeu o seu corpo de seu tornozelo através de seu joelho até o quadril e mais além. Um soluço abafado quebrou a noite como se sua perna fora agarrada com ele em retaliação. Debruçado no chão; agonia e dor rasgando amarrando os seus músculos em cabos de ferro de tortura. Ele nem sequer sentiu o molhado enquanto seu jeans tornou-se embebido no chão encharcado pela chuva, ou o frio que o mordeu com os dentes implacáveis.



Gregory terminou o chuveiro e vestiu a cueca, esperando pelos sons de retorno de Charlie. Quando o fungar de um nariz molhado e clique de unhas na porta da frente chegou, ele acendeu a lanterna e abriu-a para eles.

Ele só encontrou Samson, sua guia arrastando atrás de um corpo molhado, umedecido da chuva.

"Onde está Charlie?" Ele preparou-se em inclinar para frente através da porta, mas balançando a lanterna para trás e a frente, não encontrou ninguém no jardim da frente. "Dentro." Ele soltou a coleira e jogou-a em direção a cozinha, não se importando se ela chegou ou não, então girou e correu ao quarto para jogar-se em alguma coisa e ir fora.

Vestindo jeans e seu blusão, ele enfiou os pés em seus tênis e voou para fora da porta da frente, lanterna na mão. "Charlie?" Seu coração batia forte. Algo tinha acontecido. Ele

sabia disso. Samson era melhor treinado do que isso para fugir, e ele ouvia a si mesmo e Charlie. Ele ligou de novo. Nada.

Tomando uma chance, ele foi embora da praia, em direção às outras casas na rua, mas não viu nada. A cidade tinha ido para a cama, na medida em que ele poderia dizer. Engolindo em seco, ele se virou em um salto e correu em outra direção.

Após cerca de 15 minutos, ele viu. Abaixo. Encolhido no chão. Agarrando a perna.

"Oh, Deus." Ele sufocou. Ele caiu de joelhos na grama molhada ao seu lado. "Charlie? Bebê fale comigo."

Tremores abalaram sua estrutura e dor tão intensa, Gregory sentiu isto vindo dele em ondas. Isso era pior do que ele tinha andado nesses meses. Ele não estava apenas segurando a perna dele, estava chegando para sua canela também.

"Bebê, o que está ferido?"

"Tornozelo. Perna." Ele ofegou, estremecendo. Então, provavelmente, a melhor coisa que poderia ter acontecido, aconteceu. Ele desmaiou.

Gregory chamado 911. Foi à única coisa que poderia pensar em fazer. Se ele tivesse machucado alguma coisa, isto estava indo demorar mais do que um banho quente para fixar.

Ele se esgueirou ao redor para sustentar a cabeça de Charlie em seu colo e tirá-lo do chão molhado, então esperou até que a ambulância chegou. Charlie levantou quando eles amarraram-no na maca para a viagem.

"Greg?"

"Eu estou aqui. Eu estou seguindo. Está tudo bem."

Os olhos de Charlie ficaram em branco, em seguida, eles fecharam. Ele não falou novamente. Demorou Greg alguns minutos preciosos para chegar em casa, trancar e dar ré em seu jipe para a vida na trilha após a ambulância. Os piores pensamentos e preocupações que se possa imaginar lotou o veículo com ele, tornando a mais difícil viagem de sua vida.

Mas se ele achava que sua vida estava sendo lançada em sua orelha, as coisas só pioraram quando ele chegou ao hospital.

"O que quer dizer, sem visitas?" Ele engoliu em seco para o ar, tendo corrido do parque de estacionamento para as portas de vidro sem outro pensamento, que chegar até Charlie.

A enfermeira da ER deu-lhe um olhar plano sem tolice. "O paciente solicitou. Ele tem permissão para fazer isso."

"Mas..."

"Você é família?" Ela perguntou com um tom arrogante, provavelmente pensando que ele tinha feito alguma coisa para colocar Charlie lá. Gregory não dava uma merda ao que ela pensava. Ele tinha que ver Charlie.

O olhar de Gregory entediado no dela. "Por favor." Ele sussurrou.

"Você é família?"

Ele não podia sequer pretender ser um noivo. "Não." Suas mãos sentiam-se úmidas apertadas em seus lados, e a lama molhada sobre seu jeans estava começando a preparar. Ele sabia que ele parecia um desastre despenteado, mas droga! Este era Charlie.

E ninguém no hospital estava indo para obter Gregory de vê-lo.

"Você não entende." Ele tentou novamente. "Ele é meu melhor amigo. Eu preciso saber que está tudo bem. Por favor?"

A enfermeira suspirou; toda empinada. "Ótimo. Vou ver se eu consigo um dos médicos para informá-lo."

"Obrigado." Ele conseguiu, sentindo-se fraco. Ele caminhou até o mais distante conjunto de assentos longe de qualquer um e apoiou o rosto em suas mãos. Seu telefone tocou. Grande. Agora o quê? Ele puxou-o do bolso.

"O quê?"

"Bem, se isso não é a saudação de uma vida." A voz de Laurence foi ofendida.

"Desculpe Laurence. Oi."

"O que há de errado?"

Gregory deu-lhe a corrida para baixo, começando com o telefonema de seu pai, para sua atual falta de conhecimento sobre o homem que mais importava para ele, enquanto esperava nos assentos de emergência.

"Uau. Querido, venha ficar com a gente. Deixe-os ter algum tempo para superar o choque."

"Eu não posso fazer isso." Ele respondeu automaticamente, não querendo impor. Inferno, eles estavam a dias de fazer tudo oficial.

"Besteira. Quando você chegar aqui, me ligue ou RJ. Josh provavelmente ainda estará no trabalho. E não se preocupe com Charlie, Gregory. Vai dar tudo certo."

Gregory desejava que ele pudesse dizer o mesmo. Esse último olhar que Charlie lhe dera o atingiu como um golpe na garganta. Ele não se permitiu pensar sobre isso. Isto o aterrorizava muito. A porta interior do hospital agitou aberto.

"O Doutor. Chamo você de volta." E ele desligou, levantando-se em uma corrida.

Um homem de jaleco branco se aproximou. "Gregory Anders?" O médico se ofereceu para apertar sua mão e ele anotou o nome de B. Blakeny em seu crachá.

"Sim. Como está Charlie?"

"Ele está bem fisicamente. Ele torceu o tornozelo e puxou o tendão danificado exterior, que é o que provavelmente causou a crise, mas nada grave."

"Posso vê-lo?"

A expressão do médico virou pesarosa. "Sinto muito. Ele pediu para ser deixado sozinho."

Gregory revolveu suas mãos pelos cabelos, esquecido da sujeira seca e umidade. Por que mantê-lo longe Charlie? O que era com o olhar vazio da maca? E por que ele de repente teve uma sensação arrepiante que tudo estava rapidamente chegando ao fim? Suas mãos caíram. "Espere. Você disse que fisicamente. Está qualquer coisa mais errada?" O Dr. Blakeny desviou o olhar. "Por favor, doutor. Ele é tudo para mim."

A resposta foi à mesma, quase demasiada automática. "Eu não posso dar esse tipo de informação fora. Sinto muito."

"Eu não posso vê-lo, afinal?"

"Eu sinto muito."

"Cristo, você deve dizer isto um terrível monte." Ele rosnou.

"Infelizmente." Com um final olhar avaliador, ele deixou Gregory de pé na sala de espera.

De alguma forma, ele se viu sentado em seu jipe, com o olhar perdido no espaço, perdido, e pela primeira vez com medo de que perder alguém poderia fazer com ele. Ele olhou na direção das janelas iluminadas, o hospital não afetado pelos problemas de energia na ilha, e se perguntou o que estava sendo executado através da mente de seu amante, porque naquele momento ele não tinha certeza se queria chutar a bunda dele, ou segurá-lo perto e confortá-lo.

Ele puxou o celular do bolso. Rangendo os dentes, ele procurou os seus números. "Não vai me ver, idiota. Vamos ver se você mantém sua família longe."

Ele bateu de discagem rápida e começou a chamar.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Charlie virou na cama de frente para a janela, seus olhos desfocados. Sua bengala e cinta ambas esperavam por ele em uma cadeira próxima. Ele não tinha tocado nenhuma desde que voltou para casa.

Exceto que ele não teve coragem de ir para casa de Greg, ou mesmo para sua mesmo. Ele estava com seus pais, em Houston. Escondendo. Ele estremeceu, lembrando-se da decepção na voz de sua irmã.

E ele pensou ter tido uma vida difícil. Ela estava desempregada desde o Natal, que ele não sabia. Ela nunca disse uma palavra, nem mesmo a sua mãe, até que após o início do ano. Ele lembrava vagamente ela falando de coisas acontecendo na sede na Ação de Graças, mas não tinha pensado nisso desde então. Sua irmã estava dando uma tacada de uma frente muito mais valente do que ele era.

Ela estava à procura de trabalho, movendo-se, vivendo.

Ele estava chafurdando na cama, com o coração partido, deprimido e quase tão emocionalmente vazio como quando ele tinha sabido da duplicidade de Garen e o ataque sem sentido em sua vida.

Só que ele tinha trazido isso sobre si mesmo. Ele empurrou Greg para longe. E Elizabeth fez questão de não esquecer, que foi o seu próprio erro toda vez que ela o viu.

Razão pela qual ele estava escondido em seu quarto enquanto se escondia do mundo. Sua irmã era uma cadela primária.

O telefone tocou na casa, e alguém respondeu. Havia uma ordem permanente – sem chamadas de Greg. Não que ele não tentou. Ele o fez. Constantemente. Pequenas mensagens que ele estava esperando, pensando em Charlie, que sentia falta dele, e que queria trabalhar através disso.

Que ele ainda o amava.

A pergunta imediata de Charlie era: como? Ele não conseguia nem andar com o maldito cachorro sem cair aos pedaços. Greg não entendia isso? Ele não via? Ele enterrou o

rosto em seu travesseiro, sugando em árido rascunho de ar, tentando aliviar a queimadura forte em seu peito. Não fez nada para ajudar.

Um toque em sua porta soou. "Charlie?"

"Eu estou acordado." Ele respondeu à sua mãe, lutando para esconder a crise e mantê-la fora de sua voz. "Era Greg, não era?"

"Foi. Ele queria que você soubesse que estava partindo para a Califórnia pela manhã. Um casamento que ele vai." Ela ofereceu.

Ele empurrou mais profundamente na cama. *Amigos de Greg*. Ele sabia tudo sobre eles, o casamento, e que ele não ia. "Eu sei."

"Ele queria que você soubesse de duas coisas."

Charlie deu de ombros.

"O bilhete que você tem está ainda bom. Ele não vai mudar isso."

Quando ela parou por alguns batimentos cardíacos, ele levantou da cama o suficiente para vê-la com o canto do olho. Ela o olhou, e ele não tinha certeza do que encontrou em seu olhar, mas não era o amor, a compreensão materna com que ele fora confortado até então. "O que é a segunda?"

"Ele não vai voltar."

Charlie fez uma careta, escondendo o grunhido de dor, encolhendo-se em si mesmo. "Eu sabia que ia acabar assim." Ele murmurou sem emoção. O que mais ele esperava? Ele sabia que Gregory veria a verdade.

Então, por que essa porra doía tão maldito muito, se ele tinha se preparado para este momento o tempo todo?

"Você é uma criança mimada, Charles Baker." Ele fechou os olhos, fechando longe do mundo exterior. Isso não o impediu de ouvir sua voz condenando, no entanto. "Você está fazendo isto terminar desta forma, não ele. Você não lhe deixou outra escolha senão ir em frente. Se você falasse com ele uma vez, você ouviria em sua voz o quanto este homem sente falta de você, o quanto ele ama você. Ele está tomando a posição de pesquisa. Ele disse que se você quer saber as razões, então vá para a Califórnia. E, pessoalmente, concordo com ele."

O martelar de seu coração era um baque oco que apenas enfatizou sua própria dor e solidão. "Eu não posso." Ele sussurrou.

Só que ninguém lhe respondeu. Sua mãe já tinha saído.

O que isso importa? Ele estava realmente partindo. Era o fim. Seu olhar varreu o quarto e quando ele trancou na cinta, lembrando-se em uma visão de rolagem em sua mente tudo o que tinha feito, ele rosnou e retorceu para o outro lado, fechando os olhos nas lembranças.



Gregory reivindicou Samson na área de bagagem, em seguida, esperou sentado em um banco, conversando com um canino superexcitado. Com certeza ele estava obtendo alguma maravilhosa experiência em viagem. Provavelmente seria isso para ele, no entanto. Se Greg voltasse para o Texas, na sua viagem sábia, seu cachorrinho não teria de ir, e com a tecnologia moderna, ele nem sequer seria necessário estar presente para vender sua casa. Isso o entristeceu ainda mais. Ele adorava aquela casa. Adorava a praia. Lá dentro, ele estremeceu, embora nada disso mostrasse em seu rosto. Ele colocou os dedos na grade da porta da gaiola e Samson lambeu-os, como se entendendo a sua melancolia.

Ele mal deslocou quando um homem em apertados jeans preto e uma jaqueta marrom sentou-se ao seu lado. "Então você está realmente ficando?" RJ perguntou.

"Sim. Eu não posso ficar lá. Dói muito." Foi por isso que ele veio antes do previsto. Ele só não podia ficar na mesma cama, na mesma casa. Isto o matou um pouco a cada dia.

RJ trouxe-o para um abraço de um braço só. "Está tudo bem, homem. Nós vamos ser infelizes juntos."

"Por quê?" Depois de um tapinha nas costas, Gregory deixou-o ir.

RJ encolheu, embora ainda através de sua própria dor, Gregory poderia contar a sua ainda estava fresca e profunda. "Você não ouviu? Toby me largou." O sorriso de RJ era fraco.

"Você está falando sério?" Não, Gregory adivinhou que ele não tinha ouvido. Ele tinha sido bastante envolvido com sua própria miséria recentemente. "Deus, eu espero que não seja contagioso. Laurence vai nos tirar a pele vivos."

RJ sorriu tristemente. "Não se preocupe. Ele e Josh estão prestes a matar um ao outro novamente. O casamento está levando os dois à garganta um do outro."

O urso e o tigre retornam. "Ah. Assim como nos velhos tempos."

"Quase." RJ levantou-se e rolou um ombro, recolhendo a bagagem de mão ao lado de Gregory. "Vamos lá. Eu estou estacionado fora do estacionamento."

Obedientemente carregando bagagem, um porta animal e um coração partido, Gregory seguiu-o.

Uma vez instalado no condomínio de RJ, ligou para casa, a resposta do outro lado não era tão quente quanto ele esperava, mas sobre o que esperava.

Seu pai ainda não estava falando com ele. Enquanto sua mãe estava tentando ser solidária, ela não poderia ser a mediadora entre os dois homens. Gregory entendia, e não lhe pediria isto. Jay foi permanecendo neutro até que ele falasse com Gregory cara a cara. Ele supunha que pudesse respeitar o seu irmão para isso, e era grato.

Mas isso não fez nada para aliviar a dor em seu coração, o buraco que era grande o suficiente para cruzar um petroleiro completamente. Uma dor que só uma pessoa poderia curar, e como ainda, estava em uma cidade ouvindo falar dele.

A única outra chamada de telefone que ele precisava fazer era ao Superintendente de Reitores para a posição de pesquisa, então ele teria terminado, até que em contato com ele para fazer a bola rolar e iniciar as entrevistas de fita vermelha e inquérito pessoal.

Ele só desejava que pudesse estar mais feliz por estar em casa entre seus amigos e com sua família novamente. Ele temia que fosse um longo tempo a chegar.

Gregory entrou para a sala do condomínio de RJ. Samson estava dormindo em um raio de sol, deitado sobre o tapete como um cão sem uma preocupação. Gregory invejava isto nele. O telefone que ele tinha em sua mão tocou no outro extremo, meio continente de distância, mas bem que poderia ter sido Marte.

"Olá."

"Oi, Elizabeth."

"Oi, querido." Ela respondeu imediatamente calorosa e bondosa.

"Será que ele mudou de ideia?" Gregory sentou em uma poltrona, inclinando-se sobre os joelhos, os dedos prensados e esfregando sua testa. Ele não tinha ideia de por que continuava a tentar quando a menor esperança de que apenas iria falar com ele foi desaparecendo. Ele entendeu qual era o problema, mas se Charlie não falaria com ele sobre isso, não poderia dizer-lhe quão errado ele estava.

"Sinto muito." Ela respondeu.

"Não sinta. Ele é o único cabeçudo. Olha, você tem uma caneta à mão?"

"Sim."

"Leve isto abaixo. Se por algum milagre, ele tem sua cabeça no lugar..." Ele suspirou. "Eu só quero que ele saiba que estou aqui." Ele deu endereços e números de telefone.

"Tenho isso. Greg? Eu sei que ele se importa."

"Eu queria estar tão certo." Ele murmurou. Charlie nunca tinha dito uma vez uma sílaba sobre seus próprios sentimentos. Ele passou a mão sobre sua boca. "Ele não falou comigo desde o acidente. Eu não quero deixar de tentar, eu o amo..."

"Greg." Ela interrompeu-o com firmeza para cair para um sussurro conspirador. "Não desista dele. Eu acho que sei como obtê-lo fora de seu traseiro."

Ele fez uma pausa, ouvindo o mal conspirando em sua voz. "Ele está ouvindo, não é?" Ele era tão quieto como ela era, mesmo que não houvesse uma necessidade.

Ela cantarolou uma afirmativa. "Sério?" Ela chilreou, fazendo com que Greg perguntasse o que ela estava fazendo. "Qual era o seu nome? Oh, ele parece incrível."

"Liz, não faça isso com ele." Ele pediu, com a cabeça balançando. "Não depois de Garen." Seus apelos caíram em ouvidos surdos.

"Cabelo preto, olhos verdes, grego. Uau. Eles têm esses na Califórnia?" Ela brincou.

"Elizabeth."

O som de uma porta batendo era impossível de perder, pois ecoou pelo telefone em seu final.

"E a primeira fase está completa." Ela riu.

"Você é realmente mal."

"Nunca duvide da genialidade de uma mulher."

Gregory riu. "Nunca. Então e agora?"

"Só não desista dele. Eu vou encontrar uma maneira de obtê-lo no avião."

"Você faz, e eu lhe devo muito grande."

Desta vez, quando ela riu, era pura alegria. "Basta fazê-lo feliz, Greg. E amá-lo."

"Eu amo, querida. Eu amo."

Ele desligou o telefone, com medo da esperança.



Charlie rosnou quando Elizabeth só entrou no quarto, indiferente que a porta havia sido fechada, obviamente, de um modo *Não Perturbe*. Ela agachou-se na borda da cama, com uma intenção óbvia para ficar. "Você é um burro. Você tem alguma ideia de quantas mulheres dariam tudo para ter um homem como ele?"

Charlie rolou, dando a sua irmã uma visão de suas costas. "Vá embora."

"Não. Nós temos andando em ovos o tempo suficiente ao seu redor. Jogamos interferência tempo suficiente. É hora de você agir como o homem, que este pênis que você nasceu prova que você seja."

"Elegante." Ele enfiou as mãos debaixo do travesseiro. "Ele não me quer de volta. Ele encontrou outra pessoa."

"E como você se sente sobre isso?"

"Cale a boca, Dr. Phil."

Ela bateu sua bunda. Duro. Ele gritou. "Não, você cale a boca. Eu sabia que você estava ouvindo, seu covarde."

Ele rangeu os dentes. Ele não era um covarde. "Eu disse..."

"Ele não tem mais ninguém." Ela disse, interrompendo-o. "Eu queria provar alguma coisa, e eu provei. Você ainda se importa. Se você não se importa, o que ele faz daqui em diante, não importa em tudo para você. Admita isso. Você o ama."

"Elizabeth." Ele rosnou baixo em sua garganta. Suas mãos estavam cerradas, e ele foi tendo que forçar-se a relaxá-las.

"Ele chama todos os dias para perguntar sobre você, quer falar com você. Como é este um homem que não se importa?"

"Ser gay é uma fase para ele."

"Agora isto é fora e fora, a autoilusória mentira, e você deveria ter vergonha de si mesmo. O que se ele encontrar alguém? E se algum cara varre-o fora de seus pés enquanto você está aqui agindo como o Supremo Senhor Burro?"

Greg não iria. Ele varreria seu novo amor fora de seus pés. *Como ele fez comigo.*

Elizabeth ficou de pé. "Se ele ligar de novo, porque até mesmo eu posso dizer quando um homem está no fim de sua corda de esperança, se ele chamar, você está atendendo ao telefone. Eu desisto."

Ele pensou que ela tinha saído, mas não tinha. Ela não tinha terminado com ele ainda.

"Ou você pode sair de sua bunda gorda, voar para a Califórnia e realmente falar com ele, oh, eu não sei, como um homem crescido."

"Cai fora." Ele murmurou.

"Ele ama você, Charlie. Não desperdice isso. Obter uma vez é uma chance que tão poucos realmente conseguem. Obtendo-o duas vezes é um milagre." Então, ele sabia que ela

saiu porque ouviu seus pés saindo do quarto, esperançosamente que com o resto de sua irmã intrometida anexada.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

"Vamos lá! Nós estamos indo ser atrasados. Com o humor que Laurence foi nesta semana, eu não quero tê-lo reclamando de mim. Ele pode realmente causar danos físicos violentos." RJ bateu o pé. Gregory penteou os cabelos, depois caiu o pente sobre a pia.

"Tudo bem. Tudo bem. Samson?" Ele ajustou o paletó. Nas últimas setenta e duas horas, ele realmente foi amarrado em ajudar. Ele deveria ter visto isso vindo, ainda era realmente feliz que ele tinha algo para ocupar sua mente e seu tempo. Pensando no que ele tinha deixado para trás era tudo que tinha feito, desde que deixou o Texas quase duas semanas antes.

"Ele está bem. Brinquedos e peles por toda a parte."

Gregory não conseguia pensar em mais nada. "Vamos."

RJ jogou as mãos no ar, clara exasperada impaciência em seu tom. "Finalmente. E eu pensei que era o porco espelho nessa família."

"Você é." Gregory respondeu. RJ olhou com raiva para ele.

Juntos, eles dirigiram para o hotel onde a cerimônia e recepção estava sendo realizadas. Quando eles chegaram, as pessoas estavam sendo assentadas para testemunhar o evento, a cerimônia, ou o tigre e o urso em um lance alto. Ou poderia acontecer.

"Então o que eu faço?"

RJ empurrou-o para dentro da sala com a mão em seu cotovelo. "Só ajude quem olha perdido, ou fala com você. Não há lados reais para isto, a menos que isto se torne um jogo do anel."

"Grande." Gregory murmurou. Mas não demorou muito, ele estava ajudando as pessoas a entender o que estava acontecendo, encontrar lugares, ou encontrar pessoas que deveriam encontrar. Quando chegou a ser quase na hora, e apenas retardatários foram chegando, ele estava perto da porta, tendo seu primeiro vislumbre real do layout.

Não havia um arco pódio, ou qualquer coisa assim na frente do encontro. Gregory era uma espécie de surpresa enquanto o seu olhar fluía sobre os apoios de cabeças. Tinha de haver mais de cem pessoas lá, e muitos deles ele conhecia. O salão foi brilhante com a música

tocando leve sobre o sistema, nada de muito romântico, mas calmante. Isto foi, provavelmente, RJ fazendo. Como um planejador de evento, ele era um perito em definir o humor para qualquer coisa, exceto raramente fazia casamentos. Ele detestava lidar com noivas excessivamente dramáticas, que foi provavelmente por isso que ele tinha estado evitando a ira de Laurence. Que o homem em um conjunto completo era francamente assustador. Para dar crédito a RJ, a sala era clara profissional em beges e cremes, com lustres pendurados no teto dando-lhe um belo toque de classe.

Havia vasos gregos ao longo da parede com altos, arranjos de flores secas, uma pequena elegância que não prejudicava. Para o lado estava o bolo de três camadas, bem como duas longas mesas cheias de bandejas do serviço de bufê, tudo isso pronto logo que reorganizou a sala, depois para a multidão em atendimento em apoio dos dois babacas.

RJ e Laurence fizeram um trabalho maravilhoso. Gregory teve que dar-lhes isso. Parecia uma festa simples e elegante, e não um exagerado, mais um grandioso caso.

Um leve toque sobre seu cotovelo trouxe a sua atenção para seu lado. Um sorriso fraco ergueu sua boca e algum de seu espírito. "Oi, mãe." Ele se inclinou para conseguir um beijo. "Fico feliz em ver você aqui." Ela tinha o cabelo penteado, vestindo um terninho amarelo pálido que parecia fazê-la brilhar.

Ela deu-lhe beijos em resposta. Ela sempre brincou que seu batom não era a sua sombra. "Você está brincando? Para estes dois o *San Andreas Fault* treme com medo. Eles precisam fazer isso."

Gregory não poderia deixar de concordar, vendo o humor brilhando em seus olhos castanhos. "Não papai?" Ele olhou para além dela, mas achava que já sabia a resposta.

"Não, mas ele pode aparecer para a recepção."

Gregory suspirou. Foi melhor do que nada. Até que ele saiu com ele, tinha detido nenhuma má vontade contra seus amigos. Ele queria passar por isso porque sabia que não podia desistir de seus melhores amigos, e orou ao longo do caminho que poderia preencher a lacuna que ele tinha criado.

Ele ofereceu um braço. "Deixe-me encontrar um assento." Ela enrolou seus dedos sobre seu braço. Galantemente, ele a ajudou a se sentir confortável. Junto da parede, foi

apenas alguns minutos depois antes da música mudar e um homem segurando uma Bíblia teve um lugar voltado para fora do outro lado do corredor.

Isto não foi a Marcha Nupcial, que teria apenas chateado Laurence. Era uma balada instrumental, uma de suas músicas favoritas. Ele engoliu em seco. Porra, RJ. Ele sabia como fazer isso direito. Gregory ainda lembrou a noite que desta canção foi reproduzida. Ah, as memórias. Pela primeira vez desde que deixou o Texas, ele foi verdadeiramente feliz por estar em casa.

De pé imóvel, com as mãos apertadas diante dele, ele viu enquanto caminharam de mãos dadas através da porta, o corredor para o pregador agora esperando por eles.

"Boa sorte, rapazes." Ele sussurrou sob sua respiração enquanto os seguia com o olhar. Então ele se calou para escutar.

Quando chegou a hora, cada um deles ofereceu uma aliança de ouro branco brilhante e ainda conseguiu – quase – fazer o seu beijo conjugal singelo. Quase isso o fez rir quando Laurence chegou e pegou um pouco mais de açúcar enquanto Josh endireitou.

Por apenas um momento, um segundo, realmente, ele se permitiu imaginar Charlie com ele fazendo isso. O que uma vez era estranho não era mais. O que uma vez era incompreendido já não o deixou questionando.

O único problema?

Não havia Charlie.

Quando eles viraram e encararam a multidão, ele aplaudiu tão alto quanto o resto da multidão, engolindo a solidão e a dor que veio com isso. Talvez com o tempo ele descobrisse o que fazer com isto, agora que parecia que Charlie realmente terminou com ele.

Não foi por falta de tentativa. Ele chamou todos os dias. Gregory tinha quase acampado em seu jardim da frente, mas nada tinha funcionado. Mas o que ele dizia era verdade. Você não pode levar um cavalo à água e fazê-lo beber, e você não poderia fazer um coração amar você, se não era para ser.

Ele apenas assombrou-o em tantos níveis quanto tinha mudado desde esta corrida matinal em novembro. Ele não ficou decepcionado ou aborrecido, apenas aceitou. Gregory

sabia que não poderia voltar ao que era. Tarde da noite, ele testou, retratando toda mulher bonita do planeta que poderia pensar, e veio frio e impassível.

Mas dois segundos da voz de Charlie, seus olhos verdes, e ele estava brotando, duro. Ele fez o seu melhor para não deixar isso acontecer bem então, uma vez que sua mente tinha estado circulando o outro homem por dias a fio, querendo.

Movendo cadeiras, ele ajudou a limpar áreas para as mesas próximas, não deixando a sua mente trabalhar sobre ele demasiado duro ou demasiado profundo. Alguém começou a abrir as mesas, e com algumas mãos extras, elas foram preparadas e lugares foram criados para as pessoas se sentar e apreciar a recepção. Houve até uma pista pequena de dança que ele não tinha visto em outro canto da sala. Ele se perguntava quanto tempo levaria para Laurence convencer Josh a fazer sua primeira dança. Ele balançou a cabeça, ainda esperando o jogo da gaiola a estourar a qualquer minuto. Mas até agora, eles pareciam estar relaxados e Laurence estava radiante, ambos vestidos para matar em seus smokings. Talvez eles finalmente tivessem acertado o passo.

A música mudou novamente, e Gregory localizou RJ em seu telefone celular, parecendo estar à procura na multidão, sorrindo para ele enquanto passou, em seguida, continuou a sua conversa, indo embora.

Depois que tudo estava em ordem, ele estava à beira examinando as mudanças e balançou a cabeça, feliz que eles tinham terminado a transformação com pouco barulho e em um curto espaço de tempo. As toalhas de mesa pareciam equilibradas e uma vez que a comida era uma linha de Buffet, não precisava colocar nada nas mesas para os convidados.

Um puxão no cotovelo era RJ. "Ajude-me a servir ponche."

Ele seguiu obedientemente, sorrindo e conversando com os convidados enquanto a fila seguia. Depois que o último estava sentado, RJ alongou. "A nossa vez. Estou morrendo de fome. Espero que eles nos deixem algo."

"Então, quanto tempo eles estão ficando? E quanto tempo antes dos peões começam a sair?" Gregory perguntou uma vez que ele e RJ tinham encontrado um par de cadeiras vazias. Ele puxou o colarinho, desejando que pudesse abandonar a gravata. Talvez depois do bolo.

RJ empurrou a galinha ao redor, olhando para cima em direção dos noivos, em seguida, encolhendo os ombros em demissão. "Eles não estão tendo uma lua de mel por si mesmo, então eu tenho certeza que eles vão sair e festejar." RJ espiou para ele, dizendo: "E por quê? Você está com pressa para chegar em casa?" Ele bateu uma mordida em sua boca. "Samson vai ficar bem até chegarmos em casa."

Gregory estudou a sua refeição. "Não." Tudo o que ele faria era lua para alguém que não o queria. Ele não conseguia pensar em um relacionamento que tinha deixado-o assim quebrado. Não qualquer pessoa na escola ou depois, nem mesmo Raquel, e ela realmente feriu-o. Ele estava além de ferido. Ele estava batendo entorpecido.

RJ deu-lhe um pequeno empurrão. "Relaxe. Está tudo pago, e você não tem que estar em qualquer lugar. Peça a sua mãe para dançar."

"Isso soa tão ridículo." Ele brincou.

"Sim, mas ela amará você por isso. Além disso, você tem que dançar com ela primeiro, antes de nós podermos dançar. Uma regra de amizade."

A risada de Gregory foi tranquila. "Você está doente, RJ."

"Não. Apenas não querendo preocupar sobre isso hoje, você sabe?"

Gregory olhou o seu caminho, localizando a nuvem enquanto ela esvoaçava sobre o olhar, antes que ele escondeu-se do escrutínio. "Toby?"

RJ suspirou. "Sim." Ele bateu seu prato com o garfo. "Eu pensei que estávamos mais perto do que isso, então logo após o Ano Novo, isto é *sayonara* bebê." Ele balançou a si mesmo. "Ignore-me. Eu sei que posso fazer melhor."

Gregory colocou a mão no ombro do RJ. "Confie em mim, Randy, se ninguém entende, eu entendo." Ele deu-lhe um aperto suave. "Vá em frente e coma. Há bolo depois disso."

RJ deu outra mordida. Poucos minutos depois, ele disse, sem aviso, "Se eu fosse um adolescente atraído por você, eu tentaria. Você é um amigo incrível, muito boa aparência para não saber isto, mas você realmente não fazer e, infelizmente, já apaixonado por alguém."

Isso tomou Gregory de surpresa. "Sério? Mas até..." Gregory arrastou, tendo um tempo difícil dizer o seu nome por algum motivo. "Quer dizer, eu não era gay, ou pelo menos não tinha consciência que eu era."

RJ bufou, segurando o guardanapo para cima. "Eu sei. Você poderia ter batido com todos nós, naquela noite, quando falou sobre ele. Eu não acho que nenhum de nós sequer suspeitava até então. Nós amamos você mesmo assim."

"Obrigado." Eles se acotovelaram ombros e terminaram de comer.

Infelizmente, RJ estava mais certo do que ele podia adivinhar. Ele estava muito apaixonado por Charlie.

Então, onde é que isso o deixava?

O nó no estômago retornou. Ele honestamente não sabia.

Gregory riu tão alto quanto qualquer um dos hóspedes, todos eles gostaram de assistir os dois pombinhos tentar alimentar um ao outro com bolo, Laurence ganhou em uma vitória esmagadora para os pontos de lambuzar. Ele tinha certeza de que Josh estaria pegando glacê fora de seu cabelo durante toda a noite.

Várias das mesas foram divididas e a música foi substituída por um DJ. As luzes foram diminuídas e a comida foi removida.

Laurence, com Josh no reboque, teceu o seu caminho para o stand do DJ. Com o microfone na mão, ele alegremente disse: "Obrigado a todos, por compartilhar isso conosco. Este tem sido um dos dias mais inesquecíveis da minha vida, para ambos de nós. Mas agora é hora de obter a nossa melodia!" Alguém gritou na retaguarda do grupo e uma rodada de risos e vaias encheu o corredor. Um sorriso de uma milha de largura dividiu suas feições, cor e emoção transformando seu rosto um vermelho quente. "Exatamente! Eu sei que não é bar aberto, mas a senhora encantadora estabeleceu e agora está preenchendo pedidos. Aproveite o resto de sua noite!" Ele entregou o microfone e puxou Josh para fora da pista de dança, envolvendo as mãos em torno dele com Josh olhando envergonhado, mas feliz demais para parar enquanto ele ligou os braços em volta Laurence. "Ok, Bobby. Bata isso."

A primeira música da noite foi a balada de amor que tinha sido a sua canção de casamento.

Seguindo-os enquanto eles dançaram totalmente alheios ao mundo além de si mesmos, cochichando e rindo como loucos; Gregory sentiu como se tivesse sido chutado no peito, mas de alguma forma conseguiu mantê-lo de mostrar em seu rosto.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

"Então, quanto tempo você vai ficar aqui olhando como se tivesse perdido tudo?"

Gregory deu de ombros. "Quer dançar? RJ diz que eu preciso, antes que eles sejam livres para perguntar-lhe."

Mickie riu. "É isso o que ele disse?"

"Eu sabia que ele estava puxando minha perna."

Ela bateu em seu braço. "Dança comigo, rapaz. Vai dar-me tempo para convencê-lo a parar de andar por aí com o rabo entre as pernas."

"Aquieta-se. Mãe!" Ele gemeu. Ele se levantou e ofereceu-lhe a mão antes de ela começar a divulgar contos de fraldas para os outros ao seu redor. Isso era tudo que ele precisava. "Ótimo. Mas se eles pedirem, eu fiz o meu dever filho-mãe."

Uma vez que eles estavam na pista de dança, balançando com os outros casais, Josh e Laurence incluídos, ela foi para matar.

"Você precisa lutar por ele, querido."

"Já tentei e não funcionou."

Ela balançou a cabeça para ele. "Gregory. Eu nunca vi você assim. Se você o ama tanto quanto eu acho que sim, então nada deve impedi-lo."

"Exceto você está esquecendo uma coisa, mãe." Ele apontou calmamente.

Ela arqueou uma sobrancelha.

"Ele tem que me amar de volta." Ele deixou cair um beijo em sua testa. "Eu vou ficar bem." Algum dia. "Obrigado pela compreensão, porém, eu sei que tem sido duro com papai."

"Nós amamos você, Gregory, não importa o quê. Você é uma pessoa maravilhosa. Dê tempo ao seu pai. Ele não é de mente fechada."

Ele não disse o que veio a sua língua. Isto podia não importa. Em vez disso, ele dançou com sua mãe, valorizando o seu amor incondicional.



Charlie engoliu com um gole audível sentado no carro, sabendo que ele estava pasmado. "Uau. Eles estão segurando isto aqui?" Ele olhou para cima, tendo o hotel de luxo à beira-mar, com paredes de granito, desenhos gravados no cimento e calçada, e assentos de ouro polido da pista caindo para além das portas dianteiras. Ele tinha certeza que era o mesmo por dentro. O gravado, emblema fosco nas portas gritou a linhagem do hotel. Apenas aqueles que podiam pagar vieram aqui.

"Eles têm estado economizando." O pai de Greg, Ian, respondeu uniformemente a partir do assento do motorista. "Acho que eles queriam fazer uma grande festa ao invés de fazer uma lua de mel. Conhecendo Laurence, eu não ficaria surpreso." Ele colocou o carro no estacionamento. "Basta perguntar pela recepção Toliver na mesa. Eu vou entrar depois de eu estacionar."

Ele se virou para o outro homem. "Obrigado, Sr. Anders. Por isso, por ouvir, compreender..."

O pai de Greg limpou a garganta. "Mais tarde, Charlie."

Ele balançou a cabeça, aceitando que este favor estava, na realidade, sendo feito com um grão de sal. Pegando Charlie no aeroporto depois de ter feito uma mudança de voo de última hora para o bilhete estar lá em tudo. Levando-o para a recepção, a qual Ian não tinha exatamente planejado assistir. A bolsa de Charlie estava no porta malas. Ele devia tudo a RJ e Ian se ele pudesse ganhar Greg de volta.

Quando um manobrista abriu a porta do lado, ele torceu para sair.

"Deixe a bengala, Charlie."

Charlie deu um solavanco e parou. Ele não tinha percebido que a segurou. Tomando uma fortificante respiração, ele colocou-a sobre o piso. "Se eu precisar dela?"

"Se." Ele respondeu com um tom significativo. "Vai estar aqui."

Com o coração batendo, Charlie deslizou do carro para deixar o valete fechar a porta atrás de si. Ele ouviu enquanto Ian foi embora. Sua única esperança de abortar.

Não acontecendo. Ele tinha chegado tão longe. A única razão que ele estaria saindo agora seria se ele fosse embora sozinho, e mesmo assim seria apenas reagrupar-se.

O tempo para dúvidas acabou.

Demorou muito pouco para obter a informação necessária e encontrar a sala de recepção, e enquanto ele se aproximou, tinha certeza que os encontrou. Música e riso saltaram para o corredor através das portas parcialmente abertas. Até o nível de ruído, que tinha que ser uma festa dançante. Seus passos diminuíram automaticamente. Tinha sido um longo tempo desde que ele tinha estado com uma multidão.

Limpando as mãos úmidas em seu jeans, ele decididamente marchou para frente.

Isto deixou de ser sobre ele no minuto que ele colocou a cinta novamente.

Com uma mão na porta, ele cutucou-a aberta e escorregou para dentro, esgueirando ao longo de uma parede para se orientar. Seu olhar varreu toda a sala. Ele não podia acreditar quantas pessoas estavam lá. Os convidados eram uma mistura ampla, mas fez Charlie tropeçar com o número de casais masculinos emparelhados. Ele adivinhou que Greg não tinha estado de brincadeira. Ele tinha uma mistura eclética de amigos. Ele nunca iria encontrar Greg em todas essas pessoas, no entanto. Ternos e vestidos, jeans e smokings de grife. Não houve simetria. E de alguma forma isto o tornou mais real.

Então ele o viu sendo arrastado para fora de uma cadeira por um par de rapazes para a pista de dança, um ágil e loiro, o outro mais perto de Greg na estrutura, mas com cabelo preto escuro. Ele não sabia quem eles eram e realmente não se importava. Charlie só tinha olhos para Greg. Ele parecia incrível depois de não vê-lo por semanas. Um terno preto, calças pressionadas, e parecia que ele tinha usado uma gravata que em algum momento tinha sido perdida. Ele estava sorrindo e rindo de algo que os caras estavam dizendo a ele e o prazer em

seu rosto fez doer o peito de Charlie. Este devia ser ele fazendo-o rir. Então começaram a dançar ao som da música.

Despreparado para a lavagem de possessiva raiva que o atingiu, ele observou enquanto o cara de cabelos escuros gingou com o requinte de um dançarino ao lado de Greg, envolvendo-se em torno de seu corpo magro. Ele sacudiu sua cabeça loiro mel e riu, batendo o flerte novamente com um moer sexy.

"Oh, inferno não." Charlie murmurou. Ele empurrou para fora da parede, sem a menor ideia do que ele ia dizer, depois de não falar durante três semanas. A única coisa que ele sabia, sem dúvida, era que Greg era seu.

Cortando um caminho através da multidão, surdo para o barulho e a música, ele chegou do lado de Greg. Em uma jogada, ele empurrou a vagabunda longe, pegou o rosto de Greg em ambas as mãos e plantou um beijo sobre ele.

A primeira reação de Greg era lutar com ele, então seus olhos se encontraram e ele congelou.

Assim fez Charlie.

Ofegante, ele lentamente liberou Greg. E então lembrou que ele não tinha ideia do que ia dizer. Ele não tinha certeza quanto tempo ele ficou ali olhando em seus olhos antes de seu cérebro retroceder na engrenagem e, finalmente, deu a sua boca alguma coisa para fazer, além de beijá-lo.

"Podemos conversar?"

A boca de Greg caiu. "Agora? Agora?"

Charlie não deixou ir, com firmeza, dizendo: "Sim. Agora."

"Eu digo apenas beije-o novamente."

Charlie balançou para o orador, encontrando um convencido olhar sobre a face da vagabunda. "O que é isso para você?"

"Cara, seja bom para RJ." Greg rosnou; que foi ouvido sobre o estrondo da música tocando ao seu redor. Um pequeno círculo de dançarinos no chão havia criado um espaço, mas a maioria só olhou seus caminhos ou ignorou completamente, se divertindo demais para preocupar-se com uma pequena conversa.

Charlie piscou; realização fazendo a sua face aquecer. Ele devia a esse homem meio a sua alma no momento. "Merda! Eu quase golpeei você por vagabundear todo sobre ele."

RJ encolheu os ombros. "Precisava fazer algo para obter você desprendido da parede, gafanhoto."

A cabeça de Charlie afundou em frente a uma caixa sólida, grato que Greg não o empurrou para longe. Ele sentiu a ascensão e queda de sua respiração e a batida leve de seu coração sob sua roupa. Deus, ele se sentiu tão bem.

"Espere. O quê?" Greg estalou legitimamente confuso, olhando duro para todos, Charlie incluído quando ele travou os mais surpreendentes olhos castanhos.

"Podemos falar agora?" Charlie tentou novamente, acariciando as bochechas de Greg com os polegares. "Por favor?" Ele acrescentou quietamente.

"Aqui." RJ empurrou um cartão chave nas mãos de Greg, empurrando Charlie. "Vá."

"Ótimo. Eu estarei de volta."

"Nós vamos entender se você não estiver!", Alguém gritou, o riso seguiu-os enquanto Greg girou e saiu do entrevero. Ele só foi tão longe quanto o corredor embora, que estava bem. Pelo menos Charlie podia ouvir-se pensar.

Uma vez sozinho; Charlie comeu-o com os olhos, banquetecendo-se com tudo, desde o comprimento de seu cabelo loiro para a curva de seu queixo, todo o caminho até seu peito e quadris até mesmo apreciando a postura sólida de suas pernas.

"Eu sou um idiota." Ele murmurou, não realmente para Greg, mais para castigar a si mesmo, mas quando o homem encarando ele cruzou os braços e deu a Charlie "Sim. E?" olhar, ele sabia que Greg tinha ouvido claramente.

Não completamente capaz de encontrar os olhos de Greg, ele disse: "Eu acho que começando com um pedido de desculpas seria um bom lugar." Ele respirou. "Estou além de pesaroso. Eu sou um idiota estúpido."

"Porque, Charlie?"

Ele balançou, piscando para o homem diante dele. "Por que eu sou um idiota?" Ele tropeçou; sem saber de onde começar mesmo essa explicação, porque ele tinha motivos de sobra.

Greg mal reconheceu a confusão de Charlie com um lampejo de seu olhar. "Por que você fez isso? Por que você me afastou?"

Ele arrastou uma mão sobre sua cabeça. Seu coração batia como um tom-tom de martelo em suas costelas. Ele tinha que fazer isso direito. Charlie começou com a verdade. "Porque eu estava assustado, tudo bem?" Seu peito arfava enquanto seus pulmões argumentavam ou não queriam trabalhar corretamente. "Porque o que aconteceu naquela noite poderia acontecer a qualquer momento." Mais silencioso, ele acrescentou: "Porque eu não acho que eu seja bom o suficiente para alguém como você."

"Alguém como eu?" Ele repetiu. Olhos castanhos suavizaram, perdendo a dureza que tinha recebido Charlie, mas ele não relaxou.

"Cristo, Greg. Você é perfeito. Eu sou uma reivindicação de seguro esperando para acontecer."

Ele revirou os olhos. "Cale-se. Você sabe que não é verdade."

Charlie sorriu, enganchando um polegar no bolso em seu jeans. "Qual parte? A idolatria da perfeição ou de ser uma ruína?"

Greg finalmente começou a relaxar, seus ombros perdendo a borda tensa que ele estava congelado para os últimos minutos. "Ambos." Ele quase sorriu; então seu foco disparou por cima do ombro de Charlie. "Pai?"

Charlie torceu e viu Ian se aproximando.

"Vejo que você encontrou-o, Charlie."

Os braços de Greg deslizaram mole para os lados, com a boca escancarada. "Pai?" Ele repetiu, sem saber.

Ian se aproximou de Greg. "Vamos conversar mais tarde. Eu acho que isso é mais importante." Ele não adicionou mais do que isso, mas deixou-os no corredor para entrar na festa.

Greg ficou boquiaberto, seguindo depois o seu pai com uma expressão aturdida. Ele chicoteou ao redor. "Você pode explicar isso?"

"Um pouco. Podemos ir para outro lugar? Eu gostaria de sentar por alguns minutos."

"Oh, merda! Eu nem percebi... Onde está a sua bengala?" Greg fechou a distância entre eles, quase peito a peito. Seus dedos dançaram fugazmente pelo braço de Charlie, mas não fez mais.

"No carro. Eu estou bem, mas tendo a cansar minha perna esquerda tentando compensar para a direita. Vou pegar o jeito disso." Foi à maneira que seu corpo tinha ajustado para usar a bengala. Ele sabia que ia passar, mas depois do dia que ele teve, estava começando a sentir a pressão.

Greg pescou no bolso da jaqueta e tirou o cartão chave plástico. Olhando por alguns segundos, ele balançou a cabeça. "Vamos." Juntos, eles fizeram o seu caminho até os elevadores e ele bateu no botão. "Há quanto tempo você está aqui?"

"Na Califórnia? Cerca de duas horas." Ele desviou o olhar. "Eu vim desde o aeroporto. Seu pai me pegou."

"Meu pai?"

Charlie ouviu a confusão e descrença, sabendo depois de falar com Ian que este era ainda um terreno sensível entre ele e seu filho. "Nós tivemos uma chance de falar sobre a viagem." As portas deslizaram abertas e eles entraram na cabine vazia. Greg escolheu o número do andar e eles foram colocados em silenciosa, prata reflexiva. "Eu devia-lhe um pedido de desculpas, mas eu também devia ao seu pai uma razão para acreditar que o que aconteceu... que o que está acontecendo entre nós, é real. Ele precisava saber para entender. Eu esperava que meu ponto de vista pudesse ajudar a explicar um pouco disso."

Charlie sabia muito bem o choque que veio com esse tipo de anúncio, pior para Greg, uma vez que aconteceu para ele muito mais tarde e ninguém viu isto vindo. Muito menos, ele mesmo.

Greg olhou para ele no espaço privado. "E?" Ele perguntou mais suavemente.

Os ombros de Charlie levantaram-se, em seguida, caíram. "Eu lhe disse que estava dirigindo sobre saltos no amor com seu filho, que eu tinha sido um burro e precisava corrigi-lo." Charlie encontrou seu olhar avaliando, tendo tudo o que ele sentiu em seu olhar. "Eu quero corrigi-lo, Greg."

O alarme do andar ressoou, cortando a tensão construindo fulminante entre os dois homens no interior do espaço luxuoso.

Pelo menos ele não tinha atacado desligado ou dito nada, porra. Charlie iria levar isto e correr com ele.

Tapete cinza elegante com o verde corte de diamante acentuado cobria o corredor onde eles saíram do elevador. Um momento ou dois mais tarde, Greg parou em uma porta quase negra manchada e enfiou a chave na porta do leitor de cartão. A luz de acesso foi verde e um clique audível soou; a porta estourando aberta uma fração.

Charlie esperou o próximo movimento de Greg.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Gregory empurrou a porta dentro, deixando Charlie entrar primeiro na sala. Ele ainda estava tentando recuperar o atraso, debatendo se precisava acordar de um sonho ou não. Ele se perguntou se esse era o estágio depois da dormência. *Delírio*.

Charlie estava lá. Seu pai tinha falado com ele pela primeira vez em semanas, e seu pai tinha trazido Charlie para ele.

Gregory estava esperando a piada. Ou para o tapete ser puxado sob seus pés.

Charlie aliviou-se em uma das cadeiras de couro sob medida na sala da suíte frontal. "Eu não posso decidir o que odeio mais, sentado ou em pé. Minha bunda odeia sentar e minhas pernas cadelas a cerca de ficar de pé."

Gregory olhou para ele, encontrando pesar aborrecido. "Tem você ensopado isto ultimamente?"

Os olhos de Charlie levantaram rapidamente para travar nele, como se surpreso com a consideração da preocupação. "Não em poucos dias."

Gregório puxou ao longo a companheira da cadeira e afundou. "Como você chegou aqui?" Ele não estava pronto para pular de volta para o grosso das coisas. Ele precisava de algumas promessas de Charlie primeiro. Havia ainda o choque residual e as dúvidas que Charlie estava ficando. Então ele sentou-se sem tocar, e tão difícil como foi, sem beijá-lo, embora ele realmente quisesse. Esse choque na pista de dança tinha chutado seu coração em suas costelas, e parecia que ele ainda podia estar lá.

Charlie se inclinou para trás, alongando seu comprimento magro para relaxar. "Eu liguei ontem à noite para RJ, implorando por uma chance de me explicar, apenas para descobrir que você tinha saído para pegar hambúrgueres. Eu sabia que não era o suficiente para fazê-lo pelo telefone, então eu convenci RJ que eu estava voando hoje. Eu liguei quando cheguei, e ele teve o seu pai veio me pegar. O resto começou quando eu vi RJ tentando deslizar para baixo de você como num poste bombeiro, e eu me perdi nisto."

"Você ligou ontem à noite?" Gregory enrijeceu. "RJ nunca disse uma palavra." Antes que ele pudesse sair para encontrar RJ e espancá-lo, Charlie continuou.

"Eu não achei que ele diria. Ele não estava exatamente feliz de falar comigo quando soube que era eu procurando por você." Charlie explorou seus lábios com os dedos empapados, suas mãos cruzadas sobre seu peito. "Eu sei que machuquei você, Greg." Ele disse sem evitar seus olhos. "RJ estava protegendo você. Era uma questão de provar a mim mesmo, e como disse Elizabeth, agindo como o homem que meu pênis diz que eu sou. Eu vim para tentar ganhar você de volta."

Gregory arrecadou seus dentes sobre seu lábio inferior. O calor estava alcançando os mais frios nichos de sua alma, afastando a solidão escura que o perseguia desde a noite Charlie tinha forçado-o para fora de sua vida. "O que acontece se você ganha?"

"Então eu acho melhor começar a procurar trabalho, professor, porque eu não vou embora." Ele respondeu com seriedade total.

"Você está se mudando para cá? Ficando?" O coração de Gregory se atreveu a viajar enquanto a esperança aumentou.

Necessidade começou a brilhar nos olhos verde-escuro e misteriosos, e totalmente concentrados em Gregory.

"Deixe-me colocar desta forma. Se você ainda me ama, ainda me quer, então em qualquer lugar que você vá." Charlie esperou. A tensão aumentou uns poucos entalhes, quando ele perguntou: "Você ama?" O único sinal de suas dúvidas, que Gregory estaria negando-o.

Gregory levantou-se e ofereceu-lhe a mão, puxando-o da cadeira direto em seus braços com uma tração constante.

Charlie gemeu baixinho enquanto seus peitos apertaram. Seus braços enrolados ao redor de Gregory segurando. "Deus, você se sente bem." A respiração de Charlie aquecia o lado do pescoço de Gregory.

"Sua família está bem com suas decisões?" Gregory perguntou, tentando eliminar qualquer possibilidade de que Charlie não estava dizendo a verdade.

"Cem por cento."

"Você quis dizer isso?" Ele perguntou; sua voz quase um sussurro, faminto, com a necessidade de saber, e ainda temendo que ele estivesse sonhando tudo.

Charlie se inclinou o suficiente para encontrar seu olhar, piscinas verdes tão amplas e tão profundas como esmeraldas enquadradas nos dourados cílios loiro. Seus lábios se separaram e Gregory conseguiu não gemer. O homem tinha uma boca que foi o início de cada sonho erótico descontroladamente que ele alguma vez poderia ter.

"Que eu amo você?" Charlie perguntou; sua voz baixa, sem fôlego, e tão sexy, os joelhos de Gregory balançaram. "Com cada batida do meu coração."

"O que se algo acontecer e você cair? Charlie, eu amo você. Eu não posso viver através de você fazendo isso comigo de novo." Ele acariciou seu lado, o suéter habitual deslizando sob seu toque, saboreando o calor da pele sob sua palma.

Seu sorriso era terno, compreensivo e, acima de tudo – aceitando. "Eu acho que vou ter que aprender a ser mais gracioso quando você me pegar do chão."

"Você sabe que não é menos do que perfeito por causa disso." Gregory disse assegurando-lhe. "Eu nunca vi nenhum de seus ferimentos, como deficiências em você."

O rosto de Charlie aqueceu com o que poderia ser apenas constrangimento. Ele deitou sua cabeça no ombro de Gregory, apenas a divisão de espaço e força. "Eu sei disso também. Agora. Se não fosse por você, há uma boa chance de eu ainda estar na praia, sem pensamentos de alguma vez andar normalmente. Não acreditando que eu alguma vez poderia."

Gregory engoliu para não deixar o nó na garganta sufocá-lo. "Bebê, você teria. Eu acredito nisso." Ele segurou-o um pouco apertado, simplesmente porque podia.

Depois de alguns minutos, Charlie perguntou: "Então e agora? Quer voltar para a festa?"

"Não muito." Ele admitiu. "Mas eu não quero tomar o quarto de quem é tampouco."

Curiosidade pensativa aqueceu o rosto de Charlie. "Chame RJ. Veja de quem é isto. Eu tenho um sentimento engraçado que ele se esgueirou um sobre o outro. Ele teve o cartão chave útil, se você pensar sobre isso."

Demorou alguns segundos para Gregory entender, mas quando ficou claro para ele, ele riu. "Ele não faria isso."

"Se ele é seu amigo... Precisa dizer mais?"

"Bom ponto." Ele deixou Charlie ir apenas o suficiente para chegar em suas calças e seu telefone. Levou apenas alguns segundos para encontrar o homem. "RJ?"

"Sim, queeeeerido."

Gregory gemeu. "Você está bêbado?"

"Ainda não. Trabalhando nisso."

Ele riu da brincadeira embriagada vindo do outro lado da linha. "Você vai ficar aqui, certo? Não dirija."

"Não dirigir. Eu prometo."

Essa foi boa. "De quem é este quarto?"

RJ começou a rir. "Por quê? Você achou o presente?"

"Hãh?" Presente?

"Opa! É seu. Bem, seu e do homem bonito aí com você."

"Você conseguiu-nos um quarto?"

"Por que você está falando comigo? Será que ele chateou você?"

Gregory ouviu-o eriçando na outra extremidade.

"Não. Nós fizemos as pazes."

Uma mistura de emoções foi ouvida na voz de RJ, quando ele disse: "Isso é maravilhoso. Fico feliz por você. Nesse caso, adeus! Oh, eu vou ter suas malas enviadas para cima." *Silêncio.* Nem mesmo o barulho da festa.

"Bem?"

"É nosso." Ele explicou estupefato, olhando para o telefone na mão. "E ele disse algo sobre um presente." Isso foi realmente o quanto ele saiu antes de Charlie escorregar seu corpo para descansar de joelhos na frente dele. "Charlie?" Dedos rigorosos foram desfazendo o cinto fino preto em suas calças e em poucos segundos tinha sua calça dividida largamente com o seu pênis não muito flácido na mão à espera de Charlie.

"Deus, eu senti sua falta." Ele respirou um pouco antes o engolindo no calor doce que era a boca de Charlie.

Gregory sibilou, opondo-se duro enquanto Charlie o sugava. "Merda! Bebê... oh... uh..." De lá, ele se degenerou a ruídos ininteligíveis e grunhidos. Seus olhos se fecharam e ele

enfioi a mão no cabelo de Charlie para manter-se de balançar demais. Êxtase dirigiu para ele como um relâmpago. Depois de tanto tempo sem, a atração e o golpe da língua perversa ao longo de seu comprimento endurecendo rápido era melhor do que qualquer choque elétrico ao seu sistema, do que o mais quente nascer do sol e o melhor vinho combinados.

Um trinar de sua mão trouxe sua atenção para o fato de que ele ainda segurava o telefone. Manobrando o mínimo possível, ele colocou-o em um bolso da calça a tempo de vê-la cair para em torno de seus tornozelos. Isso também lhe deu uma vista desimpedida da boca mágica de Charlie deslizando para cima e para baixo em seu pênis.

Ele engoliu uma respiração assistindo aqueles lábios rosa agora corado montando ele, subindo, depois descendo em todo o comprimento. "Isso é tal como ligar." Charlie cantarolou em resposta e a vibração fazendo cócegas em suas bolas. Seus joelhos tremiam. "Tenho que sentar bebê." Ele alertou ofegando.

Charlie deixou-o ir com um estalo suave. Com mãos guiando, empurrou Gregory um passo ou dois, em seguida, deixou-o afundar-se para a cadeira que ele tinha estado anteriormente. Antes de voltar para o boquete que estava roubando a sanidade de Gregory, ele rapidamente se desfez de suas calças, sapatos e meias. Gregory foi em frente e retirou o casaco e puxou livre sua camisa social fora, mandando tudo em algum lugar. A gravata estava lá embaixo dos destroços e esquecida.

A adoração absoluta e afeto na expressão de Charlie enviaram o seu coração em uma corrida selvagem, derramando calor em seu sangue.

"Você é incrível, bebê."

"Venha aqui." Gregory convidou com uma mão para ele. Charlie deslizou seu comprimento, cobrindo-o até Gregory poder encontrar sua boca. Empurrando, ele alegou este deleite, ouvindo e sentindo o prazeroso gemido de Charlie por todo o seu corpo enquanto línguas se encontraram e duelaram. Avançando suas mãos sob o suéter, ele encorajou Charlie para dar espaço e puxá-lo sobre sua cabeça. Em seguida, ele tinha ido embora e eles foram pressionados peito nu a peito nu.

"Ahhh, foda-se." Charlie suspirou, esfregando-os juntos. "Amo isto." Suas respirações ofegantes enviaram disparos de luxúria sobre a pele de Gregory.

"Levante."

Apoiado sobre os braços da cadeira, Charlie fez, permitindo Gregory espaço suficiente para tirar seu jeans. Ele olhou para cima, suas mãos pousadas em seus quadris em boa forma. "Sua perna está bem, bebê?"

"Estou bem." Ele sussurrou; suspiros afiados para provar a sua emoção enquanto Gregory tocou-o, reaprendendo seu corpo enquanto deslizou o jeans fora de suas pernas. A cinta parecia estar permitindo-lhe uma gama completa de movimento, apoiando o seu peso. Confiando em Charlie para lhe dizer se alguma coisa não estava certa, ele continuou a despi-lo. Gregory deixou cair os jeans todo o caminho até o chão e Charlie chutou-os livre, virando fora de seus tênis ao mesmo tempo.

Em vez de deixar Charlie regressar ao seu próprio pênis duro, Gregory se inclinou para frente, apoiando as mãos de Charlie em seus ombros. "Minha vez." Ele conseguiu, rouco com a necessidade. Gregory varreu a ponta esponjosa com a palma da sua língua e ouviu enquanto Charlie veio descolado.

"Mm. Sim. Droga." Charlie gemeu.

"Amo o jeito que você prova." Então Gregory fez de novo. O pênis de Charlie empurrou para ele, exigindo mais, e lhe deu, envolvendo-o entre seus lábios, chupando a cabeça. Tremores balançaram o corpo de Charlie. Cerrando os dedos apertados em torno de seus quadris, ele lentamente pistoneou dentro e fora de sua boca.

"Deus, sim. Deixe-me foder sua boca." Charlie raspou.

Gregory fez uma pausa, seus lábios e respiração varrendo sobre ele enquanto falava. "Você ama isso, não é? Seu pau fodendo a minha boca?"

"Sente tão maldito bom." Ele respondeu, empurrando para mostrar que queria mais.

"Eu vou fazer você estilhaçar-se, bebê." Ele advertiu, em seguida, antes que Charlie pudesse responder, ele abriu amplo e engoliu o eixo de Charlie pela raiz, pelos finos fazendo cócegas em seus lábios. O gemido que Gregory recebeu em resposta dirigiu arrepios em sua espinha. É isso aí, bebê. Foda-me.

Chupando com precisão, ele encorajou os quadris de Charlie em um ritmo. Quando chegou à base, ele abriu o suficiente para lambar e provocá-lo com sua língua, deslizando

sobre as pesadas veias , sentindo-as pulsar em resposta, então o montou na dilatada cabeça e fez isto novamente. Charlie começou xingando baixinho e Gregory sabia que ele estava perto.

"Foda, Greg. Vai fazer-me atirar." Unhas cavadas como garras em seus ombros, segurando-se enquanto Gregory levou para a beira, e segurou-o lá. "Greg!" O corpo de Charlie tremia sob suas mãos, o desejo de vir pulsando através dele tão duro, Gregory sentiu isto.

Quase contando o tique taque como o temporizador de uma bomba, Gregory esperou, sentindo o corpo de Charlie enrolar mais e mais, sua voz rouca e crescendo suas estocadas cada vez mais desesperadas. As veias montando sobre seus lábios batendo com um ritmo próprio.

"Foda, Greg! Por favor!" Suas palavras cresceram para resmungos e Gregory levou profundo, respirando, então flexionou sua garganta sobre a cabeça do pênis de Charlie.

Esse foi o gatilho.

"Arrrggh! Greg!" Seu eixo engrossado, os primeiros jatos espirrando contra a traseira de sua garganta. Engolindo tão rápido enquanto o orgasmo de Charlie encheu-o, ele se deliciava com o sabor, o calor, e os suspiros de prazer enfraquecidos vindo de seu amante. Ele adorava fazer isso para Charlie, derretendo-o para o núcleo.

Sugando em suave puxar, ele ordenhou o pênis amolecido de Charlie, até que estremeceu sensível demais, mesmo para esta leve pressão.

"Foda, Greg. Eu adoro quando você faz um ponto."

Ele sorriu, lambendo as gotas finais limpas de seus lábios, ouvindo ambas as suas respirações ofegantes. Charlie dobrou ao meio, apoiando o rosto na cabeça de Gregory enquanto ele prendeu a respiração.

"Vamos sexy. Vamos encontrar a cama antes de cair."

Tremendo, Charlie se levantou, segurando Gregory com uma mão instável. "Oh, cara. A sala está girando."

"Eu tenho você." Ele passou um braço em torno da cintura de Charlie quando estava a seu lado, segurando-o perto, e isto era apenas tão certo, mantendo-o em seus pés.

"Para sempre?" Charlie perguntou baixinho, a cabeça no ombro de Gregory.

"Você quer fazer isso para sempre, permanentemente?" Ele voltou, seriamente.

Charlie olhou para ele, aqueles olhos verdes abertos e insondáveis. "Sempre que você quiser, Gregory. Eu não vou embora ou deixar você ir de novo."

O coração de Gregory bateu como uma saudação arma 21 em suas costelas, a felicidade quase demasiada forte para controlar fazendo-o sentir fraco. "Eu amo você."

"Eu amo você também." Charlie suspirou. "Vamos lá. Material sentimental mais tarde. Sexo com tesão agora."

Gregory riu. "Você está certo. Prioridades."

Charlie acenou com a cabeça orgulhosamente. "Maldito certo."

CAPÍTULO VINTE E SETE

"O que é isso?" Charlie perguntou, parando ao mesmo tempo em que Greg parou enquanto entrou no quarto da suíte.

"Isso parece um presente." Seus olhos se estreitaram em confusão, então ele disse: "RJ. O que ele fez?"

"Devemos apagar isto na água primeiro?" Charlie olhou para a caixa adornada com fitas e coberta de laço como um chapéu de tamanho azul, com cautela. Prata bordando sobre a fita fez a caixa brilhar.

"Se tivesse ido de outra forma, eu diria que sim, mas agora ele só me confundiu."

"Para quem é isto?"

Greg olhou para ele e sorriu. "Honestamente, eu acho que é para nós dois."

"Seus amigos são loucos." Charlie disse através de um sorriso. "Eu acho que vou amá-los."

Os ombros de Greg tremeram quando riu. Charlie tinha sentido falta daquela risada. Ele suspirou, abraçando-o mais perto.

Sentado na cama, Greg puxou Charlie para baixo com ele, levantando uma perna para sustentar sobre uma das suas. Ele realmente não era um 'tipo de afagar sobre o colo', mas isto funcionou bem com Charlie. Ele não era um para querer isso.

Ele puxou a caixa perto e deixou ela sobre seu colo. "Bem?"

"Vá em frente." Greg disse com um aceno de mão e outro nas costas de Charlie, acariciando para cima e para baixo em varreduras lânguidas. Charlie sabia que ele estava apenas abrandando as coisas para desfrutar dos momentos mais próximos. Se o pênis duro olhando para ele era qualquer indicação, Greg estava longe de terminar.

Charlie puxou a tampa da parte superior da caixa e deixou cair para a cama. Um olhar para dentro e ele começou a rir.

Oh, ele estava indo para amar os amigos de Greg.

"O que há de tão engraçado?"

Ofegando por ar, Charlie ergueu um dedo, mantendo Greg de espreitar com um ombro em seu caminho.

"Primeiro, seus amigos balançam. Em segundo lugar, eles tinham grandes esperanças para nós. Em terceiro lugar, eles acham que pelo menos um de nós é um maníaco sexual."

A primeira coisa que ele levantou era uma garrafa enorme de lubrificante. Olhos de Greg dispararam abertos.

Então ele tirou não apenas uma, mas três caixas de preservativos. Nervurado, com sabor e ele não tinha certeza, mas pensou que a última disse neon. Ele estava rindo muito duro para realmente se concentrar nisso.

"Isso parece mais um trote de presente." Greg disse, tentando olhar professor sério, e falhando miseravelmente.

"Eu acho que eles estão oficialmente trotando-o para o 'clube'." Charlie disse com um sorriso perverso. "Mas espere, não terminou."

"Há mais?" Suas sobrancelhas arquearam altas, dando-lhe um olhar assustado, preocupado.

"Montes." E isto era o único que fez Charlie cair na gargalhada mais. Ele tirou uma coleção de quatro embalagens de óleos corporais com sabor. Ele não podia esperar para coloca-los em uso.

"Você está falando sério?" O rosto de Greg virou rosa.

"Oh, as formas de usá-los." Ele brincou. "E por último, mas não menos importante, *voilà!* Uma máscara de seda preta. Eu acho que as algemas que a acompanham, lenços e couros variados são deixados para nós." Charlie conseguiu manter seu rosto direto por um total de três segundos, antes que ele fosse atingido com gargalhadas novamente. Ele passou um braço sobre o estômago enquanto o seu corpo balançou mais difícil, respirar se tornando um desafio.

"Oh, meu Deus. Vou matá-los." Se houvesse um pinga de raiva real em seu riso aprofundando, Charlie não conseguia encontrá-lo.

"Não, você não vai." Charlie ronronou quando prendeu a respiração, empurrando Greg mais na cama, seus presentes espalhados ao seu redor. Ele deixou a caixa agora vazia

no chão. Pairando sobre Greg em suas palmas, ele foi capaz de olhar para seu rosto. "Você vai perguntar-lhes onde no inferno eles compraram, porque estamos indo na próxima vez!"

Os olhos de Greg foram tão grandes como janelas. "Você está falando sério?"

"Inferno sim! Esses óleos não vão durar para sempre."

Greg jogou um braço sobre seus olhos, o peito subindo e descendo em ondas irregulares, enquanto ele riu baixinho. "Você é louco, Charlie." Greg moveu o braço e enfiou seus dedos em seus cabelos, em concha em sua palma. "E eu não posso nem começar a dizer a você o quanto eu amo isso sobre você."

Charlie foi mais do que de bom grado quando Greg encorajou-o a chegar perto, suas bocas mal encontrando. O ar quente fluía entre eles, ofegantes respirações reacendendo o desejo que eles tinham deixado esfriar para uma brasa à espera. O beijo foi lento, como eles tivessem todo o tempo do mundo. Os lábios de Greg moviam debaixo dele, encontrando e recuando. Vagarosos beijos despertaram sua necessidade mútua em lentos surtos. Dedos dançaram e amassaram, e unhas arrastaram provocando. Suspiros baixos e profundos gemidos enchiam o sossego do quarto.

Capturando as mãos de Greg, ele prendeu seus braços para os lados de sua cabeça. Olhos castanhos chiaram por trás das pálpebras semicerradas. Charlie mordiscava seu queixo, lavando um rastro de seu queixo em sua garganta para sugar sobre a pele lisa por baixo da orelha. O peito de Greg levantou-se e caiu em suspiros mais duros.

Pintando um caminho de beijos, Charlie correu sobre a clavícula para dançar sobre o peito. Montando à beira das suas costelas, ele lambeu a reunião macia de seu ombro e axila. Greg gemia como uma velha árvore em um vento forte.

Pausa, Charlie observou enquanto calafrios rolaram sobre seu peito. *Sério?* Ele fez de novo e os quadris de Greg levantaram moendo por atrito contra Charlie. "Ponto quente?" Ele questionou.

Greg lambeu os lábios. Suspiros roucos eram suas respostas.

Satisfeito com a descoberta, ele viajou em seu peito, sugando para deixar mordidas de amor em sua esteira. Quando chegou ao outro lado, ele repetiu as sensações à carne tenra do interior do ombro.

"Ohh." Greg gemeu e balançou mais duro, lutando contra o domínio que Charlie teve em seus pulsos. Suas mãos e punhos desenrolaram-se repetidamente. A dureza do seu eixo cavava o quadril de Charlie com um calor exigente.

"Bom?"

"Foda." Ele engasgou, jogando a cabeça de lado a lado. "Intenso."

"Então, se eu fizer isso..." Ele mordeu com seus dentes, puxando delicadamente.

Greg ofegou, apertando do ombro ao joelho. "Merda!"

"Mm. Ponto quente. Definitivamente." Charlie murmurou com prazer.

Ofegante, Greg acalmou preso sob seu peso. "Foda-me." Ele suspirou. "Nunca senti isso."

Charlie se aninhou perto, sentindo enquanto uma legião de tremores atingiu a estrutura de Greg. "Eu amo isso."

Deslizando para baixo em seu torso, Charlie lambeu mais das costelas de Greg, mordiscando e chupando as depressões. Ele deslizou sobre seus quadris, escarranchando Greg. Ele grunhiu quando os seus pênis friccionaram, faíscas disparando para cima da coluna de Charlie. Seda e aço, seu combinado calor queimou ele.

"Eu quero montar você." Ele respirou, rolando seus quadris. Atrito virou choques para fora, um silvo de necessidade escorregando por entre seus dentes.

"Qualquer coisa." Greg respondeu, quase grunhindo. Ele apertou a cama em punhos agitados, seu olhar queimando buracos através de Charlie.

Não se preocupando em pedir duas vezes, ele deslizou por cima das pernas de Greg, ajoelhado ao lado dele. Grato pela previsão dos seus amigos, ele chegou para o lubrificante e começou a esticar-se.

"É isto difícil de fazer?"

Charlie focalizou, notando que a atenção de Greg estava em suas ações. Ele balançou a cabeça, seus cílios caindo. "Sente incrível."

Greg mordeu sobre o lábio inferior, olhando.

"Da próxima vez, bebê. Preciso de você me fodendo agora." Ele rosnou.

Uma trêmula respiração levantou o peito de Greg.

Dentro de instantes, Charlie estava lutando para rasgar uma camisinha e cobrir o pênis duro de Greg. Logo, ele traria acima os exames de sangue. Ele queria a devoção indivisível de Greg. Agora, ele queria esse seu pênis inteiro enchendo-o.

Um silvo lento rompeu de Greg enquanto ele assentava a camisinha, então o alisou com o lubrificante escorregadio.

Ele balançou uma perna sobre seu colo, e pela primeira vez sentiu a pressão em sua coxa. *Vamos corpo, mantenha-se apenas um pouco mais.* Com sua palma sobre o peito duro debaixo dele para o equilíbrio, ele guiou o pênis grosso de Greg a sua abertura. "Tranquilo, bebê." Ele respirou, vendo a concentração no rosto do seu amante.

Greg acenou com a cabeça, relaxando, deixando Charlie fazer o trabalho.

Ele engasgou, então gemeu enquanto o seu peso derrubou-o. "Foda. Sim, tão grande." Ele ofegou. Charlie sentiu o peso das mãos de Greg em suas coxas, persuadindo e acariciando. Grunhidos encheram sua garganta.

Um arrepio roubou sobre ele e relaxou, apertando e respirando enquanto o prazer eclipsou a queimadura. "Pronto, bebê?" Ele perguntou rouco.

Greg acenou com a cabeça, respirando profundamente.

Segurando com os dedos com garras arrastando sobre o peito de Greg, ele balançou os quadris.

"Bonito."

Charlie piscou e olhou atordoado para baixo em Greg. Paixão enchia os olhos assistindo-o, viajando da cabeça para virilha enquanto se movia, fodendo o pênis grosso de Greg.

Quando a tensão inesperada de uma mão em seu próprio eixo registrou, ele gritou, empinando.

"Greg." Ele gemeu, subindo e descendo na vara na bunda dele cada vez mais duro.

"Faça isso, bebê. Sensual maldita coisa." Ele gemeu.

Charlie caiu no momento, o deslizar escorregadio enquanto Greg encheu-o, deslizando contra o seu canal e pistoneando seu pau.

Então Greg moveu, ou cerrou, mas fez algo e Charlie quase gritou de prazer enquanto a cabeça de seu pênis bateu sobre sua próstata.

"Oh, Deus." A mão de Greg ficou mais quente e seu eixo engrossado. "Tão bom Charlie."

Palmas plana no peito Greg lhe deram alavancagem. "Faça-me gozar, Greg." Ele moeu mais e mais rápido. "Quero sentir você gozar."

Grunhidos foram ecoados por saltos dos quadris de Greg, deslizando mais duro e profundo. As bolas de Charlie apertadas, cada tapa enviando choques elétricos por sua espinha para explodir em sua nuca.

O pescoço de Greg arqueou e seu corpo enrijeceu; jatos em erupção inesperadamente. Seu eixo engrossado, enchendo o canal de Charlie ao máximo, enviando o seu próprio orgasmo rasgando-o em um relâmpago. Calor engolfou dentro e por fora, jatos brancos atirando sobre a mão de Greg, enquanto suas bolas espremiavam até a última gota.

Ofegante, ele caiu para frente em um peito aquecido e úmido não sendo capaz de ficar levantado ou para segurar seu próprio peso.

"Inacreditável." Greg resmungou. Tremores corriam sobre eles dois, pequenos espasmos que ricochetearam pequenas explosões de sensação entre eles, até que ambos estavam respirando perto de normalmente. Com a ajuda de Greg, eles capotaram e poucos momentos depois, ele foi capaz de separá-los, segurando o preservativo para eliminar no banheiro.

Com uma toalha úmida, ele limpou o peito de Charlie. Jogando a toalha no caminho da caixa e os restos do presente – em algum lugar no chão – Greg puxou-o até que ele conseguisse energia suficiente para rolar os cobertores e obtê-los, ambos sob a cama.

Em algum momento, uma batida na porta despertou-os para obter Greg fora da cama. "Papai enviou a sua bolsa para cima."

Charlie balançou a cabeça, turva e exausta. "Tudo bem." Greg passou um braço em Charlie e colocou-o debaixo de seu queixo, o melhor lugar do mundo, tanto quanto ele estava preocupado.

"Havia uma nota, também."

Charlie murmurou, esperando os detalhes da mensagem.

"Eles querem que a gente vá para jantar amanhã na casa."

Charlie piscou. "Ah?" Ele ajustou, focando olhos turvos em Greg. "Isso é bom?"

"Eu acho que é muito bom. Eu os quero ambos conhecendo você, bebê." Greg varreu a mão no queixo de Charlie, embalando-o enquanto ele se aconchegou perto novamente. "Eles vão amá-lo."

Charlie suspirou, afundando-se no afeto de Greg. Sim, ele tinha tomado algum tempo, e mais do que seu quinhão de erros, mas era o lugar onde pertencia, com quem ele pertencia. Ele sabia que ainda haveria algum tempo instável, alguns solavancos na estrada para trabalhar ao longo. As próximas semanas e meses só seriam um teste para eles encontrarem sua passada. Família e amigos de Greg, mudança de ambos. Tanta coisa para fazer.

Seus pensamentos cresceram difusos enquanto o sono chupou-o no abismo do nada. A única coisa que ele sabia de fato era que estava no lugar onde deveria estar. Não em Houston, não na praia e não chafurdando na autodúvida e pena que tinha colorido a sua vida por tantos longos meses.

Desta vez, sabia que ele acertara. E pela primeira vez desde o incêndio, ele não sentiu frio em qualquer lugar.

FIM



Acesse meu blog: <http://angellicas.blogspot.com>

Próximo:

